
ABRIL ZAMORA
NETFLIX
UMA SÉRIE ORIGINAL DA NETFLIX
ELITE
NO FUNDO DA CLASSE
OUTRO
Planeta

ELITE

ABRIL ZAMORA

ELITE

NO FUNDO DA CLASSE

Tradução
Mariana Marcoantonio

OUTRO Planeta

Copyright © Abril Zamora, 2019
Copyright © Netflix, Inc., 2019
Copyright © Editorial Planeta, S. A., 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Título original: *Élite: al fondo de la clase*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Débora Dutra
Revisão: Bárbara Prince
Diagramação: Felipe Romão
Fotografia de capa: © Netflix, Inc. 2019
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Pixel and Pixel
Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zamora, Abril

Elite: no fundo da classe / Abril Zamora; tradução de Mariana Marcoantonio. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

304 p.

ISBN: 978-85-422-1905-0

1. Ficção espanhola I. Título II. Marcoantonio, Mariana

20-1118 CDD 863

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Marina tinha uma expressão neutra. Quase um indício de sorriso, de calma... Quase um monte de coisas, mas seu rosto não refletia nenhuma emoção. A gente acha que quando alguém morre de uma forma brutal, neste caso com a cabeça aberta pelo golpe de um objeto pesado, a última expressão deveria ser de espanto ou de surpresa, mas a de Marina – a última que mostrou antes de o zíper do saco esconder seu cadáver para sempre – foi de... nada. O nada.

Nenhuma pista além do óbvio, e perguntas demais. Foi obra de um único assassino ou de vários? Nada estava claro e pouco tinham a que se agarrar para lançar luz sobre o caso.

Mas, de repente, algo caiu na mesa da investigadora. Um diário rosa, de papelão ruim, provavelmente comprado em algum camelô. Na capa, um arco-íris e dois gatinhos abraçados estavam longe de sugerir que naquelas páginas se escondesse tanto ódio.

— O que é isso? — ela perguntou ao jovem policial que o havia trazido e aguardava com expectativa na frente dela.

Olhou para ele como se se tratasse de uma piada de mau gosto.

— Deixaram de forma anônima na caixa de sugestões da delegacia. Sem envelope, sem remetente.

A investigadora baixou o olhar para o diário, abriu-o e não precisou folhear muito mais do que duas páginas para descobrir que todo ele era uma carta de ódio a Marina: insultos, desprezo e rasuras em quarenta e cinco páginas cor-de-rosa.

Ali havia algo, tinha certeza. Deviam descobrir seu autor. Se o encontrassem, provavelmente conseguiriam esclarecer o assassinato de Marina...

Capítulo 1

Paula não podia acreditar, o garçom do La Cabaña estava entrando pela porta da sua classe. Quer dizer, ela sabia que a escola San Esteban havia sido destroçada, mas não podia imaginar que alguns de seus alunos seriam transferidos para Las Encinas... Sentia-se um pouco mal, mas não podia evitar ficar contente com o desabamento, pois isso fazia que Samuel estivesse na sua sala durante um ano letivo inteiro... Um ano em que Paula pretendia usar todos os seus truques (apesar de nem ela mesma saber que truques eram esses) para fazê-lo prestar atenção nela. Samuel. Era a única coisa que sabia sobre ele.

Ele se chama Samuel, é a única coisa que sei sobre ele: o nome. Samuel. Bom, sei onde mora. Isso não é legal, mas eu já o segui até a casa dele, sem nenhuma intenção, de verdade, mas não pude evitar. Quando você está completamente louca por um cara com quem não tem nenhum tipo de vínculo, tem que dar um jeito de se aproximar dele, de saber coisas sobre ele. Nós não temos nenhum amigo em comum, amigos em comum, nenhum... E é provável que

sejamos de mundos totalmente opostos, mas não posso evitar meus sentimentos quando ele se aproxima de mim no La Cabaña, a lanchonete onde trabalha, para anotar o meu pedido.

Do que eu mais gosto no Samuel? Sei lá... Esse nariz arrebitado que ele tem. O sorrisinho. Bom, e o queixo e os cílios tão negros e grossos... Tá, eu gosto de tudo. E mais, da cara de gente boa, de nunca ter quebrado um prato. Sei que ele carrega o peso da família nas costas e acho isso muito fofo... Que tonta. Não, eu não sou idiota. Fico besta assim porque estou gamada nele, mas na verdade não sou tão boba. Normal. E como eu sei que estou apaixonada? Bom, é muito fácil. É uma reação... Feito química, feito animal. O meu corpo reage. Por mais que eu tente controlar, quando ele se aproxima a minha boca fica seca, os meus joelhos começam a tremer e eu não consigo nem olhar para ele. Samuel é o primeiro pensamento que eu tenho quando me levanto de manhã, e quando vou dormir... A mesma coisa! É que eu não consigo dormir se não penso nele por um tempo, um tempinho que seja. Não, imundícies não, não sempre. Penso de tudo. Coisas normais. Eu o imagino numa roda-gigante, num parque de diversões, ou aconchegado no meu sofá até acabar dormindo, porque é um trabalhador, enquanto vemos alguma série da Netflix. Eu o imagino num domingo pela manhã de calça esportiva e sem camiseta... e rindo, sempre rindo. Acho que a vida de Samuel não é fácil, mas ainda assim ele sempre sorri e isso é bonito. Tá bom, e ele parece o Harry Potter, de quem eu sempre fui fã, mas isso eu prefiro não comentar muito por aí. Principalmente porque em Las Encinas as pessoas aproveitam qualquer coisa pra pular no

seu pescoço, pra te ridicularizar. Suponho que seja a luta normal na corrida para o sucesso: quanto mais pescoços pisar, mais alto você chegará.

As pessoas acham que, porque os nossos pais têm grana, somos todos gentis ou no mínimo educados, mas não, nada disso... Eu sou uma garota legal, bonita, sim, não sou convencida, mas, cara, sei lá, eu sempre fui atraente... Tenho cabelo comprido e loiro e tenho o corpo que a minha avó tinha quando era jovem. Ela foi atriz de cinema, sabia? Então, por que eu não sou popular? Muito simples, por uma coisa relacionada com o sangue. Não, eu não matei ninguém, até onde sei. Mas no primeiro ano do ensino médio eu tive a minha primeira menstruação, e me veio como um jato de vergonha vermelha no meio de uma aula de Matemática. Eu tentei me levantar e ir ao banheiro, mas foi inútil. Nessa hora, odiei que o uniforme das garotas fosse com saia; se eu estivesse usando calça, teria disfarçado melhor. Bom, foi isso, todo mundo riu de mim... Tá, talvez a minha reação tenha sido exagerada, mas é que as garotas da minha sala já menstruavam fazia tempo, e eu não.

Uma vez eu li que as garotas que têm um pai de má qualidade menstruam antes para se tornarem fortes antes, para se tornarem mulheres antes, mas o meu pai é um senhor bonachão que sempre me protegeu... Talvez por isso eu tenha demorado tanto para ter a minha primeira menstruação. Depois disso as pessoas começaram a me chamar de Carrie, por causa do sangue e tal. Um desastre. Mas por que estou contando isso? Ah é, o porquê da minha não popularidade. Mas, olha só, isso nunca me afetou e é infinitamente mais vantajoso. Se eu fosse uma garota muito popular, não

poderia me aproximar do Samuel, e o anonimato me dá confiança. Não estou apostando nada, não estou me expondo a nada...

O que Paula não havia percebido era que, logo ao cruzar a porta da sala, Samuel já tinha posto os olhos em Marina, a irmã de Guzmán. E por quê? Vai saber. Talvez porque Marina tenha disparado um sorriso primeiro, ou porque Paula estivesse sentada bem no fundo e o cabelo cacheado da outra tenha tapado a visão do garçom.

Mas, veja bem, o fato de Paula não ser popular não queria dizer que não tivesse amigos; não, nada disso. É normal que, num primeiro momento, ao ver a foto de um anuário, você só preste atenção nas pessoas que se destacam. E é normal, então, que seus olhos posem em Carla, Lu, Guzmán, Polo, Ander... Mas, se observar bem, ao lado deles ou uma fileira para trás, você vai ver o resto dos alunos, e não é que sejam menos bonitos, não tem a ver com beleza, é que o carisma deles foi eclipsado por um monte de alunos alfa.

Paula é, sim, muito bem-apessoada e tem um corpo muito bonito e um cabelo que se move de um lado para o outro, mas nunca foi tão sociável a ponto de galgar aos primeiros lugares de popularidade de Las Encinas.

Gorka, por exemplo, tem orelhas de abano, e isso foi motivo de gozação, mas a verdade – e isto ele não sabe – é que em alguns anos suas orelhas vão enlouquecer um monte de garotas, porque às vezes o que nos faz diferentes nos torna únicos e até mesmo sexy, como é o caso das orelhas dele, por mais que agora seus colegas não notem isso. E é

certo que ele não é muito alto, mas se mata fazendo abdominais ao lado da cama e não se gaba disso, mas levanta a camisa sempre que pode.

Janine é legal, falante e encantadora, mas usa G (tamanho G, você entendeu) e isso faz que, não sei... que não seja apta para a realeza escolar.

E, por último, temos María Elena, mais conhecida como Melena. Por quê? Isso de "Melena", cabeleira em espanhol, era outra história. Filha de uma famosa modelo internacional que chegou a ser Miss Espanha em meados dos anos noventa, a garota não era tão bonita e esbelta como a mãe, não, mas não estava mal. Acontece que no segundo ano andou um pouco estressada e isso desencadeou uma alopecia areata, algo como uma alopecia nervosa, que lhe provocava quedas de cabelo em algumas áreas da cabeça. Imagine a lua. Agora imagine a lua cabeluda. Agora tire o cabelo de todas as suas crateras. Isso era a cabeça da pobre menina. Ela estava semicareca, e seus colegas, com muita crueldade, transformaram seu nome em um insulto. A alopecia durou pouco tempo e seu cabelo voltou a crescer, ela fez um corte tipo Demi Moore em *Ghost* e as pessoas se esqueceram, mas o apelido ficou e ninguém mais a chama pelo nome; de fato, se alguém a chamasse por Elena ou María Elena, ela nem viraria... E Melena, que sempre passou despercebida, é agora o centro das atenções na volta às aulas, porque ainda não apareceu em classe e deixou seus amigos sem notícias

durante as férias inteiras. O certo é que para Gorka estava claro.

Cara, eu escutei um monte de histórias sobre a Melena. As pessoas? As pessoas são a pior coisa e usam qualquer pretexto para inventar boatos. Eu fiquei fodido que ela não atendeu o celular as férias inteiras, porque ela sempre disse que é a minha melhor amiga, ou não? Sim, sempre disse, e você não deixa o seu melhor amigo de lado as férias inteiras. E olha só, eu não senti falta, porque estava ótimo na casa da minha tia, na piscina e na escola de surf do camping, mas sei lá... E se eu tivesse tido uma emergência, alguma coisa que quisesse contar pra ela, teria me ferrado, né?

O que estão falando dela? De tudo. DE TUDO. Que foi pra Londres pra abortar, porque conheceu um cara mais velho e ficou grávida. Que foi pra Colômbia colocar silicone e fazer uma lipoescultura ou não sei que merda. E isso eu sei que é mentira, porque ela não tem a menor necessidade, eu já a vi de biquíni um monte de vezes. Também escutei que umas senhoras da vizinhança disseram que a mãe dela a tinha levado para dar a volta ao mundo. Ao mundo inteiro, hein? Ou que tinha ficado completamente careca, como o Professor Charles Xavier – sim, porra, o dos X-Men, *o da cadeira de rodas, e que por isso não queria sair de casa... Sinceramente, eu não faço a menor ideia, mas espero que ela me conte. É o justo, né? A verdade é que eu já remoí bastante a última vez que a gente se viu. Acho que foi num esquenta na garagem da casa dela e não aconteceu nada memorável, ela não estava brava nem nada para dar um gelo na*

gente. Pelo contrário, celebramos a amizade, relembramos histórias da infância e falamos de Pokémon *como se tivéssemos dez anos... Eu sempre preferi o Charmander e ela, o Jigglypuff*.

Enquanto todos falavam da garota, Melena estava no banco de trás do luxuoso carro cinza-escuro de sua mãe. O chofer já havia parado na porta de Las Encinas fazia tempo, mas ela não queria descer e não se apressava. Voltou a acender seu baseado e olhou para o motorista pelo retrovisor, como se o intimidasse. Não disse nada, mas seu olhar estava carregado de ameaças: "Se você abrir o bico pra minha mãe, eu juro que ela te demite, maldito imbecil". Não, ela não era mafiosa, mas gostava de saber que tinha o controle da situação, e a verdade é que não estava em seu melhor momento. O vidro escurecido a protegia do olhar dos colegas, que entravam como maria vai com as outras, ansiosos por um novo ano letivo.

Ela deu a última tragada no baseado, tomou fôlego e abriu a porta de repente. Saiu e, apertando o rabo de cavalo, caminhou até a majestosa entrada. E não era falsa, mas – zás! – armou sua cara com um grande sorriso de orelha a orelha, e até as bochechas coraram, como se sob a pele esbranquiçada houvesse uma adolescente saudável. Passou ao lado de Carla e depois de Lu e lhes perguntou como foram as férias, elas sorriram simpáticas e responderam de um modo amável. Eram amigas? Bom... Antes eram, mas a amizade foi se deteriorando no segundo ano na mesma velocidade que o couro cabeludo da garota. Quer dizer, seu

cabelo voltou a crescer, mas a relação com elas não foi mais a mesma. É claro, quando Melena passou na frente das duas garotas mais populares de Las Encinas, elas ficaram cochichando, mas não muito, coisas como: "E essa? O que deu nela?", mas Melena não era tão importante, não iam gastar muita saliva com essas fofocas, não mais.

Claro que Melena cumprimentou Janine, Gorka e Paula ao entrar na sala, mas não era a de sempre... Um "oi" com meio sorrisinho e um aceno de mão não era um cumprimento próprio dela. Haviam passado o verão inteiro sem se ver! Ninguém teve tempo de se aproximar dela para perguntar nada: chegou o professor e ficaram na vontade.

Assim que tocou o sinal que anunciava o fim da primeira aula, Melena se levantou e saiu da sala rumo ao banheiro. Gorka não pensou duas vezes e saiu correndo atrás; ele a interceptou no meio do corredor.

— Qual é o seu problema? — gritou o garoto a vários metros de distância, justo quando ela estava prestes a entrar no banheiro feminino.

— Como? — respondeu ela.

— Qual é o seu problema comigo? Não me deu a menor bola as férias inteiras. Nem uma mensagem, nem um comentário numa maldita foto do Instagram. Eu fiz alguma coisa pra você?

— Gorka, eu não tenho que te dar nenhuma explicação de nada. Eu estava por aí... — Melena continuava tentando diminuir a importância da situação.

— E não tinha sinal? — insistiu ele.

— Posso ir ao banheiro? Estou apertada e não quero chegar atrasada na próxima aula, tá? Depois a gente conversa.

Ela não deu chance de resposta a Gorka e se refugiou no banheiro. Ele ficou falando sozinho e, resmungando para si mesmo, voltou à sala de aula.

A verdade é que Melena não estava com vontade de fazer xixi, não; ela só queria ficar sozinha, escondida, sem precisar sorrir ou ser simpática ou social com ninguém. Não se sentia bem e não queria estar ali. Aquele dia, não. Jogou água na cara, molhou a nuca e se olhou no espelho. Negou com a cabeça e saiu armada de sua falsa atitude positiva.

*

Christian, um dos alunos da escola que havia desmoronado, corria nu pelo corredor. Tudo isso porque, enquanto ele tomava banho depois da aula de Educação Física, alguém havia escondido sua roupa no vestiário para fazer graça. Esse era o tipo de boas-vindas que você recebia ali quando não se encaixava nos padrões que os populares estabeleciam.

Enquanto o peladão voava até o fim do corredor, Gorka interceptou Paula. Para nada, só para perguntar se eles podiam ir juntos à festa que Marina estava organizando para aquele fim de semana, e para a qual havia convidado a classe inteira. O nervosismo e titubeio do garoto, algo impróprio

dele, suscitaram em Paula um monte de perguntas, mas ela se limitou a sorrir e a responder:

— Claro, Gorka, vamos juntos.

— Ótimo.

— Ótimo. — Sorriu de novo. — É provável que a Janine vá com a gente.

O rapaz engoliu saliva e afrouxou um pouco o nó da gravata do uniforme.

— Claro, claro. — Ele mordeu o interior da bochecha num gesto inconsciente, antes de passar a mão pela nuca. — Sim, eu quis dizer ir no mesmo carro e tal... Sei lá, pra ir juntos, não tipo... Bom, tipo...

Salvo pelo gongo. Literalmente. Tocou o sinal e todos voltaram para a sala, deixando o corredor vazio. Porém, aquele dia, alguns – como Janine – não chegaram a anotar uma única frase. Sentada em sua cadeira, ela olhava pela janela. Só repetia várias vezes que não podia acreditar.

Eu não posso acreditar. Não posso acreditar que a Marina me convidou pra festa dela. Quer dizer, isso é muito... Tá bom, ela convidou todo mundo, a sala inteira, mas a gente nunca foi amiga, acho que nunca troquei mais de duas palavras com ela... É o que acontece quando você é uma nova rica; é difícil se dar bem com os que sempre foram ricos. Meus pais ganharam na loteria. Pronto. É por isso que a gente tem tanta grana. Não ganhamos com esforço nem com nada. Meu pai deixou a padaria e nos mudamos pra cá, e me meteram em Las Encinas para que eu possa me tornar rica por meus próprios méritos no futuro, e não por um absurdo jogo de

azar. A questão é que, além do Gorka ou da Paula, eu não tenho amigos, não preciso deles, me viro sozinha com meus mangás, meus animes, meus OVAs e as minhas coisas... Não preciso preencher o silêncio com conversas tontas ou com críticas estúpidas. Eu não. Ainda assim, reconheço que o fato de Marina ter me convidado pra festa dela faz eu me sentir... incluída. Normal.

Normal eu sou. Muito. Muito normal. Olha, "normal" é um adjetivo que dá bastante raiva, mas o que você quer que eu fale? Muitas vezes eu me senti discriminada ou marginalizada em classe, e a Marina, que é uma garota que... que arrasa, ter me convidado pra festa dela faz eu me sentir um deles, e isso me deixa muito tranquila. O problema é que EU NÃO SEI QUE DROGA VESTIR! Sim, eu posso ir fazer compras com a minha mãe, mas meu corpo não é o da Paula ou o da Carla ou o da Marina, que apesar de não tirar muito proveito disso é um mulherão. Eu tenho ossos largos; não sou gorda, ainda que tenham pichado isso no meu armário algumas vezes. Mas não, não fico insegura com isso... Vamos, nem um pouco. NEM UM POUCO. Reconheço que sinto um pouco de inveja das garotas da sala que podem comprar roupa em qualquer loja. Sabia que tem loja na cidade que só vende tamanho P? É bem lamentável e eu acho que pode levar muitas garotas a ter certos transtornos alimentares, mas a mim não. Vamos, do jeito que eu gosto de comer. Eu gostaria que não fosse assim, mas curto muito, e quando você tem dezesseis anos eu garanto que há poucas... pouquíssimas coisas que você curte tanto. Portanto, eu não pretendo abdicar disso.

O que me assusta é saber que na festa da Marina vai rolar álcool pra valer e eu estou guardando um segredo, um segredo superimportante. Hiper. Algo que prometi nunca contar, mas que está na minha cabeça o tempo tooooooodo e sei que vou acabar dando com a língua nos dentes após a primeira dose de Jäger, e não quero. Não quero. Na verdade, eu quero, mas não posso. Não devo. Então eu me calo. Tento. O QUE VOU VESTIR? Quero morrer. Tá, eu odeio as minhas roupas. Grrr!

*

Omar, o marroquino que conseguia maconha para Melena, estacionou sua bicicleta na praça. Ela, vestida com o uniforme do colégio, estava esperando. Falaram pouco, como sempre. Ele era um garoto de poucas palavras e não se interessava muito pela vida de seus clientes. Limitava-se a perguntar "quanto?", a dizer o preço e a pegar a grana. Quando você é traficante e vende para adolescentes, é melhor não criar muito vínculo com seus clientes, e para ela isso era fenomenal, porque naquele ano Melena estava como a caixa de Pandora. Uma caixa lotada de segredos obscuros, mas fechada a sete chaves.

— Pensei que você estivesse parando — disse Omar enquanto lhe dava os vinte euros de maconha.

— E parei — respondeu ela com pouco interesse.

— Não tem aula?

— Ter, tenho...

— Mas está matando, né?

— E você? — ela retrucou.

— Eu, nada.

Com essa última frase, ele ergueu as sobrancelhas, semicerrou os olhos quase negros dando uma de misterioso e voltou a pedalar ladeira acima.

O que acontecia com Melena? Por que ela estava com essa cara tão azeda? Por que não se abria com ninguém? E por que fingia normalidade diante de todos quando era óbvio que em cima da cabeça dela tinha uma nuvem cinzenta carregada de trovões, granizo e todo o resto?

Chegou bem atrasada na aula e inventou uma lorota sobre um pneu furado no caminho, e agiu assim fazendo caras e bocas, sorrindo e pedindo desculpas. Era péssima em Matemática, mas mentir era sua matéria favorita... Estava muito acostumada a fazer isso em casa, principalmente na frente da mãe. Tivera que aperfeiçoar suas técnicas porque a mãe já não deixava passar uma. Sua mãe... O fato é que tinham uma relação bastante complicada, diria.

Minha mãe me odeia. Minha mãe teria preferido abortar no México a me ter. Ela não me queria e eu cheguei no pior momento, justo quando estava no auge da sua carreira. Quando você é uma modelo famosa com o título de Miss Espanha, é complicado jogar a carreira fora por ficar grávida. Ela ficou grávida. Jovem, muito bonita, com uma herança incrível e uma pança que a afastou das passarelas mais importantes. Minha mãe me odeia porque eu enchi sua barriga de estrias, ela sempre diz isso, e porque sua expressão mudou depois de parir. Ela diz que foi tanta a dor do

parto e a laceração que eu lhe causei ao sair com meus quase cinco quilos que sua cara azedou e ela nunca voltou a parecer uma pessoa doce. Minha mãe me odeia. Eu sei, porque ela diz dissimuladamente quando se irrita ou quando eu a decepciono, o que costuma ocorrer três ou quatro vezes por dia. Ela acha que eu não percebo, mas seus lábios carregados de ácido hialurônico se movem de um modo sutil, pronunciando um "te odeio" mudo. Mas eu não me importo, porque também a odeio. Odeio suas fotos exibindo as pernas quilométricas; odeio seu passado, seu presente, e gostaria de perdê-la de vista no futuro.

Quando eu fizer dezoito anos, vou me mandar. Não, eu não sei o que vou fazer com a minha vida, mas sei que, seja o que for, aconteça o que acontecer, não será perto dessa imbecil que tenho por mãe. Sim, eu a chamo de imbecil, mas também falo isso na cara dela, não gosto de xingar ninguém pelas costas. Ela me odeia, eu a odeio e a gente tenta se suportar, mas não dá certo. Nada dá certo. Eu sempre reprovo em Matemática, e ela reprova em maternidade. Sou aprovada em mentir, e ela é aprovada em se embebedar em cinco minutos. Imagino que consegue isso graças ao efeito dos comprimidos misturados ao rum com Coca-Cola, porque apesar de ser completamente fina ela tem gostos grosseiros: todas as outras mães de alunos de Las Encinas se embebedam com garrafas de vinho tinto caríssimas, reserva de não sei o quê, colheita de não sei quando, mas a minha mãe mostra a sua vulgaridade virando o pior rum do supermercado. E de qualquer forma ela está bem conservada, a maldita, e às vezes eu a admiro ao caminhar como um fantasma pela casa, com sua

bata de seda chinesa, escada acima, escada abaixo... Tomara que um dia você escorregue e parta a cabeça. Apesar de eu estar convencida de que não vai me deixar nem um centavo em seu testamento. Por quê? Porque você me odeia, e eu não me importo. Por quê? Porque eu também te odeio.

*

E chegou o dia da festa. Havia acabado de começar o ano letivo e os alunos já tinham uma desculpa perfeita para beber e se divertir. Principalmente se isso ajudasse a esquecer os problemas. Gorka estava encanado porque Melena continuava o ignorando de uma forma muito explícita, e dava para notar que estava cada vez mais amiga de Lu e de Carla. Na realidade, talvez não mais amiga, mas sem dúvida Melena fazia um esforço notável para que as garotas a incluíssem em seus assuntos. E as três riam em classe, idiotizadas na linha dessas meninas bonitas e fúteis que têm poucos conflitos para resolver.

Janine escolheu para a festa um vestido um pouco extravagante. Paula falou que talvez fosse justo demais, mas a amiga estava morrendo de vontade de colocá-lo. O certo é que ela ficava bem de roxo, mas parecia um pouco apertado, apesar de o tutorial de maquiagem que havia visto no YouTube ter surtido efeito e Janine estar belíssima. Espremida no vestido, mas belíssima. Como um belo chouriço com lábios vermelhos Rouge Pur Couture, da Yves Saint Laurent.

Gorka passou para buscá-las e a verdade é que ficou impressionado ao ver as duas garotas tão... tão... tanto. Paula estava linda com seu vestido rosa de duas peças e jaqueta de couro, que quebrava o naïf do *look*. Ela era muito bonita e não precisava se arrumar demais para se destacar do resto. E tinha esse cabelo coringa, que podia secar ao vento e sempre tinha um resultado impecável, selvagemente arrumado.

— Uau, uau — balbuciou Gorka.

— Au-au faz o cachorro — respondeu Janine tentando fazer uma piadinha que só teve graça para ela.

— Vamos?

Os três entraram no carro do pai de Gorka e chegaram à festa de Marina.

— Minha nossa! — Janine olhava ao redor com a boca aberta.

Era impossível não notar a câmera lenta quando você entrava nessa mansão. Tudo era tão bonito que até a vida demorava a passar para dar a importância necessária aos pequenos detalhes.

Nossa Senhora. O jardim estava iluminado de um jeito lindo, luzes dessas pequenininhas, que antes eram natalinas e agora enchem os restaurantes *cool*, e umas grandes letras coroavam o espaço com o nome da jovem anfitriã. Era a festa de "apresentação" dela à sociedade. As más línguas diziam que as pessoas do seu "status" faziam esse tipo de encenação para que os jovens se relacionassem, paquerassem e se conhecessem um pouco mais. Algo como

para semear a ideia de casamento entre adolescentes que tivessem a mesma posição social.

Disso Janine não sabia, porque fazia pouco tempo que havia alcançado esse poder aquisitivo, mas para o resto era um segredo de polichinelo.

Alto e atlético, com o queixo marcado e uma aparência nada própria de um adolescente, Mario parecia um homenzinho feito e direito apesar de ter dezoito anos, o tipo de cara que nunca havia precisado mostrar o documento na porta de uma balada, não porque estivesse cheio da grana – seu pai era o multimilionário criador do app AparcaCar, um aplicativo que te diz onde encontrar um lugar para estacionar –, mas porque sempre havia parecido um pouco mais velho do que o resto. De qualquer forma, isso era só um traço físico, porque por dentro continuava se comportando como um autêntico moleque, mas um moleque com graça e estilo, um moleque com o cabelo estrategicamente arrumado. Mario estava no último ano em Las Encinas e tudo o que tinha de bonito tinha de mau aluno, e como os professores nem sempre podiam fazer vista grossa, havia repetido algumas vezes. Se você perguntasse para qualquer aluno de Las Encinas, te diriam que...

... Mario é o que a gente chama de um "pegador". Ele nunca faz lição, mas sempre é aprovado, o filho da puta. Aparece a cada semana com uma mina diferente pendurada no pescoço. Dizem que perdeu a virgindade aos doze anos e que já foi pra cama com uma professora... Isso foi o que me contaram, mas não acho que

seja verdade, principalmente porque aqui são todas velhas e ele não gosta muito dessa onda MILF, mas é o típico cara que sempre está na lista e nos reservados dos bares mais bonitos, nas festas mais populares e tem cento e vinte mil seguidores no Instagram – podem ser comprados, mas ele tem, apesar de ter um conteúdo óbvio. Dá uma olhada... Tudo foto de abdominais, de expressões intensas e de hashtags em inglês. Mas a verdade é que o Mario atrai bastante. Ele atrai tudo...

E aí estava ele, o mais popular de Las Encinas, ao lado do bar com uma taça de champanhe e rodeado de um séquito de caras bonitos, não tanto quanto ele, e de quatro ou cinco tontas vazias e sorridentes.

A festa avançava dentro do normal. Uma dança por aqui, um beijo por ali, alguns segredinhos frívolos... Se você fizesse uma rota turística pela casa de Marina, veria Melena conversando com Carla e seu namorado Polo; Lu se aproximando de um jeito estranho de Nadia, a garota nova de *hijab*; Ander, o filho da diretora e estrela do tênis, enchendo a cara como se não houvesse amanhã; e num canto veria Paula, Janine e Gorka virando uma garrafa de Jägermeister que haviam conseguido. O álcool da festa estava ok, mas uma festa sem doses de Jäger não era uma festa de verdade.

Janine, relutante, preferia evitá-las: "Não quero, não quero, não devo, não quero. Não, Gorka, afasta essa garrafa da minha boca, não quero, não quero, não quero". Mas, no fim, acabou sucumbindo: "Traz pra cá, vai". ERRO. Por quê?

Fácil... Quando você não janta nada para entrar num vestido justo e toma cinco doses seguidas desse licor negro, em quinze minutos está girando como um pião, e isso não é nada grave se você estiver numa balada qualquer, mas na festa de Marina Nunier Osuna não será muito bem visto.

Quando começou a tocar "Perdona (ahora sí que sí)", de Carolina Durante, Janine ficou eufórica e deixou seus amigos de lado para ir correndo à pista de dança improvisada no jardim. Tudo girava, ela também. O fato é que era uma grande dançarina... quando não estava bêbada. E naquele momento ela estava. Muito. Tadinha.

— "*Pido perdón por no ser mejor que nadie*" — cantarolava em voz alta como se estivesse num show.

Algo maravilhoso quando você não é uma garota popular é o grande poder da invisibilidade, mas ela já não o tinha, porque sua dança chamava atenção demais. Pelo menos continuava com seu segredo guardado, ainda que as palavras palpitassem em sua boca tentando escapar. Palavras que trombavam nos dentes, que abriam caminho entre os lábios, mas que voavam para dentro cada vez que ela tomava fôlego... Sim, dançar como louca faz você ficar exausta e respirar com dificuldade. Se uma vidente tivesse irrompido na sala e pegado na mão da garota manequim G, teria pronunciado um contundente "Aproxima-se uma catástrofe", mas para o azar dela não havia videntes na sala, só os olhos de Mario e seu queixo esculpido se destacando entre a multidão... Boom!

Janine parou de dançar e, decidida, se aproximou dele, separando o grupinho de garotas que se faziam quase de guarda-costas, como se estivesse abrindo passagem até o palco de um show.

— Mario, oi.

Não precisou dizer mais nada para que o grupo inteiro fizesse silêncio. Todos a olharam fixamente, como se ela fosse a encarregada de continuar a conversa, mas Janine não disse nada. Seu sorriso se desfez e o deles começou a surgir. Sim, eles riram dela.

— Mario...

Ele não disse nada, olhou para ela de cima a baixo com o cenho franzidíssimo, cada vez mais franzido, e sussurrou um "Que nojo de gorda" sem nenhum tipo de esforço. Todos saíram da área do bar, afastando-se de Janine entre sussurros e risinhos. Ela, desconsolada, não podia acreditar no que estava acontecendo. "Que nojo de gorda", quatro palavras que retumbavam batendo em todos os órgãos de seu corpo.

Que: golpe no baço.

Nojo: chute nos rins.

De: beliscão no estômago.

Gorda: bofetada nos pulmões.

Ficou difícil respirar e o gosto do Jäger voltou à sua boca, fazendo-a lembrar que a culpa era só dela. Correu até o banheiro, mas Lu se adiantou; alguém havia vomitado em sua saia e ela estava com cara de poucos amigos.

— Ocupado, gordinha — disse a mexicana, e fechou a porta na cara dela.

Janine emitiu uma espécie de som animal, feito um rugido, e seguiu pelo corredor da casa até a sala deserta; por sorte, todos estavam no jardim, e para ela era ótimo um pouquinho de escuridão. Sentou-se e escondeu a cabeça entre as mãos. Sim, tudo girava... A cabeça, o coração. Uma pequena arcada fez que fosse para trás e se deitasse no sofá. Ela se sentia como a Ofélia daquele quadro que vira uma vez, flutuando, ainda que mais parecesse uma garota que havia caído de um quarto andar e se esmagado contra o asfalto.

Alguém se aproximou, mas ela não fez esforço para se levantar. Além do mais, erguer-se parecia uma aventura dificílima, havia perdido o controle sobre o próprio corpo. Até que esse alguém em questão bateu no pé dela. Um golpe forte. Um chute. Janine levantou o olhar para descobrir Mario na penumbra da ampla sala, e pela cara dele não parecia que a tivesse procurado exatamente para ver como estava.

— Você é idiota ou o quê? — gritou, inclinado sobre ela. — Que merda você acha que é pra vir falar comigo na frente de todo mundo? Hein? Responde! Quer que eu acabe com você? É isso o que quer? Olha, maldita idiota... O que aconteceu nas férias fica nas férias. Eu estava bêbado e você se aproveitou, mas sóbrio eu nunca teria me aproximado de uma mina como você, porque não gosto de você, porque você é uma escrota e porque eu acho que ninguém em sã

consciência pode gostar de você, porque você dá nojo. Está me ouvindo? DÁ NOJO! Então é melhor calar a boca e olhar para o chão quando me encontrar. Nem olhe pra mim. Ouviu? NEM OLHE PARA MIM — disse ele enfatizando cada sílaba. Tinha os olhos injetados de sangue. — Droga, eu não podia ter ficado na minha, não, tinha que me meter com a gorda do colégio... Isto não é um aviso, nem uma ameaça. É um ultimato, entendeu? Se chegar a menos de dez metros de mim, se voltar a falar comigo ou se disser meu nome por aí, eu vou ficar sabendo e vou arrebentar você como um mosquito; melhor, como uma mosca nojenta. NÃO OLHE PRA MIM! Droga.

Janine não pôde responder, ficou tremendo sentada e começou a respirar com dificuldade – outra vez – por causa da cena desagradável, enquanto o rapaz saía da sala a passos firmes.

Tudo bem, Janine não pretendia que fossem amigos e muito menos que tivessem ou começassem um relacionamento, mas ele havia sido muito... muito... filho da puta. E ali estava ela sozinha no escuro com seu segredo rondando a sala: havia transado com o garoto mais popular do colégio. Ela não tinha se aproveitado. Não. Ele estava bêbado, mas tomou todas as iniciativas. Assim são as festas nas cidades pequenas. Haviam passado as férias no mesmo lugar. Mario fora sozinho com os pais dele, Janine sozinha com os dela, e na balada móvel, e bem carregados com seus copos de sangria, surgiu uma faísca entre eles. Se

perguntassem, ele provavelmente diria que foi um horror, mas ela diria que...

... Foi lindo. Eu nunca teria imaginado que ele ia prestar atenção em mim; em circunstâncias normais ele nunca teria prestado atenção em mim, mas as férias de verão não são circunstâncias normais.

Sim, nós demos uns amassos, depois de beber, de dançar e de rir, e ele foi encantador, fofíssimo. Não que eu seja uma romântica, apesar de ser fã de Grease *e das histórias japonesas de amores escolares, é que tudo se converteu em uma dessas histórias em que um garoto conhece uma garota e vê muito além do seu físico. Ele não sabia que nós estudávamos no mesmo colégio e eu não disse nada... O que teria acontecido se eu tivesse dito? Ele não teria me levado para a casa dele? Talvez...*

Subimos a escada e ele me beijou contra a parede, um beijo úmido mas fofo, ainda que com um pontinho justo de violência, porque ele controlava a situação e isso estava claro. Meu rabo de cavalo bateu numa foto da primeira comunhão dele, que caiu no chão, e nós rimos, mas não ligamos porque estávamos nos divertindo. Entramos em seu quarto, na sua casa de verão, que mantinha a decoração de quando ele era pequeno, quase como se tivéssemos entrado no DeLorean de De volta para o futuro *e tivéssemos chegado ao passado dele. Uma cama pequena, embutida num guarda-roupa cheio de adesivos e de pôsteres do Ben 10 ou das Tartarugas Ninja, não lembro direito... Ele me deitou na cama e tirou a camiseta. Veio pra cima de mim e sua correntinha batia no meu peito; estava fria e roçava o meu decote*

fazendo um tlintlim... simpático, não sei. Tirei a blusa, ele tirou o meu sutiã, abaixou a minha saia, que ficou enroscada, e rimos mais. Voltou pra cima de mim e me beijou, então o romantismo deu lugar ao caos: a boca dele, a minha, a língua dele, a minha saliva, e sem que eu me desse conta a mão dele estava entre as minhas pernas. Estive prestes a tirá-la, como um ato reflexo, estive a ponto de lhe dizer que nunca tinha feito... Mas não fiz nada disso, só o deixei controlar a situação.

Ele deu um pulo e se virou... Depois entendi que estava buscando um preservativo, algo que, querendo ou não, me inspirou um pouquinho mais de confiança, e o resto é história... E que história. Não foi demorado, não foi bonito, nem hipnótico, ele não mudou de ritmo... Sim, eu vi filmes, vi muitos vídeos, as garotas também veem vídeos, e os garotos mudam de ritmo e a pelve deles faz uma espécie de onda sobre umas rochas... Não sei, é difícil explicar. Não, a nossa transa tinha uma partitura só de dois acordes, o nheque-nheque das molas da cama velha dele. E não, claro que não foi como eu teria imaginado. Eu nunca tinha imaginado que a minha primeira vez seria apressada e pouco surpreendente. Era o pênis dele entrando na minha vagina, nada mais, sem muito artifício e sem muita magia; mas eu gostei e sei que ele gostou. Eu me cobri com o lençol, um lençol que tinha desenhinhos de animais que praticavam esporte. Tinha um elefante que lançava um dardo, uma girafa que jogava badminton, um leão que saltava obstáculos e um canguru boxeador. Um lençol muito, muito antigo e com bolinhas, mas

nada disso importava. Ele, eu e a luz da lua que banhava tudo. Ai …

Depois conversamos um pouco e eu comecei a me vestir, não queria que os meus pais suspeitassem e me submetessem a um interrogatório. Mario perguntou se eu tinha Insta, e quem dera eu tivesse dito que não. Mas eu lhe dei: @Janine_Sakura12, e quando ele entrou no meu perfil foi uma catástrofe porque descobriu as minhas fotos com o uniforme do colégio dele. Do colégio DELE. Tudo errado. Disse que isso não tinha que ter acontecido nunca, pra eu não contar pra ninguém… Blá-blá-blá… Eu estava tão contente pelo que tinha ocorrido que não dei muita importância. Não voltei a vê-lo até o primeiro dia de aula, e como era de se esperar ele me ignorou. Poderia dar um jeito de não falar com ele, de não olhar pra ele como tinha me pedido, mas a experiência, a minha primeira vez e o lençol de animaizinhos eu não poderia apagar da memória nunca.

A festa… A festa estava terminando e a verdade é que Paula estava um pouco decepcionada porque não trocara uma única palavra com Samuel. A noite havia passado de muito promissora a uma noite qualquer.

Janine se aproximou de Gorka e de Paula, com a cara um pouco transtornada, mas nem parou para falar com seus amigos.

— Gente, o Jäger me caiu supermal, estou indo embora.

Paula e Gorka se olharam um pouco desconcertados, mas se Janine estava falando que ia embora, ia embora, e Gorka preferia ficar sozinho com Paula, se era o caso.

— Então eu vou também, né? — disse Paula. — Isto aqui está um pouco chato, e eu estou com dor de cabeça. Você liga para o seu pai?

E nesse momento, quando não podia fazer mais nada para detê-la, Gorka se deu conta de que estava completamente apaixonado por ela e de que não dava para voltar atrás.

Eu odeio a Marina. O-D-E-I-O-A-M-A-R-I-N-A.

Cortar o pescoço dela e separar com minhas mãos a fenda em sua garganta e cuspir nela de longe, vendo minha saliva deslizar pela ferida e se misturar com o sangue dela...

Marina amarrada numa tábua de madeira no meio da floresta amazônica, enquanto umas minúsculas formigas carnívoras se alojam no corpo dela como se fosse um *all inclusive*. Formigas até dizer chega entrando pelas orelhas dela e devorando o seu cérebro. Formiguinhas tomando café da manhã no buffet livre de seus olhos abertos. Que não sobre nada dessa puta. Só os ossos. Que sinta a dor de cada minúscula picadinha como se fosse fogo e que o fogo a faça arder e morrer entre gritos pungentes. Guilhotina. Garrote vil. A forca parece uma idiotice comparada com todas as coisas que passam pela minha mente... As mil maneiras de destruir essa idiota. Morra e então apodreça, mas antes MORRA.

A investigadora lia essas palavras entre sentimentos de nojo e curiosidade. Não sabia se enviava o diário para análise imediata, se era preferível terminar de ler ou se não valia a pena nem levar a sério porque era uma criancice raivosa... Não era fácil demais que o assassino tivesse escrito essas palavras de ódio?

Às vezes, o caminho correto podia ser o mais simples... Mas seria o assassino tão idiota para deixar uma prova que o incriminasse desse jeito? Quem encontrou o diário e por que não deu nenhuma outra pista? Por que não disse onde o havia encontrado? Era certo que a investigadora nunca tivera nas mãos um caso tão brutal, mas ainda assim... A quem incriminaria um diário cor-de-rosa comprado de um camelô? Teria que averiguar. Ela tirou cópia das páginas e enviou o original para análise esperando encontrar vestígios... Com certeza tanta ira havia deixado rastro.

Capítulo 2

O Samuel não liga pra mim. Não só não liga pra mim como às vezes começo a pensar que ele não sabe da minha existência... Não sabe. Pode ser que não saiba nem o meu nome. Espero que ele saiba; sim, ele deve saber... Ou não. Eu entendo que ele esteja a mil, que estude, trabalhe e que tenha que se adaptar à mudança de colégio e lidar com seus problemas familiares. Tudo que o Nano, irmão dele, tem de bonito, tem também de inútil e perigoso... Isso lhe traz muita confusão, mas não é a confusão que me atrai. Pelo contrário: gosto de sossego, de tranquilidade, de passeios, e claro que espero algum dia fazer tudo isso com o Samuel, andar de mãos dadas com ele e poder apresentá-lo como o meu namorado. O meu namorado... Eu não ligo muito para o Natal, mas estaria mentindo se dissesse que não imagino a ceia de Natal com a minha família, com a minha tia Amalia, que está louca de pedra, com os gêmeos, com Richard e o namorado dele, e ali, entre eles, o Samuel. Primeiro ele ficaria tímido, mas depois, depois de a minha prima Concha soltar o seu clássico speech *sobre o divórcio dela ou de a minha vó dizer que provavelmente esse seja o seu último Natal, como faz todos os anos... ele relaxaria, apoiaria a mão na minha*

perna e me daria um sorriso tipo: "Está tudo bem, estou feliz de estar aqui, fica tranquila".

Mas suponho que essas fantasias ainda estejam um pouco distantes no mundo real. No mundo real, sim, mas no meu... No meu, Samuel e eu já estamos saindo há alguns meses. Tá bom, isso soava menos louco na minha cabeça... Mas estou convencida de que você pode entender a sensação, não pode? Gostar de alguém de um jeito grande, gostar de alguém de verdade. Todo mundo já esteve apaixonado alguma vez, mas eu não tinha estado nunca... Nunca assim... Tanto. Claro que acreditei ter estado apaixonada alguma vez, obviamente, mas depois sempre chega um amor mais forte que faz você pensar que o seu amor anterior era uma bobagem. Eu acreditei estar apaixonada pelo Leonardo Beltrán, que fazia aula de Computação comigo quando eu tinha nove anos... Eu me sentava atrás dele e sua nuca me deixava totalmente hipnotizada. Foi um amor verdadeiro que durou duas semanas e que passou quando ele trocou de óculos. Eu odiava óculos de armação grossa, e isso fez que as borboletas no meu estômago se transformassem em mariposas medíocres que, por sua vez, converteram-se em larvas indiferentes que, por sua vez, converteram-se numa estranha sensação de fome e no meu vício pelos bolinhos Phoskitos, mas esse é outro assunto; sim, eu era estúpida com nove anos... Mas depois eu mudei de escola e ali, na minha nova sala, estava Bernard, um garoto canadense com cabelo loiro e que já aos doze anos marcava os peitorais (peitoraizinhos) debaixo da camiseta...

De qualquer forma, isso fazia parte do meu despertar sexual, e olha que eu já tinha brincado de médico com as minhas primas e tínhamos nos beijado na boca brincando de fantasma, mas nunca tinha fantasiado com um garoto, e com o Bernard fantasiava coisas que teriam escandalizado a minha mãe e todas as minhas vizinhas. Coisas normais, mas suponho que elas teriam considerado prematuro uma garota de doze anos imaginar-se deitada na cama por um surfista canadense que a acaricia suavemente por cima da calcinha. Eu não era tão pervertida... Imaginava cenas um pouco "porcas", mas nunca sem roupa íntima. Imaginei que o Bernard me acariciava com os dedos por cima da calcinha ou que Juan Carlos Saltre, um colega do meu pai, atraente e gay – isso eu sei agora –, me beijava no pescoço e passava a mão em mim por cima da camiseta do Bob Esponja. Não, não é escandaloso, porque eu imaginava essas cenas... Essa cena em que meu pai dizia a ele, "pode ficar um tempo com a menina", e o senhor Saltre me acariciava; mas se isso tivesse acontecido de verdade, se um homem ou um garoto tivesse colocado a mão em mim... eu teria começado a chorar e provavelmente teria feito xixi nas calças, era muito propensa.

Samuel. E o sexo com Samuel. Não, eu nunca imagino o Samuel desse jeito, acho que já disse antes, mas isso não impede a minha mente de me trapacear enquanto sonho e de apresentá-lo para mim em distintas cenas tórridas, dessas que fazem você se levantar com um pouquinho de taquicardia e suor. O último sonho era bem estranho, e a roupa íntima já não influía em nada...

Eu estava num auditório, em um teatro ou algo assim, e havia muita gente, mas as pessoas iam desaparecendo aos poucos, até que eu ficava sozinha na plateia, e sentado na beira do palco estava o Samuel. Ele tinha um olhar diferente, não tão de "gente boa", e eu me atreveria a dizer que quase lascivo... Ai meu Deus, eu não deveria contar isso. Não, não deveria contar... Não. Sim. Eu conto. A boca dele entreaberta insinuava um excesso de saliva, ele engolia e seu pomo de adão fazia um vaivém, como um pequeno elevador que chegava até a língua. Ele me descobria no meio das poltronas, sozinha, e cravava seu olhar em mim, como se houvesse um ímã entre os olhos dele e os meus... Sua mão direita se enfiava por dentro da calça e ele se masturbava enquanto emitia um "shhh", como para que eu não falasse nada... E eu não falava nada. Obedecia. Com um gesto de cabeça ele dizia para eu me aproximar. Eu obedecia. Chegava na frente dele, que continuava com a mão por dentro da calça; ele a tirava e seu jeans marcava uma ereção que, embora não tivesse visto muitas de perto, pareceu-me bem exagerada. Ele pegava a minha mão com a dele, sim, com a que tinha estado se masturbando segundos antes, e ia enfiar lá dentro, mas nesse instante as luzes do palco se acendiam, eu me virava e a plateia estava cheia de palhaços de circo, maltrapilhos e mal pintados. Eles não riam, estavam chocados porque a minha mão estava quase dentro da calça do Samuel. E então começava a cair o maior toró no teatro. Ai... Se Freud ressuscitasse. Sim, o sonho acabava e eu acordava um pouco como naquele teatro. Como se tivesse caído o maior toró em cima de mim. E com o Samuel, como esse sonho, vários outros: em parques,

em supermercados ou numa videolocadora que tinha no bairro quando eu era pequena e que depois virou uma loja de cigarros eletrônicos. Ali também. Às vezes eu enfiava a mão por dentro da calça dele ou às vezes não precisava, porque ele já estava me esperando com a calça abaixada.

Mas, bom, são só sonhos e pouco têm a ver com a realidade, porque se observarmos esta manhã na aula, ele nem olhou pra mim, nem me cumprimentou, e quando o professor disse que tínhamos que fazer um trabalho em dupla, vi uma brecha e uma grande possibilidade de me aproximar e falar "Oi, Samuel, quer fazer comigo? O trabalho, digo". Mas como a vida não é uma comédia romântica, o Samuel já tinha formado dupla com outra: a Marina, de novo a Marina, sempre a Marina... Outra chance perdida de fazer a vida real ter umas pitadas de fantasia – da minha própria fantasia.

Fora de contexto, a crise de Paula por não fazer o trabalho em dupla com seu amado Samuel podia parecer uma idiotice, um capricho próprio da adolescência. Se a vida fosse uma série, ao ver a garota se trancar no banheiro, bufar e ofegar um pouquinho, bem triste pela oportunidade perdida, os espectadores comentariam no Twitter: "Isso acontece porque ela é tonta, porque não toma a iniciativa", "Se sempre fica muda, do que está reclamando?", "Não tem a capacidade de falar duas frases seguidas para o Samuel. O que ela espera?", "Olha ela chorando, que besta...".

Sim, estava chorando, e sim, era muito besta, mas tudo era fruto dessa sensação de amor tão potente que sentia. Era

algo tão incontrolável, tão complexo, mas ao mesmo tempo tão básico, que ocupava cem por cento do mundo dela. E quando você vê uma garota de cabelo cacheado se alegrando, e não só isso, mas paquerando e sorrindo por completo com o seu mundo, enquanto você é só uma figurante no mundo dele, isso dói. Mas Paula era superdiscreta, demais, ninguém notaria que por dentro soltava fogos de artifício (ou simplesmente fogos) quando o garoto que parecia Harry Potter passava ao lado dela. Não, ninguém adivinharia, porque por fora ela era toda autocontrole, autocontrole *fake*. O engraçado disso, típico do "A gosta de B que gosta de C", é que havia outra pessoa que sentia o mesmo por ela. Mas a vida está sempre assim mal dividida, como a divisão das duplas.

Paula havia formado dupla com Janine e ninguém havia escolhido Gorka para fazer o trabalho. Melena também estava sozinha, então se aproximou de quem, até então, era o seu melhor amigo. Antes que ela abrisse a boca, ele falou:

— Tá bom, eu faço com você, mas porque não tenho alternativa... Se pudesse, faria com qualquer outro.

A garota sorriu amavelmente e tocou a cabeça dele, ao que ele respondeu com um gesto de sobrancelhas tipo "Não gostei nem um pouco dessas intimidades".

O trabalho consistia, basicamente, em criar um perfil para o colega numa rede social, e era uma desculpa para que os jovens se conhecessem um pouco mais. *A priori* era simples, mas requeria ao menos um compromisso de

sacrificar algumas tardes com conversas, interesses e fotos. No intervalo do almoço, Melena e Gorka se viram num dos jardins externos de Las Encinas. Para ele era muito estranho, porque desde a volta às aulas não haviam trocado mais palavras do que as que se lançaram no corredor no primeiro dia de aula, isso e alguns olhares furtivos. Ele não entendia a distância, não havia recebido nenhuma explicação e não sabia se era culpado ou se qualquer um dos boatos que circulavam sobre o paradeiro da garota nas férias eram verdadeiros. E, acima de tudo, achava desconcertante que Melena estivesse tão estranhamente superficial, tão sorridente e quase falsa, aproximando-se de Carla e Lu, a quem várias vezes havia criticado na casa de Gorka enquanto dividiam uma lata de cerveja.

— Para mim é facílimo fazer um trabalho sobre você, Mele — disse Gorka. — Diz que devemos preencher esta ficha com traços da personalidade e tal... Ótimo. Posso colocar que você é falsa, hipócrita e que tem o superpoder de desaparecer do mapa sem dar satisfação pra ninguém. Você é legal, sim, isso eu não posso negar, e falando do seu passado posso dizer que você foi careca. Deixa ver o que mais. Hobbies: beber e esquivar-se, ignorar os amigos, principalmente o mais legal e atlético de todos, e brigar com a louca da sua mãe. Em "família", o que eu ponho? A louca da sua mãe e pronto, né? Se você tem namorado... Vai saber, porque você já não me conta nada. E amigos... Rá! Esta é a melhor: ponho Lu e Carla, essas garotas que, segundo você,

eram vazias e não sabiam falar de nada além de sapatos e de *contouring* e que agora parecem ser suas almas gêmeas. Ponho isso? Sim. Bom, me passa a foto e já está aprovado.

Melena, que começou levando na brincadeira, foi mudando de expressão, principalmente quando ele mencionou a mãe dela em duas ocasiões, e o ataque, que em princípio acreditava merecer, lhe pareceu excessivo. Então fechou seu pote com salada de macarrão e se levantou.

— Vá se foder — disse sem muita intenção enquanto sacodia a grama da saia, e foi embora tranquilamente.

Gorka podia tê-la detido, podia ter feito como nos filmes, repetir seu nome três ou quatro vezes sem sair correndo atrás dela, mas não fez nada. Isso sim fez com que perdesse completamente a fome. Está bem, o castigo havia sido justo embora excessivo, mas ele também não ia se arrastar atrás dela. Ainda que no fundo continuasse gostando de Melena e a considerando sua amiga, ela tinha que dar o braço a torcer e lhe contar a verdade. Ele gostaria de ter dito a ela algo como: "Melena, falando sério, me conta o que você fez, por que se escondeu as férias inteiras, eu não vou te julgar, sou seu amigo, estou aqui para o que você precisar, quero ajudar você...".

Mas na hora do vamos ver ele tinha falado um monte de merda. Às vezes é complicado se fazer entender e somos traídos pelos vícios adquiridos: dizemos o que se supõe que temos que dizer, o que se encaixa com os nossos padrões, mas os nossos padrões se modificam e o que teria

combinado na boca de Gorka no primeiro ano agora talvez já não se encaixasse com a sua personalidade, mas ele continuava se comportando como um tonto, mesmo que fosse só de vez em quando. Ninguém quer ser tachado de mole ou de sensível, muito menos quando se é conhecido pelos abdominais; meio que não combina, não é? É difícil redefinir a nossa maneira de nos comportar – para ele, pelo menos, era difícil, e apesar de não ter saído correndo, apesar de ser orgulhoso, ele se sentia mal por tê-la magoado. Mas sabia que Melena não era frágil nem altamente sensível. Ela era como um tatu sem carapaça, mas que vira bola quando é preciso. Sem carapaça, mas dura como o Alcoyano. (Nota: Sim, a expressão é "mais perseverante que o Alcoyano", mas a mãe de Gorka aprendeu assim e sempre disse errado e a perpetuou por meio de seus filhos e amigos. Isso acontece. Muitas vezes repetimos as frases que ouvimos por aí, apesar de não saber se são verdadeiras. E daí?)

*

Janine se sentia uma merda. O lamentável espetáculo na festa de Marina voltava à sua cabeça como lhe voltava o Jäger aquela noite. Um desastre. Ela não era mais uma garota insegura, mas quando o cara que tirou a sua virgindade xinga você, chuta seu pé e fala para você nem olhar para ele se o encontrar no corredor, bom, é difícil. Las Encinas tem corredores demais para manter-se alerta.

Desde a festa, Janine andava olhando em todas as direções com medo de deparar com ele, mas isso era inevitável: mais cedo ou mais tarde eles iam se cruzar, e ela estava agoniadíssima, coitadinha. Havia aprendido a lição, apesar de não saber que a coisa era tão sumamente séria. O único lugar que lhe parecia zona segura era o banheiro feminino; era difícil que Mario aparecesse por ali, apesar dos boatos de que ele o havia usado de motel várias vezes... "Que imundo", pensava ela; menos mal ele ter usado camisinha naquele encontro, porque Janine era um pouco apreensiva, tendendo a hipocondríaca, e já estaria pensando em um monte de DSTs. Mas ela respirou fundo e tirou essa ideia da cabeça. A que não podia apagar tão facilmente era a ideia de cruzar com Mario sem querer ou deparar com seus olhos e que ele gritasse com ela na frente de todo o mundo.

Era uma pena que a sua primeira vez, algo para recordar como um momento especial, estivesse se transformando numa tortura.

Janine não era especialmente fofoqueira. Tagarela? O justo. Mas não poder contar a ninguém sobre o seu primeiro encontro sexual, nem mesmo se gabar de que tenha sido com o repetente mais lindo de toda a escola, era um pouco frustrante, ao menos para ela. E dava para notar em seu rosto. Estava com a cara amarrada. Como quando você franze o cenho por querer, quando seus lábios se apertam sem motivo, como se tivesse sentido uma náusea leve, então, igual, cara de desgosto. Paula, que também não se

encontrava em seus melhores dias, estava sentada diante dela para começar a fazer o trabalho em dupla. Ambas em silêncio até que uma o quebrou:

— O que aconteceu? — perguntou Paula.

— Comigo? Comigo? Por quê? Que besteira, não aconteceu nada... Tenho preguiça disso de ter que fazer trabalhos, não estou com vontade. E essas coisas que você não pode baixar do Rincón del Vago — respondeu movendo excessivamente as mãos.

— Ah.

— Aconteceu uma coisa, sim, Paula, mas eu não posso contar, então não me pergunte mais, por favor.

— Tá bom.

— Eu não vou te contar.

— Ok. Eu entendo.

— Droga, tudo bem, é que... eu não sou mais virgem.

— Sério?

Ao dizer isso, Paula se inclinou para a frente, criando um pouco mais de intimidade, embora ninguém estivesse olhando para elas no refeitório da escola; todo mundo as ignorava bastante. Podiam ficar nuas e cantar uma música de C. Tangana aos gritos que ninguém repararia nelas. Mas bem na hora que Janine – que, recordemos, tinha as palavras queimando em sua boca – ia começar a relatar a história, "conheci um garoto nas festas da minha cidade", percebeu que cometia um erro e recordou a voz de Mario e

sua presença ameaçadora. Então se censurou e transformou em:

— Conheci um garoto, fomos pra casa dele e, bom, normal... é... E não estou com vontade de falar sobre isso.

— Sério, Janine? Oi? Tiram a sua virgindade e você não está com vontade de falar sobre isso? Bom, quer saber, eu, sim, estou morrendo de vontade de falar sobre isso. Confessa.

Janine estava cada vez mais nervosa e não sabia muito bem como sair da enrascada em que ela mesma havia se metido. E a cena piorou ainda mais quando, quase em câmera lenta, Mario, com seu séquito de tontos e tontas, entrou no refeitório. Tudo ficou mais devagar, menos o coração de Janine, que acelerou exageradamente, tanto que ela teve a sensação de que Paula podia escutá-lo. Era como naquele conto de Edgar Allan Poe que tiveram que ler na aula de Inglês: "O coração revelador"... Bom, agora o coração revelador era o seu. Por sorte, o rapaz nem notou a presença dela e saiu por onde havia entrado, depois de dizer três ou quatro bobagens a um dos novatos do primeiro ano.

Ao ver a cara preocupada da garota, Paula continuou insistindo:

— Janine! O que aconteceu?!

— Quê? Quê?... Ai, por favor, Paula, não seja imatura. É sério, que chata. O normal. Nós demos quatro beijos, eu o toquei, ele colocou uma camisinha, me penetrou e pronto. Fim.

— Tá bom — respondeu Paula ao entender que não era o momento.

— Vamos fazer o trabalho, não é melhor?

E, assim, a garota manequim G encerrou a conversa sem mais nem menos, apesar de estar morrendo de vontade de gritar aos quatro ventos: EU DEI PARA O MARIO, PAULA, EU DEI PARA O MARIO, ELE ME ODEIA, MAS O PÊNIS DELE ESTEVE DENTRO DA MINHA VAGINA. FIM.

Porém, mais uma vez, ela mordeu a língua.

*

Após largar Gorka sozinho, Melena havia passado a tarde desejando que as aulas acabassem logo; depois fora direto à pequena pracinha da cidade, procurara Omar e conseguira outros vinte euros de maconha.

Esses momentos já duravam cada vez menos, mas ela não podia evitar e também não queria: curtia fumar sozinha. Fumar era algo que associava a não ser social, a não sorrir, a não se relacionar, e isso era quase um luxo. Estar calada, estar na dela. Infelizmente, gostava muito mais dessa "ela" do que da outra, a sozinha, a obscura, a que não compartilhava nada com ninguém, a que não se abria, a que tinha um mundo interior cheio de coisas, de paranoias, de perguntas, de fragmentos de poemas nunca escritos, de músicas nunca compostas... Esse era o lado escuro de Melena.

Sua calma durou pouco. O carro da mãe passou justo pela rua da frente e se deteve assim que a viu. À janela do banco de trás, a mãe ia vestida, como sempre, acima das suas possibilidades. Todo o seu universo era acima das suas possibilidades: a linguagem, acima das suas possibilidades, pois não tinha nem o ensino fundamental – não ia precisar dele nas passarelas –, o cabelo, acima das suas possibilidades, extensões de cabelo natural com mechas californianas, visto que ela tinha quatro pelos de rato (sim, os problemas capilares eram um pouco coisa de família); os sapatos, acima das suas possibilidades, não porque fossem excessivamente caros, mas porque os saltos não se davam bem com o rum com Coca-Cola e o Vicodin. A mãe de Melena era indubitavelmente bonita, havia sido miss, mas sua apatia a manchou completamente de cinza, e se você olhasse para mãe e filha juntas era óbvio que ambas haviam despencado da mesma árvore genealógica. Sim, ainda eram ricas, mas o dinheiro estava voando muito rapidamente, muito mesmo.

Ela tirou os óculos e do outro lado da rua gritou para a filha:

— Você não tem aula?

— São cinco e meia! — respondeu Melena, também aos gritos.

As duas entraram numa estranha conversa a distância, na qual a mãe a mandou ir para casa e Melena entrou no carro.

— Você vai sair pra dar pra outro ricaço hoje à noite, mãe? — perguntou a menina assim que fechou a porta.

O que devia pensar o motorista ao presenciar tão espantosa conversa, em que a filha diz à mãe "Você vai sair pra dar pra outro ricaço hoje à noite?", e a mãe responde sem titubear algo como "Se você não fosse uma maldita esponja de dinheiro, nós estaríamos muito melhor, sua estúpida desagradecida".

Aquilo derivou para desaforos e rixas, uma briga de gatas tendo o motorista como testemunha imperturbável. Há boas mães, há mães de pior qualidade, há mães que se esmeram para ser amigas de seus filhos e outras que preferem manter distância. Umas fazem o melhor que podem, outras se deixam arrastar pela maré que implica o mero fato de ser mães, mas o caso dessas duas era totalmente diferente... Não era necessário ser um grande sociólogo ou um psicólogo para ver que o problema que tinham era um só, mas um muito, muito grande. Tão grande quanto o ego da mãe ou tão grande quanto o complexo da filha. Eram o mesmo: duas fêmeas alfa trancadas numa jaula dourada cheia de trastes caros e com um monte de coisas para jogar na cara uma da outra – "Quem dera você não me tivesse tido", "Se não fosse por sua causa eu teria chegado muito longe" etc. Essas coisas duras, mas que elas pensavam de verdade.

Se a mãe não fosse tão criança quanto a filha, pode ser que não tivessem chegado a esse ponto. E se a filha não fosse tão perversa e orgulhosa quanto a mãe, pode ser que

tivessem puxado um freio, se abraçado, chorado, e ambas tivessem deixado de ter essa careta tão desagradável de amargura, como um sorriso invertido. Mas talvez fosse tarde demais, porque a situação era insustentável. Elas precisavam uma da outra? Acho que não. Mas eram obrigadas a se entender? Totalmente. É normal que muitos adolescentes odeiem seus pais num momento específico, e é normal que os pais se estressem por causa da rebeldia de seus filhos, mas o nível delas era outro, haviam desbloqueado a tela para além do ódio e era um caminho sem volta

*

Na manhã seguinte, Gorka ficou muito surpreso ao receber um e-mail de seu tutor, Martín, no qual pedia para ele chegar cinco minutos mais cedo na aula para tratar de um assunto. As aulas tinham acabado de recomeçar, então não era possível que tivesse percebido o pouco que ele estava se esforçando. O menino tomou o café da manhã rapidamente, como sempre: um copo de achocolatado – nunca havia entendido o café, ainda sentia que era algo "para os mais velhos" (álcool não, mas café ele achava pouco próprio para a sua idade) –, alguns muffins e partiu.

Os corredores do colégio estavam quase vazios. As pessoas em Las Encinas são aplicadíssimas, mas só em horário escolar, e poucos estudantes chegavam antes ou saíam muito depois das aulas. Os alunos de escolas públicas às vezes aproveitam a biblioteca para estudar em época de

provas, mas os meninos ricos de Las Encinas têm suas próprias bibliotecas em casa ou, pelo menos, excelentes escritórios superequipados, de modo que não precisam passar mais horas no colégio.

Gorka chegou um pouco desalinhado, pois havia corrido pelo corredor para que Martín notasse que ele havia levado a reunião bem a sério. Você nunca sabe onde estão os pontos a ganhar e, quando se é um estudante medíocre, é bom atirar para todos os lados. Mas o que Gorka não imaginava é que essa reunião era mais para perder pontos.

— Qual é o seu problema com Elena, Gorka? — disse o professor após indicar a ele que se aproximasse da mesa.

O garoto ficou totalmente desconcertado pela pergunta.

— Não me olhe assim. Ela me procurou ontem no fim da aula para dizer que era dificílimo trabalhar com você e perguntar se podia fazer o trabalho sozinha. A graça e o objetivo do trabalho é fazê-lo em dupla, mas na verdade ela parecia bastante agoniada.

Gorka não sabia o que dizer. Podia ir pelo lado pessoal e esculachá-la ou explicar que tinha se comportado como uma criança bipolar. Podia. Mas preferiu usar seu lado mais *polite* e evitar o assunto.

— Sinto muito, Martín. Pensamos que seria uma boa trabalhar juntos, mas é certo que estamos em momentos diferentes. Teria sido bom aparar as arestas, mas acho que não é o nosso momento. Temos alguma alternativa?

Martín, pasmo com o peso do garoto ao sentenciar um comentário tão maduro, decidiu fazer vista grossa dessa vez. Se estava claro para eles e viam que ia ser tão complicado, dava-lhes a opção de realizar um trabalho individual alternativo, mas com a condição de que isso ficasse entre os três.

Se Gorka estava ferido pela ausência da amiga, pelos chiliques hipócritas dela e porque não daria o braço a torcer, mais incomodado estava por ela ter ido se queixar ao professor como se estivessem no jardim de infância. Sim, eram amigos havia muito tempo e tinham brigado um milhão de vezes, como todos os amigos, mas isso não se fazia. Eles sempre haviam consertado suas diferenças. Às vezes com brigas físicas (quando eram crianças), com discussões nas quais faltavam um pouco com o respeito ou com debates bem acalorados... Mas ir choramingar feito criança não era próprio de Melena nem de uma pessoa da sua idade. Apesar de ele ter se comportado como um idiota no dia anterior, Melena sabia que era um cara razoável, não muito esperto, mas com o qual se podia falar.

Gorka sempre tivera muita facilidade para compreender os demais, para se colocar no lugar dos outros, e disso ela sabia, então não entendia nem um pouco o comportamento imaturo da sua ex-amiga. O imaturo sempre havia sido ele. O que tocava a campainha e saía correndo, ele. O que roubava na bomboniere, ele. O que era pego em todas as mentiras, tanto que era até engraçado e provocava

gargalhadas, ele. É que Gorka era um cara legal, porra (isso pensava ele), e não era justo Melena jogar fora tantos anos de amizade, tantas boas lembranças. Como quando os dois tiveram uma intoxicação com uma tortilha e acabaram no hospital. Quando passaram mil horas acordados jogando Zelda até que (quase) zeraram. Quando fumaram juntos pela primeira vez. Quando se apaixonaram como tontos por outras pessoas e quando se desapaixonaram daquelas pessoas e desejaram morrer. Quando quiseram fundar uma seita na fase emo que lhes durou duas semanas. Quando receberam aquele espírito zombeteiro no jogo do copo...

Em resumo, lembranças bonitas e dolorosas, mas lembranças importantes que marcam uma etapa bem concreta da vida. Ele viajou por todas elas como se fosse o fantasma dos natais passados, reciclou todos esses momentos vividos com Melena e os transformou num único WhatsApp muito claro e sincero:

> Você é uma idiota, Melena.

Se você perguntar para qualquer pessoa de mais de quarenta anos, ela dirá que a adolescência é uma etapa dura, emocionalmente uma loucura e na qual as coisas ganham proporções exageradas. É curioso que todos os adultos saibam disso, respondam isso, mas depois tratem os conflitos adolescentes com frivolidade, diminuindo a importância deles e quase menosprezando seus tontos

problemas. Quando você é adolescente, vive tudo com muitíssima intensidade, mas não sabe disso até que cresce e chega a enxurrada de outros problemas, descobre que, na realidade, não valia a pena sofrer, mas isso é algo que não se escolhe. Você não escolhe vou sofrer isto, vou engolir este sapo ou vou chorar até o amanhecer... Às vezes sim, porque na adolescência podemos ser um pouco emocionalmente masoquistas, mas o normal é as coisas acontecerem e pronto, ninguém pode evitar a bala do desamor, a da traição, menos ainda se você caminha de peito aberto. E sim, são balas metafóricas, mas doem do mesmo jeito.

Se não, digam isso a Paula, que nesse mesmo dia recebeu um dardo no meio da cara, um dardo que ninguém havia lançado, que estava ali suspenso no ar e ela se aproximou sem mais nem menos para receber o impacto.

No que diz respeito a Samuel, ela estava lidando bastante bem. Como era algo entre ela e ela mesma, não tinha que dar explicações nem esperar respostas, nem nada. Só transitar por todas as maravilhas que seu amor secreto a fazia sentir e tratar de sofrer o mínimo possível a dor de vê-lo inalcançável, de notá-lo longe ou de se sentir pouca coisa, insegura. Com isso, Paula se sentia como uma grande cantora que se apresenta no *Operación Triunfo* e no dia do *casting* final perde a voz por causa do ar-condicionado, ou por ter se ensopado uma tarde debaixo de chuva. Sentia que Samuel e ela combinariam perfeitamente, mas havia dois fatores externos que impediam que ele soubesse desse fato:

um, a insegurança dela e o pânico de rejeição; outro, Marina. Por isso, a cada gesto dela para ele, cada vez que os via paquerar no corredor, o coração de Paula se despedaçava, ela podia notar a dor do seu coração reduzindo-se a pedaços e uma pressão no plexo celíaco que quase não a deixava respirar.

Exatamente isso havia sentido ao vê-los juntos fazendo o trabalho, sentados à beira do lago. Paula estava andando pela ponte que passa ali por cima e os encontrou sorridentes, gravando um ao outro com uma filmadora, entre risinhos e batidas tontas no braço. Não pôde negar o óbvio. Desejava que alguém viesse e lhe dissesse: "Não se preocupe, a Marina é lésbica", ou "Não se preocupe, a Marina tem namorado há anos e é superfiel, eles são só amigos", mas Paula sabia de fonte segura que não, que ela nem era lésbica nem tinha compromisso com ninguém, então essas aproximações entre os colegas de classe só queriam dizer uma coisa: eles se gostavam... E era mais que evidente.

O casalzinho se levantou e correu até chegar à ponte de onde Paula os espiava. Ela ficou muito nervosa, tentou controlar a taquicardia, mas foi impossível. Eles passaram ao seu lado velozes e nem olharam para ela, pois estavam concentrados demais um no outro. Paula quis morrer mais uma vez. Se conquistar Samuel fosse uma corrida, ela continuaria pregada na linha de saída, imóvel, petrificada, olhando para o chão, e Marina estaria quase chegando à

meta. Mas aonde estavam indo? Por que corriam desse jeito tão idiota? Não eram namorados, eram? Não, não eram. Não, não podiam ser ainda.

Paula começou a chorar de um jeito curioso. As lágrimas corriam por seu rosto, mas ela não moveu nem um cílio, não esboçou nem um gesto de dor, nem um cenho franzido, nem uma boca apertada, só deixava caírem as lágrimas e que fizessem seu caminho sozinhas. Como se um inseto a tivesse picado, começou a correr e até ela mesma se surpreendeu. O que estava fazendo? Por que corria? Não sabia, mas ali estava ela, correndo atrás de Marina e Samuel, sem objetivo e sem intenção, só estava correndo atrás deles.

Entraram na escola. Samuel continuava filmando a garota e diminuíram um pouco o ritmo, então Paula diminuiu também, principalmente porque não queria chamar a atenção ou levantar suspeitas de que estava brincando de espiã do amor em Las Encinas. O ginásio estava vazio até que entrou o casalzinho. Paula não queria que a descobrissem, então deu a volta para se esconder do outro lado, atrás da porta envidraçada do fundo, a fim de saber para que haviam ido ali. Iriam dar seu primeiro beijo? Se fosse isso, ela não queria ver, mas queria ver. Da onde estava não conseguia enxergar muito bem o que estava acontecendo. Marina havia tirado alguma coisa da mochila e colocado no chão... Uma caixinha de som. Ela a ligou e começou a dançar enquanto ele a filmava. Mas o quê...? Que tipo de...? Paula não estava entendendo nada,

principalmente porque ela própria tinha pavor de dançar na frente dos outros, e imaginava que seu suor nervoso brotaria sobre o lábio... Tinha uma vergonha extrema. Nunca teria dançado na frente de um garoto por simples vontade, mas Marina era diferente. Conhecia suas cartas e seus pontos fortes e os aproveitava ao máximo.

No ginásio não havia muito mais para ver. Então a pequena espiã foi embora com uma dupla lição aprendida: a primeira, que na corrida pelo amor de Samuel ela havia sido desqualificada por ser tonta, lerda e insegura; a segunda, que Marina não dançava tão bem quanto ela imaginava, mas isso não importava, porque Samuel a olhava como se fosse um Pokémon lendário, como se fosse a criatura mais maravilhosa da face da Terra.

*

A mãe de Janine ficou surpresa por sua filha, ao voltar da aula, não ter assaltado o armário da cozinha, principalmente porque havia um pote com *pestiños* feitos pela avó e o café da tarde era sagrado para ela; mas não, a garota foi direto para o quarto, jogou a mochila e também a si mesma na cama. Estava contrariada: se depois da festa da Marina ela havia se sentido uma mulher maltratada, a vítima da história etc., por que não podia parar de pensar em Mario?

Por que não posso parar de pensar nele? Tenho certeza de que ele também pensa em mim o tempo todo, por motivos diferentes. O

Mario pensa em mim porque me odeia. Isso está claro. Os olhos dele injetados de sangue no outro dia, as asas de suas narinas se abrindo e se fechando como um touro prestes a sair para a arena e os olhos semicerrados eram sintomas de uma coisa: ele me odeia e não vai vir com rodeios. Ele me bateu, sim, alguém poderia dizer que não foi para tanto, mas eu estava deitada, bêbada, tonta e muito confusa e o Mario chutou meu pé com violência. Poderia denunciá-lo por isso? Olha, a justiça deve ter casos de violência mais importantes para investigar, mas...

Para Janine, a violência do rapaz contra o pé dela estava virando uma bola de neve. Não parava de recordar o momento e o golpe era cada vez mais forte. Sim, haviam transado, mas esse repetente não tinha nenhum direito de fazer aquilo, não tinha direito de bater nela. Ele bateu nela. HAVIA SIDO VIOLÊNCIA. Bateu nela. A fogueira em seu interior crescia e estava cada vez mais incômoda. (Como iria comer *pestiños* se seu estômago estava cheio de fogo?). Sua mente, movida pelo fogo interno, disparou e começou a soltar as rédeas para as múltiplas possibilidades: podia denunciar Mario por aquilo, arruiná-lo, chantageá-lo, ridicularizá-lo; ou algo muito mais simples: quando se cruzassem no corredor, olhar diretamente nos olhos dele e, quando ele se virasse, cuspir-lhe a ameaça bem na cara...

Janine queria pôr um ponto-final em todos esses pensamentos. Não desejava e sabia que a vingança era um lugar muito cômodo, mas não queria que isso a corrompesse por dentro. Claro que não o denunciaria, não mesmo.

Tentou ler uns volumes velhos de *Marmalade Boy*, adorava essas histórias de mangá escolar, mas a sua cabeça não conseguia se concentrar, não parava de pensar no pé golpeado... E do pé passou à cara de mau humor de Mario, e da cara feia passou às suas mãos apertadas, e daí passou às mãos dele no corpo dela, e daí passou a pensar naquela cama e naquela vez, e daí passou a desabotoar a saia e daí a umedecer os dedos anelar e médio e soltar as rédeas da sua imaginação, apesar de não ter sido necessário porque ela se lembrava perfeitamente de tudo o que Mario fizera com o seu corpo naquele dia, e o corpo nu dele a fez esquecer, por um momento, do seu próprio pé golpeado e do conflito na festa da Marina.

Mario era um filho da puta, mas era o filho da puta que havia tirado sua virgindade. Então ela estava condenada a lidar com isso. "É má pessoa, é mau caráter e me despreza, mas sempre será o primeiro..."

*

Melena recebera o WhatsApp de Gorka, mas nem havia respondido. Não estava a fim de entrar nessas bobagens. Mas, claro, Gorka viu a marca azul de mensagem lida e o silêncio de sua ex-amiga era muito mais ofensivo do que se ela tivesse caído na provocação dele. O fato de Melena não responder era um silêncio cheio de frases tipo: "Você é um moleque imaturo", "Não vou entrar nessas bobagens", "Cresce, maldito imbecil"... E isso o enfurecia cada vez mais.

Gorka descarregava a sua raiva fazendo abdominais na academia, e o fato é que já não restava muita gordura para queimar em seu corpo; era um garoto musculoso, musculosíssimo.

Ele fez alguns *stories* na frente do espelho da academia com uma única intenção: que Melena os visse e soubesse que ele seguia em frente com a vida e que não dava a mínima para o fato de ela não ter lhe respondido. E mais, sua mensagem era uma sentença, não uma pergunta. Mas em sua carinha de *selfie* era quase possível ver a fumaça saindo por aquelas orelhas de abano que ele tinha.

Já no vestiário, Gorka tomou banho, tirou mais três ou quatro fotos na frente do espelho, na típica sessão "exibo bíceps, mostro a língua e me cubro com a toalha", e foi para casa andando. Colocou os fones de ouvido. Essa tarde estava muito Radiohead, que, ainda sem ser das suas bandas favoritas, era algo muito recorrente quando se sentia estranho ou confuso. Antes de chegar em casa passou pelo imenso jardim de Melena e pensou: "Que se foda". Quis tocar a campainha, mas, antes que pudesse apertá-la, os gritos provenientes de dentro da casa o detiveram. Escutou a mãe de Melena gritar como uma doida e a filha gritar de volta. Algo se quebrara, porque se ouviu o som de vidro estilhaçado... Gorka retrocedeu sobre seus passos disposto a ir embora, mas nos três degrauzinhos do jardim pensou que o melhor era interromper esse momento, que apesar de ela ter se comportado como uma imbecil, era sua amiga e estava

discutindo aos gritos com a mãe, e um bom amigo impediria a cena. Então voltou correndo e, quando ia tocar a campainha, a porta se abriu e ali estava Melena, com a cara péssima e o rímel escorrido.

Os dois se olharam fixamente numa pausa de dois segundos que para eles foi longa como um dia sem celular. E o que você acha que aconteceu nesse momento?

A. Melena se irritou horrores ao perceber que ele a estava espiando.
B. Melena deu um tapa na cara dele por causa da mensagem daquela manhã.

Pois nem A nem B, mas uma alternativa C, a mais inusitada para Gorka. Melena o abraçou, desarmando a atitude altiva e a fria expressão dele, mostrando o que todos já sabíamos: ainda que se fizesse de durona, Melena continuava sendo uma menina, uma menina que estava em apuros. O abraço deixou Gorka desconcertado, mas ele a abraçou com força como se não tivesse acontecido nada entre eles, como se continuassem sendo melhores amigos.

— Me tira daqui — sussurrou a garota.

E, sem perguntar nada, ele obedeceu e ambos seguiram rua abaixo como haviam feito tantas e tantas vezes.

Quando se sentaram no banco da rua Júcar, não foi necessário que Gorka perguntasse novamente alguns porquês, não. Ela própria tomou fôlego e vomitou toda a sua história.

— Eu não abortei. Fala sério! É verdade que disseram isso de mim? Não posso acreditar; olha que eu tenho tanta vida sexual quanto um sapato — dizia rindo entre lágrimas. — Nem fui fazer uma lipoescultura na Argentina. Sei que há gente, também, que pensa que fui dar uma puta volta ao mundo com a minha mãe. Mas se sou incapaz de ir com ela até a cozinha, como vou chegar ao aeroporto?

Gorka ficou calado, não queria dizer nada que a freasse. Só escutava com os olhos bem abertos.

— A versão oficial é que eu fui à casa da minha tia em Barcelona, porque a minha mãe tinha eventos e coisas, mas isso também é uma balela das grandes. Minha mãe não tem um contrato desde o maldito 2003. E a versão não oficial, a real, é que eu passei dois meses no centro de dependentes químicos de Matalascañas, e não foi como nessas clínicas de reabilitação onde a Lindsay Lohan esteve, eu garanto. Minha mãe está gastando a herança a uma velocidade que você nem imagina, e os rendimentos que entram não são nada. Recebemos o aluguel do apartamento da Castellana, mas não chega muito dinheiro em casa e ela continua vivendo como se fosse um maldito anjo da Victoria's Secret. Você acha que precisamos do motorista?

Gorka negou com a cabeça, porque sabia que era o que devia fazer. Melena bufou e secou as lágrimas com a mão; na bochecha, ficou uma linha preta.

— É claro que não, nem morar numa casa de treze cômodos, nem todos os casacos que ela tem, nem as aulas de

pilates particulares nem a sessão semanal de aplicações na cara que, como você deve imaginar, ela não faz nos fundos de um salão de beleza como uma mãe normal. Não me olhe assim. Sim, eu estive numa clínica de desintoxicação... E não é que me dava vergonha de te contar isso. É que pra contar eu precisaria ter começado contando quando comecei a ser uma maldita drogada dos comprimidos, e depois da cocaína, da key pra baixar a coca, do ecstasy pra dançar e esquecer de tudo, do diazepam pra poder dormir... E o segredo foi ficando cada vez maior, cada vez mais secreto, e preferi engolir e engolir e engolir, e não tenho vontade de voltar atrás pra revirar a merda. Eu tive uma overdose, Gorka. Saí pra uma balada e acabei largada na pista de dança, deitada no chão, com a cara e o cabelo cheios de vômito, inconsciente e pisoteada como se tivesse estado debaixo de uma luta de elefantes. Fui encontrada quando acenderam as luzes pra fechar. Ninguém me ajudou, ninguém me socorreu, as pessoas viram eu me arrastar pelo chão e devem ter pensado: "Olha, mais uma drogada, outra que chapou...", e me dei por vencida. Chamaram uma ambulância, me levaram pra um hospital e a minha mãe deu entrada pra me desintoxicarem, e pra ela foi ótimo, pra se desintoxicar de mim, porque conheceu um cara no Raya, o Tinder dos famosos, e foi curtir o verão... Aquela vaca. Enquanto eu estava trancada num quartinho batendo a cabeça e me alimentando à base de arroz branco. Pensei em morrer várias vezes. Muitas. Você entende eu não ter te contado

nada? Não é que eu tenha pensado que você não saberia lidar com isso, é que eu não queria que mais gente me desse sermão ou que você se sentisse culpado por não ter podido fazer nada por mim, e suponho que não quis te decepcionar. Foi uma merda, Gorka, e a verdade é que se você tem um pingo de inteligência pode enganar Deus e o mundo nesse tipo de clínica. Acho que as instituições caras são diferentes, mas nas baratas você é só mais um número. Ninguém se importa se eu me curo ou não, ninguém ali dá a mínima para mim, por isso foi muito fácil me fazer de boa menina, a que segue os tratamentos à risca... E não, eu não me drogo mais, quase. Maconha e tal sim, mas do resto nada, e não porque tenham me ajudado na clínica ou porque eu tenha tocado a mão de Deus. Estou limpa porque sou uma mina esperta e estava acabada, e olha a pele, destruída. Muito mal. Suponho que quando me pisotearam foi o auge, ou seja, o fundo do poço, e não precisaria ir a nenhuma clínica para saber que eu tinha que mudar e parar de me afundar. Sim, Gorka, sua melhor amiga foi uma maldita drogada, mas foi em segredo... Você está chorando? Por quê?

Ele havia começado a chorar, mas não como Paula chorou ao ver Marina dançar, não; ele havia começado a chorar como um menino, com a cara enrugada e com um punhado de lágrimas escorrendo pelas bochechas. Não sabia o que dizer e havia reagido assim, chorando.

Doía saber que sua amiga estivera mal, que fora tão reservada e não tinha lhe contado nada. Por mais que

Melena insistisse que era um osso duro de roer e que ninguém podia ter ajudado, ele se sentia culpado por não tê-la tirado dessa balada pelos cabelos se tivesse sido necessário, por não ter pegado na mão dela quando estava mal, quando começou com isso... Sentiu-se frustrado por ser um mau amigo, ainda que não estivesse a par do problema; devia ter percebido em vez de estar tão preocupado com seus *stories*, seus seguidores, seus abdominais... Mas também era certo que Melena era muito esperta, muito, e mentia superbem, e era muito difícil penetrar essa sua mochila cheia de coisas obscuras.

O surpreendente para Gorka era não ter chamado sua atenção que ela tivesse caído nessa. Conhecia milhares de casos de meninos com dinheiro que acabaram se afundando em segredo, e de pais que não se deram conta até que fosse tarde, até que os encontrassem com overdose no quarto e tudo o mais. Era algo lamentavelmente habitual; a cada ano em Las Encinas havia três ou quatro mortes por isso. Mas ela era... ela era.... era sua amiga, e isso lhe doía muito. Teria centenas de perguntas a fazer, mas não quis continuar incomodando, então se aproximou ainda mais da garota e ambos se fundiram no abraço mais sincero e adulto que jamais haviam se dado.

Gorka e Melena estavam voltando a ser amigos, mas provavelmente haviam subido três ou quatro degraus na maturidade de sua relação.

— É muito triste isso que está me contando, mas você é muito cretina. Falar para o Martín que a gente não se dá bem pra fazer um trabalho juntos... Que filha da puta! Então melhora essa cara; vamos colocar a mão na massa e fazer o melhor trabalho da sala inteira.

Ela sorriu, limpou o rímel escorrido com a mão e concordou, oferecendo o punho para ele tocar. Tocaram.

Hoje eu imaginei que tinha amarrado você numa maca. Cortava, um por um, os cachos do seu cabelo e obrigava você a comê-los. Enfiava todos na sua boca e a costurava para que você se calasse de uma vez por todas. Depois, pegava uma faca e fazia pequenos cortes na sua cara, pequenos mas bem profundos, e colocava sal em todos eles. Adoro a ideia da sua cara desfigurada, você não seria mais tão incrível se estivesse deforme, nenhum garoto ia querer te beijar se você parecesse o maldito corcunda de Notre Dame. Não contente com isso, também fantasiei com jogar ácido por todo o seu corpo e depois enxaguar com água pra não te matar. Se você morresse, eu não poderia desfrutar a sua ruína. Quero que todos vejam o monstro que você é na realidade. Você tem essa carinha de anjo, mas sei que está podre. E então, depois da humilhação da rejeição social, então sim, eu a mataria, não poderia evitar, porque eu quero você morta, enterrada, longe deste mundo. Morra, Marina, morra de uma vez por todas...

Capítulo 3

“PUTA GORDA”. Duas palavras que alguém havia escrito com canetão preto no armário de Janine. Na segunda-feira de manhã, a senhora da limpeza se apressou em limpar antes que chegassem os alunos e a puta gorda em questão. A propósito, a coitada não era nem uma coisa nem outra. Janine não era gorda. Se desaparecesse, seus pais não a descreveriam na delegacia como gorda ou cheinha, porque ela não era. Não era magra, não, nem havia passado por uma anorexia como grande parte das garotas da sua sala. Mas taxá-la de gorda era ser muito impreciso com os insultos. Você podia dizer que ela tinha nariz de espantalho ou pés grandes, ou dedos roliços, mas gorda, Janine não era.

A faxineira não estava se esforçando só por isso. Não sabia de quem era o armário. Empenhava-se porque ela sim tinha sido gorda e fora torturada na escola pública até dizer chega, e achava que não seria uma grata surpresa para a dona do armário quando ela chegasse para deixar suas coisas... Se pudesse poupá-la do mau momento, faria isso, ainda que tivesse que gastar as unhas. Fazia-o por isso e

porque a diretora Azucena queria o colégio brilhando, nada de chicletes debaixo da mesa, nada de bolas de papel alumínio no chão e, claro, nada de pichações obscenas ou insultantes nos armários. Mas por mais que ela tenha se empenhado, esfregando como se quisesse fazer aparecer o gênio do armário, o autor de tal pichação se encarregara de escolher uma boa caneta permanente para que ninguém pudesse apagar, e foi isso o que aconteceu: a pichação permaneceu até que Janine chegou e deparou com esse tabefe no meio da cara em forma de duas palavras com nove letras maiúsculas.

Primeiro, ela ficou nervosa, muito, e olhou para os dois lados do corredor como se estivesse num filme de terror, como se pudesse encontrar o autor entre a multidão. Quis chorar, mas não chorou; quis gritar, mas teria parecido uma louca. Quis esconder a ofensa, mas não soube como. Respirou fundo e pensou que os problemas só podem ser solucionados com as virtudes de cada um, e se ela tinha uma era a de desenhar bastante bem. Estava um pouco limitada, porque só desenhava garotas de mangá, mas tirou suas canetinhas da bolsa e em três minutos transformou o seu "PUTA GORDA" numa garota sorridente com um vestido espacial e uma pistola laser, antes que tocasse o sinal e até mesmo antes que Paula e Gorka se encontrassem na porta da sala e se cumprimentassem de um modo um pouco desconfortável. Muito desconfortável, na realidade. E tudo porque dois dias antes, no sábado à noite, eles tinham

dormido juntos, e com “dormir” eu não estou me referindo a dormir...

Mas como haviam chegado até ali? Por que eles haviam transado? E quem escrevera aquilo no armário de Janine? Sim, tinha sido quem você está pensando.

Talvez seja melhor retroceder dois dias, só dois, e voltar para aquela noite de sábado em que uma festa faria a vida dos protagonistas dar um giro e as coisas passarem dos limites.

*

Havíamos deixado Melena e Gorka sentados num banco, voltando a ser amigos, e Janine, masturbando-se, pensando no seu torturador. Por sua vez, Paula estava totalmente ferida vendo que havia perdido o jogo do amor de Samuel, um jogo no qual nem sequer havia lançado os dados. Bem, as coisas mudaram numa noite. Uma noite qualquer. Aquela noite de sábado.

Fazia tempo que eles não se reuniam para beber, e embora Melena estivesse relutante, depois que se reconciliaram naquele banco perto da casa dela, Gorka insistiu que a amiga devia retomar as rédeas da própria vida. Não é que ele estivesse incitando uma ex-viciada em drogas a se embebedar, mas tinha uma vontade louca de que as coisas voltassem ao seu lugar e, principalmente, queria e precisava de alguma desculpa para poder se aproximar um pouco mais de Paula, que desde o início das aulas parecia

estar em outra sintonia. Então ele criou um grupo de WhatsApp chamado “Hoje à noite bebemos” e adicionou suas três amigas.

Não, não tinham mais amigos, é nisso que dá não ser dos populares da escola, mas também não acreditavam precisar. Para todas elas, o convite era um pouco inoportuno, mas era certo que não haviam se divertido desde o fim das férias, porque a festa na casa da Marina fora um “meh” completo. Então todas elas enviaram emoticons de confete, carinhas felizes, brindes de cerveja e essas coisas que sintetizam emoção sem se comprometer nem dizer o que estavam pensando na realidade: “Que droga. Não estou com vontade porque estou apaixonada por um cara que parece o Harry Potter e que não sabe que eu existo”, ou “Aff, acho péssima ideia, porque estou me torturando por ter perdido a virgindade com um cara que está me ameaçando”... É melhor um sorriso com ou sem olhos fechados.

Para Janine não era difícil comprar álcool, porque, como era um pouco maior do que os demais, sempre passava e nunca pediam a identidade dela no supermercado, então costumava se encarregar disso. Como gostava muito de interpretar, era muito dramática; quando chegava no caixa com umas garrafas de vodca, de gim ou do que fosse, fingia ser uma alcoólatra depressiva. Mandava bem no papel, apesar de ninguém saber que estava atuando. Umedecia os olhos, baixava o olhar e seu ritmo passava de *allegro* a lento... Era uma bobagem, mas ela se sentia a Meryl Streep.

Combinaram por volta das dez, depois de jantar. As garotas nem se arrumaram, porque, afinal de contas, para beber no parque... Decisão da qual se arrependeriam depois. Principalmente Paula.

Melena se encontrou com Gorka na porta da casa dele e desceram a ladeira juntos. Ela insistiu em dizer que aceitou ir, mas que não ia falar nem de drogas, nem de desintoxicações, nem de famílias desestruturadas, por isso o avisou para fechar o biquinho (ela falou exatamente isso). Então passaram na loja dos pais de Omar e Nadia para comprar um pouco de gelo e foram os primeiros a chegar na praça.

Melena se sentia muito desconfortável, porque, apesar de Janine e Paula – que tinham bastante experiência nas relações entre amigas – estarem facilitando para o lado dela, ela sentia que estava enganando as duas. Não era enganar, era esconder um segredo por escolha própria. Saber que ela havia estado inconsciente com o cabelo cheio do próprio vômito não ia enriquecer nenhuma de suas amigas. Para que contar, então? As garotas ficaram na delas; sabiam que Mele não estava passando por seu melhor momento e facilitaram seu caminho à bebedeira e à normalidade sem perguntas, sem julgamentos e sem rancores. Ela havia ignorado completamente as duas, mas hoje estava ali sentada com um copo de *calimocho* na mão e isso era o que importava.

O que começou como uma noite um pouco tonta na qual comentavam frivolidades daquele *reality* ou dessa outra série

logo virou pura fofoca quando Paula, um pouco bêbada, perguntou a Melena se Lu e Carla as haviam mencionado alguma vez. A garota teria gostado de dizer que sim, que eram um assunto recorrente, mas, para a loira com os peitos mais lindos de toda Las Encinas e para a mexicana, Paula e Janine eram menos que um zero à esquerda. Realmente as viam como figurantes na vida delas. E o que fazem as grandes divas com os figurantes? Elas os ignoram como se fossem acessórios falantes, parte da cenografia. As populares não eram vilãs, não, pelo contrário, eram bastante *polite* quase sempre, principalmente se você as pegasse de bom humor e não estivessem imersas em seus próprios turbilhões, mas não mantinham nenhuma relação. Era parte da discriminação estudantil. Com Melena era diferente, porque em um momento foram mais amigas e, embora depois tenham se distanciado, não podiam dar a ela diretamente a categoria de figurante: era como figurante com fala, outra coisa, um patamar acima.

Ainda assim, Mele preferiu não se comprometer e sair pela tangente. Isso foi o que fez desde o primeiro brinde: sorrir diante dos comentários tontos de seus amigos e se comprometer pouco. Não queria se abrir, não queria contar suas coisas, e os problemas banais do resto dos mortais lhe pareciam uma tremenda estupidez. Melena não estava ali realmente. E então tiveram um debate muito tonto, mas necessário, sobre como o Facebook estava obsoleto.

— Já passou totalmente de moda — dizia Gorka —, as pessoas não entram mais.

— Eu entro, não sempre, mas entro, olha... — disse Janine, mostrando como entrava no aplicativo.

Todos riram dela, mas o debate e as risadas acabaram quando viram um evento criado por Samuel e para o qual não estavam convidados, um evento chamado "Festanza" (sim, com z) para aquele mesmo sábado, enquanto eles estavam bebendo um vinho ruim misturado com Coca-Cola em enormes copos de plástico. Criou-se um silêncio na praça. Paula encheu seu copo e tomou um grade gole; o evento e o fato de não ter sido convidada demonstravam mais uma vez o que ela já sabia, mas ainda assim o cérebro gosta de enfatizar o óbvio e nos fazer sofrer um pouco mais, por isso a frase "Não sabe quem você é, te ignora" ressoava aos gritos dentro da cabeça dela, até que Melena quebrou o silêncio e os olhares mútuos.

— É normal a gente não ter sido convidado. É uma festa na casa dele, não deve caber muita gente. Eu nunca falei com esse garoto. E vocês?

Eles se olharam novamente. Gorka disse que não, que alguma vez no vestiário haviam trocado duas ou três palavras tontas ou que na aula de Educação Física havia lhe dito algum "Passa a bola" ou "Aqui, aqui", mas não eram nem de longe o que vem a ser amigos. Janine terminou seu *calimocho* e, exagerando na arrogância (e na falta de educação), jogou o copo no chão e disse:

— Vamos. Eu vou. Ou seja, não importa que não tenham me convidado, é uma festa, e uma vez que tenha alguma coisa interessante pra fazer nesse lugar, não pretendo ficar em casa. Tive uma semana de merda e mereço algo melhor do que estar enchendo a cara numa droga de uma praça, que, olha, eu adoro estar com vocês... Adoro que a Melena tenha vindo, mas sinceramente estou de saco cheio disso de ser os menos importantes de Las Encinas. Não, não quero. Não. Por que as pessoas menosprezam a gente desse jeito? Não, de verdade, ou seja, é que olha... Ele convidou quase a sala inteira, menos a gente, e isso porque ele parece legal e tal... E não, a gente não o conhece, eu nunca falei com ele, é verdade, mas é que ele também não facilitou, também não se aproximou pra me perguntar alguma coisa, pra ver como eu estava ou simplesmente pra se apresentar como fazem as pessoas nos filmes americanos quando mudam de vizinhança. Eu não quero um bolo, mas, se você vai fazer uma festa num sábado à noite, tenha a decência de convidar a sala inteira. E se não, vamos, que me expulse da casa dele se tiver coragem, maldito garçom.

Entre o álcool e a luz zenital do poste de iluminação, o *speech* de Janine saiu ao mais puro estilo *Coração valente*, mas convenceu os seus colegas. Conferiram o álcool que restava e isso lhes pareceu o melhor convite para uma festa à qual não tinham sido convidados. Melena disse que achava ótimo eles irem, mas ela que não estava animada para seguir e preferia ir dormir logo, então se despediu amavelmente e foi embora.

Quando Gorka, Janine e Paula chegaram à casa de Samuel, a festa já estava no auge: pessoas bêbadas dançando loucamente, gritaria, risadas exageradas e um punhado de adolescentes jogando verdade ou desafio e beijando uns aos outros. Um descontrole que provocou coisas totalmente diferentes em cada um deles. Para Gorka, dava no mesmo não ter sido convidado, porque se sentia em casa e foi direto para a mesa das bebidas, seguido pelas garotas. Samuel os viu do sofá e se levantou.

— Oi, Samuel, tudo bem? — disse Gorka enquanto se servia uma bebida. — Olha, trouxemos umas coisas, pois não sabíamos como estavam de álcool por aqui.

Paula, que já estava um pouco alta, corou ao ver Samuel diante dela e afastou o olhar, não queria que ele pensasse que a iniciativa de entrar de penetra na festa havia sido dela, então preferiu se manter à margem e se calar. Mas isso não era problema, porque Janine estava possuída pelo espírito da segurança nesse dia e tinha confiança para dar e vender:

— Que feio, Samuel. Dar uma festa e não nos convidar... Você é o novato da turma e nós os veteranos, um pouquinho de respeito, por favor.

Samuel se desculpou, sentindo-se péssimo pelo erro e explicando que a festa havia sido coisa do seu irmão e que ele havia convidado as pessoas meio ao acaso.

— Desculpem, de verdade, foi um erro e uma confusão. A partir de agora eu os convido à festa, vamos, convidados, divirtam-se.

Dito isso, Samuel voltou ao grupinho de verdade ou desafio, e os garotos ficaram mais tranquilos, talvez tranquilos demais. Dançaram, beberam, conheceram um monte de gente que nunca tinham visto na vida e se sentiram incluídos. Bastante incluídos. Porque numa festa, e sem uniforme, não há nem populares nem marginalizados, nem novos ricos nem herdeiros.

Marina, que sem dúvida era a alma da festa, aproximou-se de Paula, que ficou bastante surpresa. O que essa garota tinha para ser um ímã para todos? Estava usando um coque malfeito, camiseta regata um tamanho maior do que o que marcaria a sua silhueta e uma calça velha, mas havia algo nela que fazia que todo mundo a olhasse. Talvez fosse a sua despreocupação, o seu desleixo, a sua pouca intenção de andar se explicando. Um estranho poder que a colocava no topo da escada, bem no alto, e ainda que fosse uma garota muito natural e nada arrogante, era inegável que atraía todos os olhares. Marina estava ausente muitas vezes, mas, quando prestava atenção ou sorria para você, o céu se dissipava por completo, e isso aconteceu com Paula. Tinha inveja e detestava um pouco a garota pelo que ela representava, não era nada pessoal, mas claramente o garoto que a deixava louca estava hipnotizado pelo poder da jovem de cabelos cacheados tingidos de acaju.

— Paula! — soltou a garota enquanto pulava na direção dela e lhe estalava um beijo na bochecha. — Como está bonita.

Paula duvidou que isso fosse verdade, porque não estava maquiada, não tinha alisado o cabelo e usava uma camiseta regata que, sim, era do seu tamanho, mas que não era muito atraente, só funcional.

— Obrigada.

As duas travaram uma rápida conversa sobre álcool, sobre um bêbado muito chato que não parava de incomodar as pessoas, ou sobre como os novatos eram legais. Depois de três ou quatro respostas, Marina saiu de cena e voltou para a pista, e, da mesa, Paula continuou a observá-la, quase como se estivesse fazendo um estudo exaustivo para averiguar o dom da menina; parecia a narradora de um documentário sobre animais, mas fazia a narração por dentro, e em vez de falar de formigas nigerianas, enumerava as qualidades dessa garota que de longe não parecia nada, mas que de perto tinha a essência de um anjo.

Esse pensamento levou Paula a perceber que, se chegasse um alienígena mágico de outro planeta e lhe concedesse um desejo, ela não hesitaria: trocaria a si mesma por Marina, sem pensar. Imaginar-se no corpo dela e com a vida dela lhe pareceu empolgante, mas durou três segundos, porque em seguida reparou em algo que não era nada divertido: ter dezesseis anos e querer ser outra pessoa não soava nada bem. Paula não tinha queixas de si mesma, não se torturava quase nada, gostava de si e gostava do que o espelho lhe devolvia a cada manhã, mas é certo que não havia brilho nela e isso é algo que se tem ou não se tem, pensava; você

não pode fazer um curso, não pode ver um tutorial no YouTube para ficar magnética e ter carisma como Marina. Não. Por isso ficou triste, não pelo fato de não poder mudar, mas pelo fato de querer mudar e de não se sentir confortável consigo mesma. Sim, Samuel tinha muito a ver com tudo isso. Sabia que ele comia na palma da mão de Marina, era só dar uma olhada na improvisada pista de dança que havia sido montada na sala. E isso, como sempre, doía.

Tenho que pegar o touro pelos chifres. Bom, nunca soube muito bem o que quer dizer essa expressão; olha, o que quer dizer, sim, mas acho um pouco tonto pegar um touro pelos chifres... Se eu vir um touro vindo, sinto-me muito mais confortável e segura me escondendo atrás de uma barreira, protegida, vendo o perigo se afastar. Isso é ruim? Eu acho que não. Porque você pode sair por aí, pegar o touro pelos chifres e depois faz o quê? Hein? Espera até alguém vir com um tranquilizante para animais grandes e nocauteá-lo? Até alguém disparar um dardo sonífero nele? É que é muito fácil dizer "o touro pelos chifres", mas quando você o pega, o que deve fazer? Suponho que esperar que surja o flautista de Hamelin e o leve embora tocando uma melodia.

É muito mais fácil se esconder do problema, não o enfrentar de jeito nenhum, porque, claramente, entre um touro grande, um miúra no qual acabam de cravar uma estaca enorme para que saia bem bravo à arena, e uma garota de dezesseis anos com pouca graça e pouco brilho, sei quem sairia com várias chifradas e pisoteada pelo animal. Eu não tenho bandarilhas nem nada com que enfrentá-lo, portanto prefiro ficar quieta sem fazer nada e

esperar os problemas se desvanecerem, que o touro amanse e que as pessoas se dirijam da praça às suas casas... Metáforas à parte, odeio os touros e as touradas, e não entendo como no ano em que estamos continuem perpetuando essas tradições tão absurdas.

Gosto de mim mesma, de verdade; se não gostasse, mudaria o que fosse preciso, mas eu gosto, pelo menos gosto do meu físico, e isso, quando você tem dezesseis anos, te coloca numa porcentagem baixíssima de gente confortável com a própria aparência. O que me incomoda é a minha falta de iniciativa, é eu me censurar por achar que as minhas opiniões não vão interessar a ninguém... Não posso evitar. Não me considero tonta, mas com o tempo fui dando o poder aos demais, o poder de não me escutar ou de não se interessar por mim, não sei. De qualquer forma, deveria ser mais atirada, me forçar a ser mais aberta e carismática e não me reprimir quando sentir impulsos que me façam querer chamar atenção ou dar uma informação importante. Mas como? Muito fácil, vou começar me servindo outro calimocho.

E depois se serviu outro e depois mais outro para ver se o álcool a desinibia um pouco. Mas não era verdade que Paula passava despercebida entre a multidão, não. Havia alguém que não tirava os olhos dela. Gorka, sim, era capaz de ver todas as virtudes que ela acreditava inexistentes em sua personalidade. Ele, sim, achava-a encantadora, carismática, magnética e imantada. Às vezes, nós mesmos colocamos a venda em nossos olhos. Ele sentia algo parecido com o que ela sentia por Samuel, mas mais sujo. Porque Gorka podia pensar nela em todo tipo de cena quente. Muitas. Cenas

picantes que começavam quase sempre igual, com ela tomando a iniciativa e se ajoelhando na frente dele bastante decidida. E tinham finais muito variados: na imaginação dele, o adolescente de orelhas de abano havia transado com Paula em cima da máquina de lavar roupas, nos bancos do vestiário, na carteira da escola e depois na mesa de Martín, no meio do parque, entre dois carros (isso é muito recorrente entre os jovens), numa piscina (ele não sabe como é desconfortável, porque não tem experiência). Gorka pensa muito muito muito em transar com ela. Mas não é só sexo: está gamado nela, e se ela quisesse, ele poderia ser seu namorado e esperaria o que fosse preciso para poder transar com ela em cima da máquina de lavar roupas. Isso não era um problema. Até onde ele sabia, ela não estava com ninguém e nunca tinha comentado que gostasse de ninguém. Por que não ia ser recíproco?

Eu não sou feio. Se ela não gostar de ninguém e eu chegar nela, talvez se arrisque e saia comigo, mesmo que seja pra experimentar. Isso pode ser como o Spotify: você pode ter por um mês e se não gostar, bom, tchau. Não sei... Melhor do que estar sozinho. Vamos, é o que eu acho. Estou louco por ela, mas se não estivesse e a achasse mais ou menos legal ou bonita e ela me pedisse para sair ou só ficar eu diria que sim. Tá, estou tão saidinho que diria sim quase a qualquer uma. Quase. Bom, pra experimentar... qualquer uma pode servir, todas as minas têm seu ponto, e pra dar uns beijos... Beijos. Beijar. Beijar-se. Na verdade,

é do que eu mais tenho vontade e faz tempo que não dou uns beijos em alguém.

O que a Paula faria se eu fosse até a mesa onde está apoiada e lascasse um beijo na boca dela? Retribuiria? Me daria um fora? Provavelmente ficaria brava comigo ou talvez não levasse a sério, como se fosse uma aposta ou uma brincadeira. Droga, acho que estou bem bêbado e sinto fogo dentro de mim... Por causa da pizza congelada de atum e cebola e porque estou morrendo de vontade de que alguém me toque... Olha, agora ela está sozinha. Vou e lasco um beijo nela? Será? É sem noção, né? Mas olha que boquinha ela tem e como está bebendo desse copo de plástico. Não está usando gloss, nem nada, não está maquiada porque a festa pegou a gente de surpresa, mas a sua boca não me pegou de surpresa, eu a conheço bem, muito bem, porque várias vezes me imaginei enfiado lá dentro, pensei que acariciava esses lábios com os meus dedos, que pegava no rosto dela com as mãos um pouco ásperas de puxar ferro. Tenho que usar um daqueles hidratantes da minha mãe ou algo assim, pois também não quero machucar as garotas quando as acariciar, mas é que me saem uns calos na palma das mãos que são tudo menos agradáveis. Bom, sempre escutei que as minas gostam um pouco disso de ser bruto, e afinal de contas, se eu estou me matando é pra elas, então que não reclamem. Será que eu a beijo? Vou e a beijo? Sem falar nada? É que, na verdade, imaginar um monólogo tonto de "oi, você é muito legal, eu gosto de você, você gosta de mim?" me dá preguiça, não é o meu estilo, e se era já não é mais. Eu sou bonito,

ela é bonita. Ela está solteira e eu, mais ainda, então vou lá. Olha só que boca. Vou dar um beijo nela. Vou, sim.

Gorka abriu passagem entre as pessoas que estavam dançando e andou com o olhar fixo em Paula, que se movia, mas pouco, apoiada na mesa. Ele umedeceu os lábios, aproximou-se dela. Ela olhou para ele desconcertada e perguntou um não muito amável "O que está fazendo?" que pouco importou: em vez de ficar na dele, Gorka avançou, projetou os lábios como uma bala, pegou-a pela cintura e zás! Beijo. Primeiro, Paula fez menção de afastá-lo, de empurrá-lo e de tirá-lo de cima dela com nojo, mas a língua do garoto abriu passagem entre os seus lábios até roçar a dela. E como se fosse parte de um feitiço, ela ficou quieta. As mãos que haviam tentado afastá-lo relaxaram e o pegaram pela nuca, e o feitiço também ativou sua língua, convertendo o beijo num emaranhamento úmido entre ambos. Haviam bebido, mas nada tinha gosto de álcool ali, e continuaram se beijando até que alguém parou a música.

Nano, o irmão de Samuel, pegou um microfone e começou a cantar um rap. Em outras circunstâncias, Gorka teria olhado para outro lado, com vergonha alheia; ele achava as pessoas que faziam rap ridículas e não gostava nem um pouco, mas nesse momento a voz de Nano lhe lembrava a música brega do *Ghost*. Havia beijado a garota de quem gostava e ela não parecia muito incomodada.

Paula e Gorka se separaram; ele levantou as sobrancelhas e esboçou um "uau" com um sorriso inocente. Ela tinha uma

expressão difícil de ler. Parecia maravilhada e descontente e feliz e enfurecida, tudo numa única careta. Como se você enfiasse todas as cores de guache num copo e as misturasse com um pincel. Fica uma cor tão estranha, tão difícil de catalogar que as crianças pequenas costumam chamar de "cor cocô". Paula não tinha cara de cor de cocô, não: suas bochechas estavam coradas e ela sorria, mas estava confusa pelo que havia acontecido. Tinha gostado daquele beijo roubado.

Gorka me beijou. Por quê? NÃO FAÇO IDEIA. Com que motivo? Que intimidade estranha... Talvez tenha sido parte de uma aposta ou de um jogo esquisito, mas foi muito creepy. *É verdade, ele beija superbem, a boca dele parece ter sido feita pra minha. Não paro de pensar naquela música "Física o química", "tu saliva en mi saliva...". Beijar um amigo é ruim? Pois eu te digo que, se você beija como o Gorka, não é nada ruim, é muito bom. E também não precisa de nenhum compromisso. Mas, pra ser sincera, quando ele me beijou e me soltou e eu me deixei levar, pensei no Samuel, fechei os olhos e imaginei que ele estava me beijando. Isso faz de mim uma vadia? Nem um pouco, nada disso. O Gorka me beijou sem meu consentimento, e eu preferi aproveitar o que estava acontecendo comigo: pegar o touro pelos chifres, por fim, e usar o conflito em meu favor. Um garoto te beija de surpresa, então você pensa no que realmente gosta. É, soa horrível, mas por um momento eu estive nos braços do Samuel e a língua dele estava se esfregando na minha, como uma dança no fundo do mar, como uns golfinhos correndo e girando ao redor deles mesmos na nossa*

boca. O Samuel me beijando. Sei que não é a realidade, sei que não aconteceu, mas agora estou taquicárdica e perdida.

Sem dizer nada, Gorka pegou a mão da garota e a levou para mais perto de Samuel e Nano, que continuavam dando o show de rap deles. Não a soltou. Gorka agia como se fossem namorados a vida inteira, e Janine, que tinha visto o beijo do outro lado da sala, buscou a cumplicidade de Paula e lhe perguntou com os olhos "QUE MERDA VOCÊ ESTÁ FAZENDO?". Paula se limitou a levantar os ombros e a continuar como se nada tivesse acontecido. Haviam bebido muito, demais, e a percepção da realidade e seus limites estava um tanto prejudicada. Como você não vai ultrapassar uma linha se não a vê muito clara? Você intui o que está certo e o que está errado, mas está tudo tão confuso que é melhor desistir disso, não tentar entrar em nenhum padrão estabelecido. Ao fim e ao cabo, era o que Paula estava se pedindo: ser ela mesma, fluir, não pensar tanto e ser ativa, tomar iniciativas. Então, a efervescência interna que estava sentindo por causa do beijo de Gorka/Samuel se traduziu num sussurro no ouvido de seu amigo pedindo que a levasse dali, e ele concordou e, sem soltar a mão dela, a tirou da casa do garoto que ela amava. Sabe esse jogo de quermesse que é uma cabeça de palhaço pintada numa tábua de madeira com a boca bem aberta pela qual você tem que acertar umas bolas de tênis para ganhar um urso de pelúcia? A cara de Janine estava exatamente assim. Uma cara perplexa com a boca bem aberta que tinha acabado de ver seus dois melhores

amigos se beijando numa festa e indo embora juntos, de mãos dadas, provavelmente para... para isso.

*

Não era a primeira vez que Paula ia ao quarto de Gorka. Não, até parece. Havia estado lá várias vezes, inclusive os pais dele a cumprimentaram com normalidade, mas nunca estivera ali sozinha. Ambos estavam nervosos e muito sem graça. Sabiam o que tinham ido fazer e não podiam acreditar que isso fosse acontecer de verdade. Ele se masturbara tantas vezes pensando nela naquela cama onde agora ela estava sentada. Ela só tinha uma coisa na cabeça: Samuel. Sabia que queria fazer isso e sabia que estava sendo um pouco cruel ao usar o amigo como ferramenta sexual, como objeto, mas era o preço a pagar por nenhum dos dois ter coragem suficiente para exclamar um "Que caralho estamos fazendo?!". Ele não disse nada além de "Quer que eu apague essa luz?", referindo-se à lâmpada que mostrava todos os temores deles. Ela assentiu e ele apagou a luz, tirou a camiseta e se apoiou no armário, tampando com seu corpo metade do pôster do Dani Pedrosa. Gorka não era gay, mas gostava de moto.

Paula tirou a camiseta, como se não fosse a primeira vez que fazia isso na frente de um garoto; ele tirou a calça e ficou de cueca. Uma cueca boxer justa que não deixava muito a imaginar, porque a situação parecia a mais excitante para ele. A luz da luminária lava lamp (Gorka não nascera nos

anos noventa, mas tinha uma luminária lava lamp) potencializava muitíssimo a sombra sobre os quadradinhos dos seus abdominais e Paula ficou abobada olhando o corpo dele, algo que por alguns segundos tirou Samuel da cabeça dela.

— Vou? — titubeou Gorka.

— Claro, vem — respondeu ela.

Ele avançou lentamente, mas com um sorrisinho, como uma criança com um monte de presentes para abrir no Natal. Paula imaginou que ele se deitaria sobre ela, mas Gorka tinha outra ideia: a noite era muito longa, então se ajoelhou na frente dela, que permaneceu sentada na cama, tirou-lhe a saia e depois a calcinha de algodão – de um kit com três da Women'secret –, separou suas pernas delicadamente olhando-a nos olhos e escondeu a cabeça entre elas... E nesse momento a língua de Gorka se converteu na de Samuel por arte de magia; já não havia nada de Gorka naquele quarto, só estavam Samuel e Paula, que perdia a virgindade com o garoto que a estava deixando tão louca. Nunca ninguém a havia beijado ali, nunca ninguém havia tocado suas áreas mais íntimas, mas ela não ia interromper a cena. Não se sentia muito confortável, não se sentia muito limpa, mas não importava: se aquele garoto queria fuçar por ali, que fuçasse, porque era superprazeroso. Então o deixou um pouco mais, e outro pouco, e quando viu que podia gozar e que o final estava perto, preferiu levantar a cabeça dele, porque isso sim seria uma interrupção.

Gorka se levantou, ficou de pé na frente de Paula e tirou a cueca sem pudor, sem fazer nenhuma gracinha e sem sensualizar, cueca fora. Havia um ponto quase de exibição, porque o garoto começou a se masturbar sem medo de ser visto, desfrutando ao ver o corpo nu dela, que acabava de tirar o sutiã. Aproximou-se de novo e se deitou por cima dela enquanto voltava a beijá-la. Um novo beijo mais selvagem e úmido que o que haviam trocado na festa, mais caótico, mas igual em diversão; não havia dúvida, Gorka era um grande "beijador", ainda que Paula não valorizasse isso, porque era com Samuel que ela estava... Tanto que voltou a imaginá-lo, agora, enquanto o garoto entrava nela suavemente.

Samuel respirava pela boca enquanto entrava dentro de mim. Dentro de mim. Ele estava dentro do meu corpo e dali podia ver todos os meus segredos. Poderia ver todos os meus sonhos? Claro que poderia, e tocá-los, se quisesse. Doeu, doeu um pouco, mas eu não quis parecer pouco experiente, então tentei controlar cada músculo do meu rosto para parecer uma mina sexy e não uma menina que sofria, mas o certo é que senti uma vara de ferro ardendo que me lacerava um pouco. Samuel tocou com seus dedos as gotinhas de sangue que escorreram pela minha perna e olhou pra mim, mas não o deixei falar nada, eu o beijei e, com as minhas mãos nas costas dele, incitei-o a continuar. A dor foi se desvanecendo com a minha vergonha. E a minha intenção de controlar os músculos se perdeu enquanto eu me soltava e desfrutava o corpo dele dentro do meu. Samuel dentro de mim

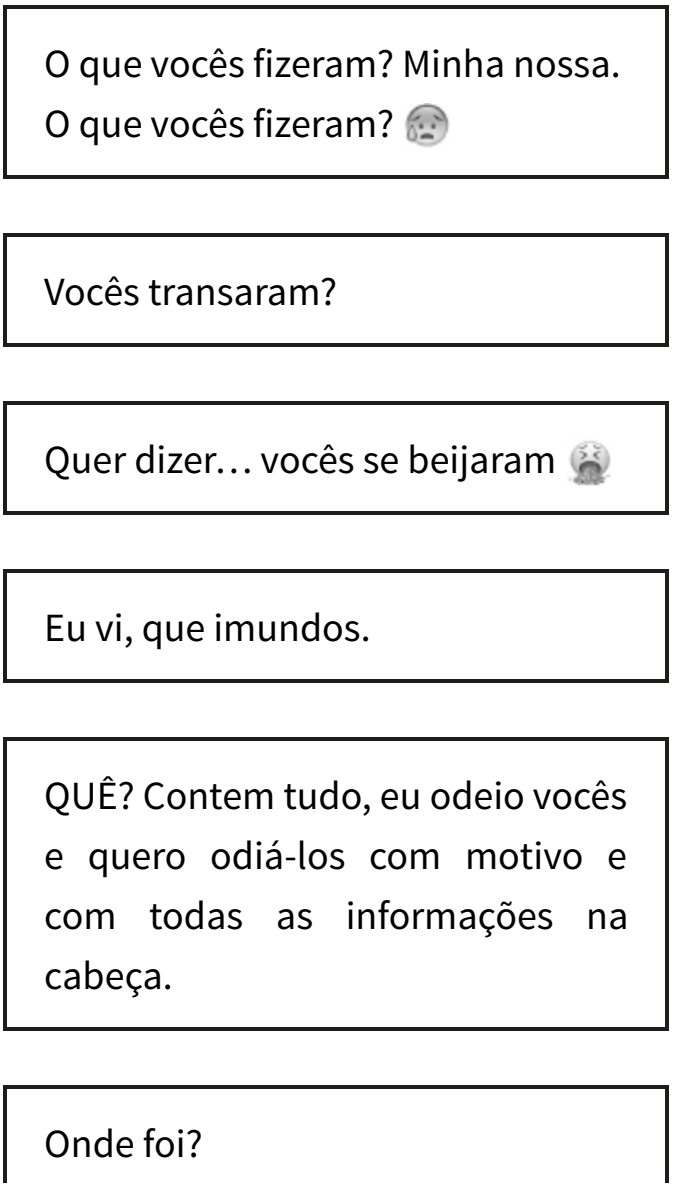
enquanto os olhos dele estavam cravados nos meus. Que cílios tão grossos... Rocei o meu nariz com o nariz arrebitado dele. A respiração dele, cada vez mais profunda, ficou levemente ofegante, e ele acelerou o movimento. Não sei se foi um minuto ou se foram três horas, mas gozamos ao mesmo tempo e foi um momento de conexão extrema entre nós dois. Falei pra ele não sair de dentro de mim, pra deixar todo o seu peso morto, que eu queria continuar sentindo-o ali, e ele aceitou sem dizer nada. Eu notava o coração dele se acalmar, mas o meu continuava fazendo uma batucada de amor caótico.

Gorka ficou dentro da garota e deixou seu peso morto sobre ela, e sem perceber eles acabaram dormindo.

Pela manhã as coisas eram diferentes. O silêncio reinava na casa. Os pais dele haviam ido a uma competição de dança de salão. Os corpos jovens e tesos que cavalgavam a noite anterior eram naquele momento um par de passas que cheiravam a álcool e que precisavam de um banho. Paula acordou como se a sua transa com Samuel tivesse sido um sonho e, na realidade, foi assim, porque Samuel, o de verdade, ficara na casa dele vomitando até a bile, coitado; nunca esteve naquela casa tirando a virgindade de ninguém. Gorka entreabriu os olhos, deu bom-dia, levantou-se e pôs a cueca. Sentou-se na cama e começou a rir com as mãos na cabeça. Paula não fez drama, que é o que caberia esperar. Conferiu seu hálito levando a mão à boca e se tocou que devia parecer um guaxinim, porque apesar de não ter se maquiado na noite anterior, a máscara de cílios não era

maquiagem para ela, era algo básico, algo necessário e um protocolo a seguir depois de escovar os dentes pela manhã.

Gorka percebeu que o lençol tinha umas manchinhas vermelhas e, apesar de ela ter se envergonhado, ele não deu importância e falou que já ia inventar alguma desculpa. Uma coisa levou a outra e começaram a falar bobagens, a brincar e a rir, principalmente quando Janine bombardeou o celular deles com WhatsApps como se fosse um interrogatório.



Até onde?

Usaram camisinha?

Essa última pergunta fez que os risinhos tontos de ambos se esfumaçassem e dessem lugar ao incômodo da manhã.

— Vou embora — sussurrou Paula se levantando e procurando sua camiseta pelo chão.

Quando encontrou, ela a cheirou porque fedia a cigarro. Ele ofereceu uma, mas ela disse que não saberia como explicar isso à mãe quando chegasse, que já seria boa a bronca matutina por ter dormido fora sem avisar para ainda dar pistas do que tinha feito. Paula terminou de se vestir e Gorka não queria que ela fosse embora. Precisava dizer que estava apaixonado, ou isso seria estranho? Não era muito esperto, nem muito aplicado, mas também não era um covarde, e não queria, nem um pouco, ficar com a pulga atrás da orelha, preferia passar a bola e esperar a vez dela. Então, quando a garota se despediu com um pequeno gesto, já com a mão na maçaneta da porta, ele a deteve:

— E agora?

Paula olhou para ele sem saber muito bem o que queria dizer, mas de repente sua carinha de guaxinim matutino ficou pálida como se fosse uma irmã de Edward Cullen, e preferiu se adiantar antes que ele continuasse e dissesse algo

com o que nenhum dos dois pudesse lidar e que provavelmente estragaria a relação entre eles.

— Gorka, não fale nada, não vamos estragar as coisas. Ou seja, eu não vou dizer que foi um erro, porque seria muito injusto pra nós dois, porque eu me diverti um monte e foi ótimo, de verdade. Então a desculpa do erro, não. Obrigada por ter feito isso, porque foi muito bom pra mim e eu me sinto liberada. Mas vamos parar por aqui, não fale que gosta de mim nem se apaixone por mim, porque isso, sim, não levará a lugar algum. Nós somos colegas, somos você e eu, Gorka, e estamos na mesma sala e é melhor não estragar tudo. Tá bom?

— Foda-se, mas eu gosto de você — disse ele.

— Mas eu não gosto de você, querido. Você é superlegal e tal, mas não sinto nada demais por você.

— Ninguém diria, porque, olha, você deu tudo ontem à noite...

Nesse momento, Paula viu que tinha duas opções. A primeira, e provavelmente a que teria escolhido a antiga Paula, era sorrir, calar-se e pronto. E a segunda era dizer ao seu amigo que, na realidade, se ela dera tudo, como ele dizia, era porque estava pensando em outro, de quem, sim, ela gostava, outro por quem, sim, sentia algo. Essa resposta seria bastante vil, mas quem sabe? Talvez a nova Paula tivesse se cansado de ser boazinha o tempo todo.

— Quer saber? Olha, talvez você vá pensar que esteja errado, mas eu acho que é legal ser sincera, Gorka. Ontem

foi ótimo, mas eu não estava com você enquanto nós transávamos. Quer dizer, estava em outro lugar e com outra pessoa, não era você quem eu beijava, não era você quem eu acariciava... Sim, falando assim soa muito cruel e parece que eu me aproveitei de você, mas você também se aproveitou de mim, né? Pode ser que você também estivesse pensando em outra pessoa.

— Não, eu só estava pensando em você. Ok, eu entendo.

— Não fique bravo, por favor, eu não quero machucar você.

— Então não me machuque — disse Gorka olhando fixamente para ela, quase implorando.

— Mas é a verdade. Você foi tão legal comigo... Bom, primeiro me surpreendeu um pouco, quase te dei um tabefe, mas depois acabei me rendendo aos seus beijos e... a minha cabeça foi longe, porque estou apaixonada, Gorka, loucamente, por um cara que não liga pra mim, mas, enfim. Não estou com vontade de falar sobre isso nem acho que você queira escutar. Obrigada por tudo, não fique bravo, de verdade. A gente se vê na segunda-feira, na aula.

O garoto teve pouca opção de réplica, mas também não teria sabido o que dizer. Então, como fazia quando se sentia perdido, se calou.

*

Para Janine a festa não foi memorável. Mas antes isso do que recordá-la por ter feito um papelão dançando como uma

tonta na frente dos colegas ou por ter falado bobagens demais. Ainda assim, festa boa ou festa ruim, a ressaca era sempre igual. Não importava o que tivessem tomado na noite anterior ou quão medíocre ou empolgante tivesse sido: a dor de cabeça e a vontade de comer porcaria não passavam nem com ibuprofeno, nem com vitamina B12, nem com remédios estranhos e caseiros como tomar um copo de leite antes de dormir. Nada. Tudo inútil para Janine.

Passou a manhã de domingo enrolando na cama. Desenhou no iPad, folheou uns volumes de *Sakura Card Captors* e importunou seus amigos por WhatsApp para descobrir se haviam transado. Tudo acontecera muito rápido, mas tinha visto Gorka se aproximar de Paula, comer a boca dela e ela se deixar levar, eles darem as mãos e saírem da festa. Janine achou muito bizarro, quase incestuoso, e se sentiu bem perdida. Nunca um deles havia manifestado interesse pelo outro, por isso foi muito estranho. Como se você estivesse vendo *Game of Thrones* e Jon Snow e Cersei começassem a se esfregar em cima da Muralha. Não combina com a trama, não combina com o tom da série. Daí a surpresa de Janine. Mas, por mais que tenha insistido essa manhã, não recebeu resposta. Supôs que, depois de ter passado a noite inteira como dois coelhos, ainda estariam dormindo e nem teriam visto o celular.

Ela se levantou de pijama e andou pela casa meio sem rumo até que a mãe a interrompeu na cozinha quando estava prestes a abrir um saco de Doritos, os do pacote verde.

— Querida, não coma essa porcaria e vá se vestir, que já estamos indo.

Janine tinha esquecido completamente. Era o aniversário de sua mãe, e, como era tradição, a família toda ia sair para comer fora. Bom, fora, não. Sempre iam ao mesmo lugar: Mr. Palillos, uma rede de comida asiática com uma dessas esteiras onde passam pratos pequenininhos que se acumulam vazios em cima da mesa. Os pais eram bons de garfo, os irmãos também. O certo é que sendo muito ricos poderiam comemorar em qualquer restaurante caro com um estupendo menu degustação, mas eles adoravam o Mr. Palillos do shopping e era um clássico. Cantaram parabéns pra você e se empanturraram de minirrolinhos de verduras e de niguiris de um salmão um tanto suspeito, mas o molho de soja fazia que todos os pratos fossem uma festa.

Uma coisa feia desse tipo de restaurante é que muitas vezes colocam você grudado à vidraça do salão, numa espécie de vitrine, e esse dia o encarregado achou apropriado acomodar ali essa família, porque eles davam uma imagem boa e saudável do restaurante, comendo como se não houvesse amanhã, brindando felizes com drinques florais porque era um dia especial. Mas, por outro lado, uma coisa boa de estar sentado na parte da vitrine é que, embora as pessoas o vissem comer, você também via o shopping, com as lojas abertas no domingo, e isso fazia que o assunto da conversa não acabasse nunca.

Num desses momentos, quando a mesa estava transbordando de pratinhos vazios, Janine viu Mario, o repetente que a levara ao caminho da amargura, saindo da loja de videogames. Era verdade que de longe o rapaz parecia quase um trintão; além do mais, nesse dia ele estava usando um cardigã (havia refrescado de manhã) e, com sua postura e estilo, parecia realmente um senhor. Janine terminou de mastigar um guioza de frango e não hesitou:

— Já venho — disse, e saiu disparada do Mr. Palillos para ir falar com ele.

Olha, eu sei que existe uma grande possibilidade de o Mario me xingar, gritar na minha cara, me empurrar e me ridicularizar... Mas, quer saber? Não me interessa. Não estamos na escola. Ele foi muito claro com isso e me disse pra nem olhar pra ele no corredor, mas este é o corredor do shopping, não o de Las Encinas. Ele não tem nenhum direito de me dizer nada. Também espero que, estando sozinho, tudo seja mais simples e ele não tenha que fingir ser o maior mau-caráter da face da Terra. Só quero falar que ele fez eu me sentir muito desconfortável na festa da Marina e que não desejo andar com medo pelo colégio, que isso me distrai dos estudos... Que já somos crescidos pra essas idiotices. Não quero que sejamos amigos, mas também não quero viver aterrorizada, e já faz alguns dias que estou muito angustiada, muito, e não me concentro direito, porque só consigo pensar que vou me encontrar com ele. É óbvio que o Mario sempre vai ser importante na minha vida, porque, ainda que ele renegue o assunto, foi o meu primeiro cara e isso não se esquece, nem se pode mudar. Eu não vou

costurar meu hímen e fingir que nunca transei. Fui uma inconsequente? Fui. E se voltasse no tempo eu não faria isso? Bom, aí eu já não tenho tanta certeza... Porque, apesar de a consequência ter sido um pouco trágica e não ter sido uma transa muito memorável, o balanço geral é que eu me senti princesa durante três minutos cheios de mimos, carícias e todo o resto. Então eu não quero ter que apagar essa lembrança da minha cabeça. E, diabos, o Mario é muito lindo e vou alardear para meus netos que foi com ele que... bom, isso, que eu tive a minha primeira vez. Vou optar pelo fácil: me aproximar dele, ser amável e esclarecer as coisas sem ninguém por perto para nos incomodar ou incitá-lo a me zoar, a me chamar de gorda e tal.

Janine andou a passo rápido até a porta da loja de videogames, onde Mario conferia o que havia comprado, o recibo e coisas afins. Parou na frente dele e o cumprimentou sorridente, quase como se fossem amigos, levantando a mão tipo *otaku* – passara a manhã lendo *Sakura* e isso havia disparado os níveis de esquisitice física e ela se movia quase como uma dessas lolitas japonesas de Akihabara. Ele levantou o olhar para descobri-la, e seu cenho franzido e boca apertada não sugeriam que o encontro propiciado por Janine fosse uma boa ideia... Nada bom.

— Oi, Mario! Tudo bem? O que você comprou? O *Red Dead Redemption 2*? Pô, a minha prima tem e é dificílimo, mas a verdade é que eu adoro. Não, é que eu estava ali com a minha família, comendo no Mr. Palillos, e vi você e não queria ficar na vontade de sair pra falar oi. Não, não fala

nada. É que... Olha, eu sei que você não vai com a minha cara, mas não quero me sentir tão mal... É que eu estou indo pra escola com medo, sabe, e acho que não é justo pra mim, porque eu não fiz nada de errado, Mario. Eu não violei você nem nada do tipo. Foi uma coisa dos dois, a faísca surgiu entre os dois.

Ela parecia uma metralhadora idiota de palavras estúpidas. E ele estava totalmente assombrado pela falta de bom senso da garota: ele a havia ameaçado antes e agora ela aparecia sem mais nem menos na frente dele para lhe contar uma série de bobagens. O rapaz não podia acreditar. Janine seguiu com seu monólogo como se alguém tivesse lhe dado corda.

— Você sabe. Foi ideia sua isso de me levar pra sua casa. E, olha, eu sou menor de idade e me deixei levar, mas o que você fez no outro dia na festa da Marina foi muito, muito errado. Eu sei que estava ridícula e bêbada por culpa do Jäger, mas não acho que por isso merecesse seus insultos, suas grosserias e o chute que você deu no meu pé. Não, não me olhe assim, você me bateu... E isso é muito errado, mas não precisa se preocupar, eu não vou tomar medidas de nenhum tipo. Mas vi você saindo da loja de videogames e pensei, pô, ele adora videogame e eu também. Certeza que temos um monte de coisas em comum, e é uma pena que estejamos assim, no meio desse conflito e tal, quando, olha, eu não quero que sejamos amigos, mas um oi sem rispidez, uma linguagem mais apropriada ou só retirar a sua ameaça

pra eu não precisar andar olhando para o chão... Seria muito melhor. Não é? O que você acha?

O que aconteceu em seguida foi inesperado, ou, melhor dito, só foi inesperado para Janine. Porque cada palavra que havia saído da sua boca havia acendido mais o fogo interno do rapaz. E ele também tinha um monte de coisas para dizer a ela, tudo insultos e palavrões, mas se calou, regurgitou e cuspiu no meio da cara dela. Foi uma cusparada multicolorida, muito desagradável. Não era saliva transparente e pronto, não: Mario havia passado a noite inteira fumando com seus colegas numa garagem e bebendo mais cerveja do que ninguém, por isso a saliva dele tinha tudo quanto é tipo de micropartículas nojentas. Entre isso e o sanduíche de atum com azeitona que havia comido um pouco antes, a saliva dele era tudo, menos aquela saliva limpa e agradável que transferiu para a boca da garota no dia em que transaram em sua casa de verão.

Se a vida fosse um filme, teríamos visto o escarro sair da boca do garoto e se chocar contra o rosto dela de diversos ângulos e planos distintos, mas, como é a vida, só havia uma possibilidade, a de que Janine se sentisse totalmente humilhada e Mario fosse embora dali depois de olhar para ela de cima a baixo e sussurrar o quanto era patética.

Ali estava ela, bem na frente da porta da loja, com uma escarrada do cara que havia tirado sua virgindade escorrendo pelo rosto. E para complicar muito mais, para que ela se sentisse infinitamente pior, quando voltou ao Mr. Palillos se

deu conta de que toda a família havia presenciado a cena. Janine limpou a saliva com a camiseta e foi ao banheiro converter toda a sua impotência em choro. Entendia por que muitos adolescentes se suicidavam na fase do colégio... É que era muito duro. Ela só tinha tentado fazer as coisas direito e não era justo ser esculachada daquele jeito. Pensou no que ia inventar quando voltasse para a mesa com a sua família.

"Não, ele não cuspiu em mim, até parece, nós somos colegas, mas está resfriado, coitado... Acabou de me mandar um WhatsApp pedindo desculpas por ter tossido na minha cara e dizendo que saiu correndo para limpar o catarro, porque estava com vergonha..."

Era injusto que, ainda tendo sido a vítima, ela tivesse que mentir para a sua família e inventar desculpas para protegê-lo. Mas, claro, ela não podia explicar que aquele rapaz tão bonito havia regurgitado e cuspido no meio da cara dela porque a odiava por ser gorda. Janine queria morrer, não literalmente, mas queria morrer. E pensou em todos os artistas que falavam da época do colégio como a parte mais trágica e inspiradora de sua existência. Ela não precisava dessa inspiração, ela não se considerava uma artista, só queria voltar no tempo e não ter se levantado da mesa do restaurante, ter continuado a comer talharim de legumes com molho de ostra sem que nada a incomodasse. Ela não era popular, nunca tinha sido e nunca seria, mas naquele instante, sentada na privada com restos de catarro e saliva

de Mario pelo rosto, sentiu-se no poço mais escuro e no lugar mais baixo de toda a pirâmide social. Muito mais do que uma perdedora. Pensou em suas típicas histórias: "Se fosse uma mutante, esta raiva que eu tenho despertaria um poder telecinético e me transformaria numa heroína que luta pela justiça". Moveu as mãos de um jeito tonto, como se fosse um mago fajuto numa festa de aniversário infantil, mas continuava sem ter superpoderes.

Janine lavou bem o rosto, saiu do banheiro, voltou para o restaurante e contou a mentira, que, é claro, não colou, mas ninguém quis dar mais atenção ao incidente, então a garota sem superpoderes pegou um desses pratos com salada de *wakame* e continuou comendo sem falar, como se nada tivesse acontecido.

*

A tarde de domingo foi tranquilíssima para todos.

Paula acabou dormindo assistindo a *Lendas da paixão* na tevê; como a mãe estava vendo, ela começou a ver também, e apesar de não suportar filme dublado, foi se envolvendo, ficou interessada e dormiu na parte final.

Melena fumou três baseados, mas foi quase produtivo, porque ficou vendo tutoriais no YouTube para aprender a tricotar seu próprio cachecol. Deu errado, péssimo, um horror de lã amarrada com pouca graça, então se irritou e jogou tudo no lixo, com as agulhas e os novelos. Ela não era

uma artista, mas havia tido vontade aquele dia. Os baseados, você sabe.

Gorka, sim, esteve inquieto. Acabou se destruindo na academia para aperfeiçoar o corpo. E a verdade é que se masturbou duas vezes pensando no que havia acontecido na noite anterior. Observou o sangue no lençol e pensou que não precisava trocá-lo por enquanto. Escreveu várias mensagens para Paula, que nunca enviou. Em algumas dizia que sentia muito pelo que tinha acontecido e que não queria que nada estragasse a amizade deles; em outras insistia no conceito "Estou a fim de você, gosto de você"; e em outras, mais leves, tentava tirar a importância do assunto e a convidava para voltar à sua cama sem compromisso... Não enviou nenhuma, mas esteve muito tentado a apertar "enviar" na última. Como ela teria reagido? Teria ignorado, quase certeza, mas se tivesse aceitado o convite, teria sido terrível para Gorka, já que estava muito gamado na garota e, por mais que olhasse para o outro lado ou quisesse olhar abaixo da cintura dela, continuava apaixonado, e o sexo casual e sem compromisso com a pessoa de quem você gosta é pão para hoje, fome para amanhã e, por mais que ele pensasse que poderia lidar com a situação, isso teria destroçado o seu coração. E no dia seguinte você já sabe o que acontece: Janine chega confiante e tranquila a Las Encinas sem pensar na escarrada na cara do domingo e encontra a pichação com duas palavras terríveis... Paula e Gorka se encontram na porta da sala e não sabem o que falar

um para o outro, cumprimentam-se tímidos e entram preparados para outra semana escolar de deveres chatos e sentimentos à flor da pele. Quem diria a todos eles que em algumas semanas uma colega seria brutalmente assassinada...

A investigadora tinha a lista de todos os alunos de Las Encinas e, um por um, eles foram passando pela sala de interrogatórios. A essa altura ela já sabia quem havia deixado o diário na caixa de sugestões – obviamente, a delegacia estava cheia de câmeras de segurança e era muito fácil descobrir –, mas por que havia feito isso? Estava claro que quem o entregara suspeitava do autor e preferiu oferecer a prova em vez de acusar, talvez por se tratar de um amigo e não querer se sentir um traidor. Mas ela tinha a lista, e foi convocando os alunos na ordem, não queria se antecipar aos fatos.

Todos passaram pela sala, e quando teve diante de si a pessoa em questão, perguntou-lhe sem rodeios:

— Sabemos que foi você quem trouxe o diário para a delegacia... Mas não acho que seja responsável pelo assassinato da Marina. Ou é?

— Não, claro que não.

— Mas você acha que a pessoa que escreveu o diário é, não?

— Sim.

Capítulo 4

O barulho de um espelho se quebrando tirou Melena de seus pensamentos. Ela saiu de seu quarto e caminhou furtivamente pelo corredor. Sabia que era um espelho, porque não era o primeiro que se quebrava em sua casa, fosse por um soco ou pelo impacto de uma cadeira. O caso é que o reflexo era algo que incomodava sua mãe quando não estava de bom humor. E naquela tarde o humor dela devia estar péssimo, porque havia destruído o espelho vitoriano de seu enorme closet. Esse espelho nunca tinha combinado entre as araras e os armários de madeira branca, ou entre a exposição de sandálias de salto, mas não era esse o final esperado para um espelho avaliado em meio milhão de pesetas (pesetas, porque foi com o que aquele senhor tão importante o pagou, à vista, para dar de presente à mãe).

Uma filha normal, com uma relação normal, teria corrido para socorrer a mãe, que, ajoelhada no chão, apertava dolorida os nós dos dedos ensanguentados. Mas Melena e sua mãe não eram essa mãe e essa filha de propaganda de margarina. Ainda assim, a adolescente fez algo inesperado,

teve um gesto quase de carinho que foi se aproximar e perguntar:

— O que aconteceu?

A verdade é que ela não falou num tom amável; mais parecia estar dando uma bronca do que se preocupando com a mãe, mas já era alguma coisa, e o conteúdo da frase mostrava claro interesse.

— Me deixa em paz — respondeu a mãe tirando lascas de vidro das mãos.

A filha assentiu e quando estava prestes a sair do quarto a mãe a deteve e contou suas desgraças, que embora fossem mudando eram no fundo as mesmas de sempre: estava velha.

As mães de Polo – outro colega de classe de Melena, que além disso era o refinadíssimo namorado de Carla e um dos garotos que se supunham os mais lindos do colégio (apesar de ela sempre tê-lo achado um convencido de cara estranha, olhar alienígena e rosto muito pontudo); não o achava nem tão bonito nem tão nada, então o tinha catalogado como mais um convencido; para o resto dos alunos, esse, sim, era um modelo, um garoto imponente etc., mas para ela, não –; as mães de Polo, isso, as arquifamosas lésbicas donas de uma revista de moda, haviam chamado a mãe de Melena para fazer uma capa. A verdade é que não iam pagar muito, mas para ela era ótimo, porque visibilidade era sinônimo de muitas coisas de que ela gostava e das quais, principalmente, necessitava. Os trabalhos de moda têm

efeito dominó e um chama o outro, mas a mãe de Melena estava havia muito tempo sem fazer um *shooting*, sem promover uma mísera marca de finíssimos peitos de peru... A mãe de Melena não trabalhava. Imagine quando nessa mesma tarde uma das lésbicas ligou para ela a fim de dizer que o cliente de uma famosa marca de cremes, que também deviam aparecer na capa, não gostava da imagem que ela passava ao produto, entre outras coisas porque não tinha uma fama muito boa, era uma personagem já relegada aos tabloides de segunda categoria e, principalmente, e aqui vem a pior parte, porque, por mais que fosse um creme anti-idade, ela era velha demais para promovê-lo; que parecia o *before* e não o *after*, havia lhe dito.

Estava cansada de ninguém lhe dar uma nova oportunidade, de o império que havia construído com tanto sacrifício pessoal estar se desmoronando sem que ninguém se importasse. Ela se injetava botox, se aplicava ácido hialurônico, se matava fazendo pilates e bikram yoga e estava espetacular para a idade que tinha, mas já não conseguia ser levada a sério, pelo contrário. O abuso de exclusivas em revistas de fofoca ou de todos aqueles telefonemas que ela mesma fazia para avisar os *paparazzi* quando passava as férias em Ibiza a haviam convertido numa modelo meio palhaça, que pouco faz na passarela e que só aparece na imprensa cor-de-rosa. Isso dá dinheiro, sim, mas é um dinheiro efêmero que mancha a sua imagem

e blá-blá-blá. Disso era do que sempre se lamentava, e Melena estava muito cansada da mesma história.

Para falar a verdade, Melena não se interessava em ter mais ou menos dinheiro, e ver que estavam perdendo tudo lhe provocava um pouquinho de satisfação, porque era sinal de que sua mãe – aos seus olhos a má da história – havia jogado terrivelmente as cartas dela, e apesar de ser algo muito perverso e cruel, ficaria contentíssima de vê-la trabalhar num supermercado ou limpando a escola ou fazendo um cursinho de fresadora, que Melena não sabia direito o que era, mas gostava de como soava e dava no mesmo; queria vê-la fazendo uma jornada de quarenta horas semanais... Seria curioso. Quase podia adivinhar como desapareceriam de cena a mãe de Marina, as mães de Polo e outras duas ou três supostas amiguíssimas assim que "a Miss" tivesse que manchar as mãos para ganhar a vida.

Ainda assim, vendo a mãe no chão e sangrando, Melena jogou uma toalha do banheiro para que ela se limpasse. E esse, que foi outro gesto quase amável, a mãe tomou mais uma vez como um ataque.

— Não finja que se importa comigo, María Elena. Você mente muito bem, mas fingir que se importa comigo, francamente, é muito forçado. Sei que você gosta de me ver acabada e largada no chão e sei que teria adorado que o espelho tivesse caído na minha cabeça e me matado. Não, senhorita, eu continuo aqui, você se ferrou, se ferrou!

Claramente, a mãe estava bêbada. Era a primeira vez que não havia motivo para começar uma discussão, mas ela estava tão acostumada que as palavras fluíam como se tivesse ativado o modo automático de briga. Recitando seus clássicos:

1. Quem dera você não tivesse nascido.
2. Tudo isso é culpa sua.
3. Se você não tivesse enchido a minha barriga de estrias, eu teria feito o catálogo *Venca*, como fiz todos os verões antes de você nascer.
4. Por culpa sua eu sou uma merda.

E aí, já no ponto quatro, entrava num *looping* muito nocivo no qual se repetia "Sou uma merda" várias vezes. Mas Melena não entrou na dela, não gritou nem xingou nem respondeu com seus clássicos:

1. Sim, você é uma merda.
2. Não vem jogar a culpa em mim; se você não fez sucesso é porque não tem talento.
3. As pessoas não ligam pra você porque você é uma palhaça.
4. Se você não se comportasse como uma qualquer, não pareceria tão medíocre.

E em vez de lhe alfinetar tudo isso, ficou quieta e observou a cena de fora, como se estivesse começando uma viagem astral dessas de que tinha ouvido falar em *Cuarto Milenio*, como se a sua alma tivesse saído do corpo e pela primeira vez estivesse vendo a cena de fora. E o que viu lhe deu muita pena, muita tristeza. Viu una adolescente amargurada e uma miss decadente sangrando e chorando no chão, entre pequenos cacos que refletiam seu pateticismo multiplicado por mil. Quis abraçar a sua mãe pela primeira vez na vida, quis levantá-la, cuidar das feridas dela e falar que tudo ia dar certo, mas só de pensar nisso sentia uma vergonha espantosa. Então saiu do quarto enquanto a mãe continuava lançando impropérios contra a filha, contra o mundo, contra as modelos dos anos noventa e contra ela própria.

Melena se fechou em seu quarto e explodiu num choro exagerado, emitindo todo tipo de sons guturais, deixando escorrer muco e baba. Estava destruída. Por que agora? Por que se sentia assim? Se ela odiava a mãe e odiava a si mesma. O que importava uma briga a mais ou a menos? O que importava um pouco de sangue no carpete outra vez? Mas sim, importava... Pensou muito seriamente em roubar dinheiro da carteira da mãe (ela tinha uma conta, mas não tinha dinheiro vivo) e sair para conseguir qualquer coisa... Não algo que Omar pudesse lhe fornecer, não pensava em maconha ou haxixe, pensava em algo forte que a nocauteasse por completo. Não queria estar nessa realidade

nem mais um minuto e precisava de uma porta que exibisse bem grande e em neon a palavra “saída”. Precisava sair.

Deu umas voltas pelo quarto e começou a respirar com muita dificuldade; pensava que estava se afogando e que ia morrer, mas não, era apenas um ataque de ansiedade. A partir desse momento, ela os teria de um modo recorrente, mas ainda não sabia disso.

Aos poucos foi se acalmando. A respiração voltou ao normal e a torneira de lágrimas se fechou, mas continuava querendo sair dali, então chamou Gorka para dar uma volta de bicicleta. Ele achou uma bobagem, fazia anos que não andavam de bicicleta pelo bairro, mas se ela estava com vontade...

*

O vento na cara fazia que os problemas de Melena, que o problema de Melena fosse um pouco menos grave. Se pudesse escolher um superpoder, Melena escolheria saber voar, disso ela não tinha dúvidas. Frequentemente sonhava que dava um pulinho e voava, meio ao rés do chão, mas voava. Para ela, andar de bicicleta era o mais parecido com voar... Quando deixava de pedalar e a bicicleta ia sozinha e veloz, e ela notava a força do ar no rosto, era quase como voar, e não tinha que fazer nada além de curtir a velocidade. Voar...

Respirou fundo e fez um gesto para Gorka parar no parque de San Justo. As ruas estavam desertas e começava a

anoitecer, e no parque só havia algumas pessoas passeando com seus cachorros. Ambos se jogaram na grama sem pensar demais e ensoparam as costas, porque os regadores haviam realizado seu trabalho meia hora antes. Ela achou igualmente prazeroso, também é verdade que a opinião das outras pessoas não lhe interessava, e que todo mundo a visse manchada de verde pela rua era a última das suas preocupações.

Gorka insistiu: queria saber por que ela tinha os olhos injetados de sangue, mas Melena não tinha vontade de falar do de sempre, do que ele já sabia; preferiu guardar mais uma vez para si.

— Não quero falar disso... Me conta você, como vão as coisas.

— Coisas? O que você quer que eu conte? — perguntou ele, enquanto sacudia as costas ensopadas.

— Tanto faz, qualquer coisa.

— Sábado eu fui pra cama com a Paula... — disse Gorka, afinal. — Não conta pra ela, por favor, bom, eu sei que você não vai contar, mas nós fomos pra cama. Eu, olha... estou a fim dela — prosseguiu o menino, como se necessitasse justificar —, estou super a fim dela faz tempo e nunca tinha me atrevido a falar nada, e não falei. Na festa do Samuel, eu me aproximei, olhei bem fixo nos olhos dela e a beijei, como nos filmes, e ela se deixou levar. Foi estranho e alucinante ao mesmo tempo, porque nós não falamos nada. Ela pegou na minha mão e eu a levei pra minha casa, e ali transamos.

Minha nossa, foi uma foda alucinante. Ela era virgem, mas nem parecia, estava bem à vontade.

— Pode guardar os detalhes pra você, obrigada.

— Tá bom — bufou Gorka. — A questão é que agora tudo está estranho pra caralho entre nós, mas eu não me arrependo e sei que ela também não, porque de manhã ela estava meio que mais...

— Alegre que o normal.

— Mais ou menos, não estava tão tímida, estava com a cabeça mais alta.

— Claro, Gorka, ela tinha perdido a virgindade. Isso modifica a pessoa de alguma forma, a toca em algum lugar.

— É, hoje ela parecia outra. Está me evitando, mas não de um modo mau, está me evitando e pronto.

Melena ficou pensando se havia uma maneira de evitar as pessoas "de um modo bom" e outra "de um modo mau". Evitar era evitar, mas não quis começar um debate; estava cansada e só queria que a terra debaixo da grama se abrisse e a engolisse.

— Posso dormir na sua casa, Gorka?

— Claro, pô. Minha mãe vai pensar que eu sou um casanovas. Se diz "casanova" ou "casanovas"? Porra, nunca sei.

— Não sei, vou pesquisar...

Ela pegou o celular e pesquisou. Explicou que era sem "s", e dali foi parar num vídeo de tombos, e dali no de uma garota que tinha uma espiga de milho cravada na broca de

uma furadeira e quando ligava a ferramenta para fazê-la girar e comer o milho, a espiga se enroscava no cabelo dela e o arrancava, e ambos riram até não poder mais. E então Gorka pediu para ela procurar o Trailer Honesto de *Crepúsculo*, pois sempre que ele via morria de rir, e de um vídeo a outro passaram o final da tarde e o princípio da noite tão tranquilamente que Melena se esqueceu por completo da mãe, do espelho quebrado, da vida complicada que tinha pela frente, da droga, esqueceu-se de tudo e riu como fazia tempo que não ria, só vendo idiotices com o seu melhor amigo, a quem estava muito feliz de ter recuperado. Como tinha sido tão retardada de tê-lo ignorado nas férias? Que tonta. Ele era tão legal, tão... puro. Não havia maldade em Gorka, por isso dava gosto passar horas jogada no chão ao lado dele.

*

Os adolescentes costumam querer passar despercebidos. Por isso, ser chamado pelo alto-falante para ir à sala da diretora não é agradável para ninguém. Janine teria preferido um pouco de discrição, porque sabia que quando voltasse à sala de aula haveria alvoroço e que todo mundo perguntaria o porquê da chamada. Poderiam ter inventado um monte de coisas para conseguir a atenção, mas o certo é que a chamada foi tendendo a humilhante; mais uma mini-humilhação no tranquilo dia a dia de Janine.

— Posso saber no que você estava pensando para fazer aquela pichação no seu armário? — perguntou a diretora com bastante mau humor. — Vamos, estou esperando.

Janine não sabia o que responder. Era óbvio que o "PUTA GORDA" anterior ao seu lindo desenho mangá era coisa do seu querido repetente, Mario, que não tinha se dado por satisfeito com a cusparada na cara, mas o que ela deveria fazer? Acusá-lo sem mais nem menos? Provas não tinha, mas não precisava delas. Havia muita gente que sussurrava "gorda" quando ela passava ou que cochichava sobre a sua bunda, seus braços e demais partes do corpo, mas só o idiota do Mario podia ser tão filho da puta e tão imaturo para pichar isso no armário dela; tudo o que ele tinha de bonito, tinha de inconsequente.

Se Janine dissesse a verdade, acabaria desatando a cólera de Mario e terminando o ano de um jeito muito ruim, mas seria feita justiça. O problema é que Janine, que havia lido muito *shojo* escolar, não acreditava nem um pouco na justiça divina dos professores, então improvisou e inventou um disparate.

— Sim, eu pisei na bola, Azucena, não sei no que estava pensando, estou arrependidíssima. Se você me permitir comprar um bom diluente, prometo limpar e deixar perfeito. É que eu não posso evitar desenhar, estou numa idade muito tonta e preciso extravasar a energia assim... Desenho em tudo quanto é parte, é a minha forma de me expressar, e vi todos os armários iguais e pensei em personalizar um pouco

o meu. Desenhei primeiro um coração, uma coisa pequenininha, mas acabei extrapolando. Peço desculpas, sou uma idiota, desculpe mesmo.

Não que a diretora tenha acreditado nessa balela, mas decerto tinha outros pepinos mais importantes para resolver e Janine sempre havia sido uma estudante correta, que não dava problemas, então disse para ela ficar depois da aula para limpar o armário e não ir para casa até que o desenho estivesse totalmente apagado. Poderia ter lhe dado alguns dias de suspensão como castigo para que servisse de exemplo para os colegas, ou poderia ter falado com os pais dela, mas em Las Encinas tinham uma política de trato adulto com os alunos: Janine havia feito algo errado, então ela que consertasse, responsabilizando-se por seus atos.

E foi assim. Na saída da aula a garota falou com o inspetor para que lhe desse um bom diluente, um pano e uma tinta cinza para dar um acabamento perfeito ao armário e deixá-lo como novo. Esfregou e esfregou, sem tirar Mario da cabeça em cada uma das passadas de pano. Ela não o odiava, não sabia por quê, mas não. Supunha que ao dar espaço no seu coração para o primeiro garoto com quem havia transado também dava a ele bastante crédito para ser idiota, mas esse crédito estava se esgotando. Ainda assim, Janine se sentia bem por não o ter delatado. O rancor não era uma de suas características, e ela se orgulhava disso.

Nunca havia ficado sozinha no colégio. Era uma situação muito estranha. Não se escutava ninguém e nenhum

retardatário corria por estar chegando atrasado na aula. Não havia ninguém exceto ela, o diluente e os restos da sua pichação. Janine poucas vezes estava sozinha. Vivia numa casa enorme, mas entre os irmãos e os pais nunca tinha a sensação de intimidade ou de solidão, sempre havia alguém que precisava dela para alguma coisa ou alguma conversa de WhatsApp aberta que a mantinha em contato com o mundo. Mas ali, às seis da tarde, não havia ninguém.

Colocou os fones de ouvido e, longe de se dar por vencida com a mancha, continuou esfregando ao ritmo de Amy Winehouse, que a foi possuindo. Cantar não era uma de suas virtudes, estava bem longe de ser, mas sabe isso de que quando você canta com fones de ouvido não se escuta muito bem e se sente o melhor cantor do mundo? Pois ela se sentiu a melhor cantora enquanto cantava "Valerie" pelo corredor, movendo-se como um pato tonto e dançando sem que ninguém a visse. Talvez fosse o efeito do diluente ou pode ser que só estivesse se sentindo bem consigo mesma. Portanto: escarro na cara superado.

*

A semana continuou avançando com bastante normalidade. Paula e Gorka não paravam de pensar no que haviam feito no sábado, mas não comentavam nada e, diante dos demais, era como se nunca houvesse ocorrido; e quando Janine perguntava sobre o que fizeram, eles riam e respondiam que ela era uma chata, mas estava claríssimo. Criou-se uma

estranha dinâmica de piada com o acontecido e eles achavam até graça.

Por sua parte, Melena tentou evitar a mãe. Em geral não era difícil, porque a mulher podia desaparecer por alguns dias e depois subir *stories* num iate, mas daquela vez era diferente, e em vez de se esfumaçar sem mais nem menos, andava como alma penada pela casa com seu kimono e sua bandagem mal colocada na mão. Era como um desses fantasmas dos filmes de James Wan, que pareciam humanos, mas na verdade eram espíritos que não haviam encontrado o caminho para a luz. Sem dúvida, a luz não estava sinalizada para ela. Acordava e bebia. Comia alguma coisa trazida por algum entregador e bebia mais. Então se jogava em qualquer sofá ou no chão ou na cama, ou no chão ao lado da cama, e não fazia nada além de estar. Estar estava, mas era como se já não estivesse, como se houvesse se desativado ou fosse um androide sem bateria que alguém havia resetado.

Sem muita explicação, ela demitiu Ana, a garota da limpeza, e as sacolas da Glovo se amontoavam com o resto do lixo. A casa, principalmente a cozinha, era um fiel reflexo de seu estado emocional: lixo, caos e sujeira. Contra qualquer previsão, o desleixo da mãe ia fazendo que Melena se endurecesse e tomasse as rédeas. Não que tivessem trocado os papéis, não, Mele não se fazia de mãe, mas juntava as caixas de pizza do chão ou os enormes chumaços de poeira que se formavam debaixo da mesa. Não era muito

higiênico, porque os pegava com a mão e os convertia numa bola que lançava para outro lugar, longe da sua vista. Se a família de ambas tivesse sido mais normal, Melena teria ligado para seus avós, mas nunca os conhecera, porque, de acordo com a mãe, "Não pretendo voltar a falar com esses filhos da puta".

Dizia que eram uns velhos interesseiros que só queriam se aproveitar e tirar vantagem do sucesso da filha, então se emancipou aos dezessete anos e nunca mais soube deles. Tampouco havia tios ou irmãos, só elas duas no mundo. Ninguém a quem pedir ajuda, nenhum adulto responsável para quem telefonar e lhe tirar a responsabilidade, ainda que, pensando bem, ela não tivesse responsabilidade nenhuma. Não era a primeira vez que a mãe fazia essas viagens dramáticas a lugar nenhum. Quando conhecia homens com os quais saía não por interesse econômico, mas levada pela atração real, pelo impulso sexual ou pelo que ela acreditava que fosse amor (que era só mera atração, medo da solidão e ansiedade), e depois que eles se cansavam dela e a deixavam largada, faziam *ghosting* completo ou a desprezavam com um pouquinho de violência, ela podia passar dias se arrastando pela casa. Então Melena estava convencida de que a montanha-russa do drama e a *junk food* chegariam ao seu fim em algum momento, pelo preço que cobravam de ambas.

Já a tinha visto louca outras vezes, embora nunca por tanto tempo nem tão mal. Não era só por causa da revista,

isso era como a pontinha do iceberg, a pontinha que sobressaía no mar de decepções da mãe: uma ponta que coroava muitos problemas mentais, mas, segundo ela, também problemas circunstanciais. Não era culpa dela que não a chamassem para trabalhar; não era culpa dela que os homens se afastassem depois do segundo encontro; não era culpa dela que a celulite estivesse se apropriando da sua linda bunda e que agora parecesse um pacote de frutas secas fechado a vácuo. Tudo era culpa dos outros, tudo, menos fugir do assunto.

Melena passou por cima da mãe – literalmente, porque ela estava deitada no tapete da sala –, subiu para o seu quarto e fumou um baseado tranquilamente, ou tentando ficar tranquila. Pensou que podia tirar umas fotos da sua lamentável mãe e vender para a *Cuore* se ficassem sem dinheiro: famosas decadentes havia muitas, mas famosa decadente que se arrastasse pelo chão, nem tantas. Também fantasiou com a ideia de que seu pai, o qual não conhecia e de quem só havia herdado uma pinta enorme nas costas (informação insuficiente para começar uma busca), aparecia como um salvador e a levava para outro país. Ali não havia nada que a prendesse; seria fantástico começar uma nova vida longe das pessoas que sabiam que ela tinha ficado careca uma vez, longe dos adolescentes e de suas idiotices e, principalmente, longe da ogra que era a sua mãe.

Melena imaginava o pai algumas vezes, mas no fundo também não se importava muito. Pensava nele porque tinha

um mundo interior muito rico e pensava em muitas coisas. Conhecendo a própria mãe, havia duas possibilidades de pai:

A. O rico empresário feio, gordo, velho... Um senhor mal-educado, com os dedos amarelos de fumar, déspota, machista, crápula, explorador e tudo o que há de ruim.
B. O cara lindo com pouco cérebro. O típico rapaz que não tinha nada: nem dinheiro nem propriedades nem inteligência nem inquietudes.

Melena não entendia o que a sua mãe via no protótipo B. O A era fácil de entender, mas o B... Tinha visto alguns do tipo B passearem pela sua casa e até havia tentado falar com eles, mas era tão inútil quanto falar com o frasco de detergente. Ela supunha que o pai não podia ser um B, porque se fosse um B ela não seria tão inquieta mentalmente; seria tão tonta quanto uma pedra e teria sido expulsa de Las Encinas. Por isso o seu pai devia ser um rico magnata machista e bronco, um déspota sem-vergonha tipo Gil y Gil. A mãe tinha uma estranha fixação por esses homens, uma estranha fixação chamada dinheiro.

O dinheiro a havia levado a se casar algumas vezes, todas efêmeras, depois do nascimento de María Elena, e não mantinha relação com nenhum de seus ex. Algum motivo havia. O caso é que, por uma coisa ou por outra, a mãe sempre ficava sozinha, acabava sozinha e se sentia sozinha.

Melena estava em casa, mas havia vários quartos entre as duas, e, apesar de a filha estar levemente preocupada, não pretendia sair nem arrastar a mãe até o banheiro, dar um banho nela e alguns tabefes, e lhe dizer para deixar de se lamentar. Não.

*

Ter ido para a cama com Paula não era um conflito para Gorka, pelo contrário, estava tirando muito proveito do seu imaginário com aquela cena vivida em seu quarto. Pensava nisso com frequência, mas não tipo "Que droga", mas "Porra, que demais!". Das últimas vezes em que vira Paula, não haviam falado sobre isso. Se ele puxava o assunto, ela o evitava de um modo ligeiro, porque havia se colocado um degrau acima e parecia que só queria virar a página rapidinho. Gorka não se sentia mal com isso: a vontade de voltar a ir para a cama com ela eclipsava a de recuperar a dignidade que havia perdido ao ficar sabendo que Paula estava pensando em outro enquanto eles transavam. Queria voltar a transar com ela, simples assim, e o fato de ela estar pensando em outro lhe parecia cada vez menos importante.

Saiu do banho e se deitou na cama completamente nu e um pouco úmido, porque fazia calor e gostava de notar as gotinhas de água que haviam ficado para trás, perdidas por suas costas, seus ombros, seu abdome. Pegou o celular e buscou a conversa com Paula no WhatsApp... Como faria isso? Escrevia logo para ela ir à sua casa, que seus pais não

estavam? Ou utilizava um vocabulário mais explícito, próprio do XVideos? Talvez começar com um "oi" bastasse...

Havia escrito para ela muitas vezes e depois apagado, porque não tinha nenhuma intenção, mas essa noite, sim, havia uma intenção clara: queria que Paula fosse à sua casa e se enfiasse na sua cama. Ponto.

> Ei! Tudo bem? Estou entediado e sozinho em casa, meus pais foram passar o fim de semana na casa de Almería. Por que você não vem pra cá? 😎
>
> *Digitando*...

Meu Deus, que centésimos de segundo mais difíceis. Provavelmente ela ia lhe dar um fora ou passar um sermão. Foram uns centésimos de segundo muito longos durante os quais ele se arrependeu bastante de ter escrito qualquer coisa, mas ela já tinha lido, a dupla marca azul estava ali e, além do mais, estava digitando.

> Ok. Me troco e saio.

Ai meu Deus... Porra, não foi tão complicado, é que às vezes ser sincero é a chave que abre todas as portas. Sei lá. Eu quero transar, você quer transar, vamos lá. Olha, adultos nós não somos, mas nós

dois somos suficientemente maduros pra saber o que queremos, quando queremos e tal... E sei que não vai significar nada, que não vai ser um encontro, que vai ser só sexo, mas é que eu quero sexo. Isso sim, pretendo dar o melhor de mim para que da próxima vez ela venha me pedir.

Gorka estava enganando a si mesmo. Não era tão maduro nem seria tão fácil assimilar que voltar a ir para a cama com a garota de quem gostava não significasse nada. Ele falava de transar e fantasiava com ambos em todo tipo de cena suja, mas no fundo sabia que, se Paula fosse para a sua cama, seria delicado e faria amor. Nada de deixá-la de quatro, como em seus sonhos, ou de abaixar a cabeça dela, como havia imaginado. Nada disso.

Paula não demorou a chegar. Os dois moravam no mesmo condomínio e, embora todas as casas tivessem piscina e jardins exagerados, a dela ficava a três quadras da dele. Ele abriu a porta sem camiseta, perpetuando muitos clichês, vestido só com um short curto de moletom, e Paula o olhou de cima a baixo: o garoto estava super em forma, isso era inegável. Ela estava usando um vestido florido de alcinha e tinha gotinhas de suor na testa, mas não era desagradável, fazia muito calor. A situação podia corresponder perfeitamente ao início de uma dessas cenas que ele via várias vezes, as típicas da garota que vai à casa de uma amiga, que não está, mas encontra o irmão mais velho dela, ainda que "mais velho" ali não houvesse ninguém. Gorka falou para ela entrar e ela recusou.

— Não, Gorka, eu não vou entrar. Desculpa se pareço antiquada, é que no outro dia eu disse com todas as letras e não quero que isso seja um problema entre nós, porque, droga, eu gosto de você e você é meu amigo... E sim, você é lindo e beija bem pra cacete, mas eu não gosto de você, Gorka, não me leve a mal. Ou seja, gosto de você como pessoa, te acho lindo e adoro estar com você; você é um dos meus melhores amigos, mas não vamos ultrapassar a fronteira e virar amigos coloridos. Aquele dia eu estava confusa, já falei: estou apaixonada por outro, e o álcool, enfim... — Ela negou com a cabeça. — Sei lá, me deixei levar, Gorka, mas hoje eu estou muito lúcida, e apesar de ver esse abdome tão bonito e esse peitoral tão definido, não tenho o impulso de ficar com você. Sinto muito, mas encerro esse assunto aqui, ok? Podemos falar disso de brincadeira e dar umas risadas, e se alguma garota me perguntar eu vou falar que você é maravilhoso na cama e que não me arrependo nem um pouco de que tenha sido o primeiro, mas na minha cabeça o primeiro foi o outro, entende? Não, falando sério, você entende? — insistiu Paula.

— Tá bom... Eu entendo, ok, tá bom. Desculpa, é que eu adorei e pensei que...

Ela sorriu, e a dureza e a sinceridade de suas palavras deu lugar à amabilidade. Não havia rispidez, mas sim um ponto final entre eles no que se referia a sexo. Ela deu um beijo no rosto dele e o deixou em casa.

Paula estava convencida da sua decisão. Ter um amigo colorido teria sido bom, mas ele não era o cara adequado porque estava na cara que sim, sentia algo por ela, e usá-lo seria injusto, pensava.

Como tinha se vestido e se penteado – bom, tinha feito um rabo de cavalo – e já que estava na rua, Paula quis dar uma volta. Colocou seus fones de ouvido e deu um passeio pela cidade, escutando músicas clássicas como "Ordinary World", do Duran Duran. No que se referia a música, ela era um pouco *vintage*... E muito jovem, por isso *vintage* era escutar Aerosmith e músicas dos anos noventa.

Inconscientemente ou não, seus passos a levaram até a rua de Samuel. De longe, ela o viu sentado na entrada de casa conversando com o garoto árabe da loja de conveniência, o irmão de Nadia, sua colega de classe. Ao menos ela achava que eram irmãos, mas não tinha certeza. Omar foi embora e Samuel ficou sozinho sentado na escada, e como Paula já era a nova Paula, não deu meia-volta como teria feito; aproximou-se para descobrir que Samuel estava usando smoking como nos filmes românticos. Se tinha que surgir algo entre eles, essa era a noite adequada.

Vinha embravecida pelo discurso proclamado a Gorka, por isso se sentia imparável e um pouco solta. Esta foi a conversa, palavra por palavra:

PAULA: Oi.

SAMUEL: Oi.

Paula ia passar direto, mas parou e retrocedeu.

PAULA: Noite ruim? Você está muito bonito pra estar com essa cara.

SAMUEL: Obrigado.

Samuel sorriu e Paula notou que havia ganhado um ponto, que o primeiro passo estava superado.

SAMUEL: Pô, eu me sinto fantasiado.

PAULA: É, imagino, não tem muito a ver com o avental da lanchonete... Aconteceu alguma coisa?

SAMUEL: Nada, a noite se complicou um pouco mais do que eu imaginava e, bom, problemas com um colega.

Ok, ele já havia dado um passo, havia falado e entrado no jogo da conversa. Paula se apoiou na parede, mas não parecia que aquela conversa fosse fluir muito mais, por isso seus alarmes dispararam... Estava com Samuel diante dela e havia conseguido falar duas frases e não parecer *retarded*, que era como se sentia sempre que o encontrava.

"Vamos, Paula, vamos, Paulinha, fale a primeira coisa que passar pela sua cabeça, a primeira coisa que pensar, a primeira, mas fale alguma coisa ou ele vai achar que você é uma tonta..." O silêncio entre os dois estava ficando um pouco mais desconfortável e Paula disparou a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

PAULA: Desculpa, eh... Posso te pedir uma coisa?

SAMUEL: Como? Quê? Claro.

PAULA: Você pode... pode me dar um copo d'água? Está um calor hoje à noite...

SAMUEL: Pô, nem me fale, e eu que estou vestido de pinguim. Claro, sobe.

Ok... Paula estava subindo, atrás de Samuel, a escada da casa dele. Ele estava de terno e a havia convidado para entrar em casa. Ela registrou cada gesto dele. Ele entrou, jogou as chaves em cima da mesa e tirou a gravata borboleta, desabotoando o primeiro botão da camisa. Passou para a cozinha e não parecia haver mais ninguém na casa. Bom. Samuel pegou um copo do armário e abriu a geladeira.

SAMUEL: Não tem gelada, vai ter que ser da torneira.
PAULA: Não faz mal, dá no mesmo, melhor pra garganta.

Mas que idiotice é essa? Melhor pra garganta? Que estupidez. Lá vem, lá vem...

Samuel saiu da cozinha e lhe deu o copo. Seus dedos se roçaram um momento e ela achou isso muito erótico; ele, provavelmente, nem registrou. Tirou o paletó e deixou no sofá. Paula tomou um gole pequenininho, queria que aquela água durasse até pensar num comentário inteligente, para que ele visse como ela era eloquente e legal ou que tinha carisma, como Marina, ou que se apaixonasse por ela, mas isso estava muito longe de acontecer. Samuel estava muito concentrado em seus pensamentos e nem reparava na garota com vestido florido que resistia de pé na frente dele.

PAULA: Adorei a sua casa, é bem... rústica.

Cagada. Samuel assentiu, mas dessa vez sem sorriso nem nada.

SAMUEL: Bom...

PAULA: Bom... bom, é isso. Obrigada pela água.

SAMUEL: De nada, Paula, não tem de quê.

Paula não soube o que dizer. Buscou alguma coisa, soltava fumaça pelas orelhas; torceu o cérebro como se fosse um pano molhado, mas nada. Então deixou o copo na mesa muito digna, agradeceu outra vez, falou que se veriam na aula e foi embora. Ele fechou a porta e fim.

Objetivamente, a situação fora a mais tola, mas para ela tinha sido uma evolução. Desceu a escada às pressas e correu rua abaixo como se tivesse sido a cena mais romântica do mundo. Não estava distorcendo a realidade, sabia que tinha sido uma besteira, mas estivera com o garoto de que gostava; não só isso, havia bebido de um dos seus copos, dos quais ele devia ter bebido... Os lábios dela haviam estado no mesmo lugar que os dele, isso era um beijo indireto, e, além do mais, Samuel havia dito o nome dela. Nunca "Paula" havia soado de um jeito tão lindo como nos lábios dele; sim, estava muito brega, mas estava muito apaixonada.

Seu coração palpitava de um jeito exagerado, e ela o sentia como se fosse enorme, como se chegasse do umbigo até a garganta, como se todo o seu organismo fosse um rítmico e exagerado coração, e sorria como uma tonta enquanto andava pela rua. Por sorte não encontrou ninguém. Era uma pena a cena não ter passado disso, porque

teria sido perfeito; mas se Samuel tivesse tomado a iniciativa, talvez arrebentasse esse enorme coração palpitante que ela sentia. Se só escutar o seu nome na boca dele ou beber do copo dele tinha provocado tal impacto, abraçar, beijar ou acariciar Samuel teria arrebentado Paula ali mesmo, teria sido uma explosão de purpurina e borboletas e corações, mas uma explosão, afinal de contas. Então foi quase melhor. Mas o que ela podia fazer com toda aquela energia, com toda aquela excitação, com tudo aquilo que a estava deixando louca? Não podia ligar para Janine, porque nunca havia confessado esse seu amor a ela. Então pensou e teve uma ideia muito louca do que fazer, e fez.

*

Gorka estava colocando uma pizza congelada no forno. O discursinho de Paula havia deixado a sua libido no chão, então não se saciou vendo pornô ou apenas pensando na sua memorável transa. Tentou jogar PlayerUnknown's, mas teve muito azar e morreu logo no começo. Era cedo, não estava com sono nem com fome, mas tinha que jantar alguma coisa, então ligou o forno e, enquanto a pizza esquentava, passou Netflix para cima e Netflix para baixo a fim de ver se encontrava alguma coisa com o que se distrair. E ia encontrar...

A campainha da casa o surpreendeu na cozinha e, sem vontade, ele foi abrir a porta para descobrir ali a eufórica amiga Paula, com o dobro de suor do que da primeira vez

que foi visitá-lo à noite e com o triplo de vontade de tudo. Sem falar nada, ela se atirou em cima dele e o beijou na boca; ele se deixou levar. Quis pará-la, tinha muitas perguntas e muitas queixas a respeito da atitude atordoante da garota, mas quando suas bocas se juntavam acontecia uma estranha magia entre eles, criava-se uma espécie de canal cósmico ou sabe-se lá o quê, e todas as palavras que chegavam à cabeça dele eram devolvidas a raquetadas à insegurança da qual procediam. Ela pulou em cima dele, como um coala de cinquenta e três quilos, e eles se beijaram de um jeito caótico. Se você visse esse beijo em câmera lenta, perceberia a língua dela fora de si, quase lambendo a cara dele inteira. Exibindo a sua força, ele a levou para a sala e a jogou no sofá, mas ela tinha outros planos e, antes que ele pudesse se deitar sobre ela, Paula já estava de joelhos na frente do garoto e desceu o seu short de moletom de forma enérgica, tanto que ele teve que falar "Com calma", mas ela não escutou nem o obedeceu porque já não estava com Gorka naquela casa, mas com Samuel vestido de smoking na dele.

Depois do episódio do short, começou algo como uma gincana do amor desenfreado por todos os quartos da casa. Correram escada acima e se detiveram no corredor do primeiro andar para transar de pé contra a parede. E dali ela, fazendo-se de sexy, caminhou nua até o quarto dos pais dele. Jogou-se na cama, emulando, sem se dar conta, a postura da crucifixão. Ele levou as mãos à cabeça sorrindo, mas sentindo-se estranho ao invadir o quarto dos pais, onde

provavelmente ele próprio fora concebido. Mas quem podia recusar aquela loira corada que tomava todas as iniciativas como se estivesse possuída por uma dessas garotas de capa de revista erótica? Gorka insistiu em ir para o seu quarto, mas ela se negou. Ela se negou, é claro, porque era muito difícil pensar em Samuel estando no quarto de Gorka, que tão bem conhecia. O garoto aceitou e eles se esfregaram na cama, dando sinal verde a todos os sons e gemidos que censuraram da primeira vez que transaram. No exato momento em que Paula gozou, um segundo depois do clímax, Samuel se desvaneceu da cabeça dela e só ficou o amigo Gorka, deixando-a em algo como uma enrascada da qual ia ser muito difícil sair.

— Vamos sair daqui, por favor — disse Gorka enquanto estendia uma toalha para que ela se limpasse.

Paula juntou a sua roupa pela casa inteira, essa era a segunda parte da gincana: encontrar o seu sutiã, a sua sandália direita... Entrou no quarto do garoto e, armada de coragem, estava prestes a soltar um *speech* de que isso estava errado e essas coisas de manual, mas...

— Ei, Gorka, está queimando alguma coisa?

O garoto saiu correndo tão rápido que quase a atropelou: havia esquecido o forno ligado e estava tudo cheio de fumaça. Isso deu a ela vários segundos para preparar o seu monólogo, mas, quando voltou, ele não lhe deu a menor chance de abrir a boca.

— Olha, Paula, quando você veio pra cima de mim eu estive prestes a empurrar você e perguntar que merda você estava fazendo. E o mais lógico é que agora você me conte que merda passa pela sua cabeça, se você é bipolar ou o quê, mas, quer saber? Eu não quero saber, de verdade. Não me conte, dá na mesma. Não me importa se você estava comigo ou se estava pensando nesse outro cara, então senta aí, eu aperto um baseado, abrimos uma cerveja e falamos do que você tiver vontade, menos disso, combinado?

Ele parecia tão seguro de si, de suas palavras, que ela não teve alternativa e ficou calada, sentou na frente dele, fez-lhe um carinho na cabeça como teria feito na de um de seus primos menores, e ambos sorriram. Gorka pegou o violão e começou a tocar. Como ele estava bonito só de short de moletom, com as bochechas ainda coradas pelo esforço e pela corrida até a cozinha para apagar o forno e com o seu violão entre as mãos. Não era um grande músico, mas arranhava alguma coisa, ainda que às vezes errasse e se corrigisse, e Paula nunca o tinha visto assim e achou muito fofo. Gorka tocou "Echo de menos", de Kiko Veneno, e passou para "Creep", do Radiohead, e ela não pôde evitar cantar junto, desafinando e um pouco sofrível, mas sem dúvida para ele foi a melhor versão.

Uma coisa levou à outra e eles se sentiram tão à vontade e tão bem que foi inevitável que surgisse um tema tabu para os dois: Melena e suas férias secretas. E conste que ele não queria falar, não queria contar, mas estava muito cansado de

toda a especulação sobre o assunto e principalmente de que suas próprias amigas especulassem sobre isso. Não achava que fosse algo do que se envergonhar: Melena extrapolou, mas e daí? Tinha ido a um lugar e já estava curada. Não achava justo que as pessoas pensassem coisas dela que não tinham nada a ver com a realidade. Então falou, confessou o segredo de Melena, contou não como uma fofoca (fez Paula prometer que não contaria a mais ninguém), mas como uma informação importante da vida de uma amiga, algo que deviam saber. Ele justificou muito bem para si mesmo.

Imagine que de repente elas estão numa festa e Paula tem ecstasy, que não é o mais provável porque ela é a menos drogada do grupinho, mas imagine que elas saem e surgem as drogas. Seria legal que as garotas soubessem que teriam que afastá-las da Mele, que não deveriam oferecer a ela... Tá bom, até pra mim parece uma idiotice e uma desculpa estúpida, mas sei lá, eu estava com vontade de contar, pra ela ver que eu estava me abrindo, que estava confiando nela, e a Melena nunca ia ficar sabendo, então eu não tinha nada com o que me preocupar. Sim, eu falei e automaticamente me senti um pouco merda e um linguarudo, mas talvez eu seja, talvez eu seja um linguarudo. Contar um segredo alheio dá um gostinho enquanto você fala e remorso depois. A Paula é legal e não vai dar com a língua nos dentes. O que ela ia fazer com essa informação? Nada.

Tá bom, eu sou um maldito linguarudo.

A polícia tinha um principal suspeito: Nano. Era certo que não dispunham de muitas provas, mas tudo estava cheio das digitais dele, principalmente o corpo da garota, e alguém o vira sair correndo, abandonando a cena do crime. À falta da análise legal dos restos mortais, isso era o mais sólido que havia no caso do assassinato de Marina. Se não fosse ele o culpado, teria ido logo denunciar a morte da garota, mas seu silêncio fez disparar os alarmes, e todos os dedos apontaram para ele.

Eles haviam pensado em fugir juntos, e Marina, nesse mesmo dia, tinha mudado de opinião, de modo que já havia um motivo para que ele cometesse o crime. Só uma coisa ainda desconcertava a investigadora, uma peça solta: o diário.

Era fácil adivinhar que Nano tinha pouco a ver com ele, mas não podia descartá-lo e pronto, não deixava de ser uma prova. Nem sempre os assassinatos são cometidos por um único assassino. Ela via que a hipótese do senso de traição sentido por Nano era bastante sólida, e, somada à fuga da cena do crime, tampouco era um ponto a favor dele. Mas, por outro lado, ela não deixava de repetir a frase "Júlia, esse é o caminho fácil". E era o fácil, mas não tinham mais pistas, não tinham mais fios para puxar além daquele diário de capa rosa.

A investigadora se serviu outro café e o folheou mais uma vez em seu gabinete, detendo-se no ódio que continha. Podia entender a ira adolescente, mas essa ira podia levar ao assassinato? Isso não lhe parecia claro, muito embora, entre as possibilidades que estavam sobre a mesa e com as poucas peças que tinha, fosse fácil pensar que a pessoa que escrevera essas barbaridades tivesse convencido alguém a cometer o crime, fosse de um modo explícito, ou simplesmente injetando o veneno de sua própria raiva. Isso parecia rocambolesco, mas a investigadora conhecia uma infinidade de casos tipo Lady

Macbeth: eu faço a sua cabeça, o manipulo para que você manche as mãos enquanto eu assisto, impune, à tragédia da arquibancada.

Estava claro para ela que o autor do diário não podia ser o assassino. Uma pessoa que escreve as suas intimidades em segredo, que não as comenta, que não gera um conflito real, dificilmente terá a coragem necessária ou o impulso assassino de arrebentar a cabeça de alguém a sangue-frio. O mais provável seria que um sujeito acostumado a vociferar contra alguém num diário tentasse matar de um modo premeditado, organizado, pensando muito nas consequências... Talvez se valendo de um terceiro. De Nano? Relembrou algo parecido que acontecera uns anos antes, outro crime de colégio.

Duas inimigas de classe – as duas bonitas, as duas excelentes alunas e as duas filhas exemplares – candidatavam-se ao posto de representante no conselho escolar, ambas o desejavam e ambas se odiavam. A primeira garota era atrevida, enérgica, esportiva e não tinha nenhum receio na hora de manifestar seu repúdio à garota B. Ela a criticava com veemência e jogava os argumentos da outra por terra sempre que podia. A garota B, por sua vez, era mais reservada, nunca se indispunha em público e guardava o ódio na intimidade do seu quarto. A garota A faleceu pouco antes das eleições do conselho e descobriram que alguém próximo à segunda garota havia envenenado a comida dela durante meses, com um veneno que era mortal em pequenas doses e que primeiro a deixou doente e depois acabou com a vida dela, convertendo a garota B em vencedora, até que o caso foi desvendado e ela, condenada.

Isso não queria dizer que o autor do diário tivesse pensado em envenenar Marina, mas sim que, caso tivesse um impulso assassino, não teria resolvido isso com um golpe improvisado na cabeça. Ou teria, vai saber. Eram só hipóteses, e levantá-las era algo que deixava a investigadora fascinada. O autor daquele diário era como a garota B ou era só uma pessoa ressentida que vomitava seu ódio para desabafar?

Capítulo 5

Janine não era uma psicopata, não que ela soubesse. Pensava muitas coisas, e claro que pensava na morte dos demais ou na sua própria em algumas ocasiões, mas isso era algo muito típico, não fazia parte de uma vertente sádica, mas de ter um mundo interior muito rico e tempo demais para se entediar. Tinha um sentimento de ódio muito desenvolvido, como o do resto dos seus colegas de classe, mas era mero entretenimento e passava rápido. Odiava claramente Lu, Clara e Marina, porque sempre havia se sentido um pouco desprezada por elas, que podiam ser boas, mas, na realidade, o preconceito as cegava.

Sendo uma nova rica, ela se sentia como uma sangue-ruim, uma trouxa em Hogwarts, e sabia que seu uniforme tamanho G também era algo que a fazia descer degraus na escada da popularidade. Por isso havia desenvolvido certa aversão às populares sempre em forma. Tinha raiva do ar hipócrita que se respirava. Conversavam às vezes, às vezes eram legais com ela, mas se você ia só um pouquinho mais fundo havia diferença social, e isso a deixava nervosa. Mas

nesses miniencontros de sala de aula, tipo “me empresta isso” ou “quando era a prova?”, Janine se mostrava muito amável para que elas vissem que estavam perdendo uma mina legal. Esse era o xis da questão: ela tinha raiva de que ninguém tivesse tentado conhecê-la porque sua imagem ou sua nova posição haviam criado uma barreira entre ela e o resto dos colegas. Ela se sentia à vontade com seus amigos e não precisava de ninguém, mas em alguns momentos fantasiava com ser mais popular, com pertencer ao grupo. Bom, não; fantasiava com não haver grupos nem classes. Ela, a idealista.

Janine se orgulhava bastante de como estava crescendo, de como era capaz de enfrentar muitas situações adversas que apareciam na sua vida ou de como conseguia manter uma conversa ou fazer parte de um debate quando recebia os amigos de seus pais para jantar, por exemplo. E algo que a orgulhava muitíssimo era como havia enfrentado toda a história com Mario. Alguns anos antes, teria arrancado os cabelos, mas achava, e tentava pensar de um modo objetivo, que havia agido bem. Tentou falar com ele com normalidade – sim, bêbada de Jäger, mas com normalidade – e não funcionou. Tentou falar com ele sóbria e se fazer entender, e também não funcionou. E no que diz respeito à pichação, vamos ver. Em vez de chorar, fez o que melhor sabia fazer: que o feio ficasse bonito. E quando esteve com a diretora não o dedurou, mas uma estranha sensação de injustiça maculava esse sentimento de paz consigo mesma. Não

queria se acovardar na frente de ninguém, não era isso o que havia aprendido ao longo da vida, e ainda restava bastante tempo de colégio para viver com medo, escondendo-se pelos cantos, quando claramente ela não havia feito nada.

O que Mario não sabia é que Janine tinha uma carta na manga. Não pretendia contar a ninguém o que fizeram, porque isso não tinha nenhum sentido e não a colocaria num bom lugar nem acreditariam nela. Gabar-se de ter ido para a cama com o repetente do último ano, o que parecia um Christian Grey à espanhola, não faria dela mais popular e arruinaria a sua credibilidade. Pensou que tudo era culpa do heteropatriarcado: os caras se vangloriam das suas conquistas e de quantas levaram para a cama, mas, se uma garota faz isso, é uma vagabunda, uma sem-vergonha e alguém em que você não pode confiar. Isso estava errado, mas não ia começar uma cruzada tipo Joana D'Arc, porque a via perdida. O que estava muito claro para ela era que não ia ficar de braços cruzados como uma palerma, porque ela já não era essa palerma. Então se levantou da cama e assentiu com a cabeça para si mesma, tomando uma decisão. Depois se sentiu muito tonta por ter feito o gesto sozinha em seu quarto. Foi para a cozinha e celebrou seu plano comendo um pacote de Jumpers. Sempre havia pensado que esses salgadinhos engordavam pouco porque eram assados e feitos de puro ar: estava enganada. As pessoas são como são: Mario e Janine estavam imersos no mesmo conflito. Ela passava o dia quebrando a cabeça e ele...

Porra, que chata essa mina do Tinder. Pelas fotos parecia bonita, mas depois que não parou de falar no chat e me perguntar as maiores merdas, tipo "Como foi o seu dia?", acabou me fazendo vê-la como uma baleia. Detesto as minas que falam. Gosto que falem, mas gosto que me escutem. Não é ego, é que às vezes eu tenho coisas mais interessantes para contar do que elas. Ultimamente só saio com universitárias porque estou cansado das cenas que fazem as novinhas. Elas dão uma de liberais, de liberadas, e depois arrumam confusão pra você na primeira oportunidade, porque, por mais que te digam que sim, que tudo bem só sexo, depois é toda uma história e o que elas querem é ir ao cinema. Que fixação as minas têm com o cinema. Eu detesto cinema, acho o cinema um roubo e um saco. Se você pode ver um filme jogado no sofá, pra que vai pagar nove euros pra ir ver em num lugar onde não pode nem falar? Eu gosto de falar durante os filmes, é que sempre me adianto ao que vai acontecer, quem vai ser o assassino e essas coisas.

As universitárias são melhores porque não querem namorados, mas são umas chatas de galocha. Minha nossa, como gostam de papo-furado. Patati, patatá... Metralham a sua cabeça e eu olho pra elas pensando: "Quer calar essa boca de uma vez por todas, sua matraca, e me levar logo para o quarto?". Muitas vezes eu me pergunto se não tenho sentimentos.

Uma vez eu vi um filme com aquele cara que fez o Batman nas últimas versões, chamava-se Psicopata americano, *e me vi muito refletido no protagonista: um cara bonito, com dinheiro e poucos sentimentos. Sem empatia. Eu não tenho empatia. Não*

choro. Choro pouco, não lembro quando foi a última vez que chorei. Morreu gente da minha família, meus avós e tudo, e eu só estava pensando no dinheiro que ia tomar dali. Não me importei. Acho que poderia matar alguém, como o cara do filme, e não me importaria. Não escolho ser assim, má pessoa, porque me considero má pessoa, eu sou. É que não nasce nada dentro de mim. Como se fosse essas minas que não podem ter filhos, estéril, isso, estéril, mas de alma, sabe? Eu penso muito... Se pudesse escolher, não escolheria ser sensível, prefiro ser assim, a quem nada importa muito, apesar de muitas coisas me incomodarem. Sou um cara de sorte. Sou jovem, mas as pessoas dizem que pareço ter quase trinta e isso me abre muitas portas. Nunca me pediram documento de identidade e posso entrar em todas as baladas e reservados que tiver vontade, e isso tem uma parte dura: os puxa-sacos. Bah, tenho centenas deles. Até onde sei, sou alguém que dirige, divertido, e é normal ter um rebanho de maria vai com as outras me seguindo. Às vezes eu acho legal, mas normalmente não me importa. Se eles morressem eu estaria pouco me lixando. É o que estava falando antes, não tenho sentimentos. Estou numa posição acomodada, mas conquistei isso sozinho. Foi me matando na academia, criando minha fama de fucker, *porque eu sou, não posso evitar. Gosto de transar, gosto de transar e preciso... preciso transar muito. Não serve bater uma punheta e pronto, porque isso é legal, mas não me produz a mesma sensação que estar com uma mina. Não é que eu goste da paquera, mas levar uma mina pra cama me satisfaz não só sexualmente, mas também me deixa pra*

cima, porque eu penso: "Porra, Mario, como você é foda, pode transar com quem tiver vontade".

Há rumores de que eu comi uma professora. São verdadeiros, mas eu prefiro não falar disso nem arrumar problema pra ninguém. É que eu gosto de mais velhas e, se elas topam, o que eu vou fazer, me recusar? Não, até parece, seria um tremendo idiota se deixasse passar uma oportunidade. Antes eu anotava as minhas conquistas, mas chegou um momento em que elas começaram a se acumular e esqueci, daí perdi a conta, mas são muitas, pode acreditar, muitas.

Namorada? Eu passo. Já tentei alguma vez, mas não acredito na fidelidade e normalmente as minas não entendem, então não vou fazer nenhum sacrifício. Se eu encontrar uma mina que me deixar louco, pode ser, mas já te digo que, como não tenho sentimentos, vai ser complicado. Mas, ei! Eu não sou um cara frio... Eu gosto pra caramba dos animais. Tenho um punhado de cachorros apadrinhados numa associação protetora e às vezes vou visitá-los e tal. Mas eu não me encano de ser assim, gosto de mim do jeito que sou e não tenho intenção de mudar. Pra quê? Se as coisas estão indo bem... Sou um cara saudável, treino quatro horas por dia e não tenho problema com ninguém. Com quase ninguém. Porque houve vezes em que me deixei levar, não pensei com a cabeça e me meti onde não devia, e isso me trouxe brigas com namorados, gritarias no corredor, dramas na balada... Mas o que passou, passou.

Mario era um cara tão seguro de si que dava medo. O fato de se comportar como um cretino e andar se achando o tempo

todo não era só culpa dele ou da sua falta de autocrítica. Desde bem pequeno foram alimentando essa fogueira e tanto seus pais como seus tios e o resto dos adultos do seu meio foram falando que ele era maravilhoso e deixando passar, sem limites, todas as coisas que fazia de errado. Nunca o castigaram, nunca o enfrentaram e ele foi se convertendo num menino alfa que fazia o que dava vontade e nunca tinha uma consequência negativa. Sempre recebia a sua mesada, sempre tinha os colegas que o adoravam e aplaudiam os seus triunfos na cama, e a sua vaidade, o seu ego e a sua falta de empatia foram crescendo de maneira desproporcionada... E como era tão bonito, tão forte e com aquele cabelo tão bem cuidado, e como vivia naquela sociedade, tudo era fácil para ele e tudo vinha de bandeja. E o que acontece com um adolescente sem limites, que não se esforça por nada, que tem tudo e, além do mais, é venerado? Não cresce, não amadurece e se torna um perfeito cretino, totalmente equivocado, com um conceito da vida real bastante distorcido e nada preparado para as relações sociais ou de trabalho. Tirano, tonto, mas com um queixo de fazer inveja a Gaston, o vilão de *A Bela e a Fera*.

Ele falava sobre sua síndrome de ausência de sentimentos com muito conhecimento de causa. Havia lido um monte de coisas na internet, no Yahoo! Respostas, e nunca a concebeu como um problema, ele a via como uma virtude ou uma característica, estava interessado em saber se acontecia com outras pessoas. E sim, havia um punhado de comentários de

garotos e garotas jovens que padeciam da mesma coisa, algo pouco alentador e que fazia pensar que a sociedade ia por água abaixo.

Podia um adolescente matar outro a sangue-frio e sua consciência não o fazer se entregar ou ver que cometera um grave erro? Podia, e os alunos de Las Encinas estavam prestes a descobrir isso e a levar, assim, um choque de realidade.

*

Gorka estava exultante. Não planejava nada e estava curtindo muito a situação. Havia transado duas vezes com a garota dos seus sonhos e não pensava nas consequências nem no fato de que ela não sentia o mesmo por ele. Era uma terça-feira qualquer. Havia combinado com Mele de ir tomar algo no La Cabaña. Gorka era um poço sem fundo: comia o tempo todo e continuava muito musculoso, então podia comer um hambúrguer ou dois, batatas grandes, Coca-Cola e waffles no café da tarde e continuar leve como um ninja. Por mais que tentasse, naquela tarde não era capaz de disfarçar seu sorrisinho de malandro. É que estava contente e radiante e parecia até mais bonito. E Melena notou.

Primeiro ele se fez um pouquinho de rogado, comeu uma última colherada dos restos de waffle que naufragavam na poça de sorvete de baunilha e se aproximou dela para contar a sua segunda experiência sexual.

— Mas então vocês são namorados?

Gorka desconversou e saiu pela tangente, falando coisas do tipo “não gostamos de rótulos” e blá-blá-blá, mas acabou confessando que Paula não gostava dele desse jeito. Se estivesse com os caras da academia, nunca teria contado isso, mas não precisava fazer o papel de fanfarrão com sua melhor amiga e não se importava de ficar como um pequeno perdedor do amor ao lhe dizer a verdade.

— Eu acho que ela gosta de mim, mas não sabe disso. Ou seja, ela me disse muito brutalmente que não sentia nada por mim e contou uma história bem cruel de que tinha estado pensando em outro enquanto transava comigo, mas depois foi na minha casa e se jogou nos meus braços como uma louca. Selvagem é pouco.

Melena não via a menor graça em Paula usar o seu amigo, porque, por mais que eles jogassem o jogo da maturidade sexual sem amarras, era óbvio, pela carinha do garoto, que ele estava apaixonado e que depositava muitas esperanças nela. Isso era o princípio do autoengano. Gorka dava uma de garanhão e podia fingir que era só sexo, mas no fundo, para ele, o sexo estava vinculado ao amor e achava que por meio dessas transas poderia fazer sua amiga se apaixonar por ele, ainda que não fosse completamente consciente disso. Mas Mele conhecia Paula e sabia que ela nunca sairia com um garoto como Gorka. Por quê? Porque Paula era uma menina rica, legal mas refinada, e sonhava com romantismo e casamento na praia, e seu amigo, embora sendo muito endinheirado, tinha um ponto vulgar; era muito bacana tê-

lo como parceiro em seu grupinho, mas não para viver um romance com ele. Como amiga, Mele se viu na trágica situação de falar o que pensava, apesar de ele não querer ouvir.

A cara iluminada de Gorka foi mudando rapidamente assim que Melena começou a dizer que ele devia frear essa história agora mesmo, que Paula estava brincando com os sentimentos dele e que eles nunca seriam namorados. Por mais que tenha tentado disfarçar, escondendo o olhar nos restos do prato, os olhos dele se inundaram um pouco. É o que acontece quando alguém lhe tira a venda: seus olhos veem um monte de coisas que não querem e você sofre, e Gorka estava sofrendo, e como se sentia muito desconfortável, preferiu abortar o plano do café da tarde demorado e dizer que tinha que ir fazer o trabalho de Matemática.

Melena se sentia mal, não queria feri-lo, mas a função dos amigos, dos que são amigos de verdade, é esta: estar presente, escutar, alegrar-se com as alegrias, mas dar choques de realidade quando é necessário. Era melhor ele sofrer agora do que continuar nesse processo lento de acender as chamas da ilusão.

*

Quando tinha as tardes livres, Paula gostava de passear pelo shopping. Não era um clichê de menina rica, mas adorava torrar o cartão de crédito. Seu quarto era enorme, com um

closet maior do que a sala de muitas garotas da sua idade. Era muito organizada e tinha as roupas arrumadas por cores, e essa ordem a deixava bastante tranquila. Roupas e mais roupas por estrear que jamais usaria. No shopping, nunca encontrava coisas de que gostasse, porque as lojas da Inditex não faziam o seu estilo. Ela era cliente da Asos e comprava tudo pela internet, mas de vez em quando podia sucumbir a uns básicos da Zara, ninguém precisava saber. Sim, era uma compradora voraz, sempre ia sozinha, não precisava de opiniões... Considerando a insegurança quanto a todo o resto, para isso tinha uma visão superclara. Além do mais, odiava provar roupas nos provadores, então as comprava e provava em casa e, se alguma coisa não vestia bem, Luisa, a garota que trabalhava na sua casa, a devolvia e pronto. Mas aquela tarde ela não estava muito afim. Havia saído para tirar um pouco da cabeça a sua não história com Samuel, mas tinha outra pessoa que não podia tirar da sua mente: Gorka. Paula tinha sentimentos, tinha coração e sabia que o que havia feito com ele não era algo para se orgulhar, mas o garoto facilitou tanto as coisas, e ela se divertiu tanto se esfregando com ele pela casa inteira ou escutando-o tocar violão sem camiseta, que ficou meio confusa com o assunto.

Eu não gosto do Gorka. É verdade que dessa última vez que nós transamos a presença dele, em alguns momentos, fez que Samuel saísse da equação, mas ainda sendo uma miragem intermitente, era ele quem eu estava desejando enquanto nós transávamos e

quem eu imaginava entre as minhas pernas. Pensar no Gorka de um modo sexual é estranho e incestuoso, mas estaria mentindo se dissesse que agora eu não o vejo de um jeito diferente. Eu sempre o achei superlegal, mas ele sempre me pareceu um pouco tonto e bobo, e isso é legal pra alguém que é seu amigo, não pra alguém que pode ocupar uma parcela diferente da sua vida. Eu me sinto mal e me sinto muito filha da puta, porque sei que ele gosta de mim, claro que ele gosta de mim, e não é que eu tenha usado um cara como um objeto, é que eu estive usando um cara que é meu amigo, de quem eu gosto, e que pra complicar ainda mais está apaixonado por mim. E sinceramente, eu não acho que ele esteja preparado pra lidar muito bem com isso.

Então, nesse instante, na fila do caixa da H&M, com algumas camisetas tipo *boyfriend* na mão, Paula tomou uma decisão: não ia voltar a passar por ali, não ia voltar a comprometê-lo com seus caprichos e, pelo bem de todos, priorizaria a amizade deles aos seus impulsos. Ponderou e se reafirmou em sua decisão, mas depois hesitou, porque pensara exatamente a mesma coisa da primeira vez que transaram e, dias depois, cavalgara em cima dele como se fosse o Cavaleiro Solitário.

Bom, a primeira coisa que tinha a fazer era não ficar a sós com ele, não estar com ele quando houvesse álcool, ou estaria perdida... Mas isso era difícil, porque é claro que não ia se jogar nos braços dele na escola, e fora dela só se encontravam em festas ou bebedeiras, e não ia deixar de tomar Malibu com coco para frear seus impulsos. Estava

confusa. Nesse momento, recebeu um *direct* do Instagram do dito cujo, pedindo para encontrá-la, dizendo que queria conversar, e ela não respondeu. Ela podia se encontrar com ele e esclarecer tudo, mas sentia que essa parte já estava feita e, se o encontrasse, correria o risco de acabar sem calcinha mais uma vez, e isso sim ela precisava evitar.

Quando ele perguntasse, no colégio, mentiria como uma velhaca e diria algo como "não olho essas mensagens" ou "ultimamente nem ligo para o Insta", e tiraria o corpo fora. Uma forte sensação de pedras no estômago se apoderou dela, porque sabia que estava agindo mal outra vez e esse tipo de sensação se agarra ao corpo como reação física, então ela se sentou. Onde? No salão de beleza da Candy, que sempre lhe cortava quatro dedos de cabelo ainda que pedisse só as pontas. Uma mudança de visual e uma boa lavada de cabeça com efeito relaxante sempre caíam bem para não pensar tanto.

*

Aquela noite foi estranha para todos. Talvez por causa da lua cheia ou porque tinham mil histórias na cabeça. Janine havia tomado uma decisão e elaborado um estranho plano que começaria na manhã seguinte. Melena estava enojada e via pouca luz no fim do túnel em sua relação com a mãe. Gorka havia ficado muito encanado com o que Melena lhe dissera e era consciente do autoengano; e Paula, apesar de agora ter um corte de cabelo mais moderno, sentia-se mal por ver que

nunca avançaria com Samuel e que estava agindo mal com seu amigo. Assim, na manhã seguinte todos chegaram a Las Encinas com cara de poucos amigos por não terem pregado o olho.

O único que tinha boa fisionomia naquela manhã era Mario, que, embora dormisse cinco horas por noite – porque adorava ficar até tarde de bobeira no computador –, possuía uns genes tão favorecidos que sempre parecia ter descansado mais placidamente do que ninguém. Se bem que sua cara de bonitão iria dar um giro de cento e oitenta graus em direção à palidez e à decomposição facial, se é que isso queria dizer alguma coisa.

Sua aula de Educação Física havia terminado, mas, como era o intervalo do almoço, Mario ficou um pouco mais treinando lances livres. Lembremos que ele tinha um ego tão grande quanto um arranha-céu, e jogar com os colegas o obrigava, segundo ele, a baixar seu nível de jogo porque os outros eram bastante ruins. Então ficou treinando lances livres e suando a camiseta regata. Sim, o suor escorria aos borbotões e cada arremesso fazia cair um monte de gotinhas da sua testa no chão.

A porta do ginásio se abriu e Janine entrou. Ele lançou a bola uma última vez e falhou, porque errou o arremesso assim que percebeu a presença dela. Sussurrou um "porra" que englobava um "lá vem a puta gorda de merda encher o saco".

— Porra, puta gorda, me deixa em paz...

Janine foi muito direta e não se intimidou. Não respondeu a isso, não se diminuiu nem olhou para o chão, como ele havia mandado. Fez algo muito melhor: pegou seu celular e mostrou algo que o deixou gelado. Ela nem se lembrava que tinha aquele material gráfico, mas sabe esses dias sem graça em que você não tem notificações no celular e começa a fazer uma limpeza de fotos? Ela tivera um dia desses algum tempo atrás e encontrara essas pérolas entre as suas imagens. Duas fotos bastante comprometedoras nas quais apareciam ela e Mario depois de terem transado.

Não eram fotos posadas, fazendo biquinhos; estavam mais para fotos tiradas de má-fé, às escondidas, mas não era o caso. Janine nem se lembrava de por que as havia tirado. Aquela noite, quando terminaram de fazer o que estavam fazendo em cima do lençol de animaizinhos esportistas, ele ficou furiosíssimo ao descobrir que estudavam na mesma escola, enquanto ela fazia vários disparos com sua câmera. Pode ser que tenha feito isso para sempre recordar o garoto que tirou a sua virgindade, ou que o fizesse por saber que, mais cedo ou mais tarde, tiraria algum proveito delas; ou pode ser – e esta é a versão mais realista – que estivesse mexendo no celular e a câmera disparasse sem querer, isso acontecia direto. Sim, essa devia ser a versão correta, porque ele aparecia sem camiseta e ela refletida no espelho, mas estava óbvio que havia rolado alguma coisa entre eles.

Eram umas fotos feias, dessas que não havia filtro que arrumasse, mas bem comprometedoras. Mario ficou uma fera, tentou arrancar o celular dela, mas Janine foi muito clara.

— Tem uma câmera aí em cima e, se você fizer alguma coisa comigo, eu te garanto que não vou hesitar em contar pra diretora que você me maltratou, pedir que verifiquem as imagens. Podia ter falado pra ela buscar a gravação em que você pichava o meu armário com "Puta gorda", uma letra linda, a propósito, simples mas muito artística, mas não fiz isso. Agora, eu garanto que, se você colocar a mão em mim, vou fazer uma denúncia e terei essa prova, então é melhor você soltar o meu braço, seu maldito imbecil, e me escutar.

Uau. Janine nunca havia se sentido tão enérgica e poderosa. Estava controlando a situação e se sentia como uma dessas vilãs dos seus quadrinhos, e isso estava elevando absurdamente os seus níveis de adrenalina. Não era má, não era rancorosa, mas não queria ser a vítima nunca mais, e se Mario havia imposto as regras do jogo sujo entre eles, ela pretendia jogar a partida até o final e, é claro, ganhar. Estava se sentindo tão bem que não pôde controlar um sorrisinho. A segurança que ia ganhando era a mesma que ele ia perdendo, como se ela fosse uma vampira de energia e o estivesse deixando seco.

— Tá bom, eu prometo deixar você em paz; sem pichações nem mais nada — disse ele, ostentando os poucos pontos de confiança que lhe restavam.

— Não, Mario, não. Esta foto vale mais do que isso, e você sabe — respondeu ela com ar de mafiosa.

— Que merda você quer?

— Sair com você.

Ele começou a rir de um jeito falso, exagerando e esticando a risada para machucá-la. Isso era muito típico das pessoas que tinham tudo a perder: tentar enfraquecer o adversário debochando dele, mas Janine estava muito consciente do seu plano e não ia se intimidar com um truquezinho barato.

— Você acha que eu vou me apaixonar por uma maldita baleia como você? Você é feia, pra começar, e me dá nojo. Minha nossa, sair com você. Está louca?

Ser chamada de feia dói muito, muito, mas Janine imaginava estar usando uma capa impermeável vermelha que fazia tudo escorregar. Isso não era ideia dela. Sua tia Estefanía, que era muito esotérica e sempre falava de energias e essas coisas, dizia que, se alguém tentasse machucá-la com palavras, ela tinha que se imaginar com uma capa impermeável vermelha para que as palavras não pudessem penetrá-la. Era uma idiotice, mas naquele momento Janine agradeceu o conselho e sentiu que funcionava por completo. Ele podia ter cuspido nela outra vez que teria dado exatamente no mesmo.

— Pode rir, pode me desprezar e me xingar se quiser, estou muito acostumada. Ou você sai comigo ou vou postar esta foto no Instagram, e você sabe que, apesar de eu ter

poucos seguidores, vai se espalhar como pólvora... Vamos ver como você explica às ovelhinhas do seu rebanho que transou com a gordinha do colégio.

Mario gritou um monte de insultos e impropérios, ficou louco. Sempre havia conseguido tudo o que queria e nunca tinha se visto numa situação dessas. Estava sendo chantageado de verdade, e só pensava em tudo que tinha a perder. Ele se sentia totalmente impotente, e esse era um sentimento inédito – sim, por mais que acreditasse que não, ele tinha sentimentos e havia desbloqueado um novo. Pegou a bola e a arremessou com muito mau humor, e sua demonstração ao estilo Hulk pôs Janine em alerta.

— Bom, entendo a sua raiva e os seus palavrões como um sim. Ótimo. Tchau.

A garota deu meia-volta e saiu rapidamente do ginásio, enquanto ele continuava gritando e se batendo na cabeça como o que era, de fato: um moleque mimado e malcriado.

Uma vez fora, Janine se deu conta da coragem que tinha e de como o seu confronto com Mario havia sido intenso, e ficou eufórica, feito uma atriz que consegue um papel num filme do Almodóvar. Pulou, saltitou e moveu as mãos em todas as direções emitindo sonzinhos agudos como símbolo de vitória. Já mais calma, entrou na cantina e notou que o mundo ficava mais lento ao seu passo. Não era popular, mas naquele momento se sentiu a adolescente mais bem-sucedida da face da Terra, então podia se permitir o brownie que nunca pedia. Não ia pedir nem macarrão à bolonhesa

nem o filé de panga empanado; não, ela ia diretinho para a sobremesa. Afinal de contas, as regras existiam para ser quebradas.

Não, claro que eu não gosto do Mario, nem um pouco... E mais, eu quase não vou com a cara dele. Por que quero sair com ele? É uma espécie de vingança poética, porque ele representa todo o mal, tudo o que eu não gosto do esnobismo da escola, parecido com o que penso sobre a Marina, a Lu e a Carla. Se elas me conhecessem, se não tivessem se detido por um punhado de preconceitos tontos, teriam visto que sou uma garota legal e até teriam gostado de mim, e isso teria sido a queda do nosso Muro de Berlim... E o Mario está comendo na palma da minha mão, e eu vou condená-lo a me conhecer. Esse é o único motor da minha vingança. Sim, eu quero que ele pare de me encher, mas quero que me conheça, não para que se apaixone por mim, mas para que me livre do castigo... Mas não quero que faça isso por obrigação ou por chantagem; quero que me livre dessa norma idiota de não olhar pra ele ou de fingir que não o conheço porque ele mesmo descobriu que sou uma garota legal. Arriscado? Sim, é arriscado pra cacete, porque sei que ele não vai facilitar para o meu lado... Mas, no mínimo, vou dar tudo da minha parte pra que o garoto mais popular de Las Encinas veja um pouquinho além dos seus peitorais e do seu queixo perfeito. Quem sabe. Talvez isso, sim, seja o princípio da mudança... Ou não, mas eu nunca terei outra oportunidade como esta.

Janine estava tão inspirada que pegou seu caderno e se pôs a desenhar como uma louca. Desenhou várias vinhetas de uns personagens num encontro, no cinema, numa lanchonete... Ela era assim, romântica e um pouco básica.

*

Enquanto Janine desenhava feito louca no refeitório, Paula lavava o rosto e retocava a maquiagem no banheiro quando Melena entrou. Ela não a havia seguido, foi por acaso, mas um acaso que vinha bem a calhar, porque tinha vontade de se encontrar com ela a sós. Paula falou de obviedades, como, por exemplo, a máscara de cílios que estava usando e que era à prova d'água das boas, que resistia a lavagens de rosto e continuava perfeita, tanto que à noite era um suplício tirar a maquiagem. Melena assentia amavelmente, mas se interessava pouco por maquiagem. Aos treze anos vivera sua fase emo, e aí usara e abusara do lápis preto, mas agora andava com o rosto lavadinho e pronto.

A conversa mudou rotundamente quando Melena disparou sem rodeios:

— Você gosta do Gorka?

A pergunta pegou Paula de surpresa, e a garota largou automaticamente o minipincelzinho de cor cereja com que estava prestes a se pintar. Ela hesitou e tentou encaixar as peças, mas era óbvio que Gorka havia dado com a língua nos dentes. Também não era de se estranhar, porque ele era um linguarudo.

— María Elena, meu amor, isso não é assunto seu. Não sei o que Gorka te contou, mas as coisas estão muito claras entre ele e mim.

A cena era meio excessiva para as duas, e a verdade é que nenhuma delas queria um confronto, mas Melena se sentia obrigada a detê-la, já que seu amigo estava louco de amor e não seria capaz de tomar a iniciativa, e Paula teria gostado de manter segredo, porque queria evitar esse tipo de conversa. Uma coisa levou a outra e do nada começaram a gritar. Disseram coisas bastante feias sobre a amizade e o sentido dela, e parecia que tinham muita bala na agulha. Eram amigas, sempre haviam sido amigas até que Mele sumira nas férias e isso dera uma boa esfriada na relação entre as duas, mas bastava ir um pouco mais fundo para ver que eram de mundos totalmente diferentes. Nem sequer elas mesmas sabiam que tinham essas contas estranhas a acertar e as duas ficaram surpresas com o ódio repentino que brotava aos borbotões da boca delas. Melena disse que Paula era muito superficial e não tinha coração; que falar para alguém que você pensa em outro quando transa com ele é ser uma maldita insensível. E Paula, ao se sentir atacada, disse que se a garota estava amargurada, não descontasse nela; que se a outra não tinha mais amigos era porque era uma mina muito estranha; que sua historinha de depressiva torturada era muito óbvia, e apesar de Melena tentar sorrir na frente das garotas da classe, Paula já sacara qual era a dela.

— Qual é a minha? Mas como vai sacar qual é a minha se você é incapaz de ver um pouco além do shopping? Se a única coisa com que se preocupa é o seu cabelo... Cresça de uma vez por todas, Paula, a vida é mais do que isso. Acorde. Você é uma pobre menina rica, mas a realidade não é a que seus pais te venderam. Cresça, porque o colégio vai terminar e você vai enfrentar a vida, e eu garanto que, por mais dinheiro que você tenha, vão devorar você lá fora. Que merda você acha que é pra brincar com as pessoas? Usar o Gorka desse jeito, ele que sempre disse que é seu amigo... Porra, que feio.

— Oh, puxa... Como eu sou má. Já você se importa muitíssimo, né? Tanto que desaparece nas malditas férias inteiras e não liga pra ele e agora reaparece como a boa samaritana que precisa protegê-lo.

— Porra, falando sério. Não sei o que ele vê em você, porque você é uma idiota.

— Ah, tá bom, Melena, é claro. Seria melhor se ele tivesse se apaixonado por uma ex-viciada que nem você, né? Com certeza teria sido melhor pra ele...

— O que você falou? — perguntou Melena desabando.

— O que você ouviu, Melena. Antes de falar dos outros, antes de tentar consertar o mundo, comece consertando o seu, porque acho que você tem muito o que fazer.

— Você é uma filha da puta.

— Não, você sabe que eu não sou — respondeu Paula, desarmando-se —, mas você vem aqui se meter onde não é

chamada e...

— Foi ele que te contou? — interrompeu ela.

O silêncio de Paula foi a resposta, e Melena se pôs a chorar de imediato. Estava se sentindo ferida e traída. E ao ver as lágrimas da outra, a rival dedo-duro também começou a chorar. E em vez de se abraçarem e chorarem juntas, Melena olhou para ela com ódio e saiu do banheiro desconsolada, enquanto Paula permaneceu chorando e comprovando, mais uma vez, que sua máscara de cílios à prova d'água aguentava tudo.

Como haviam chegado até ali? É provável que a raiva acumulada de seus próprios conflitos tenha explodido na direção errada. Paula não odiava Melena e empatizava com o conflito dela e se sentia mal, porque sabia que sua situação em casa era um caos. No começo das aulas, todo mundo havia definido Paula como uma princesinha, como uma menina legal ou, o que acaba sendo a mesma coisa, uma mosquinha morta. Mas já fazia várias semanas que a nova Paula havia florescido e, ao que parece, todo o açúcar que corria por suas veias convertera-se em bile. O que havia dito a Melena não era justo nem era o seu estilo, e o remorso se apropriou dela. Mele a havia chamado de filha da puta e era assim que se sentia, considerava-se má pessoa. Normalmente as pessoas discutem, realizam ações negativas ou são egoístas, mas se Paula morresse naquele instante e subisse ao céu, o guardião da porta folhearia o seu prontuário e veria que nunca havia dito uma palavra fora de

tom, nunca havia roubado e sempre havia feito o bem e ajudado os demais. No entanto, agora havia uma mancha muito grande no seu prontuário. Havia feito algo muito feio e ferido não só uma pessoa, mas duas, com uma cusparada só, com um único tiro. O que havia dito teria consequências na relação de Melena e Gorka e isso era bastante grave, porque ele havia sido bom com ela e ela retribuíra dedurando-o só para ficar por cima de outra pessoa. Não dava para curtir esse triunfo, pois era um triunfo sujo.

Paula continuava chorando. Tentou se recompor, mas não pôde, e lhe pareceu que voltar à sala de aula depois do intervalo do almoço era uma tarefa muito difícil de realizar e não estava preparada, então enviou uma mensagem para o motorista buscá-la mais cedo e inventou uma besteira como "o macarrão à bolonhesa não me caiu bem e eu estou me sentindo muito mal". Passou todo o trajeto até sua casa tentando conter as lágrimas, porque não gostava que as pessoas que trabalhavam para ela e sua família vissem essa fraqueza. Mas o chofer, que era um porto-riquenho muito legal, perguntou-lhe, quebrando qualquer protocolo: "Senhorita, tudo bem?". Foi a gota que transbordou o copo, e ela não conseguiu fazer nada além de desabafar e contou a ele que havia tido um problema com uma amiga, que estava se sentindo uma má pessoa e uma merda. Sim, disse isso também, e que não sabia o que fazer para consertar.

— Senhorita, eu não quero me intrometer nos seus assuntos — disse o motorista com as duas mãos no volante

e um olhar fugaz no espelho retrovisor —, mas, se é sua amiga de verdade, vai saber perdoá-la, e se quiser consertar, a primeira coisa que precisa fazer é pedir perdão para aliviar um pouco esse mal-estar que está sentindo. Seja o que for que tiver feito, tenho certeza de que tem remédio. A honestidade e o arrependimento abrem até as portas mais pesadas.

Ela achou o conselho fajuto, uma dessas frases corretas que se diz por dizer pensando ser justamente o que o interlocutor necessita escutar, mas no fundo estava certo. Havia cometido um erro – bom, havia cometido vários erros –, e a primeira coisa a fazer era pedir desculpas para tentar emendá-lo. A única coisa boa de tudo isso é que não pensara em Samuel, nem na cara de Samuel, nem em encontros clichê com Samuel durante várias horas. A dor estava pondo o amor em segundo plano.

— Ouça, Melena, está caindo na caixa postal o tempo inteiro e eu sei que é porque você não quer me atender. Eu te mandei um monte de WhatsApps, mas não aparece a marca dupla, então suponho que você tenha me bloqueado e entendo. Estou me sentindo uma merda, estou me sentindo muito mal pelo que disse a você... Fui muito baixa de usar isso pra te machucar. Não é justo. Não sei por que falei aquilo. Quero que saiba que o Gorka não me contou com má intenção, mas porque estava cansado de todo mundo ficar especulando sobre você e fez isso pra protegê-la; de verdade, não fique brava com ele. Sinto muito pelo que

aconteceu com você e a considero minha amiga, e, olha, você também me disse coisas que me doeram muito, mas sei que extrapolei. Quero que saiba que eu sinto muito e espero que você possa me perdoar. Nem vou fazer chantagem emocional falando do quanto nos divertimos nem nada, porque sei que você é muito esperta e seria óbvio, mas quero que saiba que estou muito mal e que adoraria falar com você e pedir perdão. Sei que devem ter sido umas férias duras e que deve estar sendo muito difícil levantar a cabeça. E sobre a sua mãe, ninguém me contou, mas eu sei, todos nós sabemos, porque a vimos algumas vezes e é evidente que ela também não está no melhor momento dela... Não sei, Melena, me perdoe, por favor. Se quiser falar sobre isso ou sobre o que for, ou se quiser me xingar e falar que sou uma filha da puta outra vez, pode fazer isso, porque eu mereço, mas me diz alguma coisa.

Era verdade que Melena não queria atender e era verdade que havia bloqueado Paula porque sabia que a garota era uma molenga previsível e seu próximo passo seria uma mensagem de desculpas, e queria que ela se sentisse mal, queria fazê-la sofrer. Mas Melena não ia remoer tanto esse assunto. Chorou? Muito. Sofreu? Também, mas notava que as coisas já não eram tão importantes. Sua mãe estava louca e seu único ponto de apoio, o amigo que havia recuperado, era um traidor. Porém, ela se fez muitas perguntas...

Se eu sou tão desencanada, se estou pouco me lixando para o mundo, por que merda a história da Paula com o Gorka me

incomoda tanto? Tudo bem eu querer proteger meu colega, mas precisava me intrometer tanto e falar com essa idiota? Numas férias de verão, quando eu era muito pequena, com seis ou sete anos, nós fomos para o México. Em frente à casa que alugamos havia um campo com milhares de figueiras-da-índia, que são essas plantas que parecem cactos e que também existem aqui, mas o caso é que eu me enfiei no campo pra colher figos-da-índia e saí machucada. Era mais cômodo recebê-los lavadinhos e descascadinhos em casa, mas pensei que minha mãe ia ficar feliz ao ver que eu era capaz de fazer coisas por mim mesma, mas nem sequer era consciente de que esses figos tinham espinhos; então, quando arranquei três ou quatro frutas percebi que as minhas mãos estavam cheias de uns espinhos bem pequenininhos, como pelinhos, espetados; eu me esfreguei e foi pior, acabei cheia de espinhos no corpo inteiro. Lembro disso como algo horrível, porque depois que a minha mãe gritou comigo e eu me pus a chorar por causa da dor nas mãozinhas e por causa dos gritos, tiveram que me levar a um hospital pra tirar os espinhos, lembro disso perfeitamente. Mas foi minha culpa. Se eu não tivesse querido dar uma de legal e não tivesse entrado naquele campo, não teria saído tão ferida. E agora tenho a mesma sensação. A intenção ali fora agradar a minha mãe, e qual era a intenção desta vez? Agradar a mim mesma? Dar uma de boa samaritana, como disse a Paula? Ganhar pontos com o Gorka? Pra quê? Não sei. Mas estou me sentindo péssima agora.

Se quisesse maconha, teria ligado para Omar, mas estava se sentindo muito mal, muito destruída e sem nada em que se

agarrar; e apesar de ter sido bem madura durante a sua desintoxicação e de tê-la levado muito a sério, ingerir algo era a única coisa que podia fazê-la se sentir um pouco melhor. Revirou seu quarto como uma louca para encontrar o telefone de Klaus, um cara de quem comprava cocaína, ecstasy ou comprimidos antes de acabar pisoteada naquela balada. Era um cara em quem não se podia confiar e era, provavelmente, um desses traficantes que tinha um trato com a polícia, já que não se sentia nem um pouco inseguro na hora de vender alguns gramas para menores.

Encontrou o telefone, deixou uma mensagem como havia feito tantas outras vezes e apareceu na garagem dele. Um lugar onde você não gostaria de estar. Ela estava confusa emocionalmente, mal, e acreditava precisar de alguma coisa. Podia ter recorrido aos comprimidos, tranquilizantes que também eram ilegais sem receita, mas queria usar um pouco de cocaína, isso sempre a fazia fugir, sair de si, e era uma coisa mais controlada do que os comprimidos. Mas Klaus, esse senhor calvo e gordo que suava tanto (ela pensou que o chamavam assim porque era parecido com Papai Noel), ofereceu-lhe algo novo, algo diferente.

— Isto é Nexus, cocaína rosa. Fica entre o ecstasy e o LSD e vai levar você pra uma viagem de verdade, mas está caro, custa cem euros o grama.

Melena não hesitou, ainda que o dinheiro que havia surrupiado de casa só desse para meia dose; então ele fez o fracionamento do pozinho cor-de-rosa e o entregou à

garota. Ela não esperou. Pegou um pouco com a ponta da sua chave e cheirou ali mesmo. Klaus se despediu com uma frase:

— Fico feliz de ver você de novo.

— Eu não — disse ela, e saiu da garagem.

Ao chegar em casa, escutou a mãe gritando para ela da sala, mas a ignorou e não entendeu nem uma única palavra. Subiu a escada e se fechou no quarto. Anos antes havia colocado um trinco ela própria. O remendo que havia feito era bastante feio, porque ela não tinha muito jeito, e a porta e o batente brancos agora estavam corrompidos por um trinco metálico de camelô e uns parafusos mal postos. Ela colocou os fones de ouvido, cheirou duas carreiras e se deitou na cama. E o tempo começou a passar bem mais rápido. Sentiu como se estivesse usando um desses antigos escafandros de mergulho que a isolavam do mundo, da vida, da sua vida.

*

Paula continuava se sentindo a pior pessoa do mundo. Às vezes achava que não tinha sido para tanto, mas esse pensamento sempre durava pouco e vinha a flagelação. Melena não atendia o celular então decidiu deixar uma mensagem de voz para Gorka. Pode ser que Mele não tivesse dito nada a ele e seria ótimo poder avisá-lo da catástrofe que se aproximava.

— Oi, Gorka... Olha, bom, desculpa por não ter respondido a sua mensagem do Instagram, é que... Não sei, eu não sabia o que dizer e não queria confundir você. Porque sinto que cada vez que decido algo ou que te falo alguma coisa é incorreto, porque depois eu me deixo levar e me esqueço do que falei e... uma confusão. Mas, olha... eh... é que eu estou mandando este áudio porque pisei na bola feio. Eu falei pra Melena que você me contou o segredo dela. Sou uma merda. Sinto muito, droga, é que ela veio me perguntar se eu gostava de você e me falou umas coisas muito feias e que eu estava usando você e que eu era superficial e má... E não tive nenhuma ideia melhor do que atacá-la com isso. Estou me sentindo muito mal, porque eu disse a você que não ia contar e sei que você não me contou como fofoca, e eu faltei com a palavra e te traí. Não paro de fazer cagada... Eu entendo que você me odeie, entendo que não queira me ver e... É isso, eu entendo tudo. Desculpa, Gorka.

Digitando...

Essas são, sem dúvida, as esperas mais longas. Gorka demorou para responder porque não sabia o que dizer. Amava essa garota, isso estava claro, era sua amiga, mas uma amiga não cravava punhais pelas costas, não usava os amigos para interesses próprios e sempre se colocava no lugar do outro. Ele havia sido muito benevolente com ela, havia olhado para o outro lado a fim de não se sentir um

boneco manipulado com fins sexuais, mas isso era a gota d'água; não podia fazer vista grossa, porque era uma traição completa, e lhe doía ter sido dedurado, mas lhe doía ainda mais que isso tivesse ferido Melena ou que o comentário a tivesse machucado.

> Não fale comigo nunca mais na sua vida, Paula.

Foi isso que ele escreveu. Sem duplos sentidos, sem emoticons e escrevendo o nome dela, o que sempre dá raiva no destinatário, porque pôr o nome numa mensagem é se dirigir a você como quando sua mãe fica brava e diz seu nome completo.

Paula ficou pior do que estava, porque no fundo tinha a esperança de que ele entendesse que havia sido sem querer e a perdoasse, mas não foi assim. Gorka, por sua vez, calçou os tênis e saiu para correr sem direção, sem rumo, como se estivesse sendo perseguido, a toda velocidade. Mas correr não faz que os problemas e os conflitos fiquem para trás; não, suas histórias iam lhe martelando a cabeça ainda que fosse o mais veloz. E então ele parou de repente, no meio do nada, numa rua já na saída da cidade, iluminado só por um poste distante. Deu algumas voltas em torno de si, levou as mãos à cabeça e começou a chorar, refém da impotência. Ele não era um garoto muito chorão, mas estava claro que ultimamente o seu botão das lágrimas havia sido

desbloqueado e ele fazia isso com facilidade. Era curioso ver um garoto tão masculino e musculoso, com seu short e seus tênis caríssimos, chorando no meio do nada.

*

Na manhã seguinte, todos se levantaram com seu já clássico estilo zumbi-drama-adolescente, mas, por pior que tenham dormido, por mais que parecesse que alguém tinha jogado futebol com o coração deles num campo de cascalho, tinham suas responsabilidades; poucas, mas tinham: ir ao colégio. Paula não tomou banho aquela manhã porque aproveitou a cama até o último minuto, já que dormira por volta das cinco e meia da madrugada; não era próprio dela, mas ninguém ia notar. Um pouco de corretivo, um rabo de cavalo alto e pé na tábua.

Gorka nem tomou café da manhã. A sensação ruim havia fechado seu estômago e não havia lugar para o achocolatado matutino. Eles se cruzaram no corredor, mas Paula sabia que devia manter distância e ele nem olhou para ela, andou muito sério segurando as alças da sua mochila e entrou na sala de aula. Ela sabia que aconteceria isso, então não se surpreendeu.

Janine estava muito ensimesmada com suas coisas, com seu plano barato de máfia chantagista, e nem notou que seus amigos pareciam almas penadas na classe. Era um dia um pouco insuportável de aulas entediantes... A verdade é que Martín sempre fazia que suas lições tivessem um pouco de

dinamismo, mas naquele dia a preguiça tomava conta de todos os alunos, que se distraíam vendo as partículas de poeira flutuar pela sala através dos raios de sol da manhã.

Melena estava perdendo a entediante jornada escolar porque, como sua vida era um caos e sua mãe passava o dia todo em transe e não sabia se era terça-feira ou domingo, nem se deu conta disso. Ela se drogou até tarde e dormiu até tarde. Fez algo que sempre a havia deixado louca: ligou o ar-condicionado porque fazia calor e queria sentir o gostinho de se cobrir com o edredom, então sepultou-se debaixo dele e não saiu o dia inteiro, não comeu, bebeu pouco e dormiu quase o tempo inteiro num estado estranho de cochilo em que nada era real e tudo era real ao mesmo tempo. Estava sonhando e não estava, estava vivendo e não estava. Mas não perdeu só o calor da sala de aula e a preguiça escolar, não; perdeu um dos momentos mais fortes vividos em classe.

Chamou muito a atenção de Paula que Samuel estivesse mexendo no celular, e de Martín também. O que aconteceu em seguida foi uma cena bastante desagradável e incômoda de se presenciar. Martín tirou o celular de Samuel, que se desculpou dizendo que estava falando com a mãe, mas o professor passou o celular para que Nadia lesse em voz alta a mensagem que o garoto tinha na tela. Grande erro, um erro pouco pedagógico, mas os professores também têm o direito de se enganar, de tomar decisões equivocadas.

— "A Marina não tem aids, animal... É HIV".

Foi isso que Nadia leu diante da turma inteira. Guzmán, o irmão de Marina, ergueu-se como um touro desatado e tentou frear a situação, mas já era tarde demais. A bomba estava ali, em cima de todas as carteiras. Marina se levantou, nervosa mas valente, e explicou que sim, tinha HIV, mas que era indetectável e que não podia contagiar ninguém, que ela se medicava e fazia exames regularmente. Gerou-se um silêncio sepulcral. Havia todo tipo de opinião.

Opinião A: *Pô, a verdade é que a história da Marina me surpreendeu porque ela é legal e não parece estar doente. Uma vez eu vi um filme de pessoas com aids e todas tinham um aspecto horrível... A Marina, não. Não sei, vou prestar mais atenção, mas de longe...*

Opinião B: *A Marina tem uma coragem do caramba. Não estamos nos anos oitenta, temos que parar de estigmatizar o HIV, não acontece nada, se você segue o tratamento à risca não tem por que levar uma vida pior. É uma bobagem. Acho que não deveria ter contado porque é a vida dela e a intimidade dela, mas, por outro lado, penso que é ótimo que tenha contado porque dá visibilidade e os idiotas da turma vão começar a tratar como algo normal. Precisamos lidar com essas coisas como algo normal. É só mais uma peculiaridade e não afeta ninguém... Só afeta os idiotas que não entendem nada e, lamentavelmente, há alguns por aqui.*

Opinião C: *É sério que ela tem isso? Minha nossa, eu não posso acreditar. Como será que ela pegou? Será que foi se picando por aí? Ou transando sem camisinha? Poxa, eu não esperava, fico triste por ela e pelo irmão dela, que é tão bonito...*

Opinião D: *Pra mim dá no mesmo ela dizer que não pode contagiar ninguém, não pretendo me aproximar. Mais vale prevenir do que remediar. Bem longe. Além do mais, nunca fui muito com a cara dela*.

Opinião E: *Estou me lixando para o que Marina tem, só quero passar de ano*.

Opinião F: *Que pena, com toda a vida pela frente*.

Opinião G: *A Marina é legal e muito valente por ter contado. É gente boa comigo e isso não vai alterar a minha relação com ela; ou sim, agora vou vê-la com outros olhos: uma pessoa capaz de se abrir diante de todo mundo e contar isso merece todo o meu respeito*.

Paula não sabia como digerir a notícia, pensava um pouco como a opinião G, mas também um pouco como a F, e um pouquinho, bem pouquinho, como a C, e quase nada como a A, mas havia algo de A nela e, claro, ela se preocupava mesmo era com Samuel, que estava com cara de sofrimento, coitado. Paula sofria por ele. Como estava digerindo essa notícia? Será que ele já sabia há tempos? Ou soubera recentemente? Tinham transado? Com preservativo? Quer dizer, Paula realmente entendia isso de ser indetectável, porque uma vez, na escola, tinham visto a palestra de uma associação que se chamava Apoio Positivo ou algo assim. Mas e se Marina estivesse enganada?

Não sei se eu poderia transar com o Samuel se soubesse que ele tem HIV. Por um lado, acho que não teria problema, mas acho que

fui educada pra rechaçar tudo que está relacionado com isso... Tive excesso de informação e isso criou um efeito adverso, e em vez de lidar com o assunto de modo natural, talvez eu preferisse manter distância... Ou não, porque amo o Samuel e quero ficar com ele, e se nos prevenirmos não tem por que acontecer nada. Mas e se nós nos casássemos? Eu quero ter filhos... É possível que uma pessoa com HIV me deixe grávida e que as crianças nasçam sem o vírus? Suponho que sim. À noite eu vou buscar no Google. Mas, claro, se ele não pode me contagiar, os espermatozoides dele também não transmitiriam, né? Que complicado, que difícil... Mas acho que, se o Samuel viesse agora e me dissesse que tem o maior HIV do mundo, eu o abraçaria, cuidaria dele e gostaria dele do mesmo jeito ou mais, então decidido: se o Samuel tiver HIV porque pegou da Marina, isso não será um impedimento pra mim.

De qualquer forma, são fantasias. Sou uma fantasista. Não vou me casar com ele, não vou ter o debate moral de "se eu transar com ele", porque ou Marina muda de cidade ou morre. Do contrário, temo que ele nunca terá olhos para outra garota.

Depois de pensar nisso, Paula buscou Gorka com o olhar para ver como estava reagindo ao assunto, mas ele ignorava tudo. Não gostava dos problemas da turma, nem das fofocas, e era provável que fosse da opinião E. Ele não se importava com a vida dos demais, já bastava a sua, de pernas para o ar. Gorka estava olhando para a frente enquanto mordia o lápis, estava transbordando de vontade de ir embora para casa. A história de Marina havia chamado sua atenção por cinco segundos. E se o colégio tivesse começado a arder, isso

também teria chamado sua atenção por cinco segundos. Tinha uma sensação muito parecida com a de Melena, mas sem estar escondido debaixo de um edredom. Só podia pensar nela.

Melena não veio e não o fez porque não quer olhar na minha cara, porque deve estar com bastante nojo de mim. Porra, que droga. Estou me sentindo péssimo por ter dado com a língua nos dentes... Nunca devia ter contado pra Paula. A minha amiga sai de um centro de desintoxicação e em vez de facilitar a vida dela eu tento complicar ainda mais e empurrá-la pra uma recaída. Conheço essa mina como a palma da minha mão e te garanto que alguma coisa ela está ingerindo agora, ainda que sejam uns comprimidos pra dormir e fugir da realidade, mas alguma coisa ela tomou com certeza. Não sei se devo ir pra casa dela depois da aula ou me afastar. Não sei se devo mandar uma mensagem ou ligar pra ela ou esperar cair na minha cabeça uma tempestade em forma de bronca, mas ela não é assim. Quando vê um conflito, Melena se afasta como se não fosse com ela, e o provável é que me evite, me ignore e finja na frente dos outros.

Acho que ela é a garota com mais capacidade de engolir suas histórias que eu jamais conheci. Penso que a nossa geração está muito condicionada pelas merdas que a tevê e os malditos realities nos ensinam, essa coisa de se gabar dos nossos dramas. Existe quase um prazer em mostrar que você está mal para os demais, em que saibam que a sua vida é dura. Ou seja, a gente se sente muito confortável no papel de vítima, mas, apesar de ter passado por poucas e boas, Mele nunca foi assim. Nunca levou o drama da

mãe dela pra ninguém nem se aproveitou das suas histórias pra conseguir favores dos professores. Ficou na dela e eu admiro muito isso.

Ela nasceu no mesmo ano que eu, mas é como se não pertencêssemos à mesma geração. A Mele é diferente, sim, e fico triste de perdê-la por ser um maldito linguarudo. O que eu faço? Acho que a melhor coisa é não fazer nada. Esperar. Quando as aulas começaram e eu lhe pedi explicações, ela me ignorou, pois agora, apesar de ser um pouco covarde, talvez seja melhor eu me calar, ficar na minha e esperar a reação dela, né? Sei lá. E a história da Marina, estou pouco me lixando, o HIV já não é nada, nós não estamos nos anos oitenta.

Opinião B + E.

— Desculpem, alguém sabe por que María Elena não veio hoje? — perguntou Martín após controlar o alvoroço na classe e dez segundos antes que tocasse o sinal.

Alguns colegas comentaram em voz baixa fomentando os boatos que haviam circulado sobre o paradeiro da garota nas férias. As pessoas achavam que ela era estranha; quase sempre tinha cara amável, mas era óbvio que havia algo obscuro, porque às vezes se cansava de mostrar seu sorriso e parecia sempre distraída ou gastando caneta rabiscando seus cadernos sem muito interesse.

A aula acabou e Janine saiu a toda. O que queria evitar nas semanas anteriores havia se tornado seu macabro objetivo: cruzar com o Mario. Queria ver se agora era ele quem

baixava o olhar, quem a evitava e quem se sentia mal. Essa ideia de mudança de papéis sempre a fazia se sentir muito poderosa. Isso não quer dizer que justificasse o comportamento que o repetente havia tido, mas ela reconhecia que a sensação de estar por cima dele, de dominar a situação, era muito, mas muito prazerosa.

Ela o encontrou. Ele a viu e ficou muito nervoso.

Merda, lá vem a puta gorda enchendo o saco outra vez e não me deixando em paz. Minha nossa, que pesadelo... literalmente.

Mario se despediu de seu rebanho e acelerou o passo, mas ela também era rápida e o estava seguindo, na maior, sem se esconder. Então, quando saíram do prédio principal, ele aproveitou que não havia muita gente e se virou para falar:

— Que merda deu em você? Já falei que sim, vou sair com você, o que mais você quer? Me deixa em paz, cacete.

A verdade é que Janine não o seguia com nenhum tipo de intenção, exceto a de incomodá-lo um pouco. Era divertido e empolgante ser agora a assassina mascarada desse *slasher* particular. A virada dele a pegou desarmada e ela não soube o que dizer, então se limitou a rir mostrando um lado de boba brincalhona. Mario estava desconcertado; numa situação normal a teria empurrado sem respeito, teria xingado, desprezado e ameaçado a garota muito seriamente, mas essa era a sua primeira vez como vítima de bullying (desse bullying tão light) e estava de mãos atadas por causa

da foto. Não sabia como se comportavam os perdedores, então suspirou, revirou os olhos e retomou seu passo.

— Mario! — gritou ela. — A gente se vê no sábado.

Ele nem se virou. Levantou o braço e lhe mostrou o dedo do meio, que era símbolo de desprezo, mas sabia que teria que engolir tudo e sair com ela, ainda que o simples fato de imaginar a situação lhe desse repugnância. Estava condenado a ir a esse encontro, mas ia ficar de braços cruzados? Podia ir, comportar-se como um cretino para que ela se arrependesse da cilada; ou podia ir, ser superlegal e encantador – algo que lhe exigiria muito esforço –, e fazer que ela se apaixonasse. Afinal de contas, ele já a seduzira uma vez. Depois a destroçaria viva quando estivesse comendo na palma da mão dele. Alguma coisa ele tinha que fazer; não podia simplesmente ceder à chantagem de uma idiota e ficar impassível, como se não fosse nada. Porque se tinha algo que sabia sobre chantagens, e sabia apenas o que tinha visto num punhado de séries dubladas, é que quando você cede uma vez, entra num *looping* infinito no qual o chantagista não cessa e continua te pedindo mais e mais coisas. Havia se submetido à artimanha do encontro, ok, mas o que viria depois?, ele se perguntava.

Começam te pedindo essas besteiras e depois querem dar pra você, levar você pra casa e fingir que têm um relacionamento, pra que os pais deixem de pensar que é sapatão. Não sei, não confio num fio de cabelo dessa mina e alguma coisa eu tenho que fazer. De mim

ninguém vai rir. Ninguém. Muito menos uma marginal como essa. Vou sair com ela e pensar em alguma coisa...

*

Melena desceu furtivamente, não porque não quisesse fazer barulho, mas porque fazia tanto tempo que estava enclausurada no quarto que era como um fantasma. A cocaína tirava a sua fome e ela sempre perdia no mínimo um quilo, mas assim que os efeitos passavam por completo começava a notar o buraco no estômago e sentia uma fome voraz, em geral fome de hambúrgueres e pizzas ou de dogs e kebabs, dependendo de quão internacional estivesse se sentindo. Às vezes podia saciar a ânsia de comer com o que encontrasse na geladeira, criando misturas improváveis: umas azeitonas pretas, esse restinho de peru ressecado, salada de batata de vários dias atrás, um punhado de salgadinhos como Apetinas ou Risketos, uma mordida de melancia, pistaches, aquela coxa de frango esquecida, kani e, por que não?, um copo de leite com cereais. Longe de cair mal, a mistura explosiva de alimentos e glutamato fazia superbem ao corpo dela, eram manjares para degustar ainda na frente da geladeira, sem se sentar. Mas, claro, fazia várias semanas que sua mãe havia deixado as compras de lado e, não tendo faxineira, a casa estava descuidada, e a geladeira tão vazia quanto a de uma casa abandonada – o que era de fato. Estavam abandonadas. A mãe, a filha e a geladeira.

Melena não tinha dinheiro vivo, só uma conta com alguns euros, que também não eram muitos e estavam sendo guardados para uma emergência, para quando não pudesse engolir algum ataque da mãe e precisasse dormir num hotel, tomar um trem, um avião, veneno etc. Então não pensou duas vezes.

Cruzou o *hall* para chegar ao cabideiro da entrada, onde a sua mãe sempre deixava a última bolsa que havia usado. Mudava de bolsa todos os dias, mas fazia tantos dias que não saía... O som de um programa de televisão dava a entender que a mãe estava em coma no sofá vendo televendas absurdas de mesas dobráveis, mangueiras que se enrolavam sozinhas ou relógios em miniatura. Ainda assim, Mele se aproximou para confirmar. Sim, a mãe, ou o que restava dela, estava jogada no sofá com a boca aberta. Melena enfiou a mão na carteira sem pensar.

Não sabia quanto dinheiro havia na conta; de fato, não sabia se já eram tão pobres quanto a mãe dizia ou se era só um blefe. O que estava claro é que a mãe era o Tio Patinhas da casa e quem cuidava das finanças. Sabia que haviam tido muito dinheiro, era só ver o casarão onde moravam ou os gastos extravagantes da mãe, mas não sabia se a ruína estava próxima. Melena supunha que, se ainda moravam ali, a situação não devia ser tão terrível. Já havia roubado a carteira de sua mãe outras vezes, mas o que ia fazer agora era copiar os números do cartão de crédito para comprar comida pela internet, para pedir umas pizzas ou comprar

algumas coisas básicas como pão de forma, papel higiênico e tal. Puxou o cartão, pegou seu celular e tirou uma foto, e antes que conseguisse guardar de volta e deixar de se sentir um personagem desses filmes como *Missão impossível*, ouviu a voz às suas costas:

— O que você está fazendo?

A mãe estava atrás dela, abatida e com o clássico kimono oriental. Melena se virou e levou um susto pela surpresa de ser pega e pela imagem espantosa da mãe com o cabelo sujo e essa versão tão largada de si.

— Estou com fome. Não tem nada para comer, eu preciso comer, você precisa comer.

— Você está me roubando? Está me roubando, sua malcriada. Sua ladrazinha. Eu te dou tudo! Eu te dei a minha vida e você me rouba? Você é uma estúpida desgraçada. Eu podia ter tido uma filha como a Marina Nunier, que é legal, tira boas notas e não rouba os pais. Que droga de vida, realmente. Não pegue as minhas coisas! Largue o meu dinheiro! Pare de roubar a minha vida!

Mele não era psicóloga, mas era óbvio que a mãe estava fora de si. A reação era desmedida; estava tendo um ataque de histeria e tinha os olhos injetados de sangue enquanto gritava disparates para ela. E então ela lhe deu um tapa. Não foi um tapa como nos filmes, quando uma modelo dá um tapa em outra modelo. Não, foi um tabefe de verdade, tanto que retumbou no ouvido de Mele e ela pensou que tinha estourado o tímpano.

A garota ficou desarmada e não retrucou, não tinha vontade, não queria começar essa briga, então passou a gritar como uma louca. A cena não era natural, em absoluto. Uma mãe histérica e fora de si; uma filha com cara de morta e de ressaca emocional gritando como se tivesse visto o assassino do gancho de *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado*. Pode ser que o grito fosse só uma defesa, como quando os gambás expelem o seu fedor de surpresa para nocautear seus predadores, mas a mãe reagiu a isso pior do que se a garota tivesse devolvido o tabefe: para fazer a filha se calar ou para ganhar a batalha, tascou-lhe outro tabefe e depois outro, e Melena se encolheu no chão e a mãe foi para cima dela dando-lhe socos. De onde havia tirado essa força, se segundos antes parecia um vegetal?

Dizem que para proteger os filhos as mães tiram força de baixo das pedras, e existe o mito de que uma mãe, vendo seu rebento em perigo, é capaz até de mover um carro; seria como isso, só que ao contrário. Melena cobria a cabeça, o rosto, as orelhas e gritava que ela parasse, que bastava, mas a mãe estava como que possuída e não podia se conter. Cuspia frases relacionadas com o roubo, coisas ininteligíveis, e chorava e balbuciava cuspindo sentada em cima da filha de dezesseis anos que só estava buscando dinheiro para se alimentar, para nada mais. Mas a mãe falou das drogas, disse que estava roubando para se drogar e coisas do tipo. Era uma imagem muito patética e muito desoladora, tanto quanto o silêncio que inundou tudo quando a mãe se cansou

e não pôde mais bater, e observou a cena de fora. Uma mãe sentada em cima da filha indefesa que não se movia e que tinha parado de chorar, assustada e sem saber o que fazer além de esperar que ela parasse. Parou.

A mãe se afastou, arrastou-se pelo chão até se apoiar na parede e começou a chorar. O caos emocional que sentia era proporcional ao caos que havia no seu quarto, na sala... Ela afastou o cabelo do rosto, passou a manga pelo nariz para limpar o muco que estava escorrendo, quase indo para a boca, e sussurrou:

— Pega o cartão, faz o que tiver vontade...

Melena estava em choque. Não ligava para o dinheiro, não ligava para a comida, não ligava para a sua vida, não ligava para nada. Um fio de sangue começou a escorrer do seu nariz, ela o tocou, viu a mão manchada de vermelho e mostrou para a mãe com os olhos arregalados. Não disse nada, não foi preciso, a imagem falava por si.

Ela se levantou e andou lentamente escada acima. Aflita, apoiou-se no corrimão branco e foi deixando um rastro com o sangue que tinha na mão. Várias gotinhas foram caindo do seu nariz no carpete. Quando já não estava ali e a solidão e o silêncio só eram rompidos pela distante voz em *off* dos falsos depoimentos dos anúncios das televendas, a mãe sussurrou algo, algo imperceptível, quase sem vocalizar, quase sem volume:

— Me desculpe...

Mas era tarde demais, ali não havia ninguém para escutar.

Melena estava no andar de cima, encolhida de novo debaixo do edredom. Quem dera tivesse tido uma irmã para que a abraçasse, mas nunca experimentara esse tipo de carinho ou esse tipo de calor. Teve uma estranha preguiça, e enquanto chorava, frágil, levantou-se e desmantelou seu guarda-roupa buscando alguma coisa. Você poderia pensar que estivesse buscando restos de maconha, mas não. Tirou todas as blusas de frio, e quando o chão estava lotado de roupas de lã e de tricô, encontrou-o amassado e um pouco deforme: um bichinho de pelúcia velho e sujo em forma de unicórnio ou de pônei com chifre, ou de Pégaso decadente. Um bichinho pelo qual teve muito carinho quando pequena. Seu rosto se iluminou por um momento com o achado e o levou com ela para a sua cova de plumas nível de calor três. Voltou a se encolher, mas dessa vez abraçada àquele bichinho de pelúcia antiquíssimo.

Continuou chorando. Teria gostado de desaparecer por meio de magia, que seus pensamentos parassem de torturá-la, já que não podia evitar analisar a sua vida e se retroalimentar com infinitas imagens obscuras. Sempre havia tido uma vida dura assim, nunca recebera carinho ou palmadinhas nas costas. Quando pequena, pensava que isso era o normal, que todas as mães gritavam e batiam e que a solidão era o estado natural de todas as crianças do mundo, mas agora já não era uma menina e podia analisar a sua

condição objetivamente, e objetivamente via que estava de merda até o pescoço. Não tinha futuro, ou não tinha um futuro claro. Não tinha interesses, ilusões ou objetivos na vida; não tinha amigos, não tinha família. Possuía apenas uma lista infinita de más lembranças, de más sensações e de passagens que queria poder apagar com um estalar de dedos. Mas ela não tinha esse poder, não tinha nenhum poder, nem sequer o da invisibilidade, que pensava ser o mais próximo, porque sentia que ninguém a via, que ninguém se importava com ela.

Passaram pela sua cabeça diversas imagens. Ela pulando de uma ponte; não, não havia pontes próximas, e se pulasse da janela torceria um pé e pouco mais. Ela cortando as próprias veias; não, isso nunca funcionava, sempre encontravam você, o salvavam e depois era tudo muito pior. Tentou prender a respiração, mas isso era inútil. Não tinha corda para se enforcar e não era muito habilidosa, então fazer nós comuns ou de marinheiro não era bem a praia dela; podia pesquisar no YouTube, mas não estava com vontade. Havia escutado, não se lembrava onde, que um garoto que sofria bullying dos colegas de escola por ser gay se injetou Fanta e morreu, porque o gás entra no coração e o estoura ou algo assim. Isso parecia muito doloroso e não queria sofrer desse jeito, não queria mais sofrer. Então, a única coisa que lhe restava era desejar que um milagre acabasse com ela, que a fizesse morrer porque sim.

Lembrou-se de uma cena de *Labirinto*, em que Jennifer Connelly desejava que o irmão, um bebê que não parava de chorar, desaparecesse, e aparecia David Bowie, que era o rei dos duendes, e o fazia desaparecer... Melena não acreditava em magia, nem acreditava em Deus, não acreditava em nada, mas não custava desejar, então desejou morrer com todas as suas forças, e apertou o bichinho contra o peito e apertou a cara contraindo todos os músculos, e o que aconteceu é que acabou dormindo.

*

Melena acordou desorientada. Já não estava com fome, já não chorava e havia perdido totalmente a noção do tempo. Não sabia se era de noite ou se era de manhã e estava nublado. Não sabia nem se importava. Ela se sentou na cama e afastou o edredom, desmontando assim o refúgio que a ocultava do mundo. Algo fazia seu nariz coçar e ela o roçou para descobrir, horrorizada, que tinha vários fios de cabelo espalhados pelo rosto. Então se virou assustada e se levantou, acendeu a luz e se aproximou da cama lentamente para encontrar o que já imaginava. Mechas do cabelo escuro no travesseiro.

Levou as mãos à cabeça e ficou com vários fios nelas. Correu para o espelho a fim de verificar quão grave era o problema e descobriu várias falhas pela cabeça inteira. Podia disfarçá-las, pensou, não eram tantas, mas não queria voltar a passar por isso; era a última coisa de que precisava. Ela

sabia que esse tipo de alopecia não era coisa que surgia da noite para o dia. Não funcionava assim. Seu cabelo podia cair por problemas que tivesse tido vários meses antes... Então talvez fosse por causa da sua etapa destrutiva com a droga, da ansiedade do centro de desintoxicação, mas o triste é que não era preciso ser uma grande detetive para encontrar mil momentos do seu passado imediato que podiam ter provocado a queda de cabelo. E agora? Ela se vestiu e desceu a escada correndo. A mãe estava jogada no chão, na mesma posição em que a havia deixado. Não se importou. Parecia dormindo ou inconsciente ou morta, tanto fazia. Pegou o cartão de crédito e saiu da casa.

Qualquer um pensaria que estava indo comprar um gorro ou se dirigindo ao supermercado para finalmente encher a despensa, mas não. Longe disso. É claro que um traficante como Klaus, que trabalhava num bairro de elite, com clientes tão endinheirados, aceitava cartão, ela tinha certeza absoluta disso. E sabia muito bem qual era a senha desse cartão em particular: os quatro dígitos do ano em que a mãe fora coroada Miss Espanha.

Bateu várias vezes na persiana de Klaus e a porta da garagem se abriu, e o resto você pode imaginar.

Gorka se arrependia muitíssimo de ter respondido sim quando foi questionado se pensava que o autor do diário era o assassino.

— Você sabe de quem é isto, Gorka? Não sabe, tudo bem. Então, pode nos explicar por que o deixou na caixa de sugestões da delegacia? Nós temos câmeras por todos os lados.

Gorka se pôs a chorar outra vez como um menino.

A investigadora estava acostumada a que, quando interrogava menores, eles saíssem aos prantos. Algumas vezes era fruto da pressão, do medo que dava ser interrogado numa sala nua, sem mais mobiliário que uma mesa metálica e duas cadeiras, sem ar, sem janelas, sem escapatória. Porque dava medo pisar na bola, dizer o incorreto. E outras vezes era só uma vaga tentativa de pedir clemência e de que não fossem considerados possíveis criminosos, já que ainda choravam como crianças.

Gorka chorou porque tinha medo de falar certas coisas. Ele se sentia como se estivesse sentado sobre um detonador que explodiria se pronunciasse a palavra errada. Podia fazer que tudo voasse pelos ares.

— Não é meu, eu juro — balbuciou.

— Isso eu já imaginava. Mas, então, de quem é?

— Não posso falar, não quero falar... Não sei como falar, porque posso ferrar muito alguém.

— Gorka, por favor. Você trouxe esse diário com as próprias mãos e o enfiou na caixa de sugestões da polícia. Se você o trouxe é porque acha que a pessoa que o escreveu está envolvida no assassinato da Marina.

— Sim... Eu encontrei o diário, li, e tinha acabado de acontecer isso com a Marina. Pensei que era algo forte demais para eu conseguir lidar, entende?

A investigadora moveu a cadeira com gestos lentos, para não o assustar, e se sentou ao lado dele para lhe transmitir tranquilidade, mas o garoto estava muito

nervoso. Sabia que o que dissesse podia mudar o destino de uma pessoa que conhecia bem demais e com quem se importava.

— Gorka, calma, você está fazendo a coisa certa.

— Então, por que eu me sinto tão mal assim?! — gritou ele.

— Porque às vezes fazer o certo é doloroso. Mas você quer que se faça justiça, não quer?

O garoto assentiu com o olhar baixo e vidrado, as mãos entrelaçadas sobre a mesa. A investigadora voltou a perguntar, quase sussurrando:

— Quem escreveu esse diário? Onde você o encontrou?

E como se lançasse um feitiço, ele deu o nome que queimava em seus lábios.

Capítulo 6

Chegou o sábado. Naquela manhã, Janine se levantou como se fosse Natal. Abriu os olhos e pulou da cama. Seus pais e irmãos acharam que ela estava eufórica, e estava mesmo. Sabia que seu encontro não era um encontro de verdade, e mais, ela não queria um encontro de verdade com Mario, porque o achava um cretino, mas estava se sentindo especial, como se o passeio não fosse uma artimanha fruto de uma chantagem. Algo assim como se ela tivesse preparado uma festa surpresa para si mesma e pretendesse curti-la como se tivesse sido preparada por outros. Passou horas no banheiro se depilando, usou máscaras faciais e azeite de oliva na cabeça porque tinha visto um vídeo na internet que dizia que era quase tão bom quanto placenta e o cabelo ficava brilhante e sedoso. Ela acabou se sentindo uma salada, mas achou que era todo um maravilhoso processo de beleza. Pintou as unhas dos pés, embora fosse usar sapatos fechados e meias.

Claro que tinha uma pulga atrás da orelha e duvidava que tudo fosse sair às mil maravilhas. Pelo pouco que conhecia

Mario, não lhe parecia o típico garoto que ia ceder a uma chantagem sem mais nem menos. Pensou naquele filme da Drew Barrymore, *Nunca fui beijada*, em que a menina do *ET* fazia o papel de Josie Geller e o garoto mais legal do colégio ia levá-la ao baile, mas quando ela abria a porta e ia saindo com o seu vestido cor-de-rosa metálico horroroso, o garoto em questão passava num carro e jogava um monte de ovos nela... Janine não queria ser Josie Geller e tinha tudo a ganhar porque possuía as fotos que comprometiam Mario. Ela tirou da cabeça os maus pensamentos de filmes do final dos anos noventa e prosseguiu com seus tratamentos.

Enquanto isso, Mario continuava pensando no que podia fazer para dar uma lição na chantagista, mas todas as ideias que tinha eram descabeladas e beiravam a ficção científica. Não era um garoto muito engenhoso, não era muito eloquente e nunca havia sido macho alfa por sua capacidade de liderança, mas porque os outros garotos tinham medo dele, pois parecia ter trinta anos, e preferiam ser um rebanho de betas a contradizê-lo. Mas sempre havia alguns no seu grupinho que davam as ideias, que faziam os planos para o fim de semana, e Mario, bobo como sempre, fingia que eram ideias suas para continuar parecendo o líder, e o resto dava razão a ele.

O rapaz sempre se gabava de sair com as garotas do Tinder e então, depois do primeiro encontro, não ligar mais para elas. O que ele não sabia é que nenhuma das

universitárias com quem saía voltaria a ter um encontro com ele:

Universitária 1: *Com o Mario? Uff, até parece, que preguiça... Ele olhava através de mim. Era uma coisa muito estranha; eu falava, ele concordava, mas me dava a sensação de que estava olhando para si mesmo refletido nos meus olhos, que não estava comigo... Olha, o garoto era bonito e o levei pra casa, mas depois foi pluft, demorou cinco minutos. Foi pá pum*.

Universitária 2: *Quem é? Ah! O tonto do queixo pronunciado. Que preguiça desse cara. Eu tive que pagar tudo porque ele não levou o cartão. Só falava de banalidades e, na verdade, nas fotos não parecia tão idiota... Foi um encontro para esquecer, mas a culpa é minha por me meter com moleques*.

Universitária 3: *Tremendo imbecil*.

Universitária 4: *O sexo foi bom, ele só olhou para o umbigo dele, mas, enfim, ok; mas o antes e o depois... QUE HORROR! Só falava de besteiras e do treino que fazia na academia. Se tivessem me dado um centavo a cada vez que ele passou a mão no cabelo, eu garanto que estaria cheia da grana. O típico menino rico com muito ego. Não liguei mais pra ele, claro que não. Depois saí do Tinder. Os caras são todos idiotas, muito mesmo. Pra sair com cretino só pra ter uma alegria de alguns minutos prefiro me virar sozinha e não ter que aguentar um idiota que não sabe situar Pamplona num mapa. Tchau, mané*.

Seu escasso sucesso com as mulheres era o anúncio de algo que estava prestes a lhe acontecer. O colégio é uma selva e

ele era o rei, mas tudo terminava aquele ano, e seu reinado para além das fronteiras de Las Encinas não era um reinado, mas um punhado de defeitos de um menino malcriado. No entanto, Mario não era consciente, pensava em seguir o negócio familiar, ou seja, ficar de papo para o ar e curtir, enquanto o *app* que o pai dele havia criado continuava injetando dinheiro em suas contas. Ele se sentia afortunado, mas tinha uma baita doença: a falta de consciência, a incapacidade de fazer autocrítica e de ver as coisas com objetividade; nunca olhava além do próprio umbigo e isso o impossibilitava de ter um comportamento social normal ou de estar preparado para ser um adulto decidido, e maturidade ou se adquire de jovem ou fica como matéria pendente, não tem recuperação, lamentavelmente para ele.

Mario não se esforçou muito mais do que o habitual ao se arrumar para o não encontro. Sempre demorava bastante para decidir o que vestir, fosse para sair de balada ou para ir comprar um videogame, então ficou em dúvida sobre o que pôr e se decidiu pela polo azul-celeste, que, como era moreno – porque a pele da mãe tendia ao tom azeitona –, contrastava e ficava muito bem nele. Calça chino e tênis limpinhos. Nem uma sombra na barba, um pouco do perfume Hugo Boss, que não era o de ocasiões especiais, e para a rua.

Estava se sentindo decepcionado por não ter um plano de destruição para acabar com Janine, mas não tinha muita alternativa, então pensou que a melhor coisa era ir, esperar

que ela visse que não podia tirar nada dele e voltar para casa ou se trocar para a balada se seus colegas fossem sair. Não ia se comportar como um cretino, tampouco seria encantador, porque a opção de fazê-la se apaixonar por ele e depois a esculachar era boa, mas ter que tentar ser legal dava muita preguiça.

*

Paula continuava se sentindo uma das piores pessoas da face da Terra. Insistiu muito com Melena, mas ela não atendeu em nenhum momento, entre outras coisas porque estava pra lá de Bagdá numa *after party*, mas disso Paula não podia saber. Não queria ligar para Gorka, visto que ele havia sido muito taxativo ao dizer que nunca mais queria falar com ela. Estava se sentindo tão mal que pensou em ligar para Janine a fim de contar tudo e desabafar, mas Janine não estava para isso, estava terminando de se arrumar para o seu não encontro. Então pouco podia fazer. Paula se sentiu muito triste e, feliz ou infelizmente, sua mãe notou.

Susana, a mãe dela, era uma mulher incrível, além da conta. Era muito trabalhadora, mas também maternal, e para ela a família vinha primeiro. Claro que não era uma mãe que cozinha ou passa roupa, mas uma mãe que começara de baixo e havia crescido, sem a ajuda de ninguém, para se tornar a diretora de uma das agências de viagens mais importantes da Espanha. O pai era piloto e nunca estava em casa, mas a mãe tirava um dez na prova de

maternidade. Havia lido revistas sobre educação, livros e tudo o mais, e fazia esse papel que dá um pouco de raiva de "quero ser sua amiga", mas sempre estava quando Paula precisava dela. Susana acreditava que havia feito um bom trabalho com a filha. Era uma pessoa boa, tirava boas notas, um pouco gastona, mas estava na idade, e nunca havia trazido para casa problemas de namoros conflitantes, drogas ou faltas leves no colégio. Ainda assim, não era preciso ser um ás para se tocar de que estava acontecendo alguma coisa com a menina.

Ela pediu para a moça que trabalhava na casa preparar uns sucos detox e sentou a filha no balanço do alpendre para que se abrisse, com a desculpa de que "faz muito tempo que não passamos um tempinho só nós duas". Não que fosse uma mãe controladora ou manipuladora, mas tinha lido em um artigo que, se você quer que seus filhos se abram, a melhor coisa é se abrir com eles primeiro, então começou falando dos próprios conflitos no trabalho, de que as coisas não iam bem na empresa e de sentimentos, de que às vezes se sentia um pouco sozinha, já que o marido estava sempre viajando. Contou tudo isso para criar uma intimidade com Paula, e assim foi.

A garota tinha tanta vontade de vomitar seus problemas que não se importou que o interlocutor fosse a mãe. Então contou tudo, absolutamente tudo, nos mínimos detalhes. Depois de uma pausa, a mãe tomou um grande gole do suco – havia ficado com a boca completamente seca ao escutar o

relato. Pensava que o conflito da filha seria algo como “eu gosto de um garoto que não liga pra mim” (ainda que isso realmente tivesse aparecido no monólogo de Paula) ou “discuti com minhas amigas” (isso também) ou “o colégio está muito difícil e acho que vou bombar”. Mas não imaginava tudo o que Paula contou. Ela exigia sinceridade e se fazia de amiga, e as amigas contam tudo, tim-tim por tim-tim. Mas, claro, ficar sabendo que a filha de dezesseis anos transa com o amigo pensando em outro garoto, por quem está completamente obcecada, ou que uma das suas amiguinhas estivera em reabilitação por causa do vício em todo tipo de drogas não é do agrado de ninguém. Para ela, parecia muito contraditório ver uma menina loira de cílios intermináveis chorar enquanto relatava essa história.

— Claro, mãe, então fui correndo ver o Gorka, me joguei nos braços dele e nós transamos pela casa inteira. E mais. Eu o convenci a transar na cama dos pais dele, para poder pensar que estava na casa do Samuel, porque o quarto do Gorka eu conheço bem, e depois ele, quase nu, começou a tocar violão e cantamos “Creep” e eu me senti ótima e super à vontade, e agora ele não quer mais falar comigo porque eu me comportei como uma megera, como uma cobra, e o traí completamente... O que eu faço?

Por mais moderna que a mãe fosse, e por mais manuais que tivesse lido, não se sentia preparada para aconselhar a filha. Tinha acabado de descobrir que Paula não era mais virgem, que era sexualmente ativa, muito ativa, que os

amigos dela se drogavam... Então, o mais apropriado era sugerir:

— Querida, acho que o melhor a fazer é ficar em casa, não pensar mais nisso e esperar que as coisas voltem ao normal, você não acha? Você já tomou a iniciativa e foi mais ou menos. Eles são seus amigos, mais cedo ou mais tarde a raiva vai passar e vocês vão voltar a estar como antes...

— Você acha, mãe? — perguntou Paula, olhando para o céu. — Não sei, é que estou cansada de esperar. E se eu tentar e as coisas derem errado, tudo bem, mas pelo menos que não seja por falta de tentar, né?

Admirada, a mãe teve que reconhecer que, além de uma grande desconhecida, a filha era uma moça bastante racional. As palavras dela eram muito sensatas, e Susana só pôde responder:

— Tem razão, filha. Se o Gorka não quer falar com você, então que diga isso na sua cara, mas veja, pelo menos, que você está lutando pela amizade dele.

Paula concordou. Não ia ficar de braços cruzados quando as suas relações pessoais estavam tão deterioradas. Ela se levantou do balanço, tomou o suco, falou para a mãe que não voltaria a bebê-lo porque tinha gosto de mato e se preparou para sair.

— Paula, espera, vem cá — a mãe a deteve.

Ela a levou para dentro da casa e procurou nas gavetas da sua penteadeira até encontrar alguns preservativos.

— Faz bastante tempo que estão aqui, porque eu tenho DIU, como você sabe, e por sorte não estão vencidos.

Paula ficou vermelha, mas tomou o gesto e as camisinhas como uma espécie de consentimento, como uma aprovação para o seu lado sexual.

— Faz o que você quiser, querida, o que sentir que deve fazer, mas sempre com cabeça, amor.

Esse conselho ela já tinha mais do que interiorizado, apesar de ultimamente não o estar seguindo, mas sentiu que tinha que dar uma de boa menina para a tranquilidade da mãe.

—Claro, mãe, eu prometo.

Paula deu um beijo no rosto dela, alisou o cabelo no espelho da penteadeira e saiu.

*

Primeira parada: casa do Gorka. Nervosa, agitada e respirando pela boca – havia feito uma rinoplastia no ano anterior e alguma coisa não estava muito bem, porque era um pouco difícil respirar pelo nariz –, como um animal moribundo, tocou a campainha sem pensar. Não pensou porque sabia que, se enrolasse muito, podia não ter coragem e se arrepender. Quem abriu a porta foi uma senhora que trabalhava na casa do Gorka:

— Não, o seu Gorka não está — disse com sotaque peruano —, ele foi para a academia e deve voltar tarde. Quer deixar algum recado?

Ela disse que não precisava, despediu-se com simpatia e voltou a correr. O sol da tarde ardia e não havia muita sombra no condomínio. Próxima parada: academia MuscleFit.

Enquanto corria, não podia evitar se sentir como uma dessas protagonistas de comédia romântica que na cena final corre ao aeroporto para impedir que o amado se mude para o Canadá. Não, Gorka não era o seu amado, mas ela se sentia uma heroína romântica mesmo assim. Poderia ter esperado na porta até ele sair, mas fazia muito calor e isso não era próprio nem de Meg Ryan nem de Sandra Bullock, e não tinha nada de épico.

Ela também estava matriculada na MuscleFit, apesar de só ter ido a duas aulas de zumba: já tinha em casa uma esteira para correr, um elíptico, uma bicicleta ergométrica e fazia seus treinos ali, porque tinha preguiça de tomar banho na academia. Entrou disposta a encontrar Gorka. Era estranho passear por ali com roupa casual. Percorreu o primeiro andar de máquinas e nada; deu uma olhada nas aulas dirigidas, apesar de saber que ele não ia fazer bodypump, e por fim o encontrou no canto dos pesos e dos espelhos. Ela o observou de longe durante vários minutos, não porque não sabia o que falar, mas porque a imagem do garoto de regata trabalhando bíceps com os halteres lhe pareceu muito curiosa, sugestiva e até um pouco erótica. Deteve o olhar nos fones de ouvido e nas fofas orelhas de abano dele. Pensou “é agora ou nunca” e se aproximou.

Assim que a viu, Gorka imaginou que algo muito ruim devia ter acontecido para que uma garota a quem não dirigia a palavra fosse vê-lo com roupa de passeio na academia.

— Quê? Que foi? O que aconteceu?

— Nada, Gorka, nada. Eu queria ver você e vim.

— Ficou louca? — perguntou, enquanto deixava os pesos no chão.

Ela não havia preparado um discurso convincente, não havia organizado as ideias e fez o inesperado: deu-lhe um abraço. Ele se incomodou, porque não merecia esse abraço e, além do mais, estava muito suado.

— O que está fazendo?

— Estou me sentindo muito mal, Gorka, e quero consertar isso. Sinto muito, de verdade.

— Isso você já falou. Veio até a academia pra falar a mesma coisa? Porra...

Ele se separou dela, pegou sua toalha e ia se afastar rumo ao vestiário quando Paula segurou-o pelo braço. Ela o olhou fixamente nos olhos e achou que a boca dele estava mais apetecível do que nunca, teve um impulso muito louco de beijá-lo, mas não beijou. Ela se segurou e começou a ladainha de desculpas.

Eu quero perdoar a Paula, sinto que devo fazer isso. Ela acabou de chegar transtornada na academia. Pode ter pisado na bola, mas eu gosto dessa mina e ela acabou de fazer um gesto... bonito, mas não posso me deixar levar por essas idas e vindas dela. Agora sim, mas não; agora não, mas sim... Agora eu solto um segredo que você me

contou... Isso foi muito errado. Estou ferrado, droga, e não posso me deixar levar por sua carinha de anjo, por seu cabelo loiro e por essas bochechas coradas. Ela é... tão linda. Droga, não.

— Não, Paula, não posso perdoá-la. Você não se importa comigo, não tem o mínimo respeito por mim e me magoou. Eu não posso confiar em você. Como vamos ser amigos... Ou o que quer que seja se eu não posso confiar em você? Não, me deixa, vou tomar banho.

— Eu não pretendo ir embora daqui até você me dar um abraço e me perdoar — disse ela.

Não era estratégia, mas Paula estava olhando para ele daquele jeito que era uma arma letal. Gorka amoleceu, deu um passo na direção da garota e a pegou pela cintura. Qualquer um que os visse pensaria que, mais do que amigos, estavam tendo uma briga de namorados.

— Não quero que você brinque comigo.

— Eu nunca enganei você, Gorka, sempre falei a verdade... Bom, no primeiro dia, não, porque nem eu mesma sabia muito bem o que estava fazendo, mas nunca quis machucar você.

— E quanto a Melena? — questionou ele.

— Eu nem pensei, foi como ação e reação, como quando o médico bate no seu joelho com um martelinho pra ver seus reflexos. Eu me senti atacada e ataquei, e você não imagina quanto eu me arrependo.

— Você falou com ela?

— Ela não atende o celular, me bloqueou. E você?

— Eu não quis falar com ela. Estava esperando, não sei muito bem o quê, mas não estava com vontade de ter essa cena... Por medo e porque não sei como me defender. Você pisou na bola, mas eu também pisei quando abri a boca.

— Você me perdoa?

Gorka sorriu sem soltar a cintura dela e aproximou um pouco mais o rosto do da garota.

— Que remédio.

Ela, louca de alegria, deu uns pulinhos idiotas e o abraçou bem forte, e o abraço jovial se converteu num abraço de carinho, e o carinho abriu caminho entre eles para que surgisse um beijo. Foi estranho, mas bonito. Inesperado, mas sincero. Curto, mas intenso. É claro que ela não estava pensando em mais ninguém, nem ele achou que aquilo era um erro colossal; aconteceu e eles se deixaram levar. Eles se separaram e se olharam fixamente, e Gorka quebrou a magia com um:

— Eh... Vou tomar banho.

Ela assentiu, mas antes que o perdesse no corredor dos vestiários gritou:

— Gorka! O que você acha de irmos juntos ver a Melena? Aí eu me desculpo, você se desculpa e essas coisas.

— Acho ótimo.

— Espero você lá fora... Ou talvez entre na aula de step.

Gorka sorriu pela piada e entrou no vestiário, e já no chuveiro fez o que qualquer garoto da sua idade teria feito para não cometer mais erros: se masturbou. Não foi um ato

sexual, não estava com vontade nem nada, mas pensou que, se estaria com Paula, era melhor ir aliviado e que isso tirasse a vontade que ele havia tido de se lançar em cima dela quando a viu.

*

Melena estava vomitando no banheiro de uma casa em que não sabia nem como havia chegado. Lavou o rosto e preferiu não se olhar no espelho porque sabia que estava horrível, e, apesar de dar no mesmo, preferia não se ver. Havia tomado ecstasy e um quarto de um comprimido que trazia a cara do Darth Vader. Tinha um pouco da cocaína rosa, e, com o cartão da mãe, fez uma carreira em cima da caixa da descarga. Isso não era muito higiênico, mas se drogar já era algo pouco saudável, então dava no mesmo. Limpou os restos com o dedo e passou pelos dentes e pelas gengivas. Isso era algo que nunca entendia por que se fazia, mas se fazia, e lhe deixou a boca adormecida.

Saiu para um corredor. Havia uma festa. Não muito frequentada, mas é claro que nenhum dos presentes tinha a idade dela, nem sabiam que ela tinha essa idade. Todas as persianas da casa estavam abaixadas. Chegou à sala, uma sala onde o tempo não importava para ninguém. Uma garota de sutiã colocava música house ou tecno – Melena não sabia qual era a diferença – e ela entrou na improvisada pista de dança e começou a dançar, sozinha. Ninguém olhava para ela porque todo mundo estava chapado e bem na sua. Viu um

casal de garotos se beijando apaixonadamente, muito apaixonadamente, no sofá. Viu um grupo de garotas negras, todas com tranças coloridas, que riam diante de um celular. Viu uma garota que se parecia com Janine, com uma peruca rosa como a de Natalie Portman em *Closer*, e vários senhores mais velhos que bebiam e cheiravam carreiras de coca ou de *speed*, vai saber, em cima de um CD do Mocedades. Era um lugar sórdido, não era o lugar onde uma mãe gostaria de ver a filha de dezesseis anos.

Melena não pensava em nada e isso era muito prazeroso. Para ela, dava no mesmo estar ficando careca, estar há alguns dias sem comer ou com cheiro de caminhoneiro depois de dirigir por toda uma noite de verão. Um dos senhores do grupinho das carreiras de coca se aproximou para falar com ela e a chamou de Lola. Ela não se lembrava de ter dito a ele que se chamava assim, mas era certo que em sua etapa *destroyer* utilizava esse nome para não dar o seu; preferia que as pessoas que conhecia à noite não soubessem nada a seu respeito.

— Você dança muito bem, Lola.

Ela não disse nada, mas esboçou um sorriso manchado de ironia ou desprezo. Era muito difícil decifrar quando estava drogada até as sobrancelhas. Sem prévio aviso, o senhor começou a beijar o pescoço dela e ela deixou, enquanto continuava dançando. Quis alertá-lo de que era menor, quis alertá-lo de que estava fedendo, mas não fez nada. Só deixou que ele a beijasse e em seguida estava deitada num quarto

com o senhor em cima dela. O peso do homem a incomodava, e também que ele tentasse enfiar a mão por dentro da calça dela, então a afastou várias vezes. Tudo dava voltas e ela se sentiu mole, como se fosse de manteiga, e teve a sensação de que as mãos do senhor se cravavam em seu corpo, como se a deformassem. Estava se sentindo como uma bexiga cheia de farinha, como uma bola antiestresse. Ele a apertava, mas ela não sentia dor. Melena não pensava no pai com muita frequência, não tinha dados nem podia imaginar grandes coisas que não tivessem uma base totalmente fantasiosa. Será que é um astronauta? Será que é um ator famoso? Será que é um político de direita? Este último a horrorizava, mas naquele momento, notando o hálito daquele homem desconhecido bem na sua cara, pensou no pai. Imaginou que ele aparecia, como um ser de luz, e a tirava dali, e depois esse pensamento se transformou em outro mais duro: e se aquele homem que estava manuseando seu corpo sem carinho nem cuidado fosse seu pai? Pela idade, poderia ser... Isso a incomodou muito, constrangeu-a e lhe provocou náuseas.

Tentou se livrar, mas não podia, e se retorceu e bateu nele e afinal, com uma força surpreendente, conseguiu empurrá-lo.

— Sai de cima, porra!!

E vomitou ali mesmo em cima de um tapete de zebra. Não que fosse um estampado de zebra; era a pele de uma zebra

transformada num tapete. Ela se virou para o senhor e disse com inocência:

— É uma zebra.

— Sim, é uma maldita zebra e você acabou de vomitar em cima dela, sua filha da puta. O meu tapete, merda!

O senhor – a quem já não podia chamar de senhor, mas de cretino – pegou Melena pelo braço e a puxou com muita violência enquanto gritava coisas como que ia limpar com a língua dela, mas Melena se defendeu, empurrou-o e começou a gritar também. Estava bem treinada e as discussões aos berros eram a sua especialidade. Ela disse que ele era um porco e que ela era menor e que ia denunciá-lo por abuso de menores, que ele ia se ferrar. O cara calou a boca e ficou pálido de repente.

— Então me dá tudo o que tiver na carteira e me diz por onde se sai desta merda de casa!

O homem obedeceu sem chiar. Ele deu setenta euros, que ela guardou sem contar, e indicou a saída sem dizer uma palavra. Ela caminhou tranquila, sem vacilar, atravessando a sala onde agora ninguém dançava. Pegou uma garrafa de whisky semivazia e foi embora sem olhar para trás.

*

Janine e Mario estavam sentados numa mesa do VIPS. Ela havia pedido um desses milk-shakes de Oreo, insistiu em dividir, mas ele preferiu uma Coca-Cola Zero. Nenhum dos dois mencionou nada sobre a chantagem, parecia um

encontro quase normal, exceto porque o garoto olhava muito pouco para a garota e tentava constantemente se esconder no celular, tanto que ela ficou séria e falou para ele parar e prestar atenção nela. Não era um momento confortável. Não havia nada de natural na conversa. Ela falou que queria ser desenhista de mangá, mas que sabia que na Espanha era muito complicado, e contou, tim-tim por tim-tim, a sua viagem ao Japão, ao que ele respondeu:

— Legal.

Falou também das séries a que estava assistindo e que, apesar de ter um pouco de vergonha, estava voltando a ver *H2O*, porque achava a série muito fofa.

— Legal — outra vez.

Ela estava se esforçando para que não houvesse silêncio entre ambos, e como ele estava calado o tempo todo, era uma árdua tarefa, porque não queria fazer-se de maritaca. Mario, que notou o esforço, sussurrou:

— Mina, eu não vou achar você legal, é sério, desiste. É impossível eu achar você legal e você não pode me obrigar a isso. Se queria que eu a visse como algo mais do que a gorda do colégio, conseguiu.

— Sim?

— Sim, claro. Descobri que você é uma nerd e que não cala a boca, porra. Você não parou de falar desde que a gente sentou aqui. Olha, você nem experimentou o milk-shake, aliás, você devia parar de tomar essas merdas. De nada, pelo conselho. A gente pode ir embora agora?

— Ir embora? Nada disso... — Janine não ia se amedrontar com quatro xingamentos bobos, não; ela não era fraca. — Me fala de você.

— Não.

— Sim.

— Que saco...

— Vamos.

— O que você quer saber?

Um pouco a contragosto, ele começou a contar um punhado de coisas banais: que não via muitas séries, que jogava bastante videogame... Falou dos lugares aonde ia e da música que escutava. Janine teria gostado de conhecer essas bandas para poder conectar um assunto com outro, mas nunca as tinha escutado na vida, nem tinha ouvido falar delas. Eram o oposto um do outro. Mas ela não havia passado azeite de oliva no cabelo para ficar calada.

— E por que você é assim? — perguntou ela, amável.

— Olha, o queixo, é do meu pai; os olhos, da minha avó materna...

Ela não estava perguntando isso, e sim por que ele era tão azedo, por que se metia com os mais fracos, mas viu uma brecha.

— Ela está viva? — perguntou de pronto, para não perder o trem.

— A minha avó? Prefiro não falar sobre isso.

Ele não queria falar sobre isso porque teria que entrar no *looping* de falar que não tinha sentimentos, que não chorou

no enterro dela e tudo o mais.

— Eu vi a minha morrer, a mãe do meu pai. A outra está viva, mas é mais chata.

— Como?

— Uff... Foi no ano passado. Eu tinha catorze anos ou tinha acabado de fazer quinze, não lembro. A minha avó estava bem doentinha, porque tinha trabalhado muito quando jovem numa empresa onde faziam umas coisas de plástico ou algo assim, e utilizavam um monte de produtos químicos e de coisas que estragaram os pulmões dela. Estava péssima, mas nós não sabíamos, porque ela nunca reclamava. Fazia muito tempo que estava internada, e meu pai e meus tios se revezavam para passar a noite com ela. Para eles era difícil, porque todos trabalhavam e estavam cansadíssimos. Então, um dia, para dar uma de madura, eu falei com meu pai e me ofereci para ficar com ela uma noite, só uma noite, para eles poderem descansar. Não sei se eles acharam uma boa ideia ou se estavam cansados demais pra se opor, a questão é que me deixaram ir. Não era complicado, porque ela dormia quase a noite inteira. Respirava fazendo uns barulhos espantosos, como um animal atropelado e abandonado agonizando no meio de uma estrada. A noite ia mais ou menos bem, eu tinha levado algumas revistas e coisas pra passar o tempo e, de repente, ela começou a ter uns espasmos, a sufocar. Olhei pra ela e não soube o que fazer. Saí correndo para o corredor, queria gritar, mas, sabe, não consegui... Meio que me deu vergonha

de levantar a voz. Não conseguia pedir ajuda. Lá longe vi uma enfermeira e disse a ela que por favor viesse, que minha avó estava muito mal. Mas quando a gente chegou no quarto, a minha avó meio que ficou rígida, soltou todo o ar e morreu, bem ali, na nossa frente. Talvez, se eu tivesse gritado ou corrido, ela teria se salvado...

Janine estava chorando, mas não contou a história de um jeito dramático. Chorou sem dar importância. E concluiu:

— Sabe de uma coisa? Isto vai parecer horrível. Eu não chorei. Agora estou chorando ao contar, mas naquele momento eu não chorei. Nem quando meus pais chegaram, nem quando vi meus parentes destroçados, nem na missa, nem na cremação. Eu não chorei. Não saiu.

Mario havia escutado a história com interesse, mas ficou completamente atento a essa última parte.

— Você não quis forçar nem fingir — disse ele.

— Exatamente. Não saía e eu não fiquei me contraindo, nem enfiei uma pinça de sobrancelhas no bolso pra arrancar os meus pelos que nem o Joey fazia quando tinha que chorar nas cenas de drama.

— Isso é de *Friends*, né?

— É. Você gosta?

— Não muito, mas, como passava na hora do almoço, sempre estava ligado em casa...

— Pô, eu adoro, vi a série inteira milhares de vezes. — Janine aproximou o canudo dos lábios e tomou um gole do milk-shake. — Está quente.

— Claro, você não calou a boca — respondeu Mario quase sorridente. Quase.

Isso era o mais parecido com uma conversa que eles haviam tido desde que se sentaram. De *Friends* passaram a *Uma família da pesada* e a *Os Simpsons*, e continuaram conversando de um jeito mais fluido até que Janine disse que precisavam se apressar, que ia começar o filme.

Ele reclamou, queria ir embora, mas cedeu, resignado. Mario continuava sem ir com a cara da garota, continuava vendo-a como um orc do submundo, apesar de ela ser bem fofa; tinha cara de bolacha, mas era fofa. Ele a via como um espécime de outra raça. Ainda assim, o fato de ela ter contado que não chorou com a morte da avó o fez relaxar um pouco e confiar mais. Viu uma pequena conexão entre ambos e mudou um pouco a sua forma de olhar para ela. Janine notou a proximidade, que não era muita, mas era algo, e comemorou isso com vivas internas.

*

Gorka saiu com o cabelo molhado e se reuniu a Paula na calçada em frente à academia. Estavam um pouco estranhos. Teriam gostado que o roteirista da vida deles descesse, quebrasse a quarta parede e lhes dissesse o que ia acontecer, mas isso era impossível porque não estavam num filme: aquilo era a vida real e as cartas, eles tinham que jogar sozinhos. Começaram a caminhar em direção à casa de Melena. Estavam muito próximos e de vez em quando seus

braços se roçavam, ou soltavam faíscas; não eram extraterrestres. Eles não comentavam isso, mas percebiam e não faziam nada para se separar. Falaram bem pouco durante o trajeto e, de repente, quando se deram conta, estavam na frente da ostentosa porta com aldrava dourada do casarão de Melena.

Bateram várias vezes, mas ninguém atendeu. Não seria descabido pensar que a mãe de Melena continuasse jogada no chão ou que houvesse se arrastado de volta ao sofá, ou que já estivesse em coma. De qualquer forma, essa senhora, quando não esperava visitas, nunca atendia a porta; mas a verdade é que não estava em casa. Passara muitas horas no chão depois do lamentável incidente com a filha e se sentira patética, quase devorada pelos chumaços de poeira que rodavam pelo assoalho como as bolas de feno do Velho Oeste. Depois reuniu suas últimas forças, levantou-se a duras penas e saiu. Não deixou um bilhete, não deixou dinheiro, só saiu, digníssima. Uma falsa dignidade que mascarava uma pitada de vergonha e arrependimento. O que havia feito não tinha nome e ela sabia disso, apesar de não poder se culpabilizar porque estava como que possuída. Batera na filha, mas não era ela, não estava consciente do que estava fazendo, das consequências. Batera nela e pronto. E por isso queria desaparecer. Tinham tantas coisas em comum, mãe e filha, que talvez fosse essa a origem dos seus conflitos e da repulsa recíproca. Ambas haviam fugido. Mas só uma parecia que ia voltar... É que justo nesse instante

Melena subia a rua na direção de casa. Ela estava suja, despenteada, e isso fazia que as novas falhas em seu cabelo ficassem bastante disfarçadas. Estava cheirando mal e parecia ter saído de uma *survival* zumbi.

— Merda — sussurrou para si mesma ao ver Paula e Gorka sentados na escadinha de sua casa.

Era uma péssima hora para ter que ser social, encará-los; para que eles vissem que ela era um lixo completo. Estava brava com eles, mas agora esses conflitos pareciam um monte de bobagens de corredor de colégio. Pensou em retroceder, mas não tinha que se esconder de ninguém. Era dona da sua vida e eles, do seu ponto de vista, eram um bando de hipócritas. Jogou fora o cigarro – normalmente não fumava, mas tinha um maço no bolso, vai saber como tinha ido parar ali – e avançou em direção à casa sem olhar para eles.

Ambos se levantaram quando a viram e ficaram mudos ao descobrir o catálogo de erros estampado em sua imagem e em sua atitude. Paula levou as mãos à boca, como se tivesse visto um fantasma. De fato, era o que estava contemplando.

Minha nossa! Quando vi a Melena, minha nossa! Se eu já me sentia culpada pelo que tinha feito a ela, a culpa se multiplicou por mil quando vi as consequências da nossa briga. Eu sabia que era Melena porque a garota ia direto pra porta da casa dela, mas o cabelo estava um lixo, arrepiado e sujo, como se tivessem a penteado assim pra dar volume e depois ela tivesse andado de moto e sem capacete. A roupa? Uau! Aquilo era... A calça parecia

de pijama, eu juro, e estava suja com todo tipo de mancha colorida, mas predominava o marrom por todos os lados. A camiseta... Isso era muito impressionante, era como se ela a tivesse colocado estendida no meio da rua em horário de pico e deixado todos os carros passarem por cima, e depois vestido. Mas o pior de tudo era a cara dela, porque a roupa dá pra lavar ou, nesse caso, queimar, mas a cara dela não tinha conserto. Estava abatida, hipermagra, com umas olheiras que a faziam se parecer com o personagem mais sinistro de qualquer história do Tim Burton; sim, essa era uma boa referência pra defini-la: Tim Burton. Eu quase me pus a chorar, mas sabia que não devia e contive as lágrimas pra não roubar a cena e pra dar a impressão de que pelo menos nós dois estávamos normais e podíamos reconduzi-la a um lugar emocionalmente seguro. Eu queria fingir normalidade, mas a minha mão esquerda se jogou sozinha na direção do Gorka e eu peguei no punho dele meio que com medo; é que eu estava assustada, de verdade. Naquele corpo não restava nem rastro da garota que havia sido minha amiga, e pensei que se ela estava tão mal assim por fora... Como estaria por dentro?

Pobre Paula, que pensava que o que se passava com Melena era fruto do desentendimento delas. Como não ia se sentir culpada ao ver surgir a filha do *Beetlejuice*?

— Vocês já são namorados? Parabéns... Me dão licença? — disse Melena ao abrir passagem entre o casal.

Gorka notou que tinha que tomar a iniciativa ou ia tudo por água abaixo. Então, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— O que aconteceu com você?

Melena começou a rir como uma louca enquanto enfiava a chave na fechadura. Ela se virou e deu uma bronca nele:

— O que aconteceu comigo? Fala sério... O que aconteceu com você? Que foi? Não sabiam o que fazer na tarde deste sábado e pensaram que a melhor coisa era vir encher o saco da ex-viciada. É um tremendo espetáculo. Olhem, meu cabelo está caindo e eu estou fedendo e suja. Contentes?

A atitude da garota dava bastante medo. Ela estava bêbada, drogada e verbalizava com dificuldade, mas ainda assim tinha esse poder tão seu de sustentar o olhar, de cravá-lo nos olhos dos interlocutores, e isso sempre dava muito peso e muita veracidade quando ela falava. Gorka tentou explicar que tinham vindo em missão de paz, mas ela não fez o menor esforço para escutá-lo. Ele a pegou pelos braços e falou que ela estava drogada, algo que Melena já sabia, obviamente. O garoto insistiu em entrar com ela, em molhar a cabeça dela, em ajudá-la, mas ela o empurrou e se desfez do não casal num instante. A conversa ia mal, mas quando ele mencionou a possibilidade de pisar na casa dela, Melena teve todos os medos do mundo. Não sabia o que havia lá dentro, não sabia se a mãe estaria largada, se teria se suicidado ou se estaria no meio de uma orgia com outras estrelas espanholas decadentes.

Gorka e Paula esperaram alguns segundos do lado de fora, mas viram que a batalha estava perdida. Ele, com muito mau humor, bateu a porta e saiu caminhando na

frente; ela foi atrás dele com uma estranha atitude submissa. Paula queria ajudar, queria dizer alguma coisa com sentido, tranquilizá-lo, mas, por mais que tenha espremido o cérebro, só conseguiu soltar um tímido:

— Que tenso...

Gorka nem a escutou, ou se escutou não deu nenhuma importância. Estava se sentindo mal, sentia que sua amiga estava no pior momento da vida dela e que ele se encontrava de mãos atadas na sua frente, e isso lhe dava muita, muita raiva. Parou de repente.

— Ei, Paula, olha, eu vou pra casa — disse sem olhar para ela —, não estou me sentindo muito bem.

— Eu entendo, eu entendo, é que... foi muito tenso.

— É.

Ele deu um beijo no rosto dela e se apressou para chegar em casa depois de deixá-la sozinha no meio da rua sem saber para onde ir. Para casa? A mãe estaria esperando para ver se tinham que levá-la a uma clínica de aborto ou lhe comprar uma pílula do dia seguinte, porque Paula sabia que a mãe não havia digerido muito bem as suas histórias sexuais apesar de ter fingido maravilhosamente. Dar uma volta? Não. Então buscou um banco ali perto e se sentou como uma dessas senhoras que jogam migalhas de pão para as pombas. Igual, mas sem ser uma senhora, sem o pão e sem as pombas.

Pensou nos beijos daquela tarde. O primeiro, da academia, havia sido natural e muito bonito. O segundo, no

rosto, tinha várias leituras. O primeiro fora um beijo amistoso, mais fraternal que outra coisa. O segundo... Não, não conseguia dar nenhuma outra leitura para esse beijo. Será que Gorka havia se desapaixonado por ela? Isso, pensando objetivamente, seria uma boa notícia. Morreu o bicho, acabou-se a peçonha. Mas para sua surpresa essa informação não lhe causava a menor alegria. Todo mundo gosta de agradar, e ela adorava que Gorka gostasse dela – pensou isso e se sentiu outra vez uma vilã. Era absurdo, era egoísta e não era certo. Na academia, notou que ele olhava para ela com amor por trás da sua carinha de irritação, sentiu que saltavam faíscas entre eles, tanto que aflorou um beijo muito sincero, mas talvez esse beijo fosse uma espécie de ponto final. Talvez ela não tivesse jogado nada bem as suas cartas; pelo contrário, havia jogado sem dar a mínima para as regras do jogo. Tinha usado Gorka, assim, de forma explícita; tinha feito a melhor amiga dele cair nas drogas de novo e nem falar com ele... Por mais fugaz e especial que tenha sido o beijo que eles deram na academia, era normal que o garoto estivesse confuso e quisesse cortar esse mal pela raiz. Não podia mais se enganar. Era óbvio que uma miniborboleta estava começando a rodopiar em seu estômago, misturada com todas as borboletas que Samuel a fazia sentir. Era uma borboleta pequenina, mas sobrevivente, que não se intimidava pelo voo e pelas cores das outras, que eram enormes e tinham o triplo do seu tamanho.

Eu, gostar do Gorka? Vamos, para com isso... Não pode ser. É uma confusão provocada pelo momento estranho e pelo caos emocional que estou sentindo agora. Como vou gostar dele? Nunca gostei dele e vou gostar agora? Não pode ser... A gente se conhece há mil anos, eu o vi soltar pum, ser grosso e tonto, e nunca o achei nem bonito... até agora. Sim, olha, objetivamente, o garoto é bonito. Está ficando bonito, porque antes não era, mas a cara dele está mudando, ele está crescendo. As orelhas dele são muito fofas e ele tem esse corpo que... Eu nunca tinha prestado atenção nesse corpo. Tem um dom no que se refere a beijo. Eu não tenho muito com o que comparar, mas quando ele me beija é como se eu fosse uma grande beijadora, porque a minha boca se adapta à dele, como um desses professores de tango que tiram você pra dançar e você só tem que se deixar levar, e eles a fazem parecer uma dançarina preparada pra ganhar qualquer tipo de concurso de dança. Pô, eu sempre gostei de Dirty Dancing. *Mas por que estou falando disso? Ah, de gostar do Gorka.*

Não, eu não gosto. Não posso gostar, não devo gostar. Imagine se eu gosto do Gorka, que vergonha, com que cara eu apareço na frente dele pra contar... Não, não, não, não. NÃO. Ene, a, o, til. Tenho que frear isso. Vou pensar no Samuel. Sim, o Samuel. Não é que eu goste dele, é que eu o amo. Vou fazer que as borboletas que sinto por causa do Samuel destruam esse pequeno bicho que o Gorka enfiou no meu estômago, como se fosse uma briga de galos. Só um pode ganhar, e não vai ser o meu amigo, não. Eu sou tonta? Sim, um pouco. Ou seja, vou tirar da minha cabeça a ideia de poder ter uma história com um garoto que gosta de mim e de quem eu

estou começando a gostar porque estou absurdamente apaixonada por um cara que nunca vai ligar pra mim. Isso não tem nenhuma lógica. Mas estou confortável amando o Samuel e sempre convenci a mim mesma de que não precisava de nada dele. O sentimento de amor pra mim já era enriquecedor e bonito e eu não precisava de mais, mas isso soa a submissão, a pessoa obcecada que não tem os pés no chão. O que você faria? Eu é que não sei... Olha, eu não preciso tomar nenhuma decisão; e mais, se eu tivesse pensado nisso antes, pode ser que a porta do Gorka continuasse escancarada pra mim, mas agora acho que ele a fechou a sete chaves e eu bem que mereci. Acho que a melhor coisa a fazer é colocar "Ordinary World" pra tocar umas três ou quatro vezes, pois é uma música que me faz ficar sentimental e imaginar as minhas típicas cenas de amor com o garoto que eu realmente amo: Samuel.

*

Ao entrar em casa, Melena já notara algo estranho. Não saberia explicar, era como uma energia diferente. Sua mãe não estava e ela podia cheirar isso – não cheirar de verdade, a única que cheirava forte nesse dia era ela, mas captar. Estavam tão conectadas que a garota podia perceber a presença da mãe ou quando ela ia chegar, como acontece com gêmeas. Como um cachorro quando escuta um barulho distante e levanta as orelhas, ficando alerta. Então, ela tinha o alerta desativado, porque era óbvio que a mãe não estava mais ali. Sabe quando você compra uns cereais que acha que

vai adorar e depois não gosta e eles ficam escondidos no fundo de um armário? Esses cereais insossos e digestivos eram a única coisa que restava na cozinha arrasada. Melena enfiou a mão no saco e começou a comê-los aos punhados. Era como comer serragem. Estavam esfarelados e não tinham gosto de nada, mas ela estava morrendo de fome. Continuou comendo do pacote enquanto avançava pela casa como uma exploradora sem interesse.

A sala estava vazia e a tevê, desligada. Continuou o percurso. Os vestígios de sangue no corrimão da escada tinham ficado cor chocolate. Já as gotas que haviam manchado o tapete continuavam tendo uma cor vermelha intensa. A quietude e o cheiro de fechado reinavam também no andar de cima. Se Melena tivesse tido um anjo da guarda, este era o momento exato para que ele enviasse uns assistentes sociais, mas, em vez de um anjo da guarda ela tinha uma nuvem negra. Ligou para a mãe inutilmente. "O número que você ligou está fora de área ou desligado. Por favor, tente novamente mais tarde".

Não, não ia tentar mais tarde. Queria tomar banho, queria dormir, queria pedir uma pizza e queria assistir a qualquer coisa que não a fizesse pensar. Mas antes disso se deu conta de que seu quarto era o lugar mais catastrófico da casa. Roupas pelo chão, lixo, pratos vazios, papéis jogados e aquele cheiro de fechado, como de velho, que inundava todo o espaço. Ela se aproximou da janela e tentou abri-la, mas

não conseguiu, estava emperrada. Bateu nela, em vão, e se deixou cair no chão como uma pluma que deixa de levitar.

*

E chegaram ao cinema. Mario estava mais solto do que no início do não encontro e Janine estava bem à vontade, mas continuavam parecendo desconfortáveis. Eram um casal muito estranho. O garoto não sorria e ela não parava de falar como uma matraca. Sempre havia sido muito tagarela, diziam em sua casa, mas ela atribuía isso a seu cérebro, que era muito rápido e tinha muita informação que ela pensava ser relevante para os demais, e daí sua metralhadora verbal. Não era consciente de que parecia uma matraca. Ela se considerava uma garota eloquente, que sabia dialogar e com conversas fluidas... Estava equivocada. Mas não nos deixemos enganar por Mario ter dito três palavras em vez de um par de onomatopeias. Ele estava cada vez mais nervoso. Normal, era um sábado à tarde no cinema mais próximo. Estava cheio de gente, principalmente famílias. E se alguém conhecesse alguém que o conhecia e tirasse uma foto dele? Não poderia suportar mais uma chantagem.

— Ei, como você é... assim de comer bem e tal, vou comprar pipoca, assim a gente não precisa enfrentar outra fila depois — disse ele. — Me dá dinheiro.

Janine obedeceu. A frase incluía um insulto e não tinha nada de gentileza, mas ela achou que o fato de ele tomar uma iniciativa era ganhar um ponto. Quando ficou sozinha,

olhou Mario de longe. A polo lhe marcava as costas espetaculares, e isso a levou a pensar em Polo, o colega de classe deles, numa boba conexão de ideias (que tonta!), e continuou matutando. O encontro não ia tão mal, né?, repetia para si.

Às vezes o destino é brincalhão assim. Geralmente, quando chapados, os garotos comentavam que em muitos momentos a vida deles parecia seguir um roteiro. Sabiam que não havia um ser superior que escrevia as suas histórias, mas chamava muito a atenção deles a quantidade de acasos que aconteciam durante o dia. Uma vez, Gorka estava em Londres e encontrou um garoto da academia. Parece besteira, mas não é. Sabe quantos ângulos a sua cabeça pode te oferecer? Sabe quantos segundos tem num dia? Sabe quantas possibilidades há de você estar distraído olhando uma vitrine neste momento? Mas não. Ele deparou com um colega. Seu rosto virou ao mesmo tempo que o dele e se encontraram em outra cidade do mundo... Como essa, havia mil histórias. A do fio vermelho mágico que une as pessoas; a de um estranho campo circular magnético que faz todos estarem conectados entre si; mas a que mais achavam graça, talvez por ser a mais irreal, era a de imaginar uns senhores roteiristas que escreviam a vida deles e – por que não? – que os sacaneavam ao mesmo tempo. Se tivesse havido uns roteiristas nessa cena da vida de Janine e Mario, seria um cara pouco experiente, que abusava dos clichês, do óbvio, que sempre costuma ser o mais efetivo.

Mario pegou as pipocas e os refrigerantes e voltou para a fila com Janine, e justo no instante em que ela começou a devorá-las enquanto ele segurava o balde gigante, que era o da promoção de 9,99 com duas bebidas, começaram a escutar risadas.

A CATÁSTROFE.

Janine se lembra do que aconteceu em seguida como um punhado de imagens desconexas, como *flashes*, como as peças de um quebra-cabeça de vidros quebrados impossíveis de encaixar. Chegou em casa com a camiseta cheia de Coca-Cola Zero e uma ou outra pipoca no cabelo, e tentou recordar.

Gritaram pra gente, eram diferentes vozes. Disseram uma série de xingamentos que iam de gorda a trouxa. De baleia a acabada. Eram vários, mas eu não me lembro do rosto deles, ou seja, numa averiguação policial eu não os reconheceria, porque eram todos um bando de maria vai com as outras sem personalidade, com o mesmo tipo de roupa, com o mesmo tipo de cabelo, com o mesmo tipo de inteligência e esperteza limitados. Viram a gente juntos e eles próprios tiraram as conclusões. Não estávamos numa atitude especialmente carinhosa, mas o fato de eu estar pegando a pipoca do balde que o Mario estava segurando pareceu um atentado ao universo, algo antinatural e provavelmente horrível. Quando você é um lacaio e vê que o macho alfa faz algo que o rebaixa ao seu próprio nível, é o momento de se lançar contra ele, de não permitir que ele suba de volta à sua posição, e eles viram uma oportunidade. Acharam que o fato de Mario estar comigo era

símbolo de fragilidade, um claro ponto fraco a se extirpar. Gritaram, xingaram a gente e depois já partiram pra cima entre os olhares de escândalo e assombro das famílias na fila; este é um bairro de alto padrão, não um bairrozinho de periferia.

Um cara começou a rir do Mario por estar com a gorda da escola, outro tirava fotos dele, enquanto um terceiro o empurrou fazendo as pipocas voarem pelos ares em câmera lenta. Deram outro empurrão, e tanto ele como a Coca-Cola caíram em cima de mim, por isso a minha camiseta ficou grudenta e cheia de manchas marrons de cafeína. Mario se defendeu, mas parecia mesmo um trouxa, um perdedor, e restavam poucos sinais do metidinho de queixo pronunciado. Agora parecia só uma ovelha acurralada por uma matilha de hienas famintas.

Ele se sentiu pequeno, insignificante e medíocre, e devo dizer que tive sentimentos contraditórios. Dava-me pena de que estivesse sofrendo, principalmente porque era eu quem o tinha obrigado a ter esse encontro com a gorda de Las Encinas, mas, por outro lado, era um prazer vê-lo cair à minha posição, muito muito muito abaixo na cadeia alimentar. Se eu curti? Surpreendentemente, sim. Se sofri? Menos do que esperava. Reconheço que antes de exigir que ele saísse comigo, quando fazia conjeturas sobre o meu maquiavélico plano, pensei nessa opção, na de dar um jeito de os amigos dele nos verem, mas depois me pareceu cruel demais e não queria carregar essa má sensação sobre meus ombros. Mas não sendo eu a artífice da catástrofe... Não havia mal em curtir um pouquinho.

Mario me olhou do chão, enquanto os garotos continuavam rindo dele, bufou muito forte e me cravou um olhar sugerindo que eu ia pagar, mas não era minha culpa, eu não tinha feito nada. Sim, eu o chantageei, mas não fazia ideia de que os colegas esnobes e bobos dele iriam ao cinema na mesma sessão que nós. Já na cama e bem limpinha, eu não deixava de pensar no que ia enfrentar na escola na segunda-feira. O fato de eu ter estado presente na vergonhosa cena também dizia pra todo mundo que eu havia tido um encontro com o repetente mais popular do colégio... Como isso ia me afetar? Ia aumentar a minha popularidade?

Janine dormiu imaginando um mundo de fantasia onde as pessoas da escola a aplaudiam e a convertiam na rainha do baile de formatura, e Mario se dava conta de que havia se comportado como um cretino e por fim se colocava na pele dos perdedores, empatizando assim com todos os nerds que havia maltratado. Ela achou que seria lindo esse início de uma nova era e pegou no sono, sorrindo e dormindo de boca aberta.

*

Aquele domingo não existiu para os alunos de Las Encinas, principalmente para os que se sentavam no fundo da sala. Não postaram *stories*, não comentaram fotos, não escreveram uns aos outros. Era como se estivessem cansados emocionalmente e se apagassem do mapa durante algumas

horas. Janine demorou séculos para se levantar. Tentou desenhar um pouco, ainda de pijama, mas tudo lhe parecia ruim e sem graça, então, depois do almoço, começou a assistir com a mãe a um desses filmes de tribunal que passam na tevê que têm títulos de duas palavras combinadas tipo "Paixão perigosa", "Trágica mentira", "Lembrança esquecida", "Vingança obscura", "Inquietante verdade"... Segundo Janine, as pessoas que escolhiam esses títulos tinham duas colunas com palavras e iam combinando aleatoriamente. Acabou dormindo no final sem saber quem era o assassino e acordou às oito da noite, muito preguiçosa, com fome e com vontade de continuar dormindo. Depois se lembrou de que tinha tarefa de casa, mas decidiu que pensaria numa boa desculpa no caminho para o colégio.

Melena passou o dia inteiro como uma alma penada. Tentou arrumar o estrago do quarto, mas foi incapaz. Escutou música e baixou um programa para fazer *mash-up*, uma coisa de mixar músicas. Havia fantasiado em ser DJ, algo que nunca conseguiria e jamais revelaria a ninguém além do seu unicórnio de pelúcia destruído. Tomou banho, por fim, e ficou pensando em penteados que disfarçassem as crateras da sua cabeça. A queda de cabelo era muito escandalosa, mas já tinha experiência em disfarçar. Ainda assim, não estava decidida a voltar para a escola. Era menor de idade e devia continuar estudando, mas, agora que a sua mãe havia ido embora, a melhor coisa que poderia acontecer é que viessem os assistentes sociais e a levassem dali,

porque era consciente de que sem dinheiro e sozinha não duraria muito. Poderia arrumar um trabalho, poderia fazer muitas coisas, mas ela sabia que não estava pronta para nada.

Gorka, por sua vez, passou o domingo em estado vegetativo, quase como se estivesse deprimido; estava triste, mas não afundado na miséria. Queria que o mundo parasse para ele descer, e não queria que os pais ficassem perguntando "O que você tem? O que você tem? O que você tem? O que você tem?"... Então se fechou no seu quarto, jogou videogame, assistiu a quatro capítulos de *O justiceiro*, masturbou-se algumas vezes vendo pornô e buscando palavras-chave como "*big tits*" ou "anal latina", já que não precisava estar de bom humor para isso. Saiu para comer restos de salada da noite anterior, que enfiou dentro de um pão com a sensação de que estava inventando algo, tomou banho algumas vezes e só. Outro domingo perdido.

O de Paula foi mais ou menos igual, mas sem pornô e sem salada. Bom, e com a diferença de que passou o dia todo com a mãe. Não que a submetesse a um interrogatório, mas a mãe de Paula sentia que havia perdido muitas coisas da filha pelo caminho e não queria perder mais nada. Tinha vontade de participar do que acontecesse com ela, mas não porque Paula se sentisse obrigada a desembuchar, e sim conquistando a mesma confiança que haviam tido quando Paulinha estava no quarto ano do ensino básico, quando lhe contava tudo. Seus conflitos eram objetivamente bobos

naquela época, mas Susana tinha a estranha sensação de que a filha havia crescido de repente, e passara das brigas com as amigas para ver quem era Ladybug na hora do recreio para estar de pernas abertas numa cama alheia, e isso dava medo. Não podia evitar se sentir culpada por ter prestado mais atenção no trabalho e pensado que tudo estava sob controle em casa. Doía que a filha não tivesse tido confiança suficiente para lhe contar que não era mais virgem; não queria os detalhes, mas as manchetes. Então, ia se esforçar para recuperar o tempo perdido, e isso, para começar, traduzia-se num domingo mãe e filha camuflado, ou seja, ia fazer planos com Paula sem que ela se desse conta de que estava fazendo isso.

Realizaram limpeza de armários para doar roupas que não utilizavam: uma grande atividade que consistia em amontoar tudo e depois fazer a garota que trabalhava na casa arrumar de novo. Fizeram um bolo: outra fantástica atividade que consistia em encher a cozinha de farinha e louça suja, começar a fazer um bolo e deixar que a garota que trabalhava na casa limpasse e guardasse tudo. Tomaram banho de piscina e molharam toda a sala, que a garota teve que secar. Pintaram as unhas dos pés e quebraram um frasquinho de cor coral, que coube à garota limpar etc. Tudo muito sujo, tudo muito mãe e filha, com confidências discretas, mas com amor e bom humor. A mãe sabia que era o princípio de algo, de um novo começo entre ambas, de uma nova relação quase que de adulta para adulta, e isso a

deixava feliz. Isso ela pensou nesse dia, mas um tempo depois, quando Marina já estava morta, sentiu que a falecida podia ter sido Paula e ficou muito mais autoritária e estrita, e o que eram confidências e segredos foram se perdendo pelo caminho. Quando você sabe que um assassino ronda a escola da sua filha, vale mais a pena não dar uma de mãe legalzona e cortar as asas do que lamentar ter sido liberal e ver aparecer um belo cadáver pela manhã.

*

"Que se foda". Foi o que pensou Mario aquela segunda-feira de manhã. O fácil teria sido fingir que estava doente e esperar a poeira baixar um pouco antes de voltar ao colégio, mas "que se foda", ele iria e não ia se deixar amedrontar por ninguém. Tinha um monte de frases guardadas, sabia como podia ferir cada um deles se o atacassem. Estava nervoso naquela manhã. Não tomou café e apressou tudo o que pôde em casa para evitar os grupinhos matutinos que se formavam na porta das salas. Sabia que os imbecis dos seus não amigos haviam tirado fotos dele com Janine e gravado vídeos ridicularizando-os. Sabia disso, porque os recebera por diferentes meios e havia denunciado alguns no Instagram por incitar o ódio, apesar de as queixas caírem num saco furado. Alguém diria que essa má experiência deveria ajudá-lo a fazer autocrítica, mas não, é claro que não. Mario tinha um ego tão grande que não era capaz de se colocar no lugar dos outros. É que não conseguia imaginar o

paralelismo com todos os que haviam sido seus alvos fáceis aquele ano. Ele não era consciente de que agora tinha muito em comum com Pancho Cara de Panela. Com Lourdes Perna de Pau, a pobre menina que sofrera um acidente de carro no qual perdera os pais e que após vários anos de reabilitação conseguira voltar a andar, mas de um jeito um pouco estranho. Sim, Mario agora pertencia ao clã de Roberto Cara de Porra, o garoto com problema de pigmentos que estivera à beira do suicídio várias vezes no segundo ano porque era martirizado pelos colegas que o chamavam de dálmata e coisas muito feias...

Quando Mario chegou ao colégio, seus colegas de classe o esperavam com um sorrisinho pintado nos lábios, mas não o xingaram, então ele passou direto pensando que não ia ser tão trágico e logo voltaria ao pódio de Las Encinas. Estava enganado. Chegando ao seu armário, havia uma pichação bem grande que dizia COME GORDAS. Buuum! Não esperava por isso, foi assustador. Ver essas palavras o deixou sem fôlego de repente. Como o destino era engraçado, parecia estar colhendo tudo o que havia semeado. Cuspiu no armário com toda a sua raiva e tentou apagar com a manga da jaqueta do uniforme, mas seus perseguidores eram tão cretinos quanto ele e também haviam usado uma caneta permanente. Correu para o banheiro em busca de refúgio. E conteve as lágrimas... Puxa, Mario, para quem não tem sentimentos, você está virando um molenga. Pensou que não

podia dedurar a pichação, porque não queria que esses rumores chegassem a seus pais.

Christian, um dos garotos que haviam entrado no começo do ano depois do desabamento da outra escola, se aproximou dele.

— E aí, cara? É verdade o que está escrito no seu armário? — perguntou. — Porra, não se sinta mal por comer feias e gordas, afinal, no escuro, que diferença faz? Elas também têm direito. Desde que estejam limpinhas e cheirosas...

Mario não entendia se o comentário era sério ou uma piada, então afastou o garoto com um empurrão e saiu correndo dali. O que podia fazer? Pouca coisa. Engoliu em seco, fez das tripas coração e entrou na sala de aula entre sussurros, cochichos e um ou outro cascudo anônimo. Os garotos de Las Encinas não eram uns cretinos. Havia tontos e idiotas como em todo lugar, mas em geral não eram especialmente destrutivos. Porém, quando viram o mais popular cair no fundo do poço, foi algo a se comemorar. Se um rei tirano é arruinado e destronado e se vê obrigado a viver entre o populacho sem ouro, sem roupas caras, sem privilégios... Isso gera entre os plebeus essa estranha sensação de prepotência da qual sempre reclamaram dele. E foi isso o que aconteceu. Era fácil provocá-lo, e era divertido. Então todos soltaram as rédeas dos insultos e das piadas falsas. Do que era acusado? Apenas de ter estado na fila do cinema com uma garota manequim G. Isso era justo? É claro que não. Merecia bullying? Talvez sim, talvez não.

Se essa puta gorda não tivesse se intrometido na minha vida... Maldita hora em que eu quis foder sem pensar, maldita hora em que concordei com meus pais em ir para aquela cidade de merda. Eu juro, queria que isso não tivesse acontecido. Quem dera eu nunca a tivesse conhecido. Quem caralho me mandou transar com essa ogra?

Se existisse carma, Mario estaria batendo nele muito forte com a mão aberta, e para cada insulto contra Janine receberia três ou quatro ele próprio, porque agora já havia quebrado a barreira e era um cara qualquer que também podia apanhar se não tomasse cuidado. Ainda assim não se reprimiu nem um pouco e, na hora do intervalo, foi logo atrás dela. E a encontrou, claro que encontrou. Os alunos que não sabiam do não encontro de Janine e Mario se surpreenderam bastante ao vê-lo pegando-a pelo braço e a arrastando para um canto mais tranquilo. A cena foi tensa, muito. Janine tentou explicar que ela não tinha nada a ver com o encontro com seus ex-amigos, que nunca quis que o incomodassem, e pediu desculpas, apesar de, na realidade, não sentir que lhe devesse, mas é que Mario ficou muito agressivo, cada vez mais. Fez o clássico de descontar sua raiva no lado mais fraco.

Empurrou a garota contra a parede, somando outra à sua lista de pequenas agressões, apesar de ela não ter consciência do que estava acontecendo e não ter dado ao fato a importância que qualquer espectador teria atribuído. Ele voltou a empurrá-la, dessa vez mais forte, e falou coisas

horríveis, como que era uma gorda filha da puta, que ia matá-la e que ela ia pagar muito caro. Enfatizou o "muito caro", para dar a entender que era uma ameaça real. Aí Janine sentiu medo. Sabe, muitas mulheres que são maltratadas não têm ciência disso até que os demais lhe abrem os olhos ou mostram a elas as imagens ou os fatos. Mario pegou Janine pelo rosto e voltou a empurrá-la; ameaçou-a e bateu na cabeça dela muito forte.

O destino pode ser diligente ou pode não ser, mas, coincidência ou não, Marina passou por ali nesse momento e viu os últimos instantes do desafortunado encontro.

O que vi? Olha, eu estava saindo da sala, não me sentia bem, tinha uma cara de merda e estava indo ao banheiro lavar o rosto. Sim, tinha tido um desses dias dignos de ser esquecidos. Tinha um monte de coisas na cabeça e não estava com vontade de me meter em mais nenhuma confusão, de verdade, mas me chamaram a atenção uns gritos, como uma briga ao fundo. Estava quase passando direto, porque tinha um monte de abacaxis pra resolver, mas falei pra mim mesma: Marina, faz alguma coisa... E corri até eles. Havia um cara do último ano, um que parece o Gaston de A Bela e a Fera, *o repetente com cara de trintão, e ele estava literalmente batendo numa colega da minha sala. ESTAVA DANDO UMA PORRADA NELA. Ela não era minha amiga, mas me pareceu muito injusto e eu tinha tido um dia horrível, então fui pra cima dele como uma louca. Eu não tenho muita força normalmente, e nesse estado em que eu estava... em que... não me sentia bem, era como uma adversária mais fraca, mas fiz isso. Fiz isso pelos*

demais, sabe? Janine, a garota da minha sala, estava sem reação, porque ela não tinha percebido o que estava acontecendo, mas eu sim. O repetente estava batendo nela e ela não se defendia, ainda que, veja bem, tenho certeza de que se essa garota tivesse revidado, teria virado o cara do avesso. Mas, às vezes, se nos dizem que somos frouxos, nós somos. Se nos dizem que somos uma merda, nós somos. E se nos dizem que somos a vítima, nós nos calamos. Mas eu não sou a vítima e não pretendo me calar.

Mario empurrou Janine mais uma vez e depois se livrou de Marina. A cena se tornou tão inesperada que ele não podia escutar os gritos da garota, só conseguia ouvir um zumbido na sua cabeça, como o típico apito de quando alguém dá um tapa na sua orelha, mas ninguém tinha batido nele, muito pelo contrário.

— Você arruinou a minha vida! — gritou com o rosto exasperado enquanto apontava para Janine com muito desprezo.

Era muito estranho ver os olhos do rapaz se inundando de lágrimas. Nunca havia mostrado fraqueza na frente de ninguém, mas já não precisava mais se esconder, pois sentia que havia perdido todas as vantagens e descera ao mais baixo escalão. Ele saiu a toda velocidade para o corredor e as pessoas se silenciaram ao seu passo, abrindo-lhe caminho enquanto secava as lágrimas com a manga da jaqueta. Mas Marina não estava satisfeita e correu atrás dele, e da outra ponta do corredor, quase a sete metros de distância, começou a gritar:

— Você é um agressor! Agressor! Você vai ver! A sua vida, você arruinou sozinho! AGRESSOR!

Os alunos, que antes tinham rido de Mario, se tocaram de que o problema que esses dois estavam enfrentando era bem mais grave do que umas gozações cotidianas, do que umas piadinhas sobre os boatos da turma, então ninguém abriu a boca, ninguém disse nada, só observaram o dantesco espetáculo entre ambos. Janine pegou o braço de Marina para que ela se calasse e surtiu efeito. Tarde demais. Azucena, a diretora, saiu do seu gabinete com fogo nos olhos.

— O que está acontecendo aqui? Mario e Marina, para a minha sala agora mesmo! Agora! Já!

Ambos obedeceram. Mario refez seus passos e, ao chegar perto de Marina, falou na frente de todo mundo:

— Você está morta.

Uma frase muito infeliz que vários alunos de Las Encinas escutaram. Mas como ele ia saber que alguns dias depois a garota morreria?

Janine correu até os dois, pois lhe parecia justo entrar também na sala da diretoria.

A conversa não foi fácil nem fluida. Marina não parava de falar que tinha visto um colega agredir uma colega e fizera o que qualquer um teria feito; Mario dizia que era tudo mentira; e Janine não parava de fugir do assunto, porque eles, os protagonistas do não encontro, não tinham consciência de que havia sido uma agressão, mas era óbvio

que sim. E mais ainda quando a diretora recorreu às câmeras de segurança para que todos vissem a sequência gravada.

Era um plano bem aberto e sem som, mas no qual se via claramente Mario arrastando Janine pelo braço, prensando-a contra a parede, dando alguns tabefes e vários empurrões nela, e Marina entrando em cena furiosa. A imagem falava por si e Janine, que estava tomando ciência da agressão, começou a chorar.

— Você vai se fazer de vítima agora? É sério? — gritou o rapaz, batendo na mesa.

— Mario! Silêncio! — reagiu a diretora. — Marina, pode voltar para a aula, chamaremos você quando a polícia chegar.

— Polícia? — perguntou o rapaz. — Não, não, não... Isso é um mal-entendido, ela me chantageou, me manipulou. Eu não posso pagar por isso!

— Não é a mim que você tem que explicar, Mario.

Mario não podia acreditar. Ele se sentia a vítima dessa história: havia sido provocado várias vezes e acabara reagindo.

Eu não bati na gorda. Ou seja, sei que no vídeo parece que sim, mas foi uma briga recíproca. Não foi um conflito desses em que um homem bate numa mulher, eu nunca bateria numa mulher, mas... mas foi... recíproco. Ela controlava a situação e nós dois batemos um no outro. Ela me fez muito mal, talvez não na porrada, mas o que ela me fez, isso sim é imperdoável. Eu não bati nela... eu bati, mas não... não fiz de propósito. Sei que pelas imagens parece que

sim, mas ela estava me provocando, fazendo cara de idiota, passando-se por boazinha, quando por culpa dela eu tinha me transformado num pária. Mas a culpa não é só da gorda, a culpa também é da aidética, essa dos cachos. Maldita Marina. Está morta, eu juro. Quem merda ela acha que é? É a filha de um golpista. É uma maconheira com HIV. Você viu a cara dela? Viu a cara de destruída que ela tem? Como um lixo assim se atreve a me enfrentar? Cuida da sua vida de merda e deixa de ferrar os outros. E eu me sinto mal porque uma vez saí por aí com o Guzmán, o irmão dela, mas isso não se faz. Isso não se faz e ela vai ver. Não sei quando nem como, mas ela vai pagar, maldita filha da puta...

Tudo o que veio a seguir foi um tédio em que tanto Janine como Mario contaram a mesma história mil vezes. Diante do conselheiro tutelar, diante dos pais, diante da polícia e diante dos amigos. Janine havia passado de garota gordinha invisível a garota mais popular da escola, mas essa popularidade não lhe convinha nem ela a queria nem nada.

Quem dera não tivesse acontecido nada disso. Quem dera eu não tivesse conhecido o Mario naquela festa; quem dera eu não tivesse transado com ele; quem dera ele não tivesse chutado meu pé na casa da Marina; quem dera eu não tivesse tido a ideia de criar o plano idiota do encontro, da chantagem com a foto; quem dera eu não existisse; quem dera não tivesse nascido...

E assim por diante. Janine estava exausta, cansada, e não se sentia nada bem. Viu a mãe chorar algumas vezes e tentar

disfarçar com bem pouca graça, então minimizou o assunto. Era fácil, porque Janine não sentia que alguém a tivesse maltratado, não tinha hematomas e tudo havia acontecido muito rápido. Por isso, ou ela negava a situação ou não tinha assimilado que havia levado alguns tabefes. Qualquer uma das opções lhe vinha muito bem a calhar, porque há vezes em que olhar para outro lado é reconfortante, desde que, passado um tempo e estando num lugar tranquilo, com as pessoas que gostam de você, você enfrente isso como se deve e desabe se for preciso. Ela não pretendia desabar.

Bateram à porta da sua casa e quem abriu foi a mãe de Janine, essa senhora nova rica que havia passado meia vida atrás de um balcão desossando sobrecoxas de frango. Marina estava na soleira. A senhora a abraçou muito agradecida e voltou a fazer o miniespetáculo dramático de lágrimas retráteis, enquanto a filha se aproximava.

— Oi, Janine, a gente pode conversar? — perguntou Marina quando, por fim, estava diante da colega. A irmã de Guzmán não estava com uma cara boa.

— Sim, claro. Vamos lá fora?

As duas garotas deram um passeio pelo jardim cercado da casa. Elas se sentaram num banco de ferro que mais parecia roubado de uma residência para idosos, mas a mãe de Janine havia se empenhado em comprá-lo para dar um ar bucólico a toda aquela parte de jardim, cheia de salgueiros-chorões. Marina começou a falar, estava com pressa.

— Eu não vim só pra ver como você está, Janine. Desculpa eu ter me intrometido, sei que teria feito a mesma coisa por mim. Sei que nós não somos amigas, não podemos nos considerar amigas, mas, sei lá, você estuda comigo há tanto tempo... E ver um cara batendo em você revirou o meu estômago, mas não foi uma simples explosão feminista. Olha, eu sou feminista, e muito, mas ver esse cara dar porrada em você revirou o meu estômago, porque era como se ele estivesse batendo em algo meu, além de você ser uma mina, não sei se me entende.

— Acho que não.

— Que apesar de nós não sermos amigas, eu me sinto unida a você pelo que você representa, sabe? Estou num momento de merda, sério, eu não vou te contar a minha vida, mas estou me sentindo mal e as coisas parecem dar errado pra mim.

— Eu sei sobre a sua doença, Marina, e achei você supercorajosa por contar isso na sala.

— Não, não é isso e não estou buscando a sua compaixão — cortou Marina. — É que eu me senti identificada com você. A vida está me dando uma porrada, entende? E ver que uma mina da minha sala estava levando uma porrada de um modo literal me fez querer salvá-la, querer abraçá-la, querer cuidar de você, entende? Ainda que nós não sejamos amigas, quero que saiba que eu estou aqui e, se precisar, pode contar comigo.

Janine obrigara Mario a ter o não encontro para conseguir justamente isso. Marina estava lhe estendendo a mão e podia se mostrar na frente dela sem preconceitos, sendo ela mesma. Ou seja, a chantagem contra Mario surtiu efeito de um modo indireto. E ela não pôde fazer outra coisa além de se abrir.

— Obrigada, de verdade, Marina, obrigada. Eu não vou enganar você. Eu me senti bem sozinha muitas vezes e notei que as pessoas da sala me rejeitavam por algo bastante absurdo, só por eu ser gorda.

— Mas você não é gorda! — apressou-se a responder Marina.

— Eu sei, mas sempre me chamaram assim e isso fez as pessoas se afastarem. Me dava a sensação de que os preconceitos eram como... Deixa eu ver como digo... Como uma barreira entre os descolados da sala e eu.

— Eu pareço descolada? Pois juro que não sou. E não porque eu estou dizendo, mas objetivamente falando. Dizem que meu pai é um golpista, eu tenho HIV e isso é algo terrível pra todos, e estou...

Marina censurou a si mesma. Queria ser amável, mas não podia se abrir cem por cento e contar uma série de verdades àquela que até esse momento era praticamente uma desconhecida.

— Marina, olha... Eu, e estou sendo sincera, odiei você. Odiei muito.

A garota começou a rir de forma exagerada enquanto o ar sacudia seus cachinhos quase ruivos no jardim. E Janine se contagiou com a risada, porque, apesar de estar desanimada, Marina seguia conservando esse carisma, essa luz, e se ela ria era impossível não rir também.

— Marina, não ria, é verdade — disse Janine ainda com o riso entre os lábios. — Eu te achava um saco, mas por você ser tão perfeita, por ser tão genial e por conseguir a admiração de todos, enquanto nós, as que nos sentamos atrás, no fundo da sala, não temos chance nem de olharem pra gente ou de nos valorizarem. Como os mais populares sabem que eu não sou legal se não me conhecem? Quero dizer, o que a Lu ou a Carla sabem de mim? Por que nunca tentaram ser minhas amigas?

— Porque não precisam de você — disse a outra, negando com a cabeça. — Elas se deixam levar muito por esse tipo de impulso. Eu também era superamiga da Carla e nós nos afastamos aos poucos. Ela tem a vida dela muito bem montada, e não acho que se importe com você usar um tamanho maior ou com seus pais serem ricos por ter ganhado na loteria. É só que você não se encaixa no mundo dela.

— Isso me dá raiva — disse Janine, quase como uma menina mimada.

Marina se inclinou, aproximou o rosto do dela a modo de confidência, e sussurrou:

— Sabe, Janine, você não está perdendo nada, sério. A vida da Carla é o maior tédio. Sim, ela é linda, e sim, tem as tetas mais espetaculares que você jamais vai ver por aí, isso é verdade, e, olha, bem que eu queria ter aquelas tetas, mas a vida dela é um porre. Não tem emoção. Você quer isso? Não, não quer.

— É, ela é superlinda.

— Lindíssima, mas e daí? Dentro de alguns anos nós terminaremos o colégio e eu garanto pra você que a beleza não abre as portas de nenhum lugar no mundo real.

— Você acha que não? — perguntou Janine, muito sincera.

— Quero pensar que não. Bom, eu tenho que ir, combinei com alguém.

Marina se levantou do banco e prendeu o cabelo porque o vento estava começando a incomodar. Janine também se levantou.

— Me desculpa por ter odiado você, Marina — disse a ela.

— Desculpada. Me desculpa por ter ignorado você.

— Desculpada.

E essa foi a última coisa que Janine falou para uma das garotas mais populares da sua sala. Ela a viu cruzar a grande porta do jardim e ficou sozinha e pensativa. Estava se sentindo em paz e, por um momento, esqueceu que era a "aluna maltratada" mais famosa de todo o Las Encinas. Marina era muito popular. Era muito legal, ainda que tivesse cara de morta aquela tarde ou ainda que utilizasse a falsa

modéstia. Era linda: o azul cristalino dos olhos, os cílios quilométricos... Como uma aparição. E Janine nunca tiraria essa imagem da cabeça. Essa imagem da garota com os cachos no ar, os salgueiros ao fundo e um monte de verdades amáveis na boca. Não eram amigas, nunca foram e jamais seriam, mas havia sido um momento lindo e ela o guardaria na memória para sempre.

*

Sim, se o que você está se perguntando é se Paula e Gorka haviam se encontrado na escola, a resposta é sim. Claro que sim. Mas não reagiram de um jeito estranho, nem ficaram nervosos, nem se sentiram incomodados. Estavam a caminho da classe, sim, mas uma vez que cruzaram a porta da sala de aula, foi como se ocorresse algo mágico que os colocasse em seu lugar. E mais. Sorriram com normalidade ao se ver. Havia passado vários dias desde que ficaram pela primeira vez, com um monte de coisas a dizer um para o outro, e todos esses argumentos se esfumaçaram. O domingo maternal de Paula e o domingo insípido de Gorka dissiparam suas ânsias por colocar as coisas num lugar que talvez não fosse o correto. Mil preocupações os rondavam, mas eram só adolescentes e Paula tinha isso muito claro; tinha um mantra na cabeça que repetia para si o tempo todo.

As coisas têm a importância que nós damos a elas. Não sei onde li isso ou se foi a minha mãe que me disse, ou se é de Jorge Bucay ou

de Paulo Coelho, dois senhores dos quais não gosto nem um pouco, na verdade, mas o caso é que acho uma frase muito certa... Estou cansada de estar angustiada. Se você está angustiado, deveria fazer a mesma coisa que eu e começar a relativizar os conflitos que o afligem. Se você tem um problema que tem solução, pra que se preocupar? E se tem um problema que não tem solução, pra que se preocupar? Sim, falando desse jeito dá raiva, muita raiva, mas penso assim de verdade. Por mais que queira acelerar o transcurso das coisas ou que necessite que tudo mude, pra mim não é justo nem necessário ficar sem dormir, transtornada e sofrendo com esta sensação tão terrível de úlcera.

Vou fazer o que puder pra ajudar a Melena, desde que tenha a oportunidade de fazer isso e, se não tiver, pouco importa. Com o Gorka, a mesma coisa: vou tentar agir da melhor forma possível e não me pressionar. Se me surgirem sentimentos ou sensações, ótimo, não vou reprimi-los, mas não vou ficar o dia inteiro tentando buscar as respostas.

Não sou muito de ioga, mas domingo veio a professora da minha mãe e eu consegui deixar a mente em branco durante um tempo, sem pensar concretamente em nada, mas em mim e na minha maneira de encarar as coisas. A vida não tem manual de instruções, isso nós sabemos; então, por que ficamos tentando descobrir os atalhos ou o jeito certo de fazer as coisas? Eu pisei muito na bola, principalmente este ano; feri os demais, mas nunca tive má intenção, e é isso que vou continuar tentando. Não vou fazer o mal; seguirei fazendo o que o meu coração mandar e me adaptando ao que acontecer. É que eu fiquei muito mal, demais,

pensando e pensando e pensando e me torturando e, menina, eu não sei se todo mundo se tortura assim, mas acho que não. Meus pensamentos me limitam muito na hora de fazer as coisas, me paralisam e às vezes tomam as decisões por mim na hora de enfrentar o que acontece comigo.

Pensei um monte no Gorka; no que estava indo bem e, principalmente, no que estava indo mal, então tomei a decisão de agir com ele com toda a normalidade. Eu sempre sorri pra ele, sempre olhei pra ele na sala e fiz carinhas quando estava entediada na aula de Matemática ou de História, e joguei papeizinhos nele com desenhinhos bobos. A Paula de antes, a tonta, a mosquinha morta, pensaria que tem que deixar de ser ela mesma porque isso pode confundi-lo, mas a Paula de agora, a que é legal, pensa que vai fazer tudo o que lhe der na telha e pronto. Eu já não sei se ele gosta de mim e não me importa, por isso é melhor ser eu mesma; e se alguém vai me criticar, que seja por ser eu mesma; e se alguém vai me elogiar, que seja pelo mesmo motivo. Chego na sala de aula, sorrio para ele como fazia um tempo atrás e me sento à minha carteira. Bom, que mania mais tonta de continuar chamando de carteira essas mesas. É isso, que chamemos cada coisa pelo seu nome e ponto.

Ah, e quanto ao Samuel... Vejo que tenho um assunto pendente, pendentíssimo com ele, mas não pretendo tomar a iniciativa, nem pretendo fazer nada de nada além de esperar bem tranquila sentada em meu alpendre, aguardando o que vai acontecer.

Hoje a Paula estava tão estranha comigo... Bom, não, ao contrário. A Paula foi incrível comigo hoje. Ela sorriu pra mim quando entrou

na sala e me olhou com carinhas entediadas como fazia antes. Eu seria muito tonto se não pensasse que o que aconteceu no outro dia foi apenas uma miragem, fruto da esquisitice de tudo que se relaciona a Melena. Ela estava frágil; eu estava com a serotonina ou as endorfinas ou o que quer que fosse pelas nuvens por causa da academia, e nós nos deixamos levar. Não estou confuso. Sei que ela não sente nada por mim, e se sentiu em algum momento é porque viu a si mesma num deserto. Não, não estou contando direito. Quando tem um cara sedento no deserto e vê um oásis... Bom, isso é o que devo ter sido pra ela. Um oásis. Acho triste que ela não tenha me valorizado ou me visto cem por cento como uma possibilidade, e não deixo de me perguntar por quem será que está apaixonada. Cara, ela não deve ser correspondida, isso está claro. Na turma, do meu ponto de vista, também não há garotos muito incríveis.

O Guzmán é meio cretino, tem cara de poucos amigos e é namorado da Lu, apesar de ter um lance bem estranho com a Nadia. O Polo é namorado da Carla, mas esse cara, apesar de dar uma de bonitão, não acho que seja. Tem uns olhos bonitos, mas muito salientes, né? Presta atenção. Christian, esse carinha novo, não é muito esperto. De corpo está ok – não é muito alto, mas está ok –, mas é um pouco palhaço e não acho que a Paula curta muito isso, bom, bom... Além do mais, há rumores de que ele esteve com o Polo e a Carla, como num ménage à trois *ou algo assim. Minha nossa, um trio, que preguiça!, do jeito que é difícil satisfazer uma única pessoa, ter que satisfazer duas. Há também o outro novato, o Samuel, o que é garçom, ele se parece muito, mas muito com o*

Daniel Radcliffe, o ator que fez o Harry Potter. Não sei, não acho que ela goste desse, porque não vi eles se falarem nem uma única vez, não combina. Ah! Bom, o Ander. Como eu não pensei? Talvez ela goste do Ander... Cara, pensando bem, o Ander é bonitinho, sério, esportista, reservado (que é algo de que as minas gostam). Não o vi com nenhuma menina e isso me fez pensar que era gay, mas não acho que tenha muitos gays em Las Encinas, que também não tem homofobia; eu não tenho problemas com os gays. Sempre disse que gosto muito de Jesús Vázquez e o acho um grande comunicador. Ou seja, os gays são legais, mas não acho que tenha algum na minha sala. Estou perdido. Se não é de mim que ela gosta, de quem é, então? Bom, esse é o menor dos meus problemas. O importante é que ela me tratou normalmente e não serei eu quem vai estragar as coisas, quem vai assediá-la assim que ela virar a esquina, ou quem vai convidá-la para ir à festa de fim de curso comigo. Que mania eles têm em Las Encinas de fazer essas coisas. Que vontade de deixar as minas loucas atrás de roupa e fazer os caras se vestirem de pinguim, como se a gente não fosse fantasiado pra aula o ano inteiro.

Assim que Gorka e Paula ficaram sabendo da briga entre Janine e Mario, foram logo à casa dela. Gorka brincou um pouco com Paula, falando que eles pareciam Os Vingadores dos seus amigos, uma dupla de super-heróis que aparece para ajudar quando alguém precisa. Apesar de não ter funcionado com Melena, pelo menos se puseram de prontidão para qualquer coisa de que ela necessitasse, e ela necessitava mesmo: tempo e, principalmente, não os ver,

não ser incomodada por eles. Com Janine a história era outra.

Eles se reuniram no quarto da *otaku* e Janine pensou que era a hora de contar a história desde o começo. Os garotos faziam isto muito bem: contar as suas histórias. Ela não se sentia tão centro das atenções desde que fora operada de apendicite e estivera à beira da morte. Isso a fez pensar em um anime chamado *Eu quero comer seu pâncreas*, e dali pulou para outra coisa e depois para outra...

— Se concentra, mina, esquece os mangás e essas besteiras e começa pelo começo — disse Gorka.

Estavam os três sentados no chão; Janine, com as costas apoiadas na cama, diante deles. Ela respirou fundo, recuperando o foco, esticou o braço para trás, pegou o celular e mostrou a foto a eles. Não uma que circulava por aí, do dia do cinema, mas a sua, a comprometedora, a que tirou do Mario sem querer depois de transar no quarto infantil da casa de veraneio dele. Os garotos ficaram boquiabertos. Paula ficou um pouco desconcertada, principalmente por causa da violência, e Gorka fez uma exibição idiota de testosterona, falando que, se ela quisesse, podia ir quebrar as pernas dele, algo que era fisicamente impossível.

Pela primeira vez naquele dia, Janine começou a se sentir mal, menos heroína e mais vítima, e o que estava anunciado aconteceu sem aviso prévio para ela. Começou a lhe doer o braço que não havia doído nem no exame físico; começou a se lembrar dos tapas na cara que tinham sumido de sua

memória quando falou com a inspetora de polícia; e começou a sentir uma sensação de pânico bastante descontrolada. Não era ansiedade, podia controlar a situação, mas estava se sentindo cada vez mais assustada ao pensar nas consequências do que havia acontecido naquele mesmo dia. Teria que voltar a se encontrar com aquele cara, fosse na escola, no mesmo corredor, fosse num julgamento. Se é que se faziam julgamentos nessas situações, porque ela desconhecia o que viria depois. Teve vertigem e uma vontade louca e irrefreável de chorar. E chorou. Sentada no chão, abraçou os joelhos e chorou na frente dos amigos. Se Janine tinha um poder, esse era o do verbo. Conseguia falar muito rápido e com muito sentido, dar muita informação, informação, informação... Isso era sabido por todos, mas ela emudeceu. Nem uma palavra, nem um som que não fosse um soluço. Já a sua cabeça ia a mil por hora, pensando um monte de coisas que ela nunca diria.

Eu queria uma comédia romântica, imaginava uma comédia romântica, não um filme de crimes e julgamentos. Minha nossa, que pepino. Claro, o gesto da Marina foi lindo, mas é certo que, se ela não tivesse aparecido, eu teria me calado, porque também tenho muito a perder. Ou não... Esse é o pensamento mais idiota que tive. Quando o Mario chutou meu pé, senti que era uma agressão, e agora, não. O MARIO TEM DEZOITO ANOS. Não é uma criancice. Bom, não seria mesmo que ele tivesse quinze, e tem que assumir o que fez, mas as consequências vão ser desastrosas. Pra começar, sei que ele foi castigado, não sei se suspenso ou expulso.

Droga, por que não paro de me sentir culpada? Quando houver um julgamento e Mario for depor, vai contar que eu o chantageei pra sair com ele. Como meus pais vão encarar isso? Meus irmãos vão rir da minha cara durante anos e eu vou ser o assunto do colégio até a formatura, e essa é a típica fofoca que vai me perseguir pra sempre. Muito mais grave do que quando a Paula menstruou na sala de aula, porque isso é uma idiotice sem comparação com isto, e imagina se comparando... As pessoas vão dizer "Sim, aquela gordinha era tão perdedora, tão absurda e tão insignificante que teve que chantagear um cara pra que ele a levasse ao VIPS tomar um milk-shake".

É MUITO LAMENTÁVEL. EU QUERO MORRER, mas muito. Meu amor pela Marina durou quarenta e cinco minutos; agora estou começando a odiá-la, porque, se ela não tivesse se metido, talvez eu tivesse me defendido e dado uma porrada nele também, e teria sido uma briga sem transcendência entre dois imbecis. MALDITA MARINA.

Que alternativas eu tenho? Falar com o Mario e inventar alguma coisa... Não, não, não, eu sou a vítima. Eu sou a vítima. EU SOU A VÍTIMA. Esse cara me bateu na escola, me pegou pelo braço, me xingou, me fez muito mal, me deu um tapa na cara e isso não se faz. Ele me humilhou e me ameaçou, e por mais que tenha sido o primeiro que esteve dentro de mim, tem que pagar. QUE SE FODA. Tem que pagar. Sim, a gente passou dos limites, mas agora já não tem mais volta. Ele fez isso e vai pagar. Se me tacharem de um monte de coisas, vou assumir de cabeça bem erguida. Todo mundo vai saber que transei com ele, todo mundo vai saber que o

chantageei e todo mundo vai saber que ele me bateu. Precisam saber, e então, se me gozarem ou me xingarem, vou me defender com a verdade.

Sim, o toque épico vem das séries. É que sou uma grande leitora. DROGA, ESTOU MORRENDO DE MEDO. Não quero ir para o colégio amanhã. Não quero voltar nunca mais, mas não tenho culpa do que aconteceu comigo. E, se me escondesse, não seria um exemplo pra nenhuma outra garota que passasse pela mesma coisa. Eu nunca quis ser exemplo de nada, nunca pensei que teria a opção de ser, mas, se ficar de braços cruzados, aí sim serei a trouxa, a perdedora que acham que sou e que nunca fui.

Janine tinha visto muitas séries policiais e, dentro daquela salinha de paredes brancas na delegacia, estava se sentindo numa delas. Parecia que a qualquer momento ia entrar o senhor ruivo de *CSI* para soltar uma frase lapidar. Infelizmente, estava passando por uma sequência de interrogatórios policiais que já não a faziam tremer. Ela tinha que dizer toda a verdade, havia escutado isso muitas vezes. Ali não havia nem amigos nem meias verdades, ela queria ser sincera.

A investigadora se sentara diante dela, com o cabelo preso num rabo de cavalo que lhe caía sobre o peito, por cima do ombro esquerdo. Fazia mais de vinte minutos que estavam falando sobre o que acontecera na festa de fim de curso e tudo o que havia ocasionado até o momento.

Para Janine estava claríssimo quem havia matado Marina, mas a investigadora ainda pensava nas frases que havia lido no diário e queria mais: queria hipóteses, e dava no mesmo que fossem descabeladas ou não.

— Você já nos disse quem acha que a matou — falou a policial, inclinada para ela, com os cotovelos em cima da mesa —, mas acha que alguém mais teria tido motivos para matá-la?

— Eu mesma, investigadora. Eu poderia ser perfeitamente suspeita.

— Sim?

A investigadora olhou para ela com o cenho franzido. Todos os alunos se mostravam inseguros, aterrorizados, titubeantes, mas Janine mantinha uma calma inesperada.

— Eu mesma pude pensar uma coisa dessas, tanto da Marina como da Carla, da Lu...

— Você está se referindo à diferença de classes, à pirâmide social de que falava antes?

— Exatamente — concordou com um único gesto seco e direto.

— Mas você escutou algo concreto? Alguém que desejasse mal a ela? Alguém que a criticasse abertamente?

— Nada do que eu disser virá a público, não é mesmo? Quero dizer, se chamarem alguém porque eu mencionei, a pessoa nunca saberá que foi por minha causa, certo?

— Certo... — respondeu a investigadora um pouco intrigada com a aura de mistério que a adolescente estava criando na pequena sala.

— Já interrogaram a minha amiga Paula? — perguntou em voz muito baixa.

— Não, ainda não... Por quê?

— Porque ela fez um comentário depreciativo sobre a Marina que chamou a minha atenção, principalmente porque a Paula não é muito uma garota de criticar e eu vi que não tirava o olho da Marina durante a festa... Nem dela nem do Samuel. A Paula não é muito discreta, e eu sou muito ligada.

— A Paula? Ahã.

— Mas não só isso. A Marina saiu da sala depois de receber o prêmio e a Paula não demorou pra sair também.

— Você a está acusando, Janine? Isso é muito grave — advertiu a investigadora.

— Não, não, ouça, não me interprete mal, não estou acusando ninguém. Eu só estou contando o que aconteceu.

Janine estava brincando de ser a jornalista infiltrada, a policial novata que acaba resolvendo o caso, e a situação lhe parecia tão inusitada que não queria que terminasse. É certo que não tinha muita informação relevante, mas queria ter, queria ser útil... E mencionou a amiga sem nenhum pudor.

Capítulo 7

Era uma tarde ensolarada. Paula tinha dado uma volta e ido até a única livraria onde podia encontrar algum mangá desses de que a Janine gostava. Estava se sentindo mal. Sentia que não estivera muito presente nos assuntos dela, e o que havia acontecido lhe parecia algo horrível, então queria fazer uma surpresa e ir à casa dela levar um presente, mesmo que fosse algo bobo. Sabia que ela usava G – todo mundo sabia que ela usava G, na verdade –, mas tinha um gosto muito colorido e particular, e Paula não sabia se acertaria dando-lhe um vestido ou uma calça, e preferiu algo mais garantido.

Havia um punhado de mangás. Paula achava os desenhos muito fofos, mas não se identificava com suas histórias bregas; além do mais, esses quadrinhos eram lidos ao contrário e, se já era uma leitora pouco dedicada, digamos assim, ela achava ainda mais trabalhoso acompanhar uma história de trás para frente. Não sabia quais mangás Janine tinha e quais não. Então, supondo que a garota acabaria trocando-o por outro, escolheu o que achou mais bonito.

Video Girl Ai. O livreiro explicou que era a história de uma garota que saía de um vídeo pornô para satisfazer o garoto que alugava o filme, mas, como o aparelho de reprodução estava quebrado, saiu com uma única intenção: fazê-lo feliz, dar tudo por ele... Contada assim, a história lhe pareceu muito bonita e ela se sentiu muito identificada com a personagem, porque, apesar de ter se sentido muito estranha por causa de Gorka, continuava amando Samuel, e o destino, a sorte ou o que quer que seja ia colocá-lo no seu caminho outra vez.

Saiu da livraria com o volume embrulhado para presente. Já estava quase escurecendo e, de repente, escutou gritos ao longe, pancadas, pessoas que corriam. Nunca imaginou que uma briga distante soaria desse jeito, mas seu senso aracnídeo, apurado em razão das inúmeras vezes que a mãe lhe havia dito para ter cuidado, disparou seus alarmes. Viu gente correndo ao longe em diferentes sentidos, alguns na direção dela, e fez o que qualquer um teria feito nesse caso: correr também, sem rumo, sem direção; mas quando perdia o controle da situação, seu corpo e seu medo, que eram sábios, sempre a levavam ao mesmo lugar: à casa do seu amado.

A estreita rua de Samuel estava deserta, parecia que a calma reinava naquela parte do bairro, e Paula respirou tranquila. Olhou o Twitter para o caso de haver algum comentário; sempre fazia isso: se caía uma tempestade, se havia acontecido alguma coisa, abria o aplicativo do

passarinho para ver se as pessoas estavam escrevendo algo que desse uma luz. Mas não, os alunos de Las Encinas estavam muito na deles escrevendo verdadeiras barbaridades sobre Mario, sobre Janine e sobre a briga de ambos. Alguns passos ao longe devolveram Paula à realidade e ela viu alguém correr em sua direção. Não que a garota fosse tonta, mas também não era uma Lara Croft. Se em vez de ser uma pessoa o que se aproximava dela a toda velocidade tivesse sido um carrinho de bebê, ou uma manada de touros num desses horríveis *encierros*, ela teria ficado igualmente petrificada. Mas nem carrinho nem touro: era Samuel, que estava correndo como um louco e que quase a atropelou.

— Desculpa, desculpa, desculpa! — disse o garoto, ou isso é o que ela quis entender, porque ele estava quase sem fôlego e com a língua de fora.

Paula se deu conta de que não era só suor o que manchava a testa dele.

— Você está sangrando, Samuel!

— Sim, eu sei. Não vem ninguém?

— Não, acho que não. — Olhou ao redor, outra vez alerta. — Há pouco eu escutei algo como gritos e...

Samuel estava fora de si. Seu olhar estava injetado de vermelho e era impossível que o fixasse. Começou a gritar enquanto segurava a cabeça.

— Merda! Merda! MERDA!

Paula tentou acalmá-lo, mas era inútil. O corpo dele estava ali, mas ele estava em qualquer outro lugar.

— O que aconteceu, Samuel? Vamos, eu o acompanho a um hospital ou aonde você quiser.

— Não, eu não vou a lugar nenhum, me deixa.

Com esse último comentário, ele se livrou dela. Não a empurrou, mas tampouco foi amável, afastando Paula do seu caminho. Pegou as chaves de casa, deixou-as cair e se agachou para pegar de novo; quase caíram outra vez. Estava uma pilha de nervos.

Não sei se era um ataque de pânico ou de ansiedade. Eu já tive ansiedade, e apesar de não ser médica, sei que o que ele tinha era outra coisa: estava como louco, não olhava pra mim, dava pancadas na cabeça e repetia "merda" o tempo todo. Eu tentei acalmá-lo, tentei segurá-lo, fazer que se tranquilizasse. "Samuel, respira, respira, por favor..."

Ele não quis me dizer o que estava acontecendo, porque não estava ali comigo, estava em outro lugar. Não era preciso ser um gênio para encaixar as peças e ver que o garoto havia se metido numa briga, isso era óbvio. Mas eu queria ajudá-lo. Não por mim, tipo egoísta, pra me transformar na fada madrinha dele. É verdade que eu imaginei como seria passar toda a tarde e a noite com ele no pronto-socorro, acudindo-o, ajudando-o; só queria que ele visse que podia contar comigo, como a garota dos quadrinhos que eu comprei, que eu fazia isso por ele. Mas ele nem olhava pra mim... O olhar dele dava medo: olhava em todas as direções, como se alguém fosse vir matá-lo. Eu nunca o tinha visto assim e, provavelmente, nunca voltaria a vê-lo desse jeito, mas, se o destino havia me deixado na rua dele, era para que eu o

ajudasse, ainda que ele não quisesse. Tentei segurá-lo pelos braços, mas ele se soltou. Pegou as chaves, deixou cair e olhava em todas as direções como se alguém fosse vir matá-lo. Abriu a porta e, enquanto corria escada acima, gritou pra mim: "Vai pra sua casa, corre!".

Eu não acredito em zumbis, mas se nesse momento tivessem me falado que ele estava fugindo de uma multidão de zumbis, eu teria acreditado, teria mesmo. Eu fiz o que ele me disse, claro, e corri até que me acabaram as forças. Comecei a passar por pessoas normais na rua, pessoas que não estavam correndo como eu, mas eu só estava obedecendo à ordem que Samuel tinha me dado. E de repente eu me senti tão estúpida, tão boba, tão idiota que quis chorar. Mas não chorei. Não chorei. Não. Não era possível que eu perdesse a cabeça por um garoto que era incapaz de olhar na minha cara, que era incapaz de me proteger se havia um conflito e que não era capaz de se deixar ajudar. Juro que eu não tinha nenhuma intenção egoísta, só queria ser boa e fazer o bem, como tinha me prometido, e estava claro que aquele garoto assustado e com o rosto cheio de sangue precisava de ajuda.

Não sei nem me importa saber em que problema Samuel andava metido, se era algo de quadrilhas, de drogas ou se eram problemas do Nano, o irmão dele, mas eu estava ali parada, na porta dele, limpa e legal estendendo-lhe a mão e ele a recusou. Então, pra mim, houve um antes e um depois desse encontro louco. A gente não decide por quem se apaixona, ou como e quando, e isso é uma merda, porque, se você controla o próprio pensamento, supõe-se que deva controlar o próprio sentimento, mas o meu

sentimento é um cavalo desgovernado muito difícil de laçar pra poder olhar na cara dele e falar: "Chega, esse garoto não lhe convém, esse garoto não gosta de você e nunca vai gostar. Deixa de enviar essa energia de amor pra um saco furado e usa pra alguma coisa que valha a pena". Eu não sei fazer isso.

Se naquele instante alguém tivesse me dado um botão mágico que apagasse o Samuel da minha cabeça e do meu coração, sem dúvida eu o teria apertado; ele não merecia nada do que eu estava sentindo. Ele não tinha nem ideia, mas mesmo que soubesse a reação teria sido a mesma. Eu sei, porque não é a primeira vez que passo por isso.

No último ano do ensino básico, eu me apaixonei loucamente pelo Blas, um garoto muito legal que conheci no grupo de teatro. Escrevi uma carta supercomprida pra ele contando sobre meus sentimentos, e ele me respondeu com bastante indiferença. Isso abriu meus olhos e eu me dei conta de que, na realidade, eu não estava apaixonada por ele, nem um pouco, que eu o achava legal e só. Mas sei que vou continuar amando o Samuel em maior ou menor medida, ainda que ele olhe nos meus olhos e me fale que eu sou a pessoa mais desprezível do universo. Por quê? Pois aqui está o xis da questão, o porquê do meu amor louco por ele. Samuel é o meu primeiro amor e acho – a esta conclusão cheguei sozinha, pois pensei muito – que ele reúne não só tudo o que eu gosto em um garoto, mas tudo o que eu gostei em todos os garotos que sempre me interessaram. É como se fosse um quebra-cabeça de retalhos, como uma colcha de patchwork costurada de lembranças vitais relacionadas com o amor, as minhas lembranças vitais.

A primeira vez que senti amor ou algo parecido, eu tinha cinco anos e foi pelo Esteban, o meu padrinho. Era um homem bem mais velho, parecia-me bem mais velho; teria naquela época uns vinte e quatro anos. Ele vinha de vez em quando e me dava uma moeda que tirava de trás da minha orelha, e eu ria e me sentia segura quando subia nos ombros dele, fingindo ser um pônei alado como os do My Little Pony. *Esteban faleceu num acidente de moto quando eu tinha oito anos e nunca mais voltei a ver o sorriso dele, até que conheci o Samuel. Depois posso ter me apaixonado mais algumas vezes, sim... Para além do Leonardo, o garoto do curso de Computação, ou do Bernard, ou daquele colega gay do meu pai, pode ser que tirasse pequenas coisas do Samuel: seus cílios negros e grossos, seu cabelo bagunçado... vai saber.*

Aos doze anos me mandaram pra um acampamento a fim de que aprendesse alemão, e ali eu fiquei louca pelo Hugo – que se pronunciava quase como "Yugo". Eu não o entendia muito bem porque ele era americano e meu inglês era sofrível, e além disso eu não compreendia o sotaque dele, mas nós não nos separamos durante as três semanas que durou o acampamento. Fizemos todas as atividades juntos e já aos treze ele tinha um corpo atlético e moreno como o Samuel. Isso do Daniel Radcliffe eu não sei se devo contar, bom, sim. Eu me apaixonei por ele, bom, pelo Harry Potter, e é óbvio que eles se parecem. Uma vez, na lanchonete, eu comentei isso com meus amigos e Gorka me deu razão, apesar de Janine dizer que eles não se pareciam nem no branco dos olhos. E depois o Blas... Com o Blas não foi amor, mas me marcou e ele tinha aquele nariz arrebitado. Mas o meu verdadeiro amor, o que

me marcou de verdade é o mais tonto e irracional que uma menina pode sentir: o amor pelo meu pai. Não, não é amor tipo incesto, é amor incondicional, e quando o Samuel pronunciou meu nome na casa dele, no dia em que eu lhe pedi água, pude escutar meu pai o dizendo pela boca dele. A boca dele... Por isso eu sempre amei o Samuel, porque o Samuel é único, inigualável e, principalmente, pessoal, mas representa todos esses garotos de quem gostei e dos quais, de um jeito ou de outro, eu sempre vou gostar. Sempre vou amá-lo. Vai passar o tempo, vou conhecer outros, vou me apaixonar e meu amor por ele parecerá insignificante, mas neste momento eu sei que é verdadeiro, que o que eu sinto é verdadeiro, porque o cavalo desgovernado corre dentro de mim e sou incapaz de laçá-lo.

Paula viu com clareza que algo mudava dentro de si, que entendia coisas que pensava ser ininteligíveis. Sabia que esse amor estaria dentro de uma caixinha e que tentaria guardá-lo, embora Samuel, provavelmente, nunca viesse a saber da sua existência. Não queria ser uma boba submissa que perde as estribeiras, e quase a dignidade, quando um garoto fala para ela correr. Não queria que o amor pudesse controlá-la como a uma marionete. Cortou as cordas e se sentiu frágil e nua, e então chorou, não de tristeza, mas de nostalgia ao perceber que já não seria a menina que se deixa levar pelas emoções. A menina que alimenta seu dínamo de amor próprio. Era maravilhoso gostar de alguém, era maravilhoso o que ele a fazia sentir, mas não era justo que ela ficasse relegada a um personagem secundário da própria vida.

Podia ter ido para a casa do Gorka, mas não tinha nenhum sentido. Podia ter ido para a casa da Janine, mas pensou que o presente podia esperar, então foi para a sua casa, deu um beijo na mãe, deixou uma mensagem para o pai falando como ele era importante para ela, e encheu a banheira. Antes de entrar, nua, ela se olhou no espelho e gostou do que viu. Muitas vezes havia odiado o seu "ela" mulher. Sofrera tanto quando lhe viera a primeira menstruação, porque todo mundo a desprezara, e sempre evitara se sentir mulher, preferia ser sempre menina, mas agora, ao se ver nua, gostou de si e sorriu.

*

Janine voltou para a escola. Não queria ficar em casa, não achava certo, e, embora seus pais, que estavam totalmente impactados pelo que havia acontecido, tivessem tentado convencê-la do contrário, ela vestiu o uniforme. Jaqueta azul-escura com bordado vermelho e saia combinando.

Foi quase como um protocolo novo, como as gueixas com a cerimônia do chá. Isso a fez se lembrar da primeira vez que colocou aquele uniforme. Ela o odiava, achava que simbolizava muitas coisas ruins e, principalmente, parecia-lhe que convertia os alunos em seres neutros carentes de personalidade. Como seria Las Encinas se cada um pudesse se vestir à sua maneira? Supunha que as pessoas continuariam formando clãs, muito mais marcados, mas achava que usar uniforme no século XXI era uma forma de

discriminação social e estava antiquado. Ainda assim, o uniforme era bonito. Ela o completou com um dos seus broches favoritos a modo de escudo, pensou que era uma dessas *magical girls* das histórias que lia, uma *sailor moon* que ao passar os dedos pelo cristal de prata se transformava em super-heroína. Estava se sentindo muito pequena aquela manhã e qualquer besteira que sustentasse seu valor, por mais estúpida que fosse, a deixava minimamente mais poderosa, ainda que permanecesse uma pilha de nervos.

Seu pai estacionou o carro na frente da escola. Perguntou se ela queria que a acompanhasse até a sala e ela, é claro, recusou. Falou também que ela não precisava voltar, que podia tirar alguns dias de folga, que a diretora entenderia, mas Janine rejeitou a proposta.

— Eu estou bem, pai, não sou uma covarde. Mais cedo ou mais tarde eu vou ter que passar por aqui e prefiro que seja quanto antes. Sabe quando eu faço depilação com cera? Sim, parece uma besteira, mas eu sempre falo pra Berta me pegar desprevenida, pra arrancar a faixa de cera sem avisar, pra não me deixar pensar na dor... Hoje estou me sentindo um pouco assim. Quero que passe e pronto.

O pai entendeu, deu um beijo na bochecha dela, falou para ela ligar para ele se se sentisse mal e desejou um bom dia. Janine podia com isso. Quando encontrara a pichação no seu armário, ela se armara de coragem e transformara-a em algo bonito; pretendia fazer o mesmo: evitar o lado ruim e tirar uma coisa boa do momento, se é que havia alguma.

Assim como em todos os filmes adolescentes que tinha visto, as pessoas abriam um caminho de cochichos e sussurros para que ela passasse, mas ninguém se aproximou dela para perguntar nada. Ninguém pôs a mão no seu ombro como gesto de apoio. Tanto fazia, ela não precisava da falsa compaixão de um punhado de estudantes que sempre a haviam ignorado, que não sabiam da sua existência até aquele dia. As pessoas sabiam que ela era a boazinha da história, que ela era a vítima, embora Janine começasse a odiar essa palavra porque a via por todos os lados e ela se sentia uma heroína. "A Mulher Maravilha passa por muitas coisas ruins, mas não é a vítima", pensou. Tudo ia mais ou menos conforme o previsto.

A primeira aula era a que mais odiava de todas: Educação Física. Não entendia por que, sendo tão adultos e podendo praticar esporte cada um por sua conta, estavam obrigados a jogar estúpidas partidas de basquete. Supunha que era uma forma de justificar e fazer valer as instalações. Não suportava, não porque fosse preguiçosa, mas porque odiava ter que se trocar com as outras garotas. Ela estava contente com seu corpo, gostava dele, não o odiava como as anoréxicas, mas, se topava com garotas de outras turmas no vestiário, sentia-se observada e mal. Como se você fosse pedir um hambúrguer num restaurante e o garçom perguntasse: "Tem certeza de que não prefere uma salada, linda?". Assim.

Quando chegou lá, já estava quase vazio. Naquela manhã, Janine estava num ritmo diferente e ia devagar, pois sabia que se entrasse cinco minutos atrasada na aula ninguém falaria nada. Então preferia chegar atrasada a ser submetida a um interrogatório.

De repente entrou no vestiário uma garota loira, sem esmalte nos dentes – provavelmente por causa da bulimia – e com um corte de cabelo excessivamente moderno para Las Encinas. Ela se chamava Wendy. Janine não sabia o nome dela, mas haviam se cruzado algumas vezes no refeitório ou pelos corredores do colégio. Estava acompanhada de dois clones sem graça. Parecia uma cantora pop com dois guarda-costas, mas em vez de serem grandes e negros, eram duas meninas bonitas maquiadas demais para bater em alguém se fosse preciso. A garota deu uma pancada muito forte em um dos armários e as poucas alunas que estavam se trocando saíram correndo ao interpretar isso como um verdadeiro "fora".

Janine continuou se trocando bem tranquila. Ninguém se atreveria a bater nela, não mais, então continuou com seu ritmo pausado e na dela. Sabia que aconteceria algo assim e estava totalmente concentrada. Não curtiu, claro que não, era uma situação muito desagradável, mas manteve a calma pensando que ela tinha o poder, que ela tinha o controle e, principalmente, que ela tinha o broche mágico. Muito embora tivesse acabado de tirar a camisa e deixado-a perfeitamente dobrada em cima do banco.

Janine, de roupa íntima, diante de Wendy num duelo sem ringue.

— Quem você pensa que é, gorda de merda? — começou a recém-chegada, direto ao tema. — Você acha que alguém vai acreditar que ele te bateu, por mais vídeos que possam existir? Você pode ir agora na polícia retirar a denúncia ou juro que sou eu quem vai arrebentar a sua cara. E eu tenho dezessete, então não tenho nenhum medo do que pode acontecer comigo. Que foi? Você gosta do meu namorado? Ele me contou que você está dando em cima dele desde o começo das aulas e que em vez de entender o "não" inventou toda essa calúnia.

— Desculpa — respondeu Janine enquanto colocava a calça de ginástica —, eu não sei quem você é, nem tenho que dar nenhuma satisfação pra você.

— Essa vaca tá falando que não sabe quem eu sou... Porque é isso que você é, uma vaca. Olha só os pneus que ela tem. Você não tem nojo de ser assim?

A garota era muito previsível, e tudo o que tinha de bonita tinha de pouco inteligente. Nada do que ela disse fez Janine tremer. Pelo contrário: a gozação e os insultos faziam que ela fosse ganhando maturidade, e tanto o seu silêncio como a sua parcimônia irritavam muito mais, porque Wendy não sabia muito bem como se adaptar a isso. Esperava inspirar medo desde o começo.

Nos segundos que seguiram, Janine vestiu a camiseta de manga curta, as meias e os tênis sem dizer uma palavra,

enquanto Wendy continuava com a série de insultos. A rainha do previsível e suas duas escoltas no vestiário deserto.

Terminou de amarrar os tênis brancos esportivos e se levantou do banco:

— Se me dá licença... — disse em tom sereno enquanto passava ao lado da loira e do seu clã de pouca envergadura.

Saiu do vestiário deixando as três com a cara no chão e, quando ninguém mais a via, esforçou-se para respirar fundo, recompor-se e entrar na sala de ginástica, vitoriosa. Todos os alunos ficaram surpresos de ver Janine se unindo à aula de Educação Física com uma espécie de sorriso, mas é que havia derrotado um dos chefões da última fase. Havia sido xingada por uma garota perigosa e, como diziam nossas avós, aquilo tinha entrado por um ouvido e saído pelo outro. Havia ganhado. Quem não estava nada confortável era Wendy Moira – ela realmente se chamava assim – ao notar que os seus insultos e humilhações não fizeram mais do que engrandecer a sua adversária naquele miniduelo de três minutos.

Sim, eu me chamo Wendy Moira, mas quando fizer dezoito anos vou mudar de nome. Meu pai era um hippie maluco que tinha lido Peter Pan *muitas vezes e queria que eu fosse uma menina para sempre. É claro que não funcionou. Se bem que uma menina perdida eu fui, sim... Mais ou menos. Estou muito puta com isso do Mario. Olha, não dá pra falar que a gente era exatamente namorados, mas transamos quase todos os dias desde que as aulas*

começaram e isso, querendo ou não, me dá certos direitos, como, por exemplo, o de defendê-lo, de tentar manter a honra dele. E se uma maldita baleia sair falando coisas dele e eu tiver que dar um susto nela, vou fazer isso. Tá, eu não posso fazer grande coisa porque agora a gorda em questão está na mira de todos os professores e eu tenho tudo a perder, mas já vou dar um jeito de ela me pagar...

O meu namorado não é um agressor, o Mario não é nada disso. Ele tem os seus ataques, mas nunca bateria em ninguém, nunca pôs as mãos em mim. Dizem que existem imagens e essas coisas, mas eu não acredito. É muito fácil distorcer o que você vê, principalmente se não dá pra escutar. Pode ser que ela estivesse pedindo pra ele bater nela, vai saber, há muitas possibilidades. Me dá muita pena, porque eu sei que ele é bom e não merece ser tachado de agressor e muito mais. Se você lesse o que estão falando dele no Twitter... As pessoas adoram pegar um bode expiatório e vomitar suas merdas em cima dele. Compararam ele com o "La Manada" e com monstros desse tipo. Vamos, eu acho que é injusto, e se não há justiça neste mundo, pode ser que eu tenha que fazê-la com as minhas próprias mãos, não sei como, mas fazer justiça. Pô, eu adoraria que o Mario visse que eu xinguei essa mina na cara dela. É uma pena que ele não queira me ver; eu entendo, está escondido e não quer ver ninguém nem falar sempre da mesma coisa, tadinho. Espero que tudo isso se resolva e seja a puta gorda a que vá presa por caluniar o meu garoto. E que se foda!

*

Melena sabia que aquele era o dia da festa de final de curso. Achava uma bobagem tudo o que estava relacionado com as festas e o esforço do colégio para que os alunos interagissem entre si. Ainda que tudo fosse uma absurda cilada. Uma armadilha para que as meninas pudessem pôr seus vestidos de grife e os garotos pudessem postar fotos de smoking mostrando a língua ou fazendo chifrinhos com os dedos, como se fossem estrelas do rock. Ela não gostava disso, ela não gostava de muitas coisas próprias de pessoas da sua idade. Era *hater*? Muito, mas com conhecimento de causa. Nunca havia se sentido menina, nunca havia se sentido adolescente. Ela percebia que havia passado dos cinco anos à idade adulta. Ainda que, na realidade, não fosse bem assim e às vezes se comportasse como uma autêntica criança, principalmente quando se drogava. Nesses momentos de evasão, aflorava nela o seu eu mais infantil e selvagem, a sua vontade de dançar e fazer loucuras.

Hoje Melena não estava bem. Por fora mostrava-se resplandecente, mas por dentro tinha todo tipo de distúrbio, entre os quais o digestivo. Comia muito mal e fora de hora, e isso fazia que algumas vezes tivesse uma fome voraz, outras se sentisse empachada e outras passasse horas no banheiro. Mas o pior era a cabeça. Quando não se drogava, sentia algo muito estranho. Como se tivessem enchido seu crânio de óleo e o cérebro estivesse naufragando nessa poça. Quando se mexia ou girava, seu cérebro girava com ela, mas o óleo imaginário fazia que chegasse alguns segundos depois e isso

lhe dava uma estranha sensação de vertigem, de tontura. Movia os olhos como os Furby, ou assim gostava de pensar: imaginava um mecanismo que os movia lentamente ou que abria as suas pálpebras devagarinho. E se a isso somarmos a falta de higiene e o fato de as falhas que tinha na cabeça parecerem mais marcadas pelo cabelo oleoso, então não, Melena não estava no seu melhor momento.

Ela não queria ir à festa, mas queria ir. Não queria ir porque renegava tudo o que tivesse a ver com a sua vida anterior, com a estabilidade, com seus ex-amigos, com as aparências na escola, com essa coisa *poser*... Mas havia uma parte dentro dela, uma parte pequenininha, que quase não se fazia ouvir, que pensava que aparecer na festa era um modo de retomar as rédeas da sua vida. Não podia continuar suja, comendo mal e meio drogada o dia inteiro. Não podia viver sem saber se a mãe voltaria, se embargariam a casa delas, se bateria as botas por uma overdose ou se a encontrariam afogada no próprio vômito. Sim, esta última era uma imagem muito recorrente. Tinha várias opções:

A. Ficar em casa e ligar para a Papa John's Pizza, pedir três médias e continuar vendo coisas legendadas na Netflix.
B. Ir à festa e causar, drogar-se como uma perdida e dar um show lamentável dizendo verdades, depois sair em grande estilo.
C. A opção B, mas em versão discreta: ir à festa, não chamar muita atenção, talvez falar com

seus ex-amigos, pedir ajuda, chorar na frente dos outros etc.

O bom disso é que ela não sabia qual opção escolher, mas estava claro que a A estava descartada. Pensou que se tomasse um banho, um dos bons, talvez relaxasse por completo. Fez isso. Encheu a megabanheira da suíte da mãe e nadou, literalmente, dentro dela. Sim, um gasto absurdo de água em época de seca, mas ela achava que merecia. Ficou um pouco tonta e se enxaguou com água fria, algo que sempre lhe fora reconfortante. Depois se secou e tentou não se assustar ao ver vários fios de cabelo na toalha branca. Olhou para o outro lado de novo. Pôs música e dançou, tentando se animar, e percorreu a casa de toalha, e quando a música chegou ao ponto culminante, ela pegou a toalha e jogou no chão acarpetado. Pintou as unhas, apesar de nunca fazer isso porque achava uma besteira: cor coral para as mãos e o vermelho mais escuro, quase preto, para os pés.

Vasculhou seu guarda-roupa e tudo lhe parecia sem graça e antiquado. É provável que estivesse tendo um pico de serotonina nas nuvens. Quando você se droga, se medica e tudo o mais, as suas emoções parecem uma montanha-russa. Você pode estar se arrastando pelo chão, pensando na morte, e no instante seguinte subir ao ápice da alegria e da euforia. Ela não estava alegre, mas sentia umas estranhas cosquinhas, como se soubesse que estava fazendo a coisa certa e que isso ia trazer algo bom.

Naquele momento, Mele se sentiu a versão feminina de Macaulay Culkin em *Esqueceram de mim*; coçou o queixo como se estivesse tramando alguma coisa e saiu, ainda nua, para o corredor. E o atravessou até chegar ao paraíso dos vestidos, o guarda-roupa da mãe. Para que colocar um vestido antiquado, sem graça e sem personalidade quando podia ter acesso ao exagerado museu da moda que era o closet da sua mãe? Muitas vezes, Melena duvidava do poder aquisitivo de sua progenitora, muitas vezes pensava que estava se arruinando, mas o fato de conservar todos aqueles modelitos lhe dava a entender que a situação não devia ser tão crítica, porque, pendurados em um monte de cabides brancos, havia milhares e milhares de euros. Ela não quis fazer a ceninha de *Uma linda mulher* e provar mil vestidos: pegou alguns e observou, principalmente, se o comprimento se adaptava ao seu corpo, já que não era uma modelo de um metro e oitenta como a mãe. Melena tendia a desengonçada, com pouco peito e bastante magra, mas se tivesse caminhado mais reta e medisse alguns centímetros a mais poderia ter seguido o rastro da mãe sem problemas. Ela não queria ser modelo, tinha todo tipo de preconceito pelo que esse trabalho representava e isso nunca passara por sua cabeça. O que queria ser então? Essa era uma pergunta complicada demais quando você está nua num closet repleto de vestidos caros.

Ela não conhecia nomes de estilistas. Apesar de tê-los escutado em bobas conversas de sua mãe, era incapaz de

lembrar quais eram os bons e quais não. Só lembrava que a mãe tinha predileção por uma designer de moda chamada Vera Wang. Era uma senhora famosa por seus vestidos de noiva, mas a mãe de Melena tinha vários modelos de festa dela, hipercaros e quase sem estrear. O mais bonito, um com gola halter em tom azul-cerúleo. O corpete estava forrado de um tecido fino que lhe dava certo relevo, mas que ainda assim marcava maravilhosamente a silhueta de qualquer uma. De qualquer uma que coubesse nele. A saia era ajustada para cima dos joelhos, então Melena não tinha problemas de altura com esse modelito. Ela se olhou no espelho e se viu radiante.

Entendeu de repente os excessos que a louca da sua mãe havia cometido ao comprar vestidos e mais vestidos. Usar aqueles modelos fazia que os picos emocionais da montanha-russa que passava pelo coração de ambas roçassem a parte mais alta e alegre. Ela prendeu o cabelo com as mãos para se ver com os ombros descobertos e gostou. Melena gostou de si. Você pode contar nos dedos de uma mão as vezes em que a garota havia se sentido confortável consigo mesma e, embriagada de luxo, pensou:

... o vestido está legal, mas se eu colocar umas sandálias do Jimmy Choo vai ficar muito melhor. Esse, sim, eu conheço, porque a minha mãe sempre jura por ele quando fala com as tontas das falsas amigas dela. Mas vou tirar esse esmalte agora mesmo, porque, apesar de o coral não ficar ruim com este azul, me dá um ar de brega que não sabe o que está fazendo, então fora... Não

posso acreditar que estou indo a essa maldita festa. Não posso acreditar. Olha que talvez eu chegue lá e não passe da porta, que caia fora e vá vestida deste jeito ao Café Berlim dançar como se não houvesse amanhã. Não sei, não quero me pressionar. Em casa eu não fico, que já estou cansada de estar aqui. Bom, primeiro, o calçado; o pé da minha mãe é maior que o meu, mas, sendo aberto, com certeza eu encontro algum.

E claro que encontrou. Justamente o que estava buscando: umas sandálias do tal estilista malaio, de salto finíssimo e com correias forradas com uma discreta pedraria multicolorida. Uma maravilha. Ela as calçou e sentiu que voava. Melena sempre havia renegado a sua feminilidade, sempre havia reclamado das saias e dos vestidos e associado tudo isso à superficialidade ou à falta de personalidade, mas, no fundo, dentro da sua alma havia um impulso estético que a fazia ter um dom para a moda e combinar as coisas com harmonia. Era a sua primeira vez vestida como *celebrity* e estava curtindo. Imagine que você nunca experimentou chocolate na vida, porque acha que é ruim, porque não gosta da cor marrom ou porque ouviu dizer que engorda, e, de repente, prendem você na fábrica do Willy Wonka com rios de ganache, barras e bombons ao leite recheados de avelã... Você ficaria louca, liberando seus impulsos mais primários. E o que aconteceu com Melena, uma vez que experimentou chocolate, foi não querer se alimentar de mais nada. E seja um mito ou não, tanto o chocolate como a alta-costura

geram endorfinas, então, pela primeira vez e sem esforço, Melena sorriu.

Seu sorriso ia durar pouco. Muito pouco.

Enquanto ela brincava de transformação diante do espelho, a mãe entrava em casa e subia a escada sem vontade. Quando chegou ao corredor, não teve que procurar muito para descobrir a filha ao longe, coberta com um de seus vestidos e em cima das sandálias de salto alto. Os olhares de ambas se encontraram como num desses duelos de faroeste. Doze metros de corredor as separavam, embora qualquer uma das duas pudesse ter sacado a arma sem nenhum tipo de problema. Mas quem ia atirar primeiro? Quem seria a primeira a abrir a boca?

Quando vi minha mãe no fundo do corredor, justo no fim da escada, fiquei petrificada e meus neurônios pularam todos pela janela, deixando-me sozinha diante do perigo. Eu não sabia o que fazer. Não sabia se corria até ela e chorava como uma menininha, jogando-me no chão e me abraçando às suas pernas, ou se deveria ignorá-la ou se, talvez, deveria ter jogado na cara dela a ausência desses dias. Sou uma garota de recursos, mas podia ter morrido desnutrida, ter sido internada num centro de menores, ter me suicidado (podia ter feito isso várias vezes). Sobreveio-me um monte de imagens da minha relação com ela. Meu cérebro tentou buscar os bons momentos, mas a mente é seletiva e não facilitava nem um pouco... Eu só conseguia me lembrar dela em cima de mim me batendo, como se quisesse me matar, como se me odiasse de verdade. E ela? O que ela estava pensando plantada do outro

lado do corredor com os olhos fixos em mim? Não dava pra ler o olhar dela a essa distância. Era decepção? Era choque por me ver ali? O que era? Comecei a tremer e dei dois passos na direção dela, confiando que ela não os tomaria como ameaça. Queria perguntar algo com sentido, um "onde você estava?", um "sou tão insignificante pra você?". Mas não disse nada, não deu tempo, ela se adiantou.

— Você está ridícula com esse vestido.

Foi um insulto, mas não havia desprezo; foi uma frase sincera vinda do coração, quase como se quisesse encontrar uma ponte para a cumplicidade ou algo assim. Eu não levei a mal. Ela achava que estava feio porque não caía tão bem em mim quanto nela, porque faltava peito, mas eu me olhara no espelho e ele tinha me dito que eu nunca estivera tão linda em toda a minha vida. Por isso não me ofendi, porque entendi que o insulto dela era uma frase de proximidade, não um tapa em forma de palavras.

Minha mãe suspirou como se deixasse sair a alma pela boca. Ela segurava uma bolsa com a mão direita e a soltou sem interesse. Eu me aproximei um pouco mais, mas devagar. Não sei como fazem os domadores de leões, mas, sabendo como são perigosos, imagino que entrem na jaula guardando distância e um pouco apavorados. E então meu corpo começou a reagir sozinho, sem o meu consentimento, e comecei a chorar. Não tinha controle. Talvez uma consequência de todo o coquetel de drogas que eu tinha ingerido esses dias, e talvez porque, embora eu dê uma de

forte, de independente, de insensível e de menina de ferro... Ferro eu não tenho nem no sangue, e sou uma criança.

Melena começou a chorar como se tivesse aberto uma torneira, como se tivesse sido sequestrada por terroristas alba-neses-kosovares que depois a libertaram diante da família. Pode ser que a menina gostasse, sim, da mãe; pode ser que estivesse realmente preocupada com ela; pode ser que tenha sofrido de verdade por não saber seu paradeiro, pelos problemas mentais e pela ausência dela. Então, ver essa senhora apoiada no corrimão da escada deu-lhe uma estranha sensação de alívio, e por causa de todas essas coisas misturadas as suas lágrimas brotaram. Mele queria dizer algo com sentido; quis começar uma conversa outra vez, mas conseguiu dizer uma única frase balbuciada pelo choro:

— Meu cabelo está caindo outra vez.

Sua mãe apertou os lábios e olhou para baixo. Envergonhada? Pode ser. Tanto Melena como ela estavam se comportando de um jeito estranho, revelando expressões e trejeitos muito diferentes dos que estavam acostumadas. A última vez que se viram, chegaram ao auge da tensão e do ódio, e descer dali, o mínimo que fosse, sempre era motivo para agradecer.

— Mãe, você acha mesmo que este vestido não fica bem em mim? Estou ridícula de verdade? — perguntou a filha, mostrando seu lado conciliador.

A mãe levantou o olhar e negou com a cabeça, suspirando de novo.

— Não é seu estilo. É um Vera Wang que vale mais do que... Sei lá.

— Tá... Então eu tiro, é que hoje é a festa de fim de curso.

— E você vai? Me ligaram várias vezes do colégio pra falar que você não estava indo às aulas.

A mãe acendeu um cigarro que tirou do bolso do casaco tamanho XL que estava vestindo.

— Não, não estou indo. Não tenho feito nada além de ficar largada, dormir...

— Usar drogas — interrompeu a mãe sem nenhuma rispidez.

— É, usar drogas.

Ela deu uma longa tragada em seu cigarro e ofereceu outro à filha. Normalmente, Melena não fumava, mas achou bonito aceitar, como se fosse o cachimbo da paz. A mãe nunca lhe dava coisas, nunca oferecia nada a ela, e, apesar de ser algo que podia causar câncer, não viu melhor opção do que pegar um e acendê-lo.

— Nós estamos perdidas, María Elena. Estamos acabadas... Esse é um caminho sem volta, acho. Não quero mais brigar. Sei que no outro dia nós extrapolamos.

— Sim, sim, sim... — concordou a filha.

— Mas estive pensando e cheguei a uma conclusão. Eu não te amo, filha. É a verdade. Eu não amo a mim mesma, não posso amar ninguém.

Os cacos do coração de Melena podiam ser ouvidos de longe. Não era preciso se aproximar dela para notar que algo ali dentro havia se quebrado de um jeito brutal. Jogou o cigarro no carpete sem se dar o trabalho de pisá-lo e começou a andar para o seu quarto enquanto tentava abrir o zíper do Vera Wang, algo que era praticamente impossível.

— Você vai acabar quebrando — ouviu a mãe dizer em tom neutro. A moderação da voz dela repercutia seus sedativos habituais.

— Que quebre!

— Espera, filha. Eu quero conversar...

— MAS EU NÃO QUERO CONVERSAR! — gritou Melena quase cuspindo fogo pela boca, engalfinhando-se cada vez mais com o vestido.

— Eu preciso te dizer isso, preciso.

— Ah, ótimo! Você precisa me dizer isso! E eu preciso do quê? Do quê? Hein?

— Não estamos falando de você, filha, não seja egoísta.

Se fosse uma peça de teatro, os espectadores que nesse momento previssem uma aproximação entre as duas antagonistas levariam as mãos à cabeça ao presenciar os golpes cegos que dava aquela pobre senhora louca. Assim entendeu Melena. A mãe estava perdida e era impossível tentar qualquer coisa para salvá-la, então se ofereceu, como quem oferece a cabeça à guilhotina: suspirou, virou-se para ela e rasgou o vestido para tentar sair dele, mas não

conseguiu, o azul-cerúleo continuava oprimindo o corpinho dela.

— Contente? — Melena a alfinetou a metros de distância.

— Obrigada — sussurrou a mãe ao ver que a filha recuava e voltava até ela. — Eu fui muito desgraçada a vida inteira, filha, a vida inteira... Talvez pareça que as coisas tenham ido bem pra mim, mas não é assim. Todo mundo abusou de mim, todo mundo se aproveitou de mim, da minha vida, do meu corpo... Não me olhe assim, disso você sabe porque saiu nas revistas e eu sei que você as leu, apesar de eu ter dito pra você não ler. Fiz coisas horríveis. Algumas porque quis e outras porque me obrigaram a fazer, e não sei viver em sociedade. Não sei me relacionar com os homens, com as pessoas em geral. Eu era tão bonita e tão tonta que parecia que levava um cartaz luminoso pedindo para as pessoas me usarem. E eu não notava. Mas agora, agora que as coisas já vão mal, que todos os sanguessugas tiraram tudo de mim, só agora percebi que não posso voltar atrás. É uma pena tudo isso. Uma pena.

Melena não tinha pena. Nunca tinha visto a sua mãe tão exposta e tão frágil, mas a ladainha ela conhecia muito bem e não lhe transmitia nada. A garota viu uma brecha e pensou:

Esta é a minha oportunidade. Ela está completamente louca e um pouco alienada, mas não grita. É agora ou nunca, é agora ou nunca. Se ela me der uma resposta convincente pode ser a passagem de ida pra outra vida.

— Quem é o meu pai?

Melena disparou a frase como se fosse a última bala num tiroteio. A mãe jogou no chão a bituca do cigarro, que havia se consumido na mão dela, e sorriu para a filha com aquele estranho olhar perdido.

— Você acha que se eu soubesse quem é o seu pai eu já não o teria extorquido? Eu não sei, filha. Eu era uma boneca que ia de braço em braço. Às vezes por capricho, às vezes por amor, mas quase sempre por dinheiro. Suponho que você tenha sido concebida numa dessas festas a que fui levada. Festas que começavam entre risos, mas que terminavam... Nem queira imaginar. Podia-se estar com vários homens numa mesma noite; homens que pagavam muito, muitíssimo dinheiro pra fazer o que quisessem comigo. Pode ter sido um ou outro, mas, seja quem fosse, garanto a você que não seria um homem bom ou confiável.

Veio à cabeça da garota a imagem daquela festa em que esteve, especificamente a imagem daquele senhor mais velho que se lançou sobre ela. Se não estivesse minimamente lúcida no momento, ou melhor, se não tivesse vomitado, pode ser que Melena tivesse dado seguimento ao imenso erro da linhagem familiar de filhas bastardas não reconhecidas. Muitas vezes, Melena sentia que era desgraçada por uma questão genética, que, por mais que ela tentasse levantar a cabeça, estava amaldiçoada. Saber que não era fruto do amor ou que nascera de uma relação sexual semiconsentida corroborava essa teoria. Apertou os punhos

com força. Estava se sentindo muito doída. Se a mãe tivesse falado que ela nascera de uma proveta, fruto de um experimento genético, teria sido igualmente espantoso. Sempre havia fantasiado com a ideia de um pai salvador, lindo e maravilhoso, que ia resgatá-la montado num cavalo branco. Ao conhecer a verdade, sua única esperança se dissipou.

De pé no corredor, a mãe continuava falando, e cada palavra era como um caco de vidro que se cravava no corpinho de Melena, por baixo do vestido de alta-costura.

— Você não tem pai, María Elena. Não tem nem vai ter. Imagino que sonhava com isso. Mas você não perde nada. O meu abusou de mim até eu ir embora de casa aos dezesseis... Eu não recomendo um pai. Nem uma mãe. Você viu o que é ter uma. Eu tentei amar você, juro que tentei, mas não consegui. Nunca consegui. Algumas vezes a odiei mais, outras menos, e às vezes deu no mesmo, mas essa indiferença é o mais próximo que eu estive de me importar com você. Acho que é melhor que você saiba, que saiba disso pra sempre, que não tenha dúvidas de que eu nunca te amei e nunca vou te amar. Eu não te amo, Melena — disse olhando nos olhos dela. — A cada noite, quando vou dormir, penso em como seria bonito se você não tivesse nascido, se eu não tivesse tido você. É muito duro, mas é a verdade, acho que você já está preparada pra ouvir. Você está? Acho que sim. Eu não te amo.

Esse último “eu não te amo” saiu como um sussurro que abria passagem entre os lábios injetados de ácido hialurônico da mãe, e tocou a garota bem lá no fundo. Já imaginava que a mulher não sentia muito por ela, mas escutar isso da sua boca era uma grande tortura, era machucar por machucar. Dor sem sentido. Melena gritou, um rugido que saiu das suas entranhas e que continha um monte de misérias maceradas de toda a sua vida. Suas decepções, suas frustrações misturadas explodindo num grito desgarrador que a fez levantar os braços num ato inconsciente e, sem se dar conta – ou dando-se toda a conta que podia naquele momento –, empurrar a mãe com força.

Todo o seu ódio, toda a sua raiva se concentravam na palma de suas mãos batendo com força em sua progenitora, a quem, no fundo, sim, ela amava. Melena a empurrou com a mesma força e a mesma vontade que a haviam impedido de devolver os tabefes que levara naquela fatídica briga, antes que a mãe desaparecesse.

Só esse forte empurrão bastou para que a mulher se precipitasse para trás. Não pôde nem tentar se agarrar à filha ou ao corrimão, porque o empurrão foi tremendo. E sim, tudo aconteceu em câmera lenta e, portanto, ela caiu para trás, rolando como um saco cheio de personalidade, batendo em cada degrau. Em um dos giros, o corpo dela deixou de parecer humano: não tinha sentido, como se lhe aparecessem novas articulações. Um novo cotovelo que fazia seu braço partir-se em três. Uma vértebra rotatória que

mostrava a sua coluna como a de uma serpente... E chegou ao chão.

A forte pancada da cabeça contra as lajotas de mármore devolveu a cena à sua velocidade normal. Já não havia câmera lenta. Só havia um som de crânio contra o chão que ressoava na cabeça de Melena como se fosse um gongo retinindo eternamente dentro dela. O sangue da mãe era como um rio que lhe descia da cabeça, entre o cabelo e as mechas, até o piso branco e frio.

Melena desceu três degraus correndo e se deu conta de que, com os saltos que estava usando, poderia ser a próxima a despencar pela escada, então se deteve e a observou a distância. A mulher não se movia e isso não era bom sinal. A quietude e o sangue gritavam a palavra "morte", que, apesar de muda, parecia ecoar pela casa. Morte, morta. Está morta. Morta, morte. A garota não quis continuar descendo. Começou a ser tomada pelo pânico e sussurrou um "mãe" quase imperceptível. Foi tão sutil que ninguém poderia ter escutado, nem estando a dois centímetros dela.

— Mãe.

Essa palavra de três letras que ela sempre evitava dizer fazia agora mais sentido do que nunca: era a sua maneira de se agarrar ao mundo. Era a sua maneira de pedir perdão ao universo pelo que havia feito. A cena podia ter milhares de leituras, mas a objetiva, e a manchete que teriam dado todos os senhores do júri, é que María Elena havia empurrado a mãe escada abaixo. Ela se deu conta da magnitude dos fatos

e desceu os degraus devagar e com cuidado para não tropeçar, por causa das sandálias de Jimmy Choo. Cada degrau que descia era um que subia na terrível sensação de remorso e de medo. Chegou ao lado do corpo e levou as mãos à boca, como se quisesse prender a respiração, da maneira que fazem as *scream queens* quando estão escondidas nos filmes de terror, como se não quisesse que o som banal da própria respiração entrecortada pudesse incomodar o corpo da mãe.

Melena havia chorado demais e estava tão abalada pelo acontecido que suas glândulas lacrimais declararam greve. Estavam secas. Ela se ajoelhou diante da mãe, que estava cada vez mais encharcada de sangue, tentou colocá-la numa posição que parecesse humana, porque a imagem era complicada, mas preferiu não tocar nela e fez algo que jamais havia feito até aquele momento: encolheu-se ao lado dela, aconchegou-se ao corpo dela, como se ambas fossem dormir. Não lhe pareceu que o mármore estivesse frio, não lhe pareceu que a mãe começasse a estar também, não a incomodou a pocinha de sangue que ia crescendo entre ambas, com o vermelho cada vez mais perto do azul-cerúleo do seu vestido. Não a incomodou nada, esqueceu tudo e se sentiu, pela primeira vez, confortável ao lado dela.

— Boa noite, mãe.

E o silêncio voltou a reinar na casa.

*

Quando Gorka se apresentou de paletó e gravata na casa de Paula, não sabia se conseguiria arrastá-la para o baile ou se ela tiraria um sarro dele. Susana abriu a porta e recebeu o garoto com cortesia, por mais que lhe custasse tirar da cabeça a imagem daquele rapaz atraente com orelhas de abano beijando e acariciando sua filha, deitado em cima dela. Para a sua sorte, Paula não demorou em descer a escada. Trajava um vestido verde-esmeralda e tinha os lábios vermelhos, uma combinação óbvia, mas eficiente.

— A gente tinha combinado? — perguntou ela.

— Eh... não, não, mas como vocês não respondiam no grupo, não sabia se alguém ia na festa ou se eu ia acabar ali sozinho — respondeu ele, deixando claro que havia se autoconvidado.

— Querem que eu leve vocês? — perguntou a mãe.

— Não, pedimos um táxi, mãe. Assim não damos trabalho.

— É, senhora, meio que pega mal chegar na festa de final de curso no carro dos pais... É como se já fôssemos adultos — tentou brincar Gorka.

Essa última frase fez que a mãe o imaginasse nu transando com a filha e gritando lascivamente: "Vamos, Paula, olha como nós somos adultos, fazemos coisas de adultos". Susana lutou para tirar essa imagem da cabeça e sorriu como pôde.

— Claro, claro, que loucura. É que Lorenzo tem as noites livres; achamos absurdo obrigá-lo a ficar em função do carro

se nunca saímos.

Esse último comentário pareceu um esnobismo da mãe e gerou um silêncio desconfortável entre os três.

— Vou tomar uma Coca-Cola. Vocês querem alguma coisa? — perguntou ela.

Os garotos recusaram a oferta e ficaram a sós. Paula não era a menina mais esperta do mundo, mas não lhe custou entender o que estava acontecendo e quebrou o silêncio para perguntar ao amigo com um sorriso de orelha a orelha:

— Por que você veio, Gorka?

O garoto sentiu que havia sido pego e levou a mão à parte de trás da cabeça, esfregando o cabelo para cima e para baixo e sorrindo de um modo um pouco lerdo. Levantou as sobrancelhas e foi sincero.

— O que você acha? Porque eu queria ir com você, Paula. Parecia superestranho convidar você pra ir comigo, porque eu não queria que você ficasse sem jeito nem com o pé atrás. Também essa bobagem de convidar alguém pra ir ao baile é uma idiotice muito de filme, e você e eu estamos acima disso, né?

— Sim — respondeu ela, sorrindo. — E eu quero ir com você. Tinha vontade de ver você.

Gorka ficou um pouco surpreso, porque, com mais ou menos amor, as palavras dela soavam muito sinceras, e era isso que importava.

— E quer saber, Gorka? Sou eu quem vai convidar você. Quer ir comigo à festa de fim de curso do Las Encinas?

— É o que eu mais quero.

— Então pronto — encerrou ela.

— Você está linda, aliás. Eu não queria falar nada pra não te assustar, mas como você me convidou pra acompanhá-la ao baile...

Ele brincou fazendo deboche da sua última frase e ela deu uma batidinha no braço dele. Ambos, um pouco tontos, riram e, após se despedirem de Susana, saíram da casa. Gorka abriu a porta do jardim, como o cavalheiro que era, deixando que a garota passasse na frente. Sim, era protocolo meio arcaico, mas tinha a sua graça. Gorka pediu um táxi pelo app, mas antes pensou algo.

— Olha, Paula, eu fico muito feliz que a gente vá à festa juntos, mas...

Ela ficou um pouco desconcertada. Pensava que já iam entrar outra vez no looping das coisas estranhas – os "Você me disse", "É que eu fiz", blá-blá-blá –, então ficou um pouco tensa. Escutou Gorka com atenção e concordou com a proposta dele.

*

Janine abriu a porta da sua casa de pijama, com o cabelo convertido num grande ninho, um desses de cegonha que há no alto dos campanários, e dava para ver os restos de Oreo nas comissuras dos lábios dela. Claro que Gorka queria ir à festa com a garota de quem gostava, mas ficaria mais feliz se tentassem raptar Janine e conseguissem tirá-la do seu

poço de estranheza. Era o justo. Afinal de contas, sempre haviam sido amigos e, apesar de coisas estarem aflorando aos poucos, deviam continuar sendo um grupinho. Que espécie de colegas seriam se não tivessem salvado Janine do tédio mais absoluto?

— Pessoal, obrigada por terem vindo, mas não pretendo ir — recusou a proposta, ainda da porta. — Tenho preguiça só de pensar. Todo mundo vai olhar pra mim e, quando ficarem bêbados, vai ser muito pior. Que necessidade eu tenho de ir? Não, é sério, pra que vou me expor a isso? As aulas, sim, mas a festa... eu passo.

Gorka olhou fixamente nos olhos da garota, colocou as mãos nos ombros dela e se jogou num *speech* sobre a importância de que os perseguidores não ficassem impunes.

— Olha, Janine, se eu te visse mal, seria o primeiro a colocar uma bermuda e trazer o PlayStation pra jogar SingStar aqui com você, mas te vejo bem. Você é uma mina foda e não vai se rebaixar, porque quatro trouxas sem vida precisam da sua pra viver e se divertir. Que se fodam eles, não é? Que se fodam. Você não merece ficar em casa comendo Oreo enquanto as pessoas estão se acabando de dançar reggaeton, não acha? Você não fez nada de errado e não é justo que perca a maldita festa. Se você não for, eu também não vou.

— Nem eu — completou a loira, dando um passo à frente.

— Então tá, ficamos os três em casa — disse Janine, com ar de pouco caso.

— É isso o que você quer? Tá bom. — Gorka tirou o paletó e abriu passagem para dentro da casa dela.

— É QUE EU NÃO TENHO O QUE VESTIR! — gritou Janine.

Por fim, eles a convenceram e subiram os três rapidamente para escolher o modelito. Foi um processo bem mais divertido e bem-sucedido do que a encenação de *Uma linda mulher* feita por Melena, isso com certeza. Eles se decidiram por um vestido simples, mas Paula fez uma chapinha no cabelo dela e ficou espetacular. Então pediram um táxi e, na maior elegância, os amigos entraram na festa.

— Você odiava a Marina? — perguntou a investigadora de forma muito natural, quase como mudando de assunto.

— O quê? Não. Claro que não.

Paula não sabia onde se enfiar. A pergunta a pegara desprevenida. Não queria mentir, mas também não queria falar dos seus problemas, dos seus conflitos sentimentais na frente de um bando de adultos desconhecidos que a estavam tratando como se realmente fosse uma criminosa.

— Você sabe que tem que ser sincera, não sabe?

Ela estava cada vez mais nervosa e não sabia o que dizer. Teria dado um olho seu em troca de que seu pai estivesse lá com ela resolvendo a situação. Não queria estar ali, queria ir embora. E tentou ser bastante clara para que a cena terminasse quanto antes.

— Ouça, investigadora, estou sendo acusada de alguma coisa?

— Não, Paula, calma, nós só estamos tentando descobrir o que aconteceu com Marina Nunier.

— Eu não sei. Não sei nada da Marina nem das confusões em que ela andava metida, de verdade. Cheguei à festa por volta das sete e meia, não lembro. Posso verificar, porque Janine, Gorka e eu postamos um *story* bem na entrada. Eu estava com eles, eles podem confirmar. Dancei, bebi, com certeza alguém havia colocado álcool no ponche e isso me deixou meio alta, mas pouca coisa. Não sei o que a senhora espera que eu conte.

—Nada, apenas isso que você contou — respondeu a investigadora bem tranquila, mas sem afastar o olhar dela.

— Eu estava dançando com um garoto e estávamos prestes a nos beijar quando cortaram a música e a senhora disse para evacuarmos a sala. Eu não fiz mais nada. Essa foi a minha noite.

— Ahã. Você esteve com eles a noite inteira?

O tom da investigadora havia mudado e se notava certa pegadinha na pergunta.

— Sim — respondeu a garota, categoricamente.

— Sabia que alguém a viu abandonar o recinto da festa sozinha logo depois de a Marina também ter saído?

Paula recebeu esse último comentário como um ataque e o fato é que surtiu efeito. Ela se sentiu encurralada de repente.

— Aonde a senhora quer chegar? O que está insinuando? Que eu matei a Marina? É a coisa mais louca que já escutei na vida.

— Não estou insinuando nada, só quero que você me conte a verdade.

— Sim, tá bom, eu odiava a Marina! Sim, pensei na morte dela várias vezes, não vou negar! Mas isso não faz de mim uma assassina. Por favor... EU SOU SÓ UMA MENINA!

— A Marina também era.

As palavras da inspetora caíram na sala como um balde de água fria e tudo ficou em silêncio.

Capítulo 8

Com todo o dinheiro pago pelos alunos, o comitê de festas de Las Encinas podia ter se esforçado um pouco mais ou até alugado um salão para o evento. Mas não, era uma festa nas instalações do colégio com alguns enfeites pendurados no teto, bexigas brancas e douradas e uma faixa um pouco brega que dizia "Festa de fim de curso", caso alguém não se lembrasse de onde estava e pensasse que era uma festa de Halloween ou de Réveillon.

Quando você é adolescente e se embebeda fim de semana sim e outro também, ter que marcar presença numa festa à tarde onde não servem álcool é um pouco chato. Ainda assim, também era uma desculpa perfeita para ver como os colegas se vestem quando tiram o uniforme. Se fosse preciso coroar a mais bem vestida da festa, sem dúvida Carla teria ganhado por unanimidade: usava um vestido branco lindo e estava espetacular. Mas não davam esse prêmio. O único prêmio outorgado na festa de fim de curso era o de Melhor Aluno do Ano, um troféu muito pesado que concedia ao vencedor uma bolsa de estudos no exterior.

Gorka, Janine e Paula sabiam da existência do prêmio, mas se importavam bem pouco com ele. Na turma havia três ou quatro pessoas que o cobiçavam, e eles desistiram de tentar. Quem ganhou o prêmio foi Marina – curioso que um tempo depois tenha aparecido assassinada. Ela subiu ao tablado para recebê-lo, embora o tenha feito no estado de desleixo e trauma em que se encontrava havia várias semanas, como se estivesse incomodada com a vida, com o ar, como se carregasse uma grande mochila de problemas e estivesse prestes a levantar voo sem destino. Subiu para receber o prêmio e pediu desculpas, porque não acreditava ser merecedora – e não era a única que achava isso. Ao escutar o nome dela, vários alunos levaram as mãos à cabeça tipo "Whaaaaaat?". Não tinha nada a ver com o HIV, claro que não; pelo contrário, era maravilhoso que uma garota com HIV ganhasse aquele prêmio tão importante, porque ajudava muitíssimo na visibilidade, era mais uma questão de esforço. Ninguém achava que Marina tivesse se esforçado muito esse ano e até havia boatos de que ela tinha problemas com maconha, entre outras coisas.

A irmã de Guzmán fez um discurso bem pessoal, um discurso improvisado, algo que a tornava adorável e odiosa ao mesmo tempo. Não se preparava nem um pouco e ainda assim era considerada a melhor. Não tinha sentido. Depois ela saiu da sala com o pesado prêmio nas costas, seguida por Samuel, tudo diante do olhar de Paula, que era mera espectadora da história entrecortada desses dois.

Paula não tinha nem ideia de se estavam juntos ou não, mas uma coisa tinha bem clara:

— Janine — disse, virando-se para a amiga —, você não acha que as coisas vão mal para o Samuel por culpa da Marina? Não suporto essa mina, sério, tenho uma cisma com ela... Não gosto mesmo. Já venho.

— Aonde você vai?

— Aonde você acha? Ao banheiro.

Paula saiu da sala um pouco contrariada e se fechou no banheiro, unicamente para ficar sozinha com sua indignação. Ela apertou o rosto, tocou o cabelo, tentando decifrar o que as pessoas viam na garota do prêmio, e se repetiu um clássico "o que ela tem que eu não tenho?". Saiu do cubículo, suspirou, retocou a maquiagem e ficou um tempo sozinha, olhando para o celular. A verdade é que Janine havia ficado um pouco pensativa, porque o mau humor com que Paula falou de Marina chamou a sua atenção, mas não dispunha das mesmas peças do quebra-cabeça que a amiga, e não sabia a que coisas estava se referindo quando falou de Samuel e daquela que provavelmente era a namorada dele. Paula, na realidade, também não sabia grande coisa, mas não era preciso ser detetive de um romance de Agatha Christie para ligar os pontos. Ele sempre ia atrás dela como um cachorrinho e ela o ignorava quando queria ignorar ou lhe dava amor quando queria... A típica história do toma lá dá cá, do estica e puxa. Paula estava muito mais tranquila com o assunto, mas

sentia que Marina era odiosa e narcisista e não pensava nos demais. Apesar de que, é claro, quem era ela para opinar se não sabia da missa a metade. Minutos depois, saiu do banheiro e voltou para a festa, junto do seu grupinho, e não voltaram a mencionar nada, nem de Samuel nem da ganhadora da bolsa de estudos.

Os garotos dançaram e riram de tudo: do evento, do lugar e deles mesmos. Pelo menos a música estava aceitável e não exageraram no reggaeton, como temiam: muito disco, rock e um pouco de pop meloso, intercalado com alguma lenta de vez em quando. Numa delas, e entre risadas e gracinhas, Gorka tirou Paula para dançar quase se autoparodiando. Janine sentiu que estava sobrando e saiu para dar uma volta pelo jardim. A verdade é que ela estava se divertindo bastante. Claro que havia comentários, mas ela tirou de letra.

Apesar de que, na verdade, reconheço que estava olhando para o teto o tempo todo. Quando eu era pequena, Carrie, a estranha *me marcou muito. Primeiro, pela cena da menstruação no vestiário, e, segundo, pela do balde de sangue de porco – é, acho que era sangue de porco, não lembro direito. Sei que tem gente no colégio que me considera uma pessoa valente, mas há outros cretinos que acham que sou a bruxa malvada da história; entre eles, Wendy. Imagine se ela chega a encher um balde com sangue e fica esperando o momento exato pra derrubar em cima de mim... Bom, é difícil, porque eu me mexo bastante, mas, do jeito que ela é básica, com certeza ia colocar perto da mesa de comida, como se,*

por ser gordinha, eu fosse passar a festa inteira engolindo cupcakes – que, a propósito, são sem glúten porque tem vários celíacos em Las Encinas, e têm gosto de serragem, um nojo.

Mas um nojo mesmo foi quando a besteira da dança juntinha de Gorka e Paula estava dando lugar à dança real entre eles, sem sorrisos nem idiotices; quando eles se olharam nos olhos e passaram a fazer o que o corpo pedia, como daquela vez na academia, e justo nesse instante o celular de Gorka tocou. E não era uma dessas ligações desmancha-prazeres para você mudar de operadora, não. Era uma das suas melhores amigas com um terrível quadro de ansiedade, que chorava e dizia coisas sem sentido, coisas complicadas de entender.

O garoto se separou de Paula, porque não escutava nada com a música, e pensou que Melena estivesse drogada ou que havia se metido em problemas, e não estava muito errado.

— É que não dá pra escutar, Melena, eu não escuto você direito... Tá, tá, tá... Estou indo pra aí.

Gorka se aproximou de Paula para falar que tinha que ir embora, mas nesse momento o enredo se enredou ainda mais quando a investigadora subiu no palco para anunciar que eles tinham que deixar o colégio sem balbúrdia, pois havia acontecido algo. Os rumores se alastraram como pólvora entre os alunos. Marina estava morta. Isso diziam. As pessoas corriam em direção à saída sem ligar muito para a orientação da investigadora. Conversavam em grupos.

Alguns choravam, outros sussurravam, outros se moviam nervosos sem saber por onde fugir, pensando que podiam ser os próximos. Ainda assim, vários alunos tentavam esticar a farra, porque isso da morte lhes parecia uma tremenda mentira. A polícia não tinha confirmado nada e era algo sério demais para ser real. Marina havia sido assassinada? De verdade? Quem faria isso? Quem seria capaz de matar a sangue-frio a aluna modelo?

*

Janine estava tentando voltar para dentro do colégio, mas a avalanche de gente que saía era tal que era impossível entrar, sabia bem. Ela não tinha nenhuma dúvida: assim que o rumor da morte de Marina chegou aos seus ouvidos, soube quem era o responsável. Um calafrio a percorreu dos pés à cabeça ao recordar as palavras que Mario havia dito no corredor da escola. "Ele falou pra ela, falou que ela estava morta." Janine entrou em pânico; seu coração se acelerou e lhe deu forças para abrir caminho contra a corrente até a escola. Já não queria buscar os amigos, só queria encontrar a polícia para explicar que sabia quem havia matado Marina.

Em vez de entrar pela sala onde ocorria a festa, pensou que seria um atalho infalível atravessar pelo corredor. A noite havia caído e o lugar estava deserto. As luzes apagadas faziam que o aposento só estivesse iluminado pela claridade dos postes que entrava da rua. Era sinistro, para dizer o mínimo. Janine recordou todos os filmes de terror que tinha

visto e ficou bastante assustada. Escutou passos atrás de si, mas não quis se virar, não queria saber quem era. Mas a pessoa em questão gritou:

— Ei!

Ela se deteve e se virou, hesitante; quis pensar que seria um dos policiais vindo avisar que ela não podia estar ali, mas se equivocara. A pessoa andou devagar na direção dela, e quando a luz iluminou o rosto anônimo, Janine deu um grito ao descobrir Mario. Entrou em pânico. Sim, a vida dela já era um verdadeiro filme de terror.

— Não corra, Janine! Espere!

Nada disso. Janine correu o mais rápido que pôde. Tentou abrir uma sala, depois outra, mas estavam todas trancadas; subiu as escadas e atravessou a cafeteria sem parar de gritar:

— Não! Socorro! Assassino! ASSASSINO!

Mario era atlético e a vantagem que ela havia ganhado era cada vez mais curta. Ele estava perto, bem perto. Mais perto, até que ela entrou no banheiro feminino e tentou bloquear a porta com um cesto de lixo. Algo absurdo, porque ele o derrubou com um chute. Janine se escondeu em um dos cubículos e fechou com o trinco. Sabia que não eram muito resistentes, mas com isso ganharia alguns segundos para poder ligar para a polícia. Tirou o celular da bolsa e deu tanto azar que ele caiu e foi parar do lado de fora da cabine. Mario, num passo tranquilo, pisou o aparelho quase sem pensar, fazendo pedacinhos dele. Algo que assustou ainda mais a garota.

— Abre a porta, Janine.

— Não vou abrir.

— Abre a porta, ninguém vai te escutar. Só quero falar com você.

— Eu não tenho nada pra falar com você, assassino, me deixa. Socorro! SOCORRO!

— O que você disse? — hesitou ele.

— Me deixa em paz! Socorro! — a garota continuou berrando de dentro do banheiro.

Ele se enfureceu e se jogou contra a porta enquanto Janine gritava aterrorizada.

— Eu só quero falar com você — repetiu. — Você tem que retirar essa maldita denúncia. Está tornando a minha vida impossível. Merda!

Mario se jogou contra a porta mais uma vez e as dobradiças rangeram. Outra pancada e ele a arrombaria. Janine nunca tinha ficado tão assustada em toda a vida. Já se via morta e enterrada. As lágrimas brotavam e a ansiedade fazia que não escutasse nada do que ele estava dizendo. Não era capaz de reagir, não era capaz de falar. Sentia-se uma presa, com tudo a perder. Sentia-se como aquele ratinho com que o gato brinca dando tapinhas antes de enfiá-lo na boca e acabar com a vida dele.

— Abre essa porta!!

Ele gritou, ela gritou mais, e quando o garoto estava prestes a se jogar contra a porta, uma agente entrou no banheiro, como acontece nos filmes, aos gritos de “Alto,

polícia!" e com o revólver na mão. Mario obedeceu e levantou os braços, sabendo que tinha feito merda de novo. Uma policial jovem – "jovem demais", pensou Janine – que parecia a Blanca Suárez, conforme ela contou para os amigos, convidou-a a sair de lá e falou que tudo já tinha passado, para ela ficar tranquila, e a escoltaram até a saída. Mario ia algemado.

As pessoas que restavam fora do colégio não podiam acreditar. Por um lado, Marina Nunier estava morta; por outro, estavam levando Mario algemado, e era óbvio que todo mundo pensou que ele a tinha matado; e, para completar, a polícia escoltava Janine até uma viatura.

Paula não ficara sabendo desse último fato, só havia se deixado arrastar pela maré em direção à saída enquanto Gorka corria para a casa de Melena. Estava desconcertada, como todos, e se sentia estranha, porque pensara várias vezes na morte da garota. Ela havia desejado isso, e agora se sentia culpada porque, uma vez morta, Marina já não lhe parecia nem tão má nem tão egoísta.

Marina era uma garota como eu. Provavelmente, uma garota apaixonada, como eu. Às vezes a gente se deixa levar pelos impulsos e toma as decisões incorretas. Quem sou eu pra julgá-la? Suponho que sempre a invejei. Suponho que todas as meninas da turma a invejamos. Se me interrogarem e me perguntarem "quem você acha que matou a Marina?", vou dizer que poderia ter sido qualquer um. É o ódio e a inveja gerados por um ser de luz, uma pessoa que brilha sem esforço, alguém que mostra para o resto que

a gente é um bando de medíocres. Acho que é por isso que o Gorka faz eu me sentir assim, porque tira a minha mediocridade com os olhares dele, faz eu me sentir especial e é tão fofo... Droga! Eu não paro de pensar nele, outra vez pensando nele.

Eu gosto do Gorka, simples assim, e isso já está muito dentro do meu ser. Ele me lembra alguém? Acho que não... Foi feito com pedacinhos e lembranças de outros? Não. Gosto dele só por ser quem é e por causa de como ele faz eu me sentir. Esta noite eu senti que ele me fazia vibrar. Quando nós estávamos dançando, apoiei minha cabeça no ombro dele, de brincadeira e rindo como a tonta que realmente sou, e senti cosquinhas. Eu quis que ele me beijasse. Quis beijá-lo, quis que ele segurasse meu rosto com suas mãos duras por causa dos halteres e o aproximasse da boca, e que me beijasse como só ele beijou. Não há dúvida, eu gosto desse garoto. E para completar, vê-lo tão legal, tão solícito, tão bom – convidando a Janine pra festa, algo que nem tinha passado pela minha cabeça (que merda de amiga eu sou, só pensando no meu umbigo), ou saindo correndo pra ajudar a Melena (que vai saber em que merda se meteu desta vez) –, fez eu sentir que valia a pena estar com ele, que seria tonta se deixasse passar a oportunidade de ser a namorada dele.

Então vou tomar a iniciativa e dizer: "Gorka, eu gosto de você, mas muito. Gorka, eu quero que você faça amor comigo e que seja você e não outro. Já não tem ninguém na minha cabeça que eu queira que esteja dentro de mim que não seja você". Sim, vou fazer isso. Sim, chegou o momento. Eu gosto do Gorka. Que bom. Eu gosto do Gorka. Ai, caramba! Eu gosto do Gorka.

*

As luzes da ambulância refletiam no interior da casa. As paredes brancas, o mobiliário caro, o carpete e o mármore se inundavam de cor laranja piscante que enchia o aposento de falsa calidez. Podemos dizer que Gorka era um salvador? Sim. Havia chegado correndo na casa da amiga, ficara espantado com a cena de sangue e vestidos de festa, mas não se deixou paralisar por isso e auscultou o corpo, que acreditava sem vida, da mãe de Melena. Ele não tinha nenhuma intenção de se dedicar à medicina, mas tinha visto tantos capítulos de *Hospital Central* quando criança que, naquele momento, sentiu que estava preparado para fazer uma cirurgia de coração aberto. Melena estava em choque.

Eu não me lembro de nada. Estava no chão e quase dormindo, até que comecei a sentir a adrenalina se apropriando do meu corpo, como se tivessem me injetado alguma coisa e passasse de zero a cem num segundo. Tenho pequenos flashes: a ligação para o Gorka, as voltas que dei pra cima e pra baixo, o medo que passei, o reflexo em todos os espelhos da casa com o vestido rasgado da Vera Wang e as manchas de sangue, de sangue que não era meu. É como se tudo tivesse sido um videoclipe cheio de imagens impactantes. Depois o Gorka, a ambulância, os paramédicos, o desconcerto, o medo de novo, as sirenes... Até que finalmente fechei a porta. Lembro que não contei a história pra ninguém, que não me perguntaram. Para o Gorka eu expliquei que tínhamos discutido, mas para o resto eu adocei a tragédia: disse que escutei

uma pancada e que ela estava no chão, acho que botei a culpa nos sapatos dela, não sei, não me lembro direito. A minha cabeça está explodindo. Percebo cada batida do coração bombando o sangue direto para o cérebro. Bum, bum, bum. Sinto todos os órgãos do meu corpo. Preciso descansar, preciso dormir. Sinto tudo, sinto o meu sangue, sinto o meu... Preciso dormir.

O pijama de Melena correspondia a uma camiseta de propaganda de uma casa de ferragens e um short de moletom masculino, mas era muito melhor para dormir do que o Vera Wang. Gorka, que provavelmente choraria como uma criança assim que chegasse em casa devido à intensidade da situação, lidou com aquela cena como um verdadeiro adulto, desde o princípio, quando convenceu a garota a não acompanhar a mãe ao hospital, obrigando-a a descansar. Fuçou na cozinha a fim de esquentar um copo de leite para a amiga, mas descobriu que a geladeira estava vazia e que ela vivia numa situação... como dizer... peculiar. Ele a enfiou na cama, acariciou o cabelo dela, tentou tranquilizá-la com palavras e frases que havia escutado por aí, mas, sobretudo, com sua presença. E ela se deixou levar. Precisava tanto de um pouco de contato, de um pouco de carinho, que deu no mesmo que não viesse da mãe dela, que viesse de um amigo com quem horas antes estava de relações cortadas. Mele não estava assustada pela situação da mãe, praticamente não estava pensando nela. Para ela, a mãe havia morrido com a queda da escada, isso não lhe saía da cabeça, e para a sua mente era difícil processar o "agora

morta", "agora viva", então continuou pensando que estava morta. Na realidade, o estado da mãe era crítico: estava viva, porque respirava, mas a sua barrinha do *Street Fighter* já estava no vermelho.

O celular de Gorka parecia descontrolado. O garoto o silenciara um pouco depois que chegara, mas estava recebendo mensagens e ligações de Paula, de Janine, WhatsApps em grupos que falavam da morte de Marina... Ele só se importou em avisar os pais de que dormiria na casa de Melena. A mãe dele não gostou nem um pouco, porque uma colega de classe havia morrido assassinada, mas assim que ele mencionou por alto o que tinha acontecido com a mãe de Melena, obteve todas as permissões. Ele arregaçou as mangas da camisa e se deitou ao lado da amiga. Ela agradeceu e ele disse que não falasse nada, que ele estava ali, que ela tinha que descansar, e ela concordou, porque Gorka insistiu em ficar para dormir. Melena caiu no sono em seguida, como um bebê que, diferente dela, é rodeado de amor, com a boquinha aberta e a certeza de que se acontecesse qualquer coisa, um incêndio ou vai saber o quê, haveria alguém para protegê-la. Era a primeira vez que se sentia aconchegada de verdade.

*

A noite foi avançando sem mais notícias, com Melena imersa num sono profundo. Era Gorka quem não conseguia pregar o olho. Já era de madrugada quando, com muito cuidado, ele

se levantou da cama e perambulou pela casa. Claro que Melena era sua amiga, mas isso de culpar os sapatos pela queda da mãe lhe parecia uma bobagem. Tinha visto aquela mulher andar com os saltos mais altos da história como se fosse a coisa mais simples do mundo. Amanda era modelo, desfilava sempre, não só nas passarelas, mas também na vida. Era como se levitasse. Ia cair sozinha da escada da própria casa? Por favor, ela tinha subido e descido aquela escada milhares de vezes e com saltos mais altos do que os que estava usando no dia em que caiu! Gorka a tinha visto bêbada, quase em coma alcoólico, e ainda assim caminhando com dignidade. Essa versão era pouco convincente. Muito pouco. Não pensava que sua amiga tivesse tentado matar a própria mãe, mas sabia que a cena não havia sido como Melena contou para os médicos e para a polícia.

Gorka se sentiu um detetive particular enquanto percorria a casa e levantava todo tipo de hipótese. Entrou no quarto da mãe de Melena e estava tudo bagunçado, principalmente o guarda-roupa. Quase podia ver a amiga nua, na frente do closet, algumas horas antes. Tinha duas teorias. Uma muito louca, em que a mãe de Melena havia obrigado a filha a se vestir muito bem para levá-la a uma festa de magnatas e empresários e ali prostitui-la sem escrúpulos, o que fizera que Melena a empurrasse escada abaixo ao descobrir o plano. E outra segundo a qual Melena roubara um vestido da mãe para ir à festa de final de curso, fora pega no flagra e elas se atracaram; a mãe batera nela – como Gorka sabia que

havia acontecido outras vezes – e Melena, ao devolver o tapa, não controlara a força e a empurrara escada abaixo. Essa teoria lhe parecia muito coerente, mas algo chamava a atenção dele, algo não se encaixava: as bitucas no corredor, diante da escada. Isso significava que tinham conversado ali, de pé, e que uma empurrara a outra. Mas sobre o que teriam falado? O que era tão importante que levaria uma filha a tentar matar a própria mãe? Ele não sabia nem queria continuar investigando. Estava com sono e cansado.

A verdade é que, com a agitação da ambulância, do sangue e tal, havia se esquecido de contar para Melena que Marina estava morta. Sabia que já não se falavam tanto, mas haviam crescido juntas, as mães de ambas eram muito amigas, e lhe pareceu importante que soubesse. Olhou fixo para ela para ver se acordava, mas nada mais distante da realidade; Melena continuou dormindo.

Gorka se aproximou, deu-lhe um beijo no rosto como se fosse mesmo da família e acariciou a cabeça dela para notar que seu cabelo estava caindo de novo. A tristeza o invadiu. Melena era sua amiga. Não estavam no seu melhor momento, mas era sua amiga e lhe doía que ela vivesse uma situação tão desastrosa, porque, olhando para o quarto ou para a casa, ou analisando um pouco a vida da garota, pensou que era muito duro ser ela. Por força do hábito, ele havia reclamado de um monte de coisas relacionadas com a adolescência ou com caprichos, e comparando suas histórias com o dia a dia da amiga, pareceu-lhe que havia tido sempre

tudo muito fácil e agradeceu ao universo por ter uma vida tão simples. Suas únicas preocupações giravam em torno de sua vida social – "gosto desta garota" e tudo o mais –, e isso fez que ele se sentisse bem mal e bem superficial. Fechou os olhos e acabou dormindo na cama da amiga.

*

Quando Melena acordou, Gorka já não estava. Tinha saído alguns minutos antes. "Não, não foi um sonho", pensou. Ela precisava da luz do sol e de um pouco de ar. Vestiu um robe e desceu para o jardim; abriu a porta a fim de dar uma arejada em tudo, pois o ambiente pesado, a tensão e o sangue haviam convertido a casa num buraco escuro no mundo. Fazia frio, mas era gostoso se cobrir. Se tivesse café, teria feito uma xícara, mas, como não tinha, só lhe restou abraçar a si mesma para se dar calor. Procurou seu celular e levou bastante tempo para achar: por fim o encontrou no sofá, entre as almofadas, e mandou uma mensagem para seu amigo com um grande OBRIGADA em letras maiúsculas. Podia-se dizer que ele havia salvado a sua mãe, que ele havia salvado as duas. Só depois disso olhou o resto dos seus grupos e descobriu o que havia acontecido na festa de final de curso.

*

Melena não entendia por que estava sentada diante da investigadora de polícia. Pensou que havia muitas coisas que poderiam ter lhe perguntado. Coisas relacionadas com drogas, festas ilegais, prostituição ou com o "acidente" de sua mãe, mas todas as perguntas seguiam na mesma direção: Marina.

— Investigadora, eu já falei. Tem um monte de enfermeiros que podem dizer que eu estava em casa, não passei pela festa. A senhora pode ver nas gravações. A última vez que eu vi a Marina foi no colégio, faz muito tempo.

A investigadora jogou o diário em cima da mesa. O volume caiu com violência, algo que surpreendeu a ambas, porque não era a sua intenção. Melena arregalou os olhos e o pegou.

— Quê? Como conseguiram isso? É privado. Vocês não têm nenhum direito de... Acham que eu tenho algo a ver com a morte da Marina porque leram um monte de idiotices no meu diário? Não posso acreditar. Não vou dizer nada, vocês não têm provas contra mim. É absurdo.

— Então, se é só uma criancice... por que você está tão alterada, María Elena? Não acha curioso isso aparecer na caixa de sugestões da polícia no dia seguinte à morte da Marina?

*

Melena deu uma prensa em Gorka em frente à casa dele. Estava possuída. E não concedeu ao amigo a opção de

réplica. Chegou, ele saiu e ela diretamente o empurrou contra a parede. Ela própria ficou surpresa com a força que guardava dentro de si, era tudo uma questão de ira, de raiva, que a fazia tirar energia de onde já não restava absolutamente nada. Mas Gorka, que estava cedendo à violência por educação, tirou os braços dela de cima dele e a afastou. A mãe de Gorka saiu um pouco assustada – todos no bairro estavam muito nervosos após a morte de Marina –, mas o garoto pediu que ela voltasse para dentro.

— Mãe, deixa a gente em paz, é coisa nossa.

A mãe obedeceu e os deixou a sós de novo. Melena levou as mãos à cabeça, não podia acreditar, estava se sentindo muito traída. Outra vez, a única pessoa em quem acreditava que podia confiar a havia decepcionado, e já não se tratava de uma idiotice ou de um bate-boca qualquer, agora estavam falando de coisas muito mais graves, com polícia envolvida. Ela se virou para ele raivosa e indignada.

— Você roubou o meu diário?

— Você matou a Marina?

A pergunta lhe parecia tão estúpida, tão surreal... Como ia matar a Marina? E, principalmente, como ele, que a conhecia há mil anos, pensava que ela seria capaz de algo assim?

— Não, claro que não. Ficou louco? Você não me conhece?

— Não, eu não te conheço, Melena. Achava que sim, mas não. Eu roubei o diário, claro que roubei. Você dormiu por horas e eu o encontrei por acaso. Não estava revistando nada. Simplesmente estava lá em cima da mesa e só precisei

folhear um pouco pra me dar conta de todo esse ódio que tem dentro de você. Como não quer que eu pense que você matou a Marina se tem um diário em que escreve que quer matá-la? Hein? Como não quer que eu pense isso? Se você acabou de tentar matar a sua mãe...

A cara de Melena falava por ela. Não podia estar mais surpresa.

— Eu não tentei matar a minha mãe, foi um acidente! — gritou tão alto que provavelmente todos os vizinhos do bairro ouviram. — Você não faz ideia do que é morar com ela. Nem uma puta ideia! Ela me bateu um monte de vezes e eu nunca fiz nada além de aguentar, Gorka, de me calar como uma puta, de ficar em silêncio e não contar pra ninguém. E ontem ela chegou, depois de ficar desaparecida por vários dias em que eu não sabia se ia voltar, se eu ia ser levada pela assistência social ou se ia morrer de fome porque não tinha um maldito centavo, e a gente brigou. Sim, a gente discutiu e é claro que eu dei um empurrão nela, obviamente, porque ela me deu a maior dura, falou coisas muito piores do que as de costume, me tratou como uma verdadeira merda, me provocando; sinceramente, tive a sensação de que queria que eu devolvesse tudo o que ela sempre me fizera. E eu fiz isso. Eu a empurrei, mas não com a intenção de matá-la, e sim pra que ela calasse a boca de uma vez, que não falasse mais que não me amava...

— Ela falou que não te amava?

— Muitas vezes — respondeu ela. — E é claro que eu odeio a Marina, eu a odeio com todas as minhas forças. Eu sempre a odiei. Ela era a filha perfeita, a menina perfeita, a irmã perfeita, a aluna perfeita. E dava no mesmo que crescesse transformada numa maconheira camicase que pouco se importava com a própria vida, ou que pegasse HIV por aí. Dava no mesmo que, na realidade, não fosse tão perfeita, porque sempre foi a imagem da perfeição e a minha mãe esfregava isso na minha cara. Minha mãe era íntima da mãe da Marina. A que teve uma filha de cabelo cacheado, e a minha mãe teve a menina emo, a estranha meio careca. Ela me jogava na cara as conquistas e as façanhas dela o tempo todo. Fazia eu me sentir muito mal, Gorka. A Marina, a Marina, a Marina, a Marina. EU ESTAVA DE SACO CHEIO dela, do nome dela, de tudo dela. Queria que acontecesse uma desgraça com ela, queria que ela morresse, a odiava, queria vê-la afundada na miséria pra olhar pra minha mãe e falar: "Tem certeza de que é essa a filha que você teria preferido?". Quando comecei a fazer terapia e depois, quando entrei na clínica de desintoxicação, me falaram da importância da escrita. Descarregar a raiva nesse diário fajuto era uma válvula de escape, era uma maneira de não me sentir a pessoa mais insignificante do universo, entende? Mas agora que ela já não está aqui, não sinto nada. Nem culpa, nem pena, nem remorso. Não era ela quem eu odiava, Gorka, era a mim. Eu odiava a mim mesma e vomitava os meus pensamentos contra a Marina, mas, na realidade,

todas essas desgraças eu desejava pra mim, porque não queria continuar vivendo. E porque dava no mesmo que a Marina triunfasse ou não, isso não ia fazer que eu conseguisse o carinho da minha mãe. Porque, olha, eu não consegui... Nunca. Que pena.

Gorka havia emudecido. Ele se sentia muito culpado. Era óbvio que qualquer um na situação dele teria pensado na culpabilidade de Melena. Todas as flechas de neon apontavam para ela e ele só encaixara as peças que tinha recebido de bandeja, mas a explicação da garota fazia todo o sentido do mundo e, principalmente, o discurso dela saía de suas entranhas, do seu coração, e ele estava convencido de que não era possível fingir algo assim.

— Eu sinto muito. Sinto muito por ter duvidado de você, mas pra mim estava bem claro, não sei... Estava tudo uma loucura, a história da sua mãe, a da Marina e... Sei lá eu.

Ela se levantou do chão, uma vez que havia se sentado na beiradinha da calçada enquanto contava a sua versão dos fatos. Não disse nada. Sacudiu a saia que tinha vestido para ir à delegacia e começou a andar, mas lembrou que estava se esquecendo de uma coisa e não queria ir embora sem encerrar todos os assuntos.

— Você leu o diário?

— Como? Não. Bom...

— Você leu a parte em que eu dizia que estava apaixonada por você?

Ele negou com a cabeça. A notícia o havia pegado de surpresa, mas tudo o que tinha saído da boca da garota era tão forte que já não podia mais se surpreender, havia chegado no limite do espanto.

— Agora você sabe. Não é só ódio o que sai da minha boca, viu?

Gorka não soube o que dizer e deixou que a garota caminhasse rua abaixo. Se a dor e a tristeza deixassem rastros como a baba dos caracóis, Melena teria deixado um fio bem marcado na calçada. Estava devastada, desconsolada, frágil, era um zumbi a caminho do hospital.

Não, eu não vou desconectar as máquinas que mantêm a minha mãe com vida. Só vou ver como ela está, pra ter notícias, e com base nisso acho que chegou o momento de tomar uma decisão sobre o meu futuro. Uma assassina? Como ele pôde pensar que eu fosse uma assassina? Nada me dói mais do que ver a minha mãe nessa situação. Eu a empurrei refém do ódio e da raiva, mas não queria que ela morresse; é que isso nem me passou pela cabeça, eu a empurrei e pronto, queria machucá-la, queria que sentisse a mesma dor que tinha provocado em mim, mas isso é muito complicado de se calibrar. Acho que, ao empurrá-la, eu não me importei com nada, nem com o que aconteceria com ela nem com o que poderia acontecer comigo. Nada. Quis bater nela, retrucar, e fiz isso. Fim. Se estou arrependida? Sim.

O trem do amor é assim. Em algumas estações ele passa, em outras para, em outras fica quieto esperando os passageiros

e depois vai embora. Era o que estava acontecendo com Gorka e Paula. O trem estivera na estação dela por muito tempo, e quando ela finalmente encontrou a plataforma, o trem já estava indo embora, vazio, sem nenhum passageiro. É que Gorka, após ouvir que Melena estava apaixonada por ele, sentiu o estômago embrulhar e pensou que essa coisa do amor e dos relacionamentos não era para ele, ou não por enquanto. Gostava de Paula, sim, mas lhe parecia que os sentimentos eram muito complicados, principalmente agora que o verão estava chegando. Às propostas do cupido, suas respostas eram não. Não queria confusão. Nem garotas apaixonadas por ele, nem garotas que não lhe correspondessem, não tinha vontade.

Na festa, a Paula estava na minha. Antes da catástrofe começar, ela estava no papo e eu tive a impressão de que ela própria ia tomar a iniciativa. Mas talvez o fato de o celular ter tocado e cortado o clima tenha sido um sinal, pra gente perceber que está cometendo um grande erro. Não quero confusão, não quero esse tipo de confusão. Pra quê? Sair? E depois tudo terminar mal, e eu ficar mais gamado nela e ela ficar feito um ioiô sem saber o que quer? Eu passo. Não tenho vontade. Talvez eu baixe o Tinder, que nem todo mundo, e passe o verão saindo com minas sem compromisso... Ou talvez não. Não sei, mas o que ficou claro é que estou com vontade de umas férias, mas umas férias de mim mesmo. Foi um ano muito complicado, muito estranho, e as aulas acabaram da pior maneira possível. Você construiria uma casa num terreno pantanoso? Eu não, por mais que gostasse dessas

terras, se vejo que não vão ser firmes o suficiente, é melhor esperar. Em suma, não preciso mudar nada. Estou bem aqui. E o que vou fazer? Vou me adiantar aos acontecimentos pelo menos uma vez.

*

O advogado de Mario havia insistido para ele contar toda a verdade. O normal nesses casos é ir pisando em ovos, mas o garoto não tinha nada a esconder. Ele não matara Marina.

— Mas é que todos os alunos escutaram você dizendo algo assim como: "Você está morta, Marina".

— Droga! Acredite em mim de uma vez por todas. Eu não toquei num fio de cabelo dessa mina. Claro que falei isso, porque por culpa dela eu estou ferrado, muito ferrado, mas nunca teria feito nada a ela. Fui à escola, sim, mas o meu objetivo era outro. Não sou assassino nem um maldito agressor.

— Mas bateu numa garota — assentiu a investigadora.

— Outra vez — bufou Mario. — Sim, que saco, eu bati nessa garota, sou culpado disso, mas não bati nela de um jeito violento. Bati, dei uma bofetada como teria dado num amigo que tivesse pisado na bola. Não levei em conta que era uma garota, não pensei.

— Pois devia ter pensado, Mario. E mesmo que não fosse uma garota, você não pode sair batendo nas pessoas por aí.

— Eu nunca bati em ninguém, só o normal, o que fazem os caras da minha idade que se metem em confusão de vez

em quando. A senhora me entende? Tenho alguma denúncia anterior? Não, né?

— Se o seu objetivo não era a Marina, por que se infiltrou na escola? — perguntou a investigadora.

— Pra ver a Janine, pra pedir desculpas a ela, pra dizer que ela tinha que retirar a denúncia. Eu queria ter feito isso por bem, mas ela começou a gritar pelo corredor. Disse que eu era um assassino, saiu correndo e eu fiquei de mau humor. Sei lá eu. Sim, sou muito esquentado, mas sou inofensivo.

*

Naquele mesmo dia, a polícia deteve Nano como presumido autor da morte de Marina, entre outras coisas porque Samuel o culpou após vê-lo deixar a cena do crime, logo antes de o cadáver da garota ser encontrado. Por isso, as suspeitas lançadas sobre os colegas de classe foram dissipadas. Ao menos as referentes ao caso de assassinato, porque Janine não pretendia retirar a denúncia registrada contra Mario. Ela hesitou em algum momento, mas lhe parecia que o assunto tinha muita transcendência e tal ação precisava de um castigo exemplar. Disse para si mesma que o que tinha acontecido com ela ajudaria a dar visibilidade a todos os marginalizados ou nerds que sofrem assédio ou bullying em todas as escolas. Ela não via o ocorrido como violência machista, porque se tivesse sido o gordo, o quatro-olhos, o gay afeminado ou o menino com problema de

dicção, Mario não teria deixado de dar porrada neles, mas havia sido com ela: a garota que estava no lugar errado no momento errado. Então manteria a denúncia e esperava que isso tivesse algum tipo de consequência. Se conseguisse que um único aluno de qualquer escola se contivesse por entender que bater ou xingar acarretava algum tipo de castigo, já se daria por satisfeita.

Em casa, aprendemos a brincar um pouco com toda essa história do Mario. Minha mãe estava uma pilha de nervos e chorava constantemente pensando na filha e em como tinha sofrido; mas como se descobriu que o Mario não tinha entrado na escola pra me matar, pensei em brincar com isso na frente dos meus irmãos. Eu, você sabe, sempre tento ver o lado positivo das coisas. Olha, é certo que eu me senti uma final girl *de qualquer* slasher*, corri pelo corredor tentando abrir as portas e me tranquei no banheiro; sorte que não caí em nenhum momento. Mas esse assunto está muito passado e, apesar de eu ter sofrido como ninguém, adoro rir da minha desgraça e contar para os meus irmãos como foi, quase como que fazendo meu próprio* Todo mundo em pânico*. Tive essa ideia porque quando contei devo ter parecido engraçada e meu irmão Salva deu risada. Ao ver que ele ria, intensifiquei a comédia, e foi isso, acabei fazendo o meu próprio* Todo mundo em pânico.

"Claro, vocês sabem que eu não sou muito atlética, então já estava correndo com a língua de fora, toda zonza. Tentei uma porta aqui, outra ali e nada. Eu o chamava de assassino, mas, claro, com a boca tão seca acho que ele não me entendia, não me

entendia. E, bom, quando me trancafiei no banheiro, o maior fedor, um fedor que você não pode imaginar. Eu pensava que ou ele me matava ou me matava a fedentina. Um desastre. E no fim, nada, não era eu quem ele queria matar. Mas sou tão convencida que é só ver um assassino pra eu pensar que ele está vindo me buscar."

Tá bom, não, futuro como monologuista eu não tenho, isso é verdade, mas embora aquele dia, aquele momento, tenha sido um dos piores sustos da minha vida, rir disso com a minha família faz que eu me sinta bem, principalmente porque sei que se eles me veem bem estão bem. Precisamos ver o lado positivo das coisas, né? E, no fundo, como eu estou? Desconcertada. Acho que há algo cristão na minha educação, essa coisa de alma samaritana, e saber que o Mario pode pegar uma boa pena por causa do nosso conflito faz que eu me sinta estranha. Provoquei a loucura dele com a chantagem, mas nada do que façamos justifica a violência, ou eu vejo assim. Também penso que, na cadeia, caso o levem preso, ele ficaria muito pouco tempo e talvez um pouquinho de humildade lhe fizesse bem. Passar uma temporada num lugar onde ele não fosse o rei. Rei, com certeza, ele não seria.

*

Paula amanheceu doída pela morte de Marina. Tudo havia acontecido tão rápido que ela ainda não tinha assimilado que uma colega de classe tivesse sido assassinada. É chocante isso de que um dia você vá à escola, tome decisões, se apaixone ou se desapaixone e no dia seguinte cremem ou

enterrem você. Ela não foi ao enterro. Achava algo íntimo demais e não era adequado.

O enterro da Marina... Eu me senti mal em não ir. Tem gente que foi só pra ser vista chorando, mas eu, o que você quer que eu diga? Eu não vou a um velório pra fazer um story *e mostrar às pessoas como eu choro bem. Os que tinham que chorar à vontade eram os familiares, e ter um bando de espectadores interessados não me parece certo. Além do mais, eu os odeio, não gosto deles. Vou mandar uma mensagem para o Guzmán, porque era irmã dele e da minha sala, mas acho que, nessas ocasiões, você deixa todos esses familiares numa situação muito complicada. Eles vão ter vontade de chorar, não de ser sociáveis por obrigação, de aparentar compostura... E eu ir pra falar que me solidarizo com eles, algo que nem sei muito bem o que quer dizer, parece-me uma idiotice.*

E Samuel? Devia estar devastado. Paula sabia que Samuel tinha se deixado levar por aquela garota e agora ela estava morta, e, além do mais, segundo diziam, morta pelas mãos de Nano, o irmão dele. Isso devia ser mais duro do que ela podia imaginar. Pensou em escrever uma carta anônima, uma carta elogiando as virtudes dele para que não se sentisse tão mal, falando que sentia muito pelo que havia acontecido. De fato, ela se levantou, arrancou uma folha do caderno e pôs mãos à obra. Escreveu tudo o que havia sentido por ele, sem informações que ajudassem a identificá-la, mas Samuel não era tonto e automaticamente

teria pensado nela, porque seu espetáculo patético pedindo um copo d'água ou sua insistência em levá-lo ao hospital depois da briga eram pistas claríssimas. Então amassou a folha em que tinha começado a escrever e a arremessou no cesto de lixo. Não acertou e se levantou para pegar a bola de papel e encestá-la. Não queria deixar um fragmento de carta brega rodando pelo chão.

Para ela estava claro que Samuel ocupava agora o segundo lugar no ranking do seu amor e que caía posições estrepitosamente, já que Gorka estava acima de tudo. Gorka... Seguindo as próprias diretrizes, Paula mandou uma mensagem ao amigo chamando-o para sair, muito parecida à que ele enviara para ela um tempo atrás. O garoto respondeu de modo formal e combinaram de tomar um café. Ela tinha muito claro os pontos que deviam tratar:

1. Me desculpe por tudo.
2. Estou me apaixonando por você.
3. Podemos começar algo juntos?

Diante de uma negativa do ponto três, tinha várias respostas para convencer o garoto e não o deixar escapar:

1. Podemos ser amigos coloridos, numa boa, sem conflito nem nada.
2. Se você não quiser ser meu namorado nem meu amigo colorido, podemos sair de vez em quando e ficar. Que é a mesma coisa, mas

mais descontraído. (Ela estava convencida de que poderia conquistá-lo por meio do sexo.)

3. Podemos ser amigos. (Este ponto era o menos grato, mas, enquanto não o perdesse de vista, poderia utilizar todas as suas armas para tentar conquistá-lo. Ele gostara dela uma vez e voltaria a gostar.)

Naquela tarde eles se viram na cafeteria da praça. Sentaram-se a uma mesa bem no fundo, ocultos de tudo; ela preferiu assim para evitar distrações. Sabia o discurso de memória e queria proclamá-lo de uma vez, sem interrupções, porque tinha medo de se perder, de se repetir, e achava que as improvisações não eram muito o seu forte. No entanto, não conseguiu nem começar, porque a conversa se complicou um bocado.

Primeiro falaram sobre a morte da Marina, mas o assunto se esgotou em seguida e, antes que ela pudesse dar o *play* na sua língua e soltar o discurso inaugural do seu namoro, Gorka se adiantou:

— Olha, Paula. Eu gosto de você, de verdade, e sei que pode ser que você esteja começando a gostar um pouco de mim...

Até esse momento, a cara dela ainda estava iluminada. Mas quando ele disse a palavra que nenhuma garota apaixonada quer escutar, a luz foi encoberta por um monte de nuvens negras. Uma única palavra de três letras que fazia

que o barco do amor, que tinha um rumo tão claro, naufragasse à deriva: “mas”.

— ... mas acho que este não é o nosso momento. Agora eu não quero ficar preocupado com o que sinto ou deixo de sentir. Quero me divertir. E a verdade é que, desde o nosso primeiro beijo, quando entramos de penetra na festa do Samuel, um beijo incrível, é verdade, eu estou ficando louco e não por sua culpa. É sério, eu não culpo você, é normal que cada um faça o que sente em cada momento, mas eu me senti estranho comigo mesmo e quero dar um tempo, você entende? Na festa de fim de curso, quando estávamos dançando aquela música lenta, eu notei que queria beijar você, que queria abraçá-la forte e te amar, no sentido mais romântico da palavra e no outro também. E se a Melena não tivesse ligado, eu teria levado você para o banheiro e teria comido você ali, mesmo sabendo que talvez corresse o risco de você estar pensando em outro e essas coisas... Não, não fale nada, eu entendo, não te julgo. Mas não sinto que tenha que dar esse passo, que a gente tenha que dar esse passo. Eu valorizo a sua amizade e não quero estragar isso, tá bom? Prefiro deixar tudo assim, como está, e quando passarem as férias a gente conversa, ou não. Se a gente não tiver vontade, tudo bem... Sei lá. Não me olhe assim.

O garoto sorriu e ela ficou sem argumentos. Não pôde lhe dar as opções que tinha pensado, não pôde beijá-lo como imaginou que faria no final do seu monólogo sonhado, e não pôde fazer mais nada além de falar:

— Sim, você tem razão, Gorka. Que confusão, e que estranho tudo isso. Somos você e eu. A Paula e o Gorka, e não vale a pena.

— Porra, eu fico feliz que pense isso, porque eu estava um pouco apavorado achando que você ia se declarar pra mim. Por isso preferi falar primeiro, porque me conheço e sei como esses seus olhinhos me deixam louco, e se você tivesse me dado algum sinal positivo eu estaria perdido... Então melhor você não ter falado nada.

— Eu não tinha nada pensado pra falar. — Mentira. — Queria sair com você porque queria vê-lo, ver como você estava por causa da Marina e, não sei, saber como a Melena estava... E como você estava.

— Eu? Eu estou bem. E você?

— Eu? Eu estou bem, Gorka.

— Então tá.

— Então tá.

O garoto sorriu com aquele seu sorriso e coçou uma das orelhas de abano tão fofas, e Paula se derreteu por dentro, refém do amor e refém da tristeza também. Falaram de mais três ou quatro coisas. Contaram as suas expectativas para o próximo ano letivo e essas promessas tontas que fazemos a nós mesmos quando temos dezessete anos e acabamos de terminar um curso, e que depois não nos lembramos de colocar em prática. Porque a maturidade é isso: projetar-se no futuro, não cumprir as metas e depois olhar para trás e se

dar conta de que, na realidade, ainda sem ser quem queria ser, está no lugar onde acredita que devia estar.

Depois daquilo, Paula chegou em casa com a intenção de encenar um dos seus clássicos: jogar-se na cama e chorar, mas não pôde fazer isso como faziam todas as princesas da Disney. Não que ela seguisse esses padrões à risca nem de um modo consciente, mas, alguns anos depois, quando ela própria viu o meme com Ariel, Aurora ou Bela chorando na cama, sentiu que tinha sido programada para isso, mesmo que inconscientemente. Não conseguiu chegar à cama porque o pai a estava esperando na porta, ainda vestindo o uniforme de piloto. Como aquele homem era lindo e como ficava bem de uniforme. Eles se abraçaram com força. Nela, tudo se juntou com a vontade que tinha de vê-lo, e eles se sentaram no balanço do alpendre para pôr a conversa em dia: falaram das viagens dele e das coisas que haviam acontecido no colégio. Paula se abriu e mencionou Samuel e Gorka, sem contar nada de sexo para que seu pai não tivesse um troço. E quando o assunto estava terminando e as pálpebras do pai começavam a pesar por causa do *jet lag* e do cansaço acumulado, Paula fez um pedido, algo em que não havia pensado muito, mas que lhe parecia o correto naquele momento:

— Pai, eu quero mudar de colégio. Quero sair do Las Encinas.

Ela começou a enumerar um monte de coisas: disse que lhe parecia uma escola muito boa, mas cara demais, um

desperdício... Preferia que eles economizassem esse dinheiro para o futuro.

— O mundo está complicado, pai. Eu ouço milhares de histórias de advogados e arquitetos que trabalham no McDonald's, e não quero ter dificuldade pra encontrar trabalho na minha área quando realmente souber qual é a minha área. Talvez eu vire piloto. Não se diz "pilota", né?

—Não — respondeu o pai com um sorriso de total adoração.

— Prefiro que vocês economizem e que me ajudem se algum dia eu precisar.

— Filha, nós vamos ajudar você sempre, sempre que pudermos. As coisas estão indo bem.

— Eu sei, mas quero sentir que eu colaboro. Quero deixar de ser a típica loira tonta que torra as economias em roupas que não usa. Pai, eu estou pronta e vou estudar e aprender seja onde for, com o programa que for. Falo inglês e alemão perfeitamente e me viro com o chinês. Não preciso continuar estudando nessa escola pra aparentar que estou numa elite da qual não quero fazer parte. Quero ver como são as outras escolas, como é o mundo que eu vou ter que enfrentar em dois anos quando isso terminar, entende? Quero estar preparada, esse é o ensinamento que eu quero.

Ele achou o raciocínio da filha o mais sábio e inteligente, e concordou.

— Vamos fazer o que você achar melhor, querida.

Paula tinha isso muito claro e o dizia de verdade. Queria aprender muitas coisas, mas em outros ambientes, ver como eram os demais espaços com maior ou menor prestígio. Estava cansada de que lhe vendessem uma falsa imagem de perfeição social e não queria pertencer a esse mundo onde triunfava quem tinha mais dinheiro ou podia pagar mais, em vez de quem mais merecia. A morte de Marina havia lhe ensinado que, por mais que seja um clichê, nós só temos uma vida, e lhe parecia uma pena desperdiçá-la vivendo numa redoma de vidro autoimposta. Ela abraçou o pai e, em vez de subir para chorar no quarto, como havia planejado, foi para o escritório, ligou o computador e pensou em algo em que nunca tinha pensado: seu futuro.

Epílogo

As histórias não têm um final, quero dizer, a vida não tem um. Você pode contar um momento concreto de algumas pessoas, uma etapa, um ano letivo, por exemplo, mas a vida sempre continua até que termina, e esse é o único final possível. De qualquer forma, Melena, que estava tendo um ano horrível, sentia-se totalmente acabada, nas últimas, como se os roteiristas da sua vida tivessem deixado de criar, tivessem acionado o piloto automático no modo drama e ido fumar com a casa por varrer. No entanto, ela estava enganada. Talvez fosse o destino ou quem sabe fosse o carma, mas uma surpresa positiva estava prestes a chegar e ia lhe devolver a fé. Em Deus, não, porque ela nunca a teve; talvez a fé na magia do seu unicórnio de pelúcia, ou nessa coisa mística de energias, tipo cada um colhe o que planta e tal.

Os dias que se seguiram ao "acidente" da mãe transcorreram tranquilos para María Elena, mas ela vivia num constante estado de incerteza. Não sabia o que aconteceria se a mãe acordasse. Havia sido tão megera na

vida que, ao se levantar, veria uma oportunidade para denunciar a filha por tentativa de assassinato, que, de qualquer ângulo, ou com melhor ou pior intenção, é basicamente o que acontecera: uma verdadeira tentativa de homicídio. E por mais que ela ainda tivesse dezesseis anos, não ia se livrar dessa acusação. Essa ideia lhe dava pânico, mas, de qualquer forma, não fugiu, não fez nada, inventou uma rotina e tentou se comportar melhor para seu próprio bem, cuidar-se um pouco. Estava muito sozinha, mas isso não a deprimia. Não se sentia bem consigo mesma para poder se relacionar com normalidade com o resto dos humanos, então pensou que a melhor coisa que podia fazer era se isolar até que se sentisse à vontade e orgulhosa de quem era.

Todas as tardes ia ao hospital visitar a mãe. Nunca a tinha visto tão tranquila. Sua clássica cara de amargura havia dado lugar a um semblante de relaxamento. O coma – e se afastar do álcool e dos comprimidos – estava fazendo um bem tremendo à sua pele, e tanto Melena como a equipe médica cuidavam dela com muito mimo. Se Amanda chegasse a saber que estava num hospital público, teria feito um escândalo, mas não podia estar melhor. Talvez em razão de os enfermeiros saberem que ela era aquela senhora bonita que aparecia na tevê, ou talvez porque a saúde pública é melhor do que se costuma dizer.

Enquanto a mãe estava internada, Melena leu vários livros. E ainda que pareça uma idiotice, aprendeu a fazer

tricô com uns tutoriais no YouTube e fez um cachecol com lã grossa cor-de-rosa fofíssimo. Isso a mantinha ocupada e relaxada, por mais que mexer com lã no verão fosse uma tortura chinesa. Na cafeteria do hospital trabalhava um garoto muito legal chamado Jerome. Ele tinha um sotaque bem estranho e ela ainda não havia se atrevido a perguntar de onde era. Trocavam três ou quatro frases por dia e Melena ficava muito feliz de vê-lo porque a animava e isso é maravilhoso. Não precisava sair com ele ou beijá-lo ou ter um encontro. Só precisava que Jerome a cumprimentasse todos os dias, perguntasse pela mãe dela, fizesse alguma gracinha com os chás que a garota tomava e fim. Uma paquera das mais inocentes mesmo.

Aquele dia chovia. Era a típica tempestade de verão, dessas exageradas que inundam as ruas e que depois viram notícia com pessoas presas em carros, cachorrinhos sofrendo e vizinhas queridas puxando água. Mas Mele gostava de se molhar, adorava. Seu passado emo havia lhe deixado essas sequelas tão tristes como poéticas. Chegou ao quarto do hospital com um pacote de bolachas Príncipe com duplo chocolate e a revista *Cuore*; não que gostasse das fofocas, mas achava graça de como redigiam as críticas para os modelitos das mais malvestidas, embora isso fosse um segredo que ninguém saberia nunca. A garota era toda contradições. A surpresa ela levou ao entrar e ver que a mãe não estava. Automaticamente imaginou o pior. Que a tivessem levado só podia significar uma coisa. Correu para o

balcão e lhe disseram que a doutora Álvarez falaria com ela para contar tudo. E foi assim. Foi chamada para uma consulta. Ela se sentou na frente da médica e recebeu a notícia.

— María, sua mãe... acordou.

A cara de Melena era um poema. Claro que estava contente porque a mãe não havia morrido; porque, independentemente da relação que tivessem, se morresse a culpa teria sido toda dela e seria uma completa assassina. Mas não. A cara de alegria mudou rápido ao pensar que a primeira coisa que a mãe faria seria chamar a polícia.

— No entanto, temo que haja um problema — prosseguiu a médica. — Sua mãe não se lembra de nada. Absolutamente nada. Ela perdeu a memória.

— Como, perdeu a memória? — perguntou Melena.

— Amnésia. É possível que ela não reconheça você quando for vê-la no quarto. Vai ser muito frustrante, mas ela precisa de você mais do que nunca. Você tem que ajudá-la em tudo o que puder.

Melena saiu da sala muito confusa. Subiu de elevador para o quarto andar e buscou o quarto 411, onde a mãe estava. Bateu à porta, abriu-a e encontrou Amanda sentada na cama com cara de espanto, mas com um estranho ar de doçura. O sol entrava pela janela e salpicava o seu cabelo despenteado, criando uma aura angelical. Melena nunca a tinha visto tão linda. Nem quando a coroaram miss nem em nenhum de seus desfiles ou sessões fotográficas. A

enfermeira fez um gesto para que Melena entrasse. Ela mesma a apresentou.

— Veja, Amanda, a sua filha chegou. Você está ensopada, meu bem — disse a Melena antes de se virar de novo para a sua paciente: — É que está chovendo muito. Que sorte ter uma filha tão boa, que veio todos os dias e nos ajudou a cuidar de você, a passar cremes em você.

A mãe de Melena olhou para a filha como se fosse a primeira vez que a via, como se não entendesse que ela podia ter uma filha tão adulta. Ambas ficaram um pouco paralisadas, mas a enfermeira lhes deu uma mão que mudou tudo. Virou-se para Melena e falou:

— María Elena, você pode abraçá-la se quiser, meu bem, ela não vai morder.

E fez isso. Melena começou a chorar como uma menininha e se jogou em cima da mãe. Beijou-a pelo rosto inteiro e a abraçou muito forte enquanto a mãe não entendia muito bem o que estava acontecendo. Pode ser que a adolescente estivesse fazendo um teatro ou pode ser que não, porque chorava de um jeito muito sincero, mas o certo é que, pela primeira vez em todo o ano, viu a luz no fim do túnel, uma esperança e uma possibilidade de zerar a sua relação. Então Melena fingiu ser a filha perfeita e a história colou para todos, até para a própria mãe.

— Você é minha filha? — sussurrou a mãe.

— Sim, mãe. Eu senti tanto a sua falta, tinha tanta vontade de poder abraçar você.

E isso era completamente verdade. Melena queria abraçar a mãe desde pequenininha, mas nunca tinha podido fazer isso. Agora estava se concedendo esse gosto sem receber golpes ou insultos. Pode ser, então, que existisse o destino, e pode ser que ele estivesse lhes dando uma segunda chance, mas isso era o de menos. A partir daí tudo melhorou. A mãe não se lembrava de absolutamente nada e isso facilitava o caminho para Melena, que começou aos pouquinhos a inventar um passado maravilhoso para ambas. Na vida que havia criado, elas se davam muito bem e eram boas amigas. Melena lhe contou que ela já tinha se cansado dessa coisa de ser famosa, que não gostava disso e que as duas estavam juntando dinheiro para montar uma pequena cafeteria.

— Você não lembra, mãe? Sim. Você estava cansada das fotos, dos luxos tontos e das superficialidades e dizia que queria vender a casa pra montar uma pequena cafeteria. Uma cafeteria superfofa com bolos de todos os sabores, sei lá, de cenoura, torta de queijo dessas americanas que têm tipo geleia de mirtilo por cima...

— Sério?

— Sim. Primeiro você quis montar uma loja de roupas, porque adora roupas, mas depois pensamos que isso era complicado e que teríamos que ficar mudando de coleção o tempo todo. Não sei. Você nos via numa cafeteria, com uns aventais fofos, atendendo as pessoas e servindo cafés.

Melena inventava com tanta esperança que ninguém podia duvidar da veracidade da sua história.

— A verdade é que isso parece ótimo. E nós temos que vender a casa?

— Claro, mãe. É enorme pra nós e você viu que é muito perigosa. Você caiu da escada e eu não gostaria que acontecesse nada com você. É uma casa muito cara, com certeza nos darão uma boa grana por ela.

— Me conta mais, filha.

— Da cafeteria? Não sei... Olha, você queria que tivesse um ar rústico nas paredes e móveis de diferentes estilos, mas bem escolhidos, não como se tivéssemos encontrado no lixo, que isso já não se usa. E queria cortininhas nas janelas e ter um cardápio de cafés, porque isso é o mais importante.

Não, a mãe nunca havia desejado uma cafeteria, jamais quisera servir ninguém, mas foi a primeira coisa que passou pela cabeça de Melena e a menina defendeu isso até a morte, e à medida que a história e a mentira cresciam como uma grande bola de neve, a mãe ia recuperando a felicidade e as forças, e isso era muito bom para ambas. Melena estava eufórica: tinha uma mãe, uma de verdade, uma que era fofa e amável e que a olhava com orgulho por ser uma garota tão esperta e legal. Sua vida, que antes era cinza e estava na reta final, agora tinha um propósito, um objetivo, um ombro no qual se apoiar... E aos poucos o cabelo foi nascendo de novo na sua cabeça.

Antes que ela tivesse alta, Mele limpou toda a casa. Fez em um dia o que as moças do serviço doméstico teriam demorado três. Não, não usou cocaína; só queria que tudo

estivesse perfeito para que a mãe encontrasse um lar quando chegasse, e não uma casa fria e cheia de más lembranças e más vibrações. Arrumou tudo, limpou tudo. Encheu a geladeira usando o cartão da mãe e deixou preparado o jantar.

A mãe ficou admirada com o tamanho da casa; não se lembrava de absolutamente nada.

— Eu não me lembro de nada, nem do cheiro, nem do chão, nem dos móveis... E você disse que é por aí que eu caí?

— Sim, mãe. Foi horrível.

— É, você deve ter levado um bom susto quando me encontrou.

— Levei, mesmo. Mas liguei para um bom amigo e a verdade é que ele me ajudou com tudo.

A saudade se apoderou da garota por um momento. Estava mais contente do que nunca e não podia comentar com ninguém, e isso era um tanto frustrante. Mas o principal é que tinha uma vida e era uma vida de que gostava.

E como se fosse um conto de fadas, as coisas saíram bem pela primeira vez. Melena roçou o auge da felicidade quando se aconchegou à mãe no sofá da casa. Estava passando *As patricinhas de Beverly Hills* na tevê e Amanda sorria com a interpretação de Alicia Silverstone. Tinha visto esse filme mil vezes, mas era como se o assistisse pela primeira vez, e estava gostando, e sua filha estava gostando de que ela

gostasse, e, resumindo, foi bonito. Quando a noite chegou, a mãe perguntou se a filha se importava de dormir com ela.

— É um quarto muito grande, María, e a verdade é que eu me sinto muito estranha ali. Depois que eu dormir você pode ir se quiser, mas, até lá, se você não se importar...

A filha aceitou encantada e dormiram juntas não só essa noite, mas também as seguintes. Antes de pegar no sono, sempre falavam de como seria a cafeteria. E depois, provavelmente, sonhavam com tortas de abóbora, cupcakes e cafés quentinhos pela manhã. Melena estava plena. Não imaginava uma melhor verdade do que a mentira que havia criado com a mãe, que era outra pessoa.

Se a vida fosse uma série ou um filme, os espectadores, que são muito maldosos e gostam das viradas loucas de roteiro, estariam esperando o momento em que a coisa se complicaria, mas não aconteceu. Muitos desses espectadores certamente escreveriam no Twitter comentários como "Eu acho que a mãe não perdeu a memória coisa nenhuma, mas foi na onda da filha". E pode ser que isso seja verdade, pode ser que Amanda tenha ficado impressionada com a mobilização da filha e por isso tenha ido na onda dela, porque a vida que a garota lhe apresentava era infinitamente mais bonita do que a que deixava para trás. A própria Melena tinha essa suspeita de vez em quando, mas se importava com isso, por acaso? Não. O importante é que continuaram sendo felizes durante o resto do verão, e se o destino

planejava novas viradas obscuras para elas, já seria no fim das férias, com a volta às aulas.

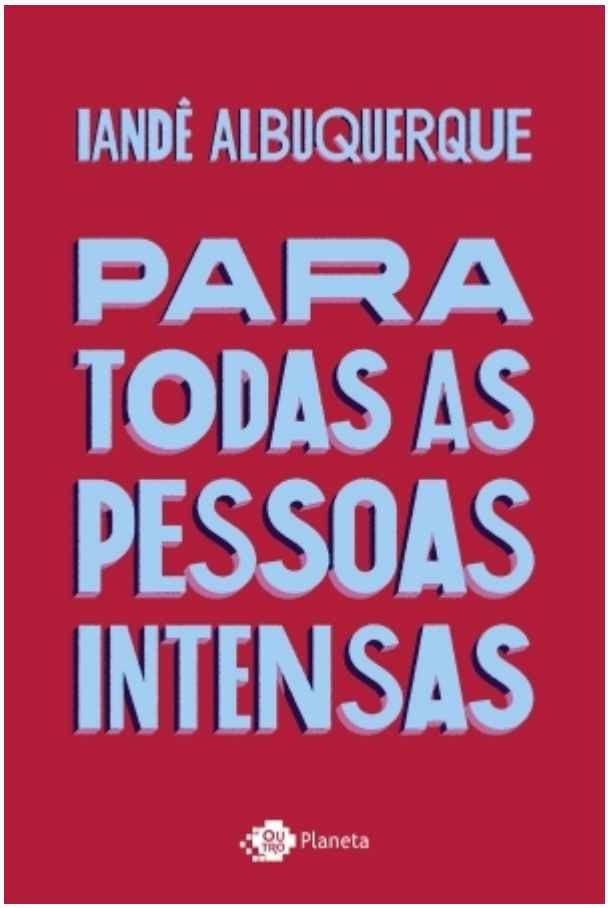


© Jesús Romero de Luque

ABRIL ZAMORA é atriz, roteirista e diretora. Após uma longa carreira no cinema, teatro e televisão, alcançou grande popularidade por sua interpretação de Luna na série *Vis a vis*, dando visibilidade à realidade LGBTQ+. É cocriadora de *Señoras del (h)AMPA* (Telecinco) e foi roteirista da série *Elite*, cujo universo se estende agora a este novo romance.

PlanetaLivrosBR
planetadelivrosbrasil
PlanetadeLivrosBrasil
planetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros


IANDÊ ALBUQUERQUE
PARA TODAS AS PESSOAS INTENSAS
OUTRO
Planeta

Para todas as pessoas intensas

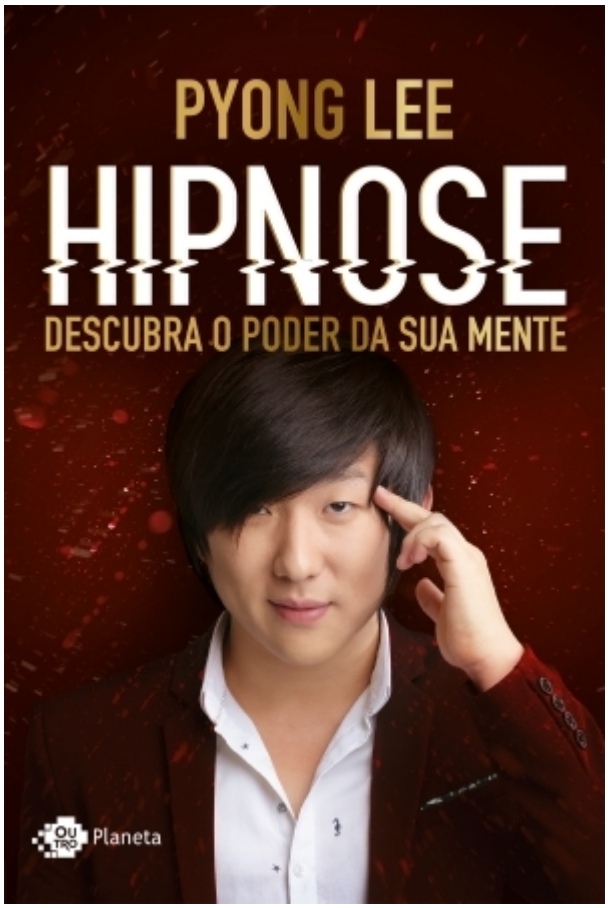
Albuquerque, landê
9788542215656
224 páginas

Compre agora e leia

Um dia alguém vai sumir da sua vida, só porque você é intenso demais, ou porque você é simplesmente amor demais. E algumas pessoas têm medo do amor. ser intenso é ser profundo demais, imenso demais, vivo demais, e hoje em dia, as pessoas têm um medo danado disso. ser intenso é sentir o gosto, o cheiro, o toque, a textura da pele de um jeito diferente. o coração é grande demais, e às vezes isso dói também, é que ao mesmo tempo que há espaço de sobra há muita gente pequena no mundo. tenho uma mania absurda de achar que o outro vai agir da mesma maneira transparente que eu, que o outro vai se preocupar comigo do mesmo modo que me preocupo, que o outro vai querer na mesma intensidade que quero, e isso é uma droga. não sei ser pouco, não sei gostar um pouquinho e guardar pra mim o que sinto. sou intenso, sinto muito, sinto grande. sinto tanto que sempre acho que o problema está em mim por sentir

demais, quando, na verdade, as pessoas que não estão prontas pra tamanha imensidão.

Compre agora e leia


PYONG LEE
HIPNOSE
DESCUBRA O PODER DA SUA MENTE
OUTRO
Planeta

Hipnose

Lee, Pyong
9788542213263
176 páginas

Compre agora e leia

Descubra como a hipnose pode transformar a sua vida! Você acredita em hipnose? Pensar em hipnose te causa medo ou curiosidade? Acha que teria coragem de ser hipnotizado? Acredita que algum dia conseguiria hipnotizar alguém? Hipnose é uma das técnicas mais comentadas e procuradas por curiosos, médicos, clientes e, até mesmo, pelos céticos que se recusam a acreditar na efetividade. Neste livro, Pyong Lee apresenta a hipnose de forma simples, acessível e completa. Revela que, por mais que você não perceba, a técnica já faz parte de sua rotina, e aplicá-la de forma correta poderá ajudar a melhorar seu empenho diário, reprogramar seus hábitos, sensações, pensamentos e até a autoconfiança.

Compre agora e leia


VICTOR
FERNANDES
PRA
VOCÊ
QUE TEVE
UM DIA
RUIM
OUTRO
Planeta

Pra você que teve um dia ruim

Fernandes, Victor
9788542215465
192 páginas

Compre agora e leia

Para todas as pessoas que precisam voltar a acreditar que vai ficar tudo bem. Este livro é para todas as pessoas que precisam de um abraço, de uma dose de afeto, de luz, de amor. Para todas as pessoas que precisam voltar a acreditar que vai ficar tudo bem. Não vai ter mágica. Não vai ter um clique onde tudo vai passar de uma maneira brusca. Não vão ter soluções caindo do céu. A única solução mágica que eu conheço é continuar seguindo em frente apesar de tudo. Continuar vivendo,enfrentando, caminhando mesmo cambaleando e tropeçando e sentindo dor. É preciso se permitir seguir em frente. Permitir-se levantar e continuar. Parar de se achar fraco. Você não é fraco, você só está passando por dias ruins, por momentos dolorosos, por algumas situações incômodas. Você está longe de ser fraco. Olhe quantas coisas você superou, quantas coisas você precisou enfrentar e conseguiu dar a volta por cima. Eu sei que é difícil, mas a única coisa que posso te dizer agora é

que vai passar. O resto é o tempo quem diz. E, sim, vai passar. Vai, sim. Você sabe.

Compre agora e leia


FABI SANTINA
VOCÊ acredita MESMO em AMOR à primeira VISTA?
Planeta

Você acredita mesmo em amor à primeira vista?

Santina, Fabi

9788542214468

224 páginas

Compre agora e leia

Um romance sobre o amor verdadeiro e sobre a pessoa mais importante da sua vida: você mesma! Quando nos deparamos com o amor pela primeira vez podemos perder as estruturas, fazer loucuras, viver com mais intensidade e acabar até nos esquecendo de nós mesmos. Não que amar não seja bom, mas é que ele não vem com manual de instruções, nos deixa perdidos, sem saber como agir e anestesiados. O amor por si só deveria se bastar! Mas nem sempre é assim. Somos seres humanos, queremos mais, criamos expectativas e sonhamos longe. Então vem a vida nos ensina a viver um dia de cada vez... Levei muitos tombos, engoli alguns (muitos) sapos e passei por poucas e boas. Quem nunca, não é mesmo? Mas uma lição aprendi: é impossível amar o outro se você não aprendeu a amar a si mesmo. Este livro é sobre o amor verdadeiro, mas também

sobre o amor que devemos aprender a nos dar, mesmo que não seja à primeira vista. Você acredita mesmo em amor à primeira vista? "Fim? Foi isso mesmo que aconteceu. Era o fi m! Fim de longos anos! Fim de um relacionamento! Fim de uma linda história de amor! Fim do nosso futuro! Fim da minha vida! Pera aí! Fim da minha vida? Era isso mesmo? Eu estava apostando todas as fichas da minha vida e felicidade em alguém?".

Compre agora e leia


GUILHERME PINTTO
SEJA O AMOR DA SUA VIDA
BEST SELLER
10ª edição
Planeta

Seja o amor da sua vida

Pintto, Guilherme

9788542213546

224 páginas

Compre agora e leia

EU SEI QUE VOCÊ PROCURA O AMOR Eu sei por que você está aqui lendo este livro e levantando os olhos enquanto se pergunta mentalmente: "como ele sabe?". Eu sei por que, de alguma maneira, as pessoas se atraem. E, por alguma razão que não saberei explicar, este livro será importante para você. O meu desejo é iniciar um processo: não vai ser o livro que vai te ajudar a encontrar o amor da sua vida, mas o modo como você prestar atenção nos detalhes fará toda a diferença. Ele não é responsável por te salvar, assim como ninguém na sua vida é. Apenas você mesmo! Aliás, este livro não vai te ajudar a procurar nada por aí, mas encontrar o lado mais bonito que há em você.

Compre agora e leia